

JULES PAYOT

A EDUCAÇÃO
DA VONTADE



KÍRION





“A causa de quase todos
nossos fracassos, de quase todos
nossos males, é uma só: a fraqueza
da vontade. É nosso horror do
esforço, principalmente do esforço
prolongado. Nossa passividade, nossa
leviandade, nossa dissipação, são
outros tantos nomes para designar
esse fundo de universal preguiça que
é para a natureza humana o que é o
peso para a matéria”.



“Podemos dizer, infelizmente, que
o nosso sistema de ensino tende a
agravar essa preguiça intelectual
fundamental. Os programas de ensino
parecem destinados a fazer de todo
aluno um disperso. Obrigam esses
infelizes adolescentes a adejar sobre
todas as coisas e proíbem-nos, pela
variedade de matérias a absorver,
de penetrar com profundidade em
qualquer assunto”.





JULES PAYOT foi pedagogo
e acadêmico francês.

Nascido em 1859 em Chamonix,
faleceu em 1940 na mesma comuna
francesa. Em 1907 foi nomeado reitor
das universidades de Chambéry e de
Aix-en-Provence. *La éducation de la
volonté* foi traduzido em 32 línguas;
além dele, Payot escreveu diversos
livros sobre filosofia moral e educação
dedicados aos professores, como
Le travail intellectuel et la volonté
e *Autorité et discipline en matière
d'éducation*. Admirador da doutrina
psicológica da Igreja Católica,
era, entretanto, um apologista da
educação laica.



Os meios de fazer nascer ou de fortificar os sentimentos libertadores, de aniquilar ou reprimir os sentimentos hostis a nosso domínio de nós mesmos, esse poderia ser o subtítulo do livro que apresentamos ao público. Em vez de tratar da educação da vontade *in abstracto*, tomamos como tema essencial a *educação da vontade tal como é exigida pelo trabalho intelectual prolongado e perseverante*. Estamos persuadidos de que os estudantes e em geral todos os trabalhadores da inteligência encontrarão aqui indicações de grande utilidade. Já ouvi muitos jovens lamentarem-se da ausência de um *método para chegar ao domínio de si*. Ofereço-lhes o que me sugeriram sobre esse assunto cerca de quatro anos de estudos e meditações.



A educação da vontade

A educação da vontade



JULES PAYOT

Tradução
Roberto Mallet



A educação da vontade
Jules Payot
1ª edição — outubro de 2018 — CEDET
Título original:
L'éducation de la volonté, 1894.

Reservados todos os direitos desta obra.
Proibida toda e qualquer reprodução desta edição por qualquer meio ou forma, seja ela eletrônica ou mecânica, fotocópia, gravação ou qualquer outro meio de reprodução, sem permissão expressa do editor.

Editor:
Felipe Denardi

Tradução:
Roberto Mallet

Revisão & preparação:
Vitório Armelin

Capa & diagramação:
Gabriela Haeitmann

Revisão de provas:
Tomaz Lemos
William Passarini

Os direitos desta edição pertencem ao
CEDET — Centro de Desenvolvimento Profissional e Tecnológico
Rua Armando Strazzacappa, 490
CEP: 13087-605 — Campinas-SP
Telefones: (19) 3249-0580 / 3327-2257
e-mail: livros@cedet.com.br

Conselho editorial:
Adelice Godoy
César Kyn d'Ávila
Silvio Grimaldo de Camargo

SUMÁRIO

Prefácio da primeira edição	11
Prefácio da segunda edição.....	15

I – PARTE TEÓRICA

LIVRO I – PRELIMINARES

Capítulo I - O mal a combater: as diversas formas de abulia no estudante e no trabalhador intelectual.....	23
Capítulo II - O objetivo a atingir	33
Capítulo III - Negação das teorias desanimadoras e falsas sobre a educação da vontade.....	37

LIVRO II – A PSICOLOGIA DA VONTADE

Capítulo I - Estudo do papel das idéias na vontade	49
Capítulo II - Estudo do papel dos estados afetivos na vontade..	57
Capítulo III - Possibilidade da soberania da inteligência.....	73

LIVRO III – OS MEIOS INTERIORES

Capítulo I - A reflexão meditativa	95
Capítulo II - O que é meditar e como meditar	123
Capítulo III - O papel da ação na educação da vontade.....	129

Capítulo IV - A higiene corporal considerada do ponto de vista da educação da vontade.....	147
--	-----

Capítulo V - Uma visão geral	167
------------------------------------	-----

II – PARTE PRÁTICA

LIVRO IV – AS MEDITAÇÕES PARTICULARES

Capítulo I - Os inimigos a combater: o sentimento vago e a sensualidade.....	173
---	-----

Capítulo II - Os inimigos a combater: os colegas, etc.	197
---	-----

Capítulo III - Os inimigos a combater: os sofismas dos preguiçosos	203
---	-----

Capítulo IV - As alegrias do trabalho	211
---	-----

LIVRO V – OS RECURSOS DO MEIO

Capítulo I - A opinião, os professores, etc.	221
---	-----

Capítulo II - Influência dos “grandes mortos”	233
---	-----

Conclusão	235
-----------------	-----



A Monsenhor Th. Ribot
Diretor da *Revista Filosófica*
Professor de Psicologia Experimental no *Collège de France*
Homenagem de afeição e respeito.
J. P.

Prefácio da primeira edição

“O que é admirável é que eles reconhecem que têm necessidade de mestre e de instrução para todas as outras coisas; estudam-nas com certo cuidado: somente a ciência de viver é que não aprendem e nem desejam aprender”.

— Nicole, *Discurso sobre a necessidade de não se conduzir ao acaso*.

N o século XVII e durante uma parte do século XVIII, a religião reinava sobre os espíritos sem qualquer contestação. O problema da educação da vontade não poderia ser colocado em toda sua generalidade; as forças de que dispunha a Igreja Católica, essa incomparável educadora dos caracteres, bastavam para orientar, em suas grandes linhas, a vida dos fiéis.

Mas hoje essa direção não existe para a maioria dos espíritos pensantes. Nada a substituiu. Assim, jornais, revistas, livros, e até romances deploram continuamente o nível baixíssimo da vontade em nossos tempos.¹

Essa enfermidade geral das vontades suscitou muitos médicos. Mas esses médicos da alma infelizmente estão penetrados pelas

1. V. Henry Bérenger, *L'effort*, Armand Colin, Paris, 1893. — O que, do nosso ponto de vista, dá a esse livro uma significação característica, é que seu autor era há pouco tempo presidente da Associação dos Estudantes de Paris.

doutrinas psicológicas reinantes. Atribuem uma capital importância à inteligência na vontade. Imaginam que o que nos falta é uma teoria metafísica *provada* sobre o além.

Sua ignorância é bastante desculpável. É uma lei aceita em economia política que a cultura vai sempre dos terrenos mais improdutivos, porém mais fáceis, aos terrenos mais férteis, porém mais difíceis de valorizar. Acontece o mesmo no campo da ciência psicológica. Estudou-se primeiro os fenômenos mais fáceis, os mais fecundos em conseqüências importantes para a conduta, antes de abordar os fenômenos essenciais, mas cujo estudo é difícil. Mal se começa agora a ver claramente a insignificância da idéia no caráter e sua irremediável inferioridade na batalha das inclinações. A vontade é uma potência sentimental, e qualquer idéia, para agir sobre ela, deve colorir-se de paixão.

Quem estudou de perto o mecanismo da vontade compreendeu que as teorias metafísicas têm pouca importância, e que não há sentimento que, deliberadamente escolhido, não possa, pelo uso inteligente de nossos recursos psicológicos, determinar a direção da vida inteira. Um avarento sacrifica todas suas satisfações corporais, alimenta-se mal, dorme no chão duro, vive sem amigos, sem satisfações, pelo amor do dinheiro, e você desespera de chegar, escolhendo um sentimento superior, a fazer esse sentimento tão poderoso na consciência a ponto de determinar a direção de sua vida? É que você ignora como são variados os meios que a psicologia nos oferece para conseguirmos tornar-nos o que desejamos ser.

Infelizmente, até agora estudou-se muito pouco nossos recursos sob esse ponto de vista. Os espíritos que dirigiram o pensamento europeu nos últimos trinta anos dividiram-se seguindo duas teorias que são a negação pura e simples da educação da vontade. A primeira consiste em ver o caráter como um bloco imutável, sobre o qual não temos nenhum poder. Examinaremos adiante essa teoria infantil.

A segunda parece ser, à primeira vista, favorável à educação da vontade. É a teoria do livre arbítrio. O próprio Stuart Mill² chega ao ponto de dizer que essa doutrina alimentou nos seus defensores

2. *Logique*, Félix Alcan, Paris, II, l. VI, cap. 2.

um sentimento vivo “da cultura pessoal”. Muito bem, apesar dessa afirmação de um determinista, não tememos considerar a teoria do livre arbítrio tão perigosa para o domínio de si mesmo que a precedente, e definitivamente tão desanimadora quanto aquela. Com efeito, ela levou a que se considerasse coisa fácil, natural, a libertação do eu, que ao contrário é uma obra de longo fôlego, uma obra que demanda muitos cuidados, e que exige um conhecimento muito preciso de nossos recursos psicológicos.

Por sua simplicidade mesma, essa teoria desviou muitos espíritos muito agudos, muito penetrantes, do estudo das condições da vontade: causou assim à psicologia, e mais, à humanidade, um prejuízo irreparável.

É por isso que dedicamos este livro a Monsenhor Ribot. Dedicamo-lo menos a nosso antigo professor, a quem devemos o gosto pelos estudos psicológicos, que ao homem de iniciativa que, pela primeira vez na França, separou a metafísica da psicologia, que pela primeira vez abandonou resolutamente o estudo da natureza dos fenômenos da consciência para estudar, à maneira dos cientistas, os antecedentes e os concomitantes incondicionais dos estados intelectuais, volitivos, etc. Esse método, note-se bem, não nega de maneira alguma a metafísica: não exclui a psicologia da metafísica, mas apenas a metafísica da psicologia, o que é muito diferente.

Consiste em tratar a psicologia como uma ciência. Ora, o objetivo do cientista não é saber, mas *prever para poder*. Se, por exemplo, pouco importa ao físico se a teoria ondulatória da luz não passa de uma hipótese inverificável, desde que essa hipótese *funcione*, o que importa para o psicólogo que sua hipótese, por exemplo a hipótese da correlação absoluta dos estados nervosos e dos estados psicológicos, seja inverificável, desde que funcione? Funcionar aqui é o mesmo que prever o futuro, modificar os fenômenos como quisermos, e em suma *fazer com que o futuro seja aquilo que queremos que ele seja*; eis o papel do cientista, e portanto o do psicólogo. Pelo menos é essa a concepção que temos da nossa tarefa.

Propusemo-nos a buscar as causas da fraqueza da vontade nos nossos tempos. Acreditamos que o único remédio para essa

fraqueza deve ser buscado na cultura hábil dos estados afetivos. Os meios de fazer nascer ou de fortificar os sentimentos libertadores, de aniquilar ou reprimir os sentimentos hostis a nosso domínio de nós mesmos, esse poderia ser o subtítulo do livro que apresentamos ao público. Tudo estava por fazer nesse caminho. Oferecemos nossa parte contributiva de esforços para essa obra da maior importância.

Em vez de tratar da educação da vontade *in abstracto*, tomamos como tema essencial a *educação da vontade tal como é exigida pelo trabalho intelectual prolongado e perseverante*. Estamos persuadidos de que os estudantes, e em geral todos os trabalhadores da inteligência, encontrarão aqui indicações de grande utilidade.

Já ouvi muitos jovens lamentarem-se da ausência de um *método para chegar ao domínio de si*. Ofereço-lhes o que me sugeriram sobre esse assunto cerca de quatro anos de estudos e meditações.

JULES PAYOT

Chamonix, 8 de agosto de 1893.

Prefácio da segunda edição

A generosa acolhida da imprensa francesa e estrangeira, e o entusiasmo com que os leitores esgotaram sua primeira edição em poucas semanas, provam que este livro veio num momento propício e que responde a uma necessidade profunda do público esclarecido.

Agradecemos aos nossos numerosos correspondentes e principalmente aos estudantes de direito e de medicina que nos enviaram documentos tão abundantes e tão preciosos em apoio ao capítulo I do livro V. Alguns ergueram-se contra nosso “pessimismo”. Jamais, dizem eles, a juventude falou tanto em agir e em ação. Mas, ai!, falar é pouco quando se trata de agir. Parece-nos que a maioria dos jovens confundem a balbúrdia e a agitação com a ação criadora. Alguns, e os mais autorizados, crêem que a juventude de nossas escolas é composta em grande parte por diletantes e enervados. Ora, o diletantismo e a enervação são duas enfermidades da vontade, que é necessário curar.

A parte prática da educação da vontade só encontrou elogios. Não ocorreu o mesmo com os capítulos III do livro II e o primeiro capítulo do livro II. Esperávamos ser combatidos nesses pontos, mas muitas das críticas parecem-nos passar ao largo da questão.

Antes de tudo, devemos sublinhar que jamais afirmamos que a idéia não tem nenhuma influência sobre a vontade. Atribuímos de fato um grande papel em nossas volições aos impulsos instintivos e aos hábitos.¹ Mas o que sustentamos é, por um lado, que a vontade superior consiste em submeter nossas inclinações a idéias, e,

1. Cf. p. 25, etc.

de outro lado, que a idéia não tem *diretamente* nem *imediatamente* nenhuma força contra a “brutal coorte das inclinações inferiores”. A força da idéia contra tais adversários é indireta; ela deve, se não quiser fracassar, buscar essa força onde ela existe, ou seja, nos estados afetivos.

Curiosamente, imaginávamos ver nossa teoria da liberdade vivamente combatida pelos defensores do livre arbítrio, e foram antes os partidários do inatismo do caráter que se levantaram contra ela. É bem verdade que a teoria do livre arbítrio parece cada vez mais abandonada pelos educadores, que não tratam com abstrações, mas com realidades vivas. Observaram-me que Marion, cuja autoridade é tão grande nessas matérias, apontava com energia, em seu curso de 1884–85, o mal que gerou na prática a hipótese metafísica do livre arbítrio, impedindo-nos de estudar as condições da liberdade real — restrita aliás —, que nos pertence conquistar por nossos próprios esforços. Marion, no prefácio de sua tese sobre a solidariedade moral, opõe precisamente à fórmula de Fouillé de que a idéia de nossa liberdade nos faz livres, a visão praticamente mais verdadeira e mais útil de que, acreditando-nos muito livres, omitimo-nos de assegurar o tanto de liberdade que podemos realmente ter. Nada mais justo que essas palavras de Marion. Somos livres somente se soubermos conquistar nossa liberdade com muita luta.

Quanto à censura dirigida ao autor de não ter dado muita importância ao caráter inato, ela parece-nos basear-se numa concepção muito imperfeita do que seja um caráter.

Um caráter não é uma substância simples. É uma resultante muito complexa de inclinações, idéias, etc. Portanto, afirmar o inatismo de um caráter é afirmar inúmeras absurdidades.

É afirmar, em primeiro lugar, que uma resultante, que um grupo de elementos heterogêneos, que um modo de agrupamento de forças, pode ser inato — o que é ininteligível.

É afirmar também que podemos captar num estado de perfeita pureza o elemento inato, que podemos separá-lo do amálgama de influências do meio e da educação que o envolvem — o que é impossível. Essa impossibilidade impõe-nos a maior reserva na determinação da parte que ocupa nele o inatismo.

Em último lugar, afirmar que o caráter é inato implica uma asserção contra a qual insurge-se toda nossa experiência íntima, toda experiência dos educadores, e a prática da humanidade inteira, a saber, que os elementos essenciais do caráter, as inclinações, são absolutamente imutáveis! Nós mesmos provamos que isto não é assim,² e que se pode modificar, reprimir ou reforçar um sentimento. Se a humanidade inteira não fosse dessa opinião, ninguém se daria ao trabalho de educar as crianças. A natureza se encarregaria disso com suas leis inalteráveis.

Essas observações teóricas bastam para invalidar a doutrina do inatismo do caráter. Para fortalecer essa convicção pode-se ler também os recentes trabalhos publicados sobre o caráter.³ Estude-se sobretudo a terceira parte da obra de Paulhan e se verá que a maior parte das vezes há uma pluralidade de tipos em um mesmo indivíduo; que a evolução faz desaparecer umas inclinações e traz outras com a idade; que são freqüentes as substituições de caracteres em uma mesma pessoa. O que equivale a dizer que nada é mais raro do que um caráter!

Na sua imensa maioria as crianças apresentam o espetáculo de uma anarquia de inclinações: a educação não tem justamente o objetivo de ordenar essa desordem, de organizar a estabilidade e a unidade? E é mesmo muito freqüente que, quando se pensa que a obra está terminada, chegue a crise da puberdade e, como uma tempestade, tudo transtorne: a anarquia recomeça, e se o jovem, daí em diante isolado, não retoma por sua própria conta a obra de unificação moral, se não cria seu caráter, virará uma dessas “marionetes” de que falamos.⁴

Aliás, se o caráter fosse inato, se cada um ao nascer recebesse o maravilhoso presente da unidade de sua vida, deveríamos encontrar muitos caracteres por aí.

Onde estão eles?

Será no mundo da política que os encontraremos? Salvo as altas

2. II, III.

3. Théodule Ribot, *Revue pyilos.*, nov. 1892. Frédéric Paulhan, *Les Caractères*, Félix Alcan, Paris, 1894. Bernard Perez, *Le Caractère de l'enfant à l'homme*, Félix Alcan, Paris, 1892.

4. P. 25.

exceções que tornam mais violento o contraste, não vemos nele nenhuma vida inteiramente orientada a um fim superior: a confusão das idéias e dos sentimentos é tão grande, a agitação tão comum e tão rara a ação fecunda, que o que encontramos nele são geralmente almas de crianças em corpos de adultos.

E na literatura, não vimos a quase unanimidade dos que trabalhavam com a pena consagrar suas forças, depois do terrível furacão de 1870, à glorificação da besta humana? O que mostra bem a soberana exatidão da opinião de Manzoni⁵ de que a natalidade descrece na mesma medida em que crescem as excitações. Em vez de estimular o que há de maior e de mais nobre em nós, quase todos os nossos escritores se têm dirigido aos nossos instintos inferiores; consideram-nos reduzidos à medula espinhal e à medula oblonga; em lugar de uma literatura de pensadores, têm-nos dado uma literatura de decapitados.

Mas de que adianta continuar? Não está claro que, se o caráter implica unidade e estabilidade, e se também implica orientação para fins superiores, ele não pode ser inato? Essa unidade e essa estabilidade que repugnam fortemente à anarquia natural que somos, devem ser lentamente conquistadas. Aqueles que não podem ou não querem fazê-lo deverão renunciar igualmente àquilo que constitui a grandeza da personalidade humana, ou seja, à liberdade e ao domínio de si mesmos.⁶

Bar-le-Duc, 20 de janeiro de 1894.

5. Cf. p. 208.

6. Acusaram muitas vezes o autor de deixar sem resposta à seguinte questão: "Conquistado o domínio de si mesmo, quê fazer dele?". O autor poderia dizer que sua obra é uma obra de psicologia, e que ela se basta a si mesma. Mas, na realidade, considera que sua *Educação da vontade* ficaria incompleta sem a filosofia da vida que é seu complemento, e que aliás está em preparação há bastante tempo.

I

PARTE TEÓRICA

LIVRO I
PRELIMINARES

Capítulo I

O mal a combater: as diversas formas de abulia no estudante e no trabalhador intelectual

CALÍGULA desejava que os romanos tivessem uma única cabeça para decapitá-los de um só golpe. É inútil formar semelhante desejo quanto aos inimigos que desejamos combater: a causa de quase todos nossos fracassos, de quase todos nossos males, é uma só: a fraqueza da vontade. É nosso horror do esforço, principalmente do esforço prolongado. Nossa passividade, nossa leviandade, nossa dissipação, são outros tantos nomes para designar esse fundo de universal preguiça que é para a natureza humana o que é o peso para a matéria.

É bastante evidente que o verdadeiro antagonista da vontade perseverante só pode ser uma força contínua. As paixões são, por natureza, transitórias; duram tanto menos quanto mais violentas elas são; sua intermitência não nos permite considerá-las em si mesmas — exceto nos raros casos em que elas chegam a uma fixidez e a uma força que confinam com a loucura —, como os verdadeiros obstáculos à continuidade do esforço. Há nos intervalos entre seus acessos muito espaço para uma grande soma de trabalho. Mas há um estado de alma fundamental, de ação absolutamente contínua, e que se denomina indolência, apatia, preguiça, ociosidade. Renovar freqüentes esforços é renovar essa luta contra esse estado natural, sem aliás obter contra ele uma vitória definitiva.

Estado fundamental, natural, dizemos — é que realmente o esforço continuado por longo tempo não é aceito pelo homem senão sob a pressão da necessidade. Os viajantes são unânimes em declarar que entre todos os povos civilizados constata-se a incapacidade absoluta de qualquer esforço perseverante. Ribot observa judiciosamente que os primeiros esforços da atenção voluntária devem ter sido feitos pelas mulheres obrigadas, pelo medo dos golpes, a um trabalho regular, enquanto seus senhores repousavam e dormiam. Não vemos desaparecerem, de certa forma sob os nossos olhos, os peles-vermelhas, que preferem deixar-se exterminar do que tentar um trabalho regular que lhes garantiria uma vida menos penosa?

Mas sem buscar tão longe exemplos bem conhecidos, não sabemos com que lentidão a criança se sujeita ao trabalho regular? Quão raros são os camponeses e os trabalhadores que procuram fazer algo melhor do que se fez antes deles ou do que se faz em volta deles? Você pode, com Spencer,¹ passar em revista todos os objetos que utiliza ao longo do dia: não há nenhum que um pequeno esforço de inteligência não tornasse mais apto ao uso a que se destina, e concluirá com o autor que “na verdade, parece que a maior parte dos homens têm por objetivo atravessar a vida dispendendo o mínimo de pensamento possível”. Se agora interrogarmos as lembranças do nosso tempo de estudantes, quantos trabalhadores poderíamos citar entre os nossos companheiros? Não faziam quase todos o mínimo esforço necessário para passarem de ano? Aliás, desde os primeiros anos de escola o esforço pessoal, o esforço de reflexão, era-lhes penoso! Saem-se muito bem em seus exames, em todos os países, apenas com um simples esforço de memória! Seu ideal também não é muito elevado. O que desejam, e Maneuvrier disse-o em excelentes termos no que concerne ao nosso país,

são postos de funcionários, postos mal pagos, de pouca consideração, sem futuro, sem horizonte, em que o homem envelhece sobre uma almofada de couro, em que assiste dia após dia, do vazio de uma ocupação mais ou menos estéril, à decadência e ao embotamento gradual de suas faculdades, mas onde em compensação encontra a inefável

1. Herbert Spencer, *Introduction à la Science sociale*, Félix Alcan, Paris, 1873, pp. 327–8.

felicidade de ser dispensado de pensar, de querer e de agir. Uma regulamentação tutelar [...] imprime à sua atividade o movimento regular de um relógio e exonera-lhe da cansativa honra de agir e de viver.²

Não devemos, aliás, acusar exclusivamente os funcionários. Todo ofício, toda carreira, por mais elevada que seja, não basta jamais para salvaguardar a personalidade, o vigor e a energia. Durante os primeiros anos o espírito pode atuar ativamente. Mas logo o número de novas combinações, o número e a possibilidade dos casos que necessitam o esforço da reflexão, da investigação, diminui. O cumprimento das mais altas funções, que aparentemente exigem grandes esforços do espírito, torna-se puramente uma questão de hábito. O advogado, o magistrado, o médico, o professor vivem sobre um fundo adquirido que só aumenta então muito lentamente e muito raramente. O esforço diminui de ano para ano — de ano para ano diminuem as ocasiões de utilizar as faculdades superiores do espírito. O sulco já está traçado, a inteligência enfraquece por falta de exercício, e com ela a atenção e o vigor do raciocínio e da reflexão. Se o sujeito não cria ao lado da carreira uma ordem de procuções intelectuais, não consegue escapar desse embotamento gradual da energia.

Mas como nosso livro destina-se sobretudo aos estudantes e aos trabalhadores da inteligência, é necessário considerar de muito perto as formas que toma neles o “mal a combater”.

A forma mais grave desse mal no estudante é essa atonia, essa “frouxidão da alma”³ que se manifesta em todas as ações do homem jovem. Dorme várias horas a mais do que é necessário, acorda entorpecido, mole, indolente, arruma-se lentamente, bocejando, perdendo nisso um considerável tempo. Não se sente “a fim”, não tem gosto por nenhum trabalho. Faz tudo “friamente, tristemente, frouxamente”. Sua preguiça transparece até no seu rosto; pode-se ler nele a lassidão; tem o ar vago, ao mesmo tempo indolente e preocupado. Nem vigor, nem precisão de movimentos.

2. Édouard Maneuvrier, *L'Éducation de la bourgeoisie sous la République*, 3ª edição, Léopold Cerf, Paris, 1888.

3. Fénelon, *Éducation des filles*, Librairie Hachette, Paris, 1909, cap. 2.

Depois da manhã perdida, vai almoçar, vai ao café ler os jornais, principalmente os títulos, porque isso ocupa sem exigir esforços. Encontra então um pouco de vigor depois do meio-dia, mas esse vigor é gasto em conversações, em discussões estéreis, e sobretudo (pois todo preguiçoso é invejoso) em maledicências: políticos, literatos, professores, todos recebem seu quinhão de críticas. À noite, o infeliz deita-se desesperado, um pouco mais irritado que na véspera — pois essa atonia que o acompanha no trabalho, acompanha-o quase sempre nos prazeres: não se alcança nenhuma alegria sem dificuldades, toda felicidade supõe algum esforço. A leitura de um livro, a visita a um museu, um passeio num jardim, são prazeres que demandam uma iniciativa, são prazeres ativos. Como por outro lado os prazeres ativos são os únicos que valem, os únicos que podem ser sempre e voluntariamente renovados, o preguiçoso impõe-se a vida mais vazia que alguém pode impor a si mesmo. Os preguiçosos deixam os prazeres escaparem entre seus dedos só para não se darem ao trabalho de fechar a mão. São Jerônimo compara-os comicadamente com esses soldados de gravura, que têm sempre a espada erguida sem jamais desferir um golpe.

A preguiça fundamental não impede de forma alguma ocasionais momentos de energia. O que repugna os povos não civilizados não são os esforços violentos: é unicamente o trabalho regular, contínuo, que no fim das contas consome uma quantidade de energia bem maior; um desgaste, mesmo pequeno, mas constante, acaba demandando mais do que grandes desgastes separados por longos períodos de repouso. Os árabes conquistaram um vasto império. Não o conservaram porque lhes faltou a constância de esforços que organizam a administração de um país, constroem estradas, fundam escolas e indústrias. Da mesma forma, quase todos os estudantes preguiçosos, acicatados pela aproximação dos exames, podem fazer um *tour de force*. O que lhes repugna são os esforços moderados mas reiterados dia após dia, ao longo dos meses e dos anos.

É tão certo que é no esforço moderado, mas contínuo, que reside a energia real e fecunda, que todo trabalho que se afasta desse tipo pode ser considerado um *trabalho preguiçoso*. Trabalho

contínuo implica, nem é preciso dizer, continuidade de direção. Pois a energia da vontade traduz-se menos pelos múltiplos esforços que pela orientação a um mesmo fim de todas as potências do espírito. Eis, com efeito, um tipo de preguiçoso muito comum. O jovem é vivaz, alegre, enérgico. Quase sempre está fazendo alguma coisa. Ao longo do dia, leu algum tratado de geologia, um artigo de Brunetière sobre Racine, folheou alguns jornais, releu algumas notas, esboçou um plano de dissertação, traduziu algumas páginas do inglês. Não ficou um só instante inativo. Seus amigos admiram sua capacidade de trabalho e a variedade de suas ocupações. Nós, entretanto, devemos dar a esse jovem o nome de preguiçoso. Para o psicólogo, o que essa multiplicidade de trabalhos indica é uma atenção *espontânea* que tem certa riqueza, mas que ainda não se tornou atenção *voluntária*. O que essa pretensa capacidade de trabalho variado indica é uma grande fraqueza da vontade. Esse estudante fornece-nos um tipo de preguiçoso muito freqüente, que denominaremos *o tipo disperso*. Esse “passeio do espírito”⁴ é agradável, com certeza — mas não passa de um bom passeio. Nicolle denomina “espíritos de moscas”⁵ a esses trabalhadores que pousam ora aqui, ora acolá, sem nenhum proveito. São, para lembrar a bela imagem de Fénelon,⁶ “como uma vela acesa num lugar exposto ao vento”.

O grande inconveniente dessa dispersão dos esforços é que nenhuma impressão tem tempo para sedimentar-se. Pode-se dizer que a lei absoluta que rege o trabalho intelectual é que as idéias e os sentimentos que alojamos em nós, apenas como se alojam numa estalagem hóspedes que estão de passagem, são e permanecem para nós estranhos, que logo teremos esquecido. Veremos no próximo capítulo que o trabalho intelectual verdadeiro implica a orientação de todos os esforços em uma única direção.

Esse horror pelo verdadeiro esforço, ou seja, pela coordenação de todos os esforços particulares em vista de um fim preciso,

4. Leibniz, *Théodicée*, § 56.

5. Pierre Nicole, *Du danger des entretiens*, cap. 1. In *Essais de Morale contenus en divers traités sur plusieurs devoirs importants*, Guillaume Desprez et Jean Desessartz, Paris, 1715, v. II.

6. *Loc. cit.*, cap. 5.

complica-se com um horror igualmente grande pelo esforço pessoal. Uma coisa, com efeito, é a criação de uma obra, o trabalho de invenção, de disposição original, e outra o armazenamento na memória daquilo que outros fizeram. Aliás, se o esforço pessoal é tão penoso é porque ele implica necessariamente coordenação. As duas formas supremas de labor intelectual estão inseparavelmente unidas em todo trabalho de produção. Podemos mesmo constatar como esse trabalho é desagradável para a grande maioria dos alunos que, entretanto, serão amanhã a “classe dirigente”. Os alunos das classes de filosofia, por exemplo, são bons alunos, estimulados pelo exame final. São laboriosos e, em geral, precisos em seus trabalhos. Infelizmente, quase não refletem. Essa preguiça de espírito traduz-se por uma propensão a pensar apenas com as palavras. Assim, estudando psicologia, nenhum deles terá a noção de que, tendo feito psicologia aplicada desde seu nascimento e todos os dias, como Jourdain⁷ falava em prosa sem o saber, seria infinitamente simples examinar a si mesmo e encontrar exemplos pessoais em vez de memorizar os exemplos citados em seus livros. Mas não, eles têm uma tendência invencível para *aprender* em vez de *investigar*. A enorme sobrecarga que impõem assim à sua memória atemoriza-os menos que o mais leve esforço pessoal. São passivos em tudo — exceto, bem entendido, e em um número muito pequeno, a elite dos bons alunos.

A prova experimental dessa incapacidade de esforços pessoais nos é fornecida pelos concursos trimestrais para o primeiro lugar da classe. A maioria dos alunos teme esse exercício. Ser obrigado a redigir sobre um assunto sem que seja ainda preciso investigar por si mesmos, mas na maioria dos casos simplesmente redistribuir segundo um plano novo os materiais fornecidos pelo curso — pôr em sua exposição a clareza e a *lucidus ordo* que o leitor exige — é para eles um exercício francamente desagradável.

É claro que esse horror pelo trabalho pessoal continuará na universidade — e sem grande prejuízo, pois nenhum exame avalia quem é o candidato, o quanto ele vale, mas apenas o estado de sua memória e o grau, o nível a que chegam as coisas que ele aprendeu.

7. Protagonista da peça de Molière *O burguês fidalgão* — NT.

Todo estudante consciencioso que saiba refletir confessará a si mesmo como é pequena, em um ano de medicina, de direito, de ciências naturais, de história, a soma dos esforços que não sejam esforços de memória.

Também é muito curioso observar até nos cientistas as formas sutis que toma a preguiça. Preguiça, bem entendido, que de modo algum exclui um grande trabalho e pesadas preocupações, pois aqui a quantidade não substitui a qualidade. Mais ainda, a quantidade de trabalho é freqüentemente nociva à sua qualidade. Por exemplo, os eruditos alemães gostam de zombar de nós; como o Racum da fábula,⁸ tiram do fogo as castanhas que nós comemos. A comparação parece-nos muito justa. Racum é um bom símbolo do trabalho de erudição.

Racum com sua pata,
De maneira delicada,
Afasta um pouco a cinza e retira a mão;
Coloca e retira a mão
Uma vez, e outra, e mais uma vez;
Tira uma castanha, tira duas, tira três...⁹

É com efeito um trabalho que se deixa e se retoma. Constantemente mergulhado nos textos, o espírito não faz obra de criador e pode estudar com fruto mesmo quando perdeu sua fina ponta de penetração. O tempo se encarregará de confirmar nisso as previsões de Renan sobre as ciências de pura erudição. Elas não têm futuro. Seus resultados são precários demais, sujeitos a todo tipo de controvérsia — os mais de vinte mil volumes que a cada ano vão amontoar-se na Biblioteca Nacional terão em menos de cinquenta anos acrescentado, sem contar os jornais e periódicos, um milhão de volumes à coleção atual. Um milhão de volumes!

8. Trata-se da fábula de La Fontaine *O macaco e o gato*; Racum é o nome do gato, que é convencido pelo macaco a retirar com rápidos golpes da pata as castanhas, imediatamente abocanhadas pelo macaco — NT.

9. Raton avec sa patte / D'une manière délicate, / Écarte un peu la cendre et retire les doigts; / Puis les reporte à plusieurs fois; / Tire un marron, puis deux, et puis trois em escroque...

Tomando como espessura média do volume dois centímetros, isso forma uma pilha quatro vezes mais alta que o Monte Branco! Não é evidente que cada vez mais a história se desembaraçará dos nomes próprios para ficar apenas com os grandes acontecimentos sociais, cujas causas e efeitos são bastante hipotéticos, e que a erudição pura perderá, destruída pela enormidade dos materiais acumulados, qualquer autoridade para os espíritos pensantes? Será cada vez mais considerada como um trabalho de acumulação. No fim, se dará a essas ocupações seu verdadeiro nome, *ocupações*. O nome *trabalho* será reservado à composição, à eliminação dos detalhes inúteis, à concentração que produz o supremo esforço do pensamento. Criar, com efeito, é buscar a silhueta essencial, dominante, e colocá-la em plena luz. Os detalhes inúteis, paralelos, acabam alterando a verdade, e indicam de certa forma, a um olhar experimentado, as infiltrações nas forças de energia intelectual do fundo de preguiça incoercível que há em nós.

Podemos dizer, infelizmente, que o nosso sistema de ensino tende a agravar essa preguiça intelectual fundamental. Os programas de ensino secundário parecem destinados a fazer de todo aluno um *disperso*. Obrigam esses infelizes adolescentes a adejar sobre todas as coisas e proíbem-nos, pela variedade de matérias a absorver, de penetrar com profundidade em qualquer assunto. Como o jovem poderia pensar que todo o atual sistema de ensino secundário é absurdo? E entretanto, ele tende a matar no aluno todo espírito de iniciativa e todo desejo de lealdade no trabalho. Há alguns anos o poder de nossa artilharia era medíocre; hoje está decuplicado. Por quê? Porque antes o obus explodia ao chocar-se com o obstáculo, explodia contra ele sem causar-lhe maior prejuízo. Hoje, pela invenção de um *detonador* especial, o obus desloca-se ainda alguns segundos depois do choque; penetra profundamente, e só então, alojado no próprio coração da parede, explode, despedaçando e pulverizando tudo. Em nossa educação atual, esqueceram-se de colocar no espírito seu detonador. Nunca se deixa os conhecimentos adquiridos penetrarem profundamente. Está querendo parar? Anda! Anda! — Mas eu não compreendi muito bem, esse sentimento mal se esboçou em mim por essa leitura... — Anda! Anda! Novo judeu errante, tens de andar sem descanso; tens que atravessar

as matemáticas, a física, a química, a zoologia, a botânica, a geologia, a história de todos os povos, a geografia das cinco partes do mundo, duas línguas vivas, várias literaturas, a psicologia, a lógica, a moral, a metafísica, a história dos sistemas... Anda, anda para a mediocridade; leva do liceu ou do ginásio o hábito de olhar para tudo superficialmente, de tudo julgar pelas aparências!...

Essa rápida carreira não ralentará até a universidade, e, para muitos estudantes, ela se tornará mais rápida ainda.

Acrescente a isso o fato de que as condições da vida moderna tendem a reduzir a nada nossa vida interior, que elas levam a dispersão do espírito a um grau que dificilmente poderá ser ultrapassado. A facilidade das comunicações, a frequência das viagens, as idas ao mar, às montanhas, dissipam nosso pensamento. Não se tem tempo nem mesmo para ler. Vive-se uma vida tanto agitada quanto vazia. O jornal, a excitação factícia que ele dá ao espírito, a facilidade com que as informações atraem o interesse pelos diversos acontecimentos das cinco partes do mundo, fazem com que, para muitos, a leitura de um livro pareça tediosa.

Como resistir à dispersão do espírito que o ambiente tende a produzir, quando nada na educação prepara-nos para essa resistência? Não é desolador pensar que a obra capital, a educação da vontade, não é em lugar algum empreendida diretamente, conscientemente? Tudo que se faz nesse sentido é feito em vista de outra coisa: a única preocupação é equipar a inteligência, e só se cultiva a vontade na medida em que ela é necessária para o trabalho intelectual. Que digo eu? Não se cultiva, se excita a vontade, e isso é tudo! Só se pensa no presente. Hoje, há todo um aparelho de repressão e de galvanização: de um lado, as advertências do professor, as zombarias dos colegas, as punições, e, de outro, as recompensas, os elogios. Amanhã, nada além da perspectiva longínqua, vaga, de um exame de licenciado em direito, de doutorado em medicina, que os mais preguiçosos conseguem conquistar. A educação da vontade faz-se ao acaso; e, no entanto, não é a energia que faz o homem completo? Não é verdade que sem ela os dons mais brilhantes da inteligência permanecem estéreis? Não é ela o instrumento por excelência de tudo aquilo que os homens já fizeram de grande e de belo?

Coisa estranha! Todo mundo diz para si mesmo o que nós dizemos aqui. Todo mundo sofre dessa desproporção entre a cultura superaquecida do espírito e essa fraqueza da vontade. Mas não apareceu ainda nenhum livro sobre os meios de bem conduzir a educação da vontade. O que se faz é assumir por si mesmo essa obra que nossos professores sequer esboçaram. Interrogue dez estudantes escolhidos aleatoriamente entre aqueles que quase não trabalham; suas confissões resumem-se no seguinte: Ontem, no liceu, o professor determinou para cada dia, mais ainda, para cada hora a tarefa que devemos executar. A ordem a executar era clara, precisa: tínhamos que estudar tal capítulo de história, tal teorema de geometria, que fazer tal dever, traduzir tal passagem. Além disso éramos auxiliados, encorajados ou castigados; a emulação era estimulada com ardor e habilidade. Hoje não há nada disso. Nenhuma tarefa específica é determinada. Dispomos do nosso tempo a nosso modo. Como jamais tivemos nenhuma iniciativa na distribuição do nosso trabalho, pois não nos ensinaram nenhum método apropriado à nossa fraqueza, estamos exatamente como essas pessoas que se jogam n'água totalmente nuas, depois de lhes terem dito para nadarem, envolvendo-as cuidadosamente com um cinturão triplo de cortiça. Afogamo-nos, é evidente. Não sabemos nem trabalhar, nem querer; mais ainda, não sabemos sequer onde aprender os meios de fazermos nós mesmos a educação da nossa vontade. Não há nenhum livro prático sobre esse assunto. Assim, resignamo-nos e tratamos de não pensar na nossa abdicação. Isso é muito doloroso. E depois há o café, a cervejaria, os amigos que têm uma relativa alegria. O tempo passa, de toda maneira...

É esse livro que tantos jovens lamentam não encontrar que intentamos escrever.

Capítulo II

O objetivo a atingir

EMBORA os programas de ensino ignorem a vontade da criança e do jovem, sentimos muito bem que só valem pela energia que temos, e que não se pode edificar nada, sob nenhum ponto de vista, sobre um homem fraco. Como, por outro lado, sabemos que nosso trabalho dá a medida aproximada do poder da nossa vontade, não temos nenhum prurido em nos valorizar nesse ponto. Exageramos o trabalho que fazemos. Não nos custa nada afirmar que nos levantamos às quatro horas da manhã, sabendo que ninguém nos fará a injúria de vir confirmar nossas declarações. E quando às oito horas alguém visita essa “usina” de trabalho e encontra o sujeito na cama, descobre que cada uma de suas raras visitas coincide com uma infeliz coincidência, com uma ida ao teatro ou uma sessão literária que explica porque não está trabalhando desde as quatro horas. Apesar disso, esse esforçado trabalhador é reprovado nos exames.

Não há assunto em que a mentira entre os estudantes seja tão comum.

Mais ainda, não há jovem que não minta para si mesmo, e que não teça grandes ilusões sobre seu trabalho e sua capacidade de esforço. Mas o que são essas mentiras senão uma homenagem a esta grande verdade, que o homem vale pela energia que tem?

Qualquer dúvida que se levante sobre nossa vontade fere-nos cruelmente.

Contestar nossa potência de trabalho não significa apontar nossa fraqueza e nossa lassidão? Quando alguém nos crê incapazes dessa perseverança de esforços, sem a qual se deve renunciar a elevar-se acima da pobreza intelectual da maioria das pessoas que povoam as carreiras ditas liberais, não equivale a considerar-nos como irremediavelmente medíocres?

Essa homenagem feita ao trabalho prova a existência de um desejo de energia em todos os estudantes. E nosso livro consiste no exame dos procedimentos que podem ser praticados por um homem com veleidades vacilantes para fortificar em si o desejo de trabalhar até transformá-lo, primeiro em uma firme, ardente e durável resolução, e por fim em hábitos invencíveis.

Devemos entender por trabalho intelectual o estudo da natureza ou das obras de alguém, ou uma produção pessoal. O trabalho de produção exige primeiro o estudo, e encerra todos os gêneros de esforços intelectuais. O instrumento de trabalho é, no primeiro caso, a atenção propriamente dita, e no segundo a meditação, ou concentração em si mesmo. Mas nos dois casos trata-se em última instância de atenção. E trabalhar é estar atento. Infelizmente a atenção não é um estado estável, fixo, duradouro. Poderíamos compará-la a um arco constantemente tencionado. Ela consiste essencialmente em um número repetido de esforços, de tensões mais ou menos intensas, que seguem-se umas às outras com maior ou menor velocidade. Em uma atenção enérgica e aguerrida, esses esforços seguem-se tão próximos uns dos outros que dão a ilusão de continuidade, e essa aparente continuidade pode durar algumas horas a cada dia.

O objetivo a atingir é, portanto, conseguir fazer esforços de atenção intensos e perseverantes. É certamente um dos mais belos resultados que a cultura de nosso domínio sobre nós mesmos pode obter, a repetição diária, corajosamente assumida, dos esforços, coisa particularmente penosa para os estudantes. É que nelsa juventude ardente, transbordante, tende a fazer predominar constantemente a vida animal sobre a vida aparentemente fria, descolorida e contra a natureza da maioria dos trabalhadores da inteligência.

Mas os esforços intensos e perseverantes não bastam; eles podem ser anárquicos e dispersos. Portanto, eles devem também ser orientados para um mesmo objetivo. Para que uma idéia, para que um sentimento se enraízem em nós e adquiram direito de cidadania, há condições de habitação, de convívio, de intimidade. É necessário que, por uma lenta e perseverante progressão de influência, essa idéia, esse sentimento estendam o círculo de suas relações, que se imponham pouco a pouco por seu valor pessoal. Veja como se criam as obras de arte: um pensamento, com freqüência um pensamento da juventude, que nasceu viável, permanece a princípio tímido e obscuro no homem de gênio. Uma leitura, algum incidente da vida, uma expressão feliz dita de passagem por algum autor ocupado em outro assunto, ou que não está preparado para essa ordem de pensamentos, que percebe a idéia sem compreender sua fecundidade, dão a essa idéia incubada consciência do seu valor e de seu possível destino. A partir desse dia ela se alimentará de tudo. Viagens, conversações, leituras variadas lhe fornecem elementos assimiláveis, com os quais se alimentará e fortificará. É assim que Goethe carrega por trinta anos sua concepção do Fausto. Ela levou todo esse tempo a germinar, crescer, lançar suas raízes cada vez mais fundo, a extrair da experiência os sucos nutrientes de que foi feita essa obra de gênio.

E assim deve ser, guardadas as devidas proporções, para toda idéia importante. Se ela apenas passa por nós, é como se não existisse e não tivesse sido concebida. Temos que dar-lhe uma atenção repetida, freqüente, amorosa; não devemos abandoná-la antes que possa viver por si mesma, antes que se tenha tornado um centro de organização. Temos que conservá-la na consciência por longo tempo, e voltar a ela muitas vezes: adquirirá assim a vitalidade necessária para atrair para si essa força misteriosa de imantação que propicia a associação das idéias, dos pensamentos fecundos e dos sentimentos poderosos, e para incorporá-los. Esse trabalho de organização da idéia ou do sentimento efetua-se lentamente, pela meditação calma e paciente. Acontece com esses desenvolvimentos como com esses admiráveis cristais de laboratório: eles exigem, no seio de um líquido absolutamente tranqüilo, o depósito lento

e regular de milhares de moléculas. É nesse sentido que toda descoberta é uma obra da vontade. É “pensando sempre nisso” que Newton verificou sua descoberta da gravitação universal. Se alguém ainda duvida que o gênio seja uma “longa paciência”, ouça a confissão de Darwin: “Por assuntos de meditação e de leitura só escolhia aqueles que me faziam diretamente pensar naquilo que tinha em vista, ou naquilo que provavelmente veria [...]”. Estou certo de que foi essa disciplina que me tornou capaz de fazer o que fiz na ciência”, e seu filho acrescenta: “Meu pai tinha a capacidade de não perder de vista um assunto ao longo de um grande número de anos”.¹

Para quê, aliás, insistir sobre uma verdade tão evidente? Basta-nos fazer um resumo. O objetivo que o trabalhador intelectual deve visar é a energia da atenção voluntária, energia que se traduz não somente pelo vigor, pela frequência dos esforços, mas também e sobretudo por uma orientação muito clara de todos os pensamentos para um fim único e pela subordinação, durante todo o tempo necessário, de seus sentimentos e idéias à grande idéia diretora, dominadora, para a qual trabalha. Desse ideal a preguiça humana irá sempre distanciar-nos, e nós devemos buscar realizá-lo o mais completamente possível.

Antes de examinar mais detidamente os meios de transformar um desejo fraco e instável em uma vontade duradoura, é importante desembaraçar-nos de duas teorias filosóficas, opostas mas igualmente funestas para chegar ao domínio de si mesmo.

1. *La vie et la correspondance de Darwin*, trad. de Henry de Varigny, Reinwald, Paris, 1888, pp. 69 e 135.

Capítulo III

Negação das teorias desanimadoras e falsas sobre a educação da vontade

§ I

A polêmica não deve passar de um trabalho preparatório que o escritor deve fazer cuidadosamente, mas guardar para si mesmo. Nada de mais impotente que a pura negação: para convencer, de nada serve criticar, é preciso construir.

É porque todo nosso livro é um trabalho de construção, porque fornece uma doutrina mais sã, mas sobretudo mais solidamente estabelecida sobre os mais claros resultados da psicologia, que abordamos diretamente aqui duas teorias muito difundidas, e tão deploráveis por seus resultados práticos quanto especulativamente falsas.

Falsa em si mesma e praticamente lamentável, a teoria que considera o caráter imutável o é no mais alto grau. Exposta por Kant, renovada por Schopenhauer, essa hipótese também tem o apoio de Spencer.

De acordo com Kant, escolhemos nosso caráter no mundo numenal e essa escolha é desde então irrevogável.¹ Uma vez “descidos” ao mundo do espaço e do tempo, nosso caráter, e portanto nossa vontade, permanece o mesmo, sem que possamos modificá-lo, por pouco que seja.

1. *Numenal*: o mundo dos númenos, das “coisas em si”, segundo Kant — NE.

Schopenhauer declara também que os diferentes caracteres são inatos e imutáveis. Não se pode mudar a *espécie* dos motivos a que a vontade do egoísta, por exemplo, é acessível. Você pode, através da educação, *enganar* um egoísta, ou melhor, corrigir suas idéias, levá-lo a compreender que, se há um meio seguro de alcançar o bem-estar, é pelo trabalho e pela honestidade, e não pelo embuste. Mas quanto a tornar sua alma sensível ao sofrimento alheio, é preciso renunciar: é certamente mais impossível que transformar o chumbo em ouro.

Podemos fazer um egoísta ver que, renunciando a uma pequena vantagem, ele pode chegar a uma maior; ao mau, que por causar um sofrimento em alguém ele inflige a si mesmo um mais vivo. Mas quanto a refutar o egoísmo ou a maldade em si mesmos, isso é impossível; tanto quanto provar para um gato que ele não deve gostar de ratos.²

Herbert Spencer, embora de um ponto de vista bem diferente, admite com a escola inglesa que o caráter humano pode ser transformado a longo prazo, sob a influência de forças exteriores, das condições de vida; mas essa obra exige séculos e na prática essa teoria é desanimadora, pois um estudante não pode contar com dez séculos de vida, mas apenas com vinte anos de plasticidade. — Se eu quisesse aplicar-me a meu aprimoramento moral, não poderia. Não poderia lutar contra o meu caráter, herança que me foi legada por meus ancestrais e que representa milhares, talvez milhões de anos de experiências organicamente registradas em meu cérebro. O que fazer contra essa formidável coalizão de ancestrais reunidos contra minha fraca vontade pessoal, se eu quiser desembaraçar-me de uma parte do legado que me transmitiram? Não é nem mesmo razoável tentar uma insurreição: a derrota é certa de antemão. Posso, entretanto, consolar-me pensando que daqui a cinqüenta mil anos meus descendentes, pela interação regular do meio social e da hereditariedade, vão ser como máquinas aperfeiçoadas, reformadas ao longo dos séculos, capazes de dedicação, com um espírito de iniciativa, etc.

2. Arthur Schopenhauer, *Fondement de la morale*, trad. de A. Burdeau, Félix Alcan, Paris, 1891, p. 172.

Embora essa questão do carácter, considerado sob esse ponto de vista, ultrapasse o quadro do nosso tema, preferimos examiná-la em toda sua generalidade e na situação mais favorável a nossos adversários.

As teorias que acabamos de expor parecem-nos um exemplo notável da preguiça espiritual que é como que o pecado original indelével das maiores inteligências, preguiça espiritual que faz com que sofram passivamente as sugestões da *linguagem*. Estamos tão acostumados a pensar com as palavras que a palavra ocultamos a realidade de que é signo. Por ser una, a palavra inclina-nos fortemente a acreditar na unidade real das coisas. É a essa sugestão provocada pela palavra *carácter* que devemos a teoria preguiçosa do carácter imutável. Quem não vê, com efeito, que *o carácter é uma resultante*? E uma resultante de forças sempre em vias de se modificar. Nosso carácter tem uma unidade análoga à da Europa: o jogo das alianças, a prosperidade e a decadência de um Estado, modificam incessantemente a resultante. Muito bem, também é assim quanto a nossas paixões, sentimentos, idéias, que estão num perpétuo devir, e que, por outro lado, pelas alianças que fazem ou que rompem entre si, podem mudar a intensidade e mesmo a natureza da resultante. Nosso tratado inteiro será aliás a demonstração da possibilidade de uma transformação do carácter.

Se examinamos agora quais são os argumentos em favor daquela teoria, não encontramos em Kant senão razões *a priori*, e essas razões *a priori* que ele julga necessárias para estabelecer a possibilidade da liberdade seriam destacadas do sistema como um galho morto se Kant não tivesse confundido o fatalismo com o determinismo, como veremos logo a seguir.

Em Schopenhauer encontramos mais falácias que argumentos, pois ele gosta de fazer alarde de sua erudição e de apelar às autoridades. As autoridades não valem a menor prova factuel. Eis os únicos argumentos que encontramos na sua pena: 1º, se o carácter fosse perfectível “deveríamos encontrar evidentemente mais virtude na parte mais velha da humanidade que na sua parte mais jovem”, o que não se verifica; 2º, alguém que uma única vez tenha se mostrado um homem mau perde para sempre nossa confiança, o que prova que acreditamos todos que o carácter é imutável.

O que provam, para quem refletir um instante, esses argumentos? Aliás, tratam-se de argumentos? Em quê essas asserções, aliás exatas na sua generalidade, provam que ninguém pode modificar seu caráter? Provam apenas (e disso ninguém duvida) que a imensa maioria das pessoas jamais empreendeu seriamente nenhuma reforma de seu caráter. Elas constatarem que as inclinações dominam quase todos os atos da sua vida, sem intervenção da vontade. A maioria dos homens são governados pelo exterior: seguem a moda, a opinião, e pensam tanto em resistir a elas quanto nós pensamos em nos recusar a seguir a Terra em seu movimento de translação em torno do Sol. Longe de nós contestar que a preguiça é quase universal! A maioria dos homens passa a vida em busca de sua subsistência. Os trabalhadores, os pobres, as mulheres, as crianças, os mundanos, não refletem sobre nada; são “marionetes”,³ marionetes um pouco complicadas e conscientes, é verdade, mas que têm o princípio de seus movimentos na região dos desejos involuntários e das sugestões exteriores. Saídos da animalidade por uma lenta evolução, sob a pressão das cruéis necessidades da luta pela vida, a maioria, uma vez que as circunstâncias exteriores deixam de estimulá-los, têm a tendência a regredir. E todos esses para quem uma ardente sede de ideal e uma certa nobreza de alma não fornecem motivos interiores para empreender a penosa tarefa de libertar-se cada vez mais completamente da animalidade, deixam-se ir à deriva. Não há portanto nada de espantoso em constatar que o número de anciãos virtuosos não ultrapassa o dos jovens, e é razoável desconfiar de alguém que agiu como um canalha.

O único argumento válido seria provar que toda luta é inútil, que um egoísta jamais poderia realizar, desejar grandes sacrifícios. Semelhante asserção não merece exame. Vemos covardes afrontar a morte para ganhar dinheiro! Não há uma só paixão que não possa desafiar o medo da morte! Ora, o maior bem que o egoísta possui é certamente sua vida. E nunca se viu egoístas, tomados por um entusiasmo passageiro, sacrificarem sua existência pela pátria ou por alguma causa nobre? E se esse estado passageiro é possível, como poderia nesse momento valer o famoso adágio: *operari sequitur esse*? Um caráter que se transforma radicalmente, nem que

3. Port-Royal, *Logique*.

seja por meia hora, não é um caráter imutável e há esperança de renovar essa transformação cada vez mais freqüentemente.

Aliás, onde foi que Schopenhauer encontrou caracteres absolutamente coerentes, egoístas, por exemplo, do primeiro ao último pensamento, do primeiro ao último sentimento? Uma tal simplificação da natureza humana provavelmente jamais existiu, e repito novamente, essa crença de que o caráter é uma coisa una, um bloco homogêneo, repousa sobre uma observação absolutamente superficial. O caráter é uma resultante de forças heterogêneas, e essa asserção, fundada sobre a observação de homens vivos, e não sobre abstrações, basta para deitar por terra a ingênua teoria de Kant e Schopenhauer. Quanto a Spencer, bastará observar-lhe que as boas inclinações são tão hereditárias e tão fortemente organizadas quanto as más, e que se pode ter *a favor de si*, com habilidade, tanto poder ancestral quanto se poderia ter *contra si*. Em todo caso, a questão não passa de uma questão de mais ou de menos, e esperamos que a continuação deste livro a resolva plenamente.

Deixemos portanto essa teoria do caráter imutável, já que também ela não se sustenta em pé. Agradecemos a Schopenhauer por tê-la inoculado na Alemanha: ela valeria para nós o equivalente a duas legiões de exército, se não tivéssemos também nossos teóricos do desânimo, em particular Taine que, com uma estreiteza de visão inconcebível em um grande espírito, não soube distinguir o fatalismo do determinismo, e que, por reação contra o espiritualismo cousiniano, chegou a ponto de considerar nossa vida como independente da nossa vontade, e a virtude como um produto, algo assim como a glicose. Imagem ingênua, infantil, que por sua brutalidade impediu por muito tempo o estudo do determinismo psicológico, e que falsou, quando apareceu e durante muitos anos depois, a significação do livro de Ribot sobre as enfermidades da vontade. Tanto é verdade que, sobretudo nessas matérias delicadas, melhor vale uma legião de adversários que um amigo dogmático e atrapalhado.

§ II

Resta-nos agora tirar do caminho uma outra teoria, bem mais pretenciosa, que afirma a possibilidade de nos tornarmos senhores

de nós mesmos, mas que, por ter considerado esse trabalho de libertação muito fácil, produziu tanto ou mais desanimados que as teorias fatalistas. Estamos falando da teoria do livre arbítrio.

O livre arbítrio, cujo sentido tem-se tentado associar ao da liberdade moral, não somente não tem nada a ver com ela, mas é mesmo o seu contrário, pois apresentar aos jovens como uma coisa fácil, que depende apenas de um *fiat*, o trabalho longo, penoso, que exige muita perseverança, da libertação de si mesmo, é condená-los antecipadamente ao desalento. No momento em que oito anos de convívio assíduo com os homens de vontade da antigüidade, engrandecidos pela perspectiva, impregnaram o jovem de entusiasmo, é bom colocá-lo em presença da tarefa por excelência sem diminuir-lhe nenhuma das dificuldades, mas também mostrando-lhe que o triunfo é certo, se ele perseverar.

Não é possível tornar-se senhor de si mesmo por um *fiat*, assim como a França não se tornou por um *fiat*, depois de 1870, a potência que é hoje. A pátria levou vinte anos de esforços perseverantes, penosos, para reerguer-se. Assim também nosso aperfeiçoamento pessoal será uma obra de paciência. Vemos alguns passarem trinta anos trabalhando duro para conquistar o direito de descansar numa casa de campo, e a essa obra tão grande e tão nobre do domínio sobre si mesmo não se consagraria nenhum tempo? Dela depende o que valeremos, e portanto o que seremos; dela depende o papel que desempenharemos. Por ela poderemos impor a estima, o respeito por nós mesmos. Ela nos abrirá amplamente todas as fontes de felicidade (pois toda felicidade profunda provém de uma atividade bem regada), e entretanto quase nenhum adulto preocupa-se com essa obra! Esse desprezo afetado por ela oculta evidentemente um sofrimento secreto, que aliás todos nós já experimentamos. Que estudante não sentiu dolorosamente a desproporção entre seus desejos de trabalhar bem e a fraqueza de sua vontade? “Você é livre!” diziam nossos mestres. E sentíamos com desespero que essa afirmação era mentirosa. Ninguém nos ensinou que a vontade é lentamente conquistada, ninguém pensou em estudar como ela é conquistada. Ninguém nos exercitou para essa luta, ninguém nos apoiou, e então, por uma reação muito natural, aceitamos apressadamente as doutrinas infantis de Taine

e dos fatalistas, que ao menos nos consolavam, ensinando-nos a resignação perante a inutilidade da luta. E deixamo-nos tranqüilamente ir à deriva, amortecendo-nos para não perceber a mentira dessas doutrinas consoladoras de nossa preguiça. E a causa essencial dessas teorias fatalistas da vontade é a teoria a um só tempo ingênua e funesta dos filósofos do livre arbítrio! A liberdade moral, como a liberdade política, como tudo aquilo que tem valor neste mundo, deve ser conquistada com muita luta e incessantemente preservada. É a recompensa dos fortes, dos hábeis, dos perseverantes. *Somente é livre quem merece ser livre.* A liberdade não é nem um direito, nem um fato; ela é uma recompensa, a mais alta recompensa, a mais fecunda em felicidade. Ela é, para todos os acontecimentos da vida, o que é a luz do Sol para uma paisagem. E aos que não a conquistarem serão recusadas todas as alegrias profundas e duráveis da vida.

Infelizmente nenhuma questão foi mais obscurecida do que a questão vital da liberdade. Bain denomina-a *a fechadura enferrujada da metafísica*. É claro que entendemos por liberdade a posse de si mesmo, o domínio que têm em nós os nobres sentimentos e as idéias morais sobre os impulsos da animalidade. O impecável domínio de si mesmo é inalcançável: pouquíssimos séculos separaram-nos dos nossos selvagens ancestrais que moravam em cavernas para que possamos desembaraçar-nos absolutamente da herança de irascibilidade, de egoísmo, de concupiscência, de preguiça que eles nos legaram. Os grandes santos que venceram nessa luta sem tréguas de nossa natureza humana com nossa natureza animal não conheceram a alegria dos triunfos serenos e incontestes.

Mas, observemos novamente, a obra cujas grandes linhas traçamos aqui não é tão difícil quanto a obra de santificação, pois uma coisa é lutar contra a preguiça e as paixões, outra é lutar para extirpar de si, absolutamente, o egoísmo.

Mesmo reduzido a esses termos, o combate é longo e difícil. Nem os ignorantes, nem os presunçosos conseguirão vencer. Há uma tática a seguir que é preciso conhecer, e um longo trabalho que temos que assumir. Entrar na arena sem conhecer as leis da psicologia, ou sem seguir os conselhos de quem as conhece, é querer vencer no xadrez um adversário experiente sem conhecer o

movimento das peças. Mas, dirão os partidários de um livre arbítrio quimérico, se você não pode criar nada, se por um *fiat* voluntário não puder dar a um certo motivo ou a um móbil uma força que ele naturalmente não tem, então você não é livre! — Mas nós somos livres para fazê-lo, e não desejamos ser livres de outra maneira: em vez de pretender, como vocês fazem, dar força a um motivo por uma simples volição (?), por um ato misterioso, bizarro, contrário a todas as leis científicas, nós pretendemos dá-la por uma inteligente aplicação da lei de associação. Só comandamos a natureza humana se também lhe obedecemos. A única garantia de nossa liberdade são as leis da psicologia, que são também o único instrumento possível de nossa libertação. Só há liberdade para nós no seio do determinismo.

Eis aqui o ponto central do debate. Dizem-nos: se você não aceitar que a vontade pode, *sem absolutamente desejá-lo*, mas unicamente por sua livre iniciativa, garantir a preponderância de um motivo sem forças sobre poderosos móbeis, *you pressupõe que o deseja*. Seu estudante, se não deseja trabalhar, não trabalhará jamais. Eis-nos aqui de volta à predestinação, e a uma predestinação mais cruel que a predestinação calvinista, pois o calvinista predestinado ao Inferno não sabe que lhe está predestinado, e a esperança do Céu não o abandona jamais. — Mas o seu estudante, por um exame de consciência profundo, pode descobrir que não tem o desejo, *a graça*, e que, portanto, todo esforço é inútil: ele deve deixar no portal toda esperança.

Eis a questão colocada tão claramente quanto possível. Ou eu tenho ou não tenho o desejo do melhor — se não o tenho, todo esforço é vão; ora, como o desejo não depende de mim, pois a graça sopra onde quer, eis-nos chegados ao fatalismo; mais ainda, à predestinação! — Muito bem; mas concedendo isso, concedemos menos do que parece. Notem que o desejo do melhor, *por mais fraco que seja*, basta-nos, porque pensamos que, empregando os meios de cultura adequados, podemos desenvolvê-lo, fortificá-lo e transformá-lo em uma sólida e durável resolução. — Mas esse desejo, por mais fraco que você o postule, é necessário! Se ele não preexistir, você nada pode! — Admitimos plenamente: creio mesmo que os próprios partidários da liberdade

por um *fiat* concederão que não é possível tomar uma decisão de melhorar se ela não se basear sobre algum desejo de melhorar! Realizar contrariado uma obra de longo fôlego, não *amar* o que se pretende fazer, é eliminar toda possibilidade de sucesso. Para conseguir, é preciso o amor pela tarefa. — Mas, ainda uma vez, esse amor, esse desejo, o seu estudante tem, ou não tem. Se ele não o tem, está condenado sem remissão. — Concordamos que existe esse dilema, já o dissemos. Sim, o desejo é necessário; sem desejo de libertação, não há liberdade possível! Mas os dolorosos efeitos dessa predestinação só atingem uma categoria de pessoas, que os partidários do livre arbítrio mais absoluto consideram, também eles, como infelizes predestinados.

Com efeito, o grupo dos nossos predestinados coincide com o grupo desses desafortunados alienados que sofrem de *loucura moral*. Admitimos, sem poder demonstrá-lo, e unicamente porque *jamais* encontramos casos negativos, que, se perguntamos a um homem *qualquer* que não sofra de alienação, se ele prefere a carreira gloriosa de Pasteur à de um bêbado inveterado, esse homem responderá que sim. Evidentemente isto é um postulado, é o nosso postulado. Mas quem o contestará?

Quem já conheceu homens *absolutamente* insensíveis ao esplendor do gênio, da beleza, da grandeza moral? Se um semelhante bruto existe ou existiu, confesso que seu caso deixa-me indiferente. E se meu postulado é certo — e ele o é — para a grande maioria dos homens *humanos*, isto me basta. Pois desde que um homem prefira, ao ignóbil aviltamento dos mais repulsivos exemplares da espécie humana, a grandeza de um Sócrates, de um Regulus, de um Vicente de Paulo, essa preferência, por fraca que seja, basta. Pois preferir implica *amar*, desejar. Esse desejo, por mais fugidio que o suponhamos, pode ser protegido, fortalecido. Crescerá, se for cultivado, e se transformará pelo hábil uso das leis psicológicas em uma resolução viril. É assim que de uma semente, refeição de uma formiga, sai um poderoso carvalho que desafia as tempestades.

Por conseguinte, estarmos sujeitos a essa predestinação não nos perturba em nada, pois, fora um grupo de alienados que os próprios partidários do livre arbítrio pelo *fiat* sacrificam, e talvez um grupo de algumas dezenas de brutos irreduzíveis, somos

todos predestinados positivamente. A moral não tem nenhuma necessidade de ligar seu destino a teorias tão incertas e, voltamos a repetir, tão desanimadoras como a do livre arbítrio. *A moral só tem necessidade da liberdade, o que é muito diferente. E essa liberdade só é possível dentro e através do determinismo.* Para assegurar nossa liberdade, basta que nossa imaginação seja capaz de conceber um plano de vida a realizar. Nosso conhecimento e nossa prática das leis da psicologia vão nos permitir, por meio de desvios, por meio de alianças, assegurar a preponderância do plano escolhido e fazer trabalhar por nossos projetos o tempo, que é a grande potência de libertação da idéia em nós.

Nossa concepção da liberdade talvez não seja tão sedutora para nossa preguiça quanto a teoria do livre arbítrio. Mas tem sobre ela a enorme vantagem de ser adequada à realidade de nossa natureza psicológica e moral, e de não nos expor ao ridículo de uma afirmação orgulhosa de nossa liberdade absoluta, constantemente contraditada por uma vassalagem muito real a nossos inimigos internos. Se esse conflito fosse apenas uma diversão para o psicólogo observador, não seria tão mal; mas ele não tarda em levar ao desânimo até os de melhor intenção. Além disso, essa teoria do livre arbítrio já afastou — o que é uma perda irreparável — muitos espíritos penetrantes do estudo das condições da vontade.⁴

Agora que a estrada está livre das teorias em voga sobre a natureza da vontade, podemos penetrar diretamente em nosso assunto e estudar de perto a psicologia da vontade.

4. Para convencer-se disso, basta saber em que profundo esquecimento caiu a obra psicológica mais sólida que produziu a escola de Cousin em relação à vontade. Referimo-nos a esse admirável *Quadro da atividade voluntária para servir à ciência da educação*, de Debs. Amiens, 1844. (Devo o conhecimento dessa obra à gentileza de Egger, professor na Faculdade de Letras de Nancy e conhecido no mundo científico por seu belo livro sobre a *Palavra interior*, e por um recente e magistral estudo sobre o juízo).

Debs morreu com cerca de trinta e quatro anos, parece. Há em seu livro páginas de uma penetração prodigiosa, se levamos em conta a data da obra. Na página 30 e nas seguintes assinalo sua exposição muito clara da teoria reproduzida por William James de que a vontade não liga os termos senão na ordem mental. O que não teria feito nessa ordem de estudos o espírito tão agudo de Jouffroy se não tivesse sido devorado pelas discussões bizantinas, então em moda, sobre o livre arbítrio! Essa fatal teoria paralizou por meio século o estudo da vontade.

LIVRO II

A PSICOLOGIA DA VONTADE

Capítulo I

Estudo do papel das idéias na vontade

SE os elementos de nossa vida psicológica fossem simples, nada seria mais fácil do que estudar os perigos e os recursos que oferecem para a conquista do domínio de si mesmo. Mas esses elementos formam laços entre si, e também combinações que tornam delicado o trabalho de análise detalhada.

Entretanto, é fácil observar que todos os elementos da nossa vida íntima reduzem-se a três: nossas idéias, nossos estados afetivos, nossas ações.

§ I

A palavra “idéia” abarca muitos elementos diferentes. A distinção mais profunda que o psicólogo, preocupado com as relações entre a inteligência e a vontade, pode efetuar entre nossas idéias é a distinção entre idéias centrípetas e idéias centrífugas. Um grande número de idéias vem-nos de fora; “ficam no filtro”, como diz Montaigne,¹ verdadeiros hóspedes passageiros, que não sofrem nenhum trabalho de assimilação, às quais nossa memória serve apenas de entreposto. Os contraditórios depositam-se nela lado a lado, e todos nós temos na cabeça um grande número de

1. A expressão em francês é “logées en l'étamine”. *Étamine* é uma espécie de gaze, utilizada para filtrar; passar na étamine significa, portanto, analisar, submeter a um exame, e as idéias que nela ficam presas são aquelas que chegam até a mente mas não são examinadas — NT.

pensamentos advindos de nossas leituras, de nossas conversas, e até de nossos sonhos: estrangeiros que se aproveitaram de nossa preguiça de espírito para entrar em nossa alma, a maioria sob os auspícios da autoridade de algum escritor ou de algum professor.

É nesse arsenal, onde há coisas boas e más, que nossa preguiça e nossa sensualidade encontrarão suas justificativas. Das idéias dessa natureza, somos senhores; podemos ordená-las, desenvolvê-las a nosso bel prazer; mas se temos todo o poder sobre elas, elas não têm nenhum poder sobre nós. A maioria delas são apenas palavras, nada mais. E a luta das palavras contra nossa preguiça e nossa sensualidade é a luta de um pote de barro contra um pote de ferro. Fouillée defendeu uma tese em geral falsa falando de idéias-forças. Ele não percebeu que o que a idéia tem de força executiva vem-lhe quase sempre de sua aliança com as verdadeiras potências que são os estados afetivos. A todo instante a experiência vem nos confirmar o fraco poder de uma idéia. Há uma enorme distância entre o assentimento puramente formal e a fé eficiente e instigadora de atos. Quando a inteligência está lutando sozinha, sem nenhum auxílio, contra a brutal coorte das potências sensuais, está condenada à impotência. Num estado saudável, esse isolamento da inteligência é impossível; mas a enfermidade fornece-nos com muita evidência a prova de que toda força instigadora de atos importantes emana da sensibilidade. Não pretendemos que a inteligência não tenha força nenhuma; mas que ela é impotente para vencer ou recalcar as pesadas e espessas inclinações animais, isto nos parece evidente. Ribot² demonstrou, com o apoio de exemplos convincentes, que quando a sensibilidade está profundamente lesada, quando a *alegria* que decorre da sensação não surge, quando a idéia permanece seca, fria, um ser inteligente torna-se incapaz até de mover a mão para fazer sua assinatura. Quem de nós, ao despertar depois de uma noite agitada e de um repouso imperfeito, não se encontrou em semelhante estado? Mergulhados em um profundo torpor, com a inteligência bem desperta, entretanto, vemos o que deveria ser feito, mas por desgraça sentimos que essa idéia tem muito pouca força por si mesma. E se ouvirmos

2. Théodule Ribot, *Les maladies de la volonté*, Félix Alcan, Paris, 1888, pp. 38–39, 43, 50 e 116–117.

nesse momento a criada conversar com uma visitante, vindo para um encontro que esquecêramos, o receio de sermos pegos em falta — o que é um sentimento —, lança-nos para fora da cama de um salto. Nos casos citados por Ribot temos uma viva ilustração desse contraste entre os efeitos de uma idéia e os de um sentimento. Um dos enfermos de que ele fala, incapaz de fazer o menor movimento voluntário, embora sua inteligência estivesse intacta, foi o primeiro a descer de uma carruagem que atropelara uma mulher.

Infelizmente, pensa-se que os estados patológicos são estados distintos, quando na verdade não passam de uma ampliação da realidade. Assim como um avarento estará sempre pronto a rir-se dos atos ridículos do Harpagão, sem identificar-se com eles, também nós recusamos a nos ver nos estados claros, distintos das doenças mentais. Mas toda nossa experiência nos fala da impotência da idéia. Sem falar dos alcoólatras que *sabem* muito bem as conseqüências de suas bebedeiras, mas que não as *sentem* senão no primeiro ataque de apoplexia, quando já é muito tarde, o que é a imprudência senão a visão de ameaças sem o sentimento dessas ameaças? Chega a miséria — “Ah! se eu soubesse!”, o sujeito exclama. Ele sabia, mas não com esse conhecimento sensível, afetivo, que para a vontade é o único que conta.

Abaixo dessa camada superficial de idéias que não têm penetração, encontram-se idéias que podem beneficiar-se do apoio de sentimentos passageiros. Por exemplo, alguém acaba de passar vários dias em uma semipreguiça, lendo, e sem tocar no livro que deve escrever; este esforço repugna-lhe, apesar das excelentes razões que apresenta a si mesmo para fazê-lo; subitamente o correio traz a notícia do sucesso de um amigo, e eis que o sujeito é açulado pela emulação, e o que as mais altas e mais sólidas considerações não conseguiram produzir, uma onda emotiva de ordem inferior o faz incontinente. Nunca me esquecerei de um acontecimento que mostrou-me com meridiana evidência a diferença entre a idéia e a emoção. Antes do amanhecer, em Buét, eu tinha que descer por uma ladeira coberta de gelo cujo final desaparecia na escuridão. Ia escorregando. Em nenhum momento perdi o sangue-frio. Tinha consciência da minha situação crítica e uma clara visão do perigo. Consegui, sempre pensando que poderia morrer, diminuir

a velocidade e por fim parar minha descida cem metros abaixo. Com muita calma, atravessei lentamente a camada de gelo, com a ajuda de meu *alpenstock*,³ e quando estava em segurança sobre um rochedo, definitivamente salvo, fui (talvez por causa do cansaço provocado pelos excessivos esforços) tomado por uma violenta tremedeira. Meu coração batia, meu corpo cobriu-se de um suor frio, e *somente então* tive medo, um terror extremo. Em um instante *a visão do perigo tornou-se sentimento do perigo*.

Numa zona mais profunda ainda que a dessas idéias de origem externa, adotadas provisoriamente por estados afetivos transitórios, encontram-se as idéias que, embora também provindas do exterior, estão em harmonia com nossos sentimentos fundamentais e que formam com eles uma aliança tão estreita que não podemos saber se é a idéia que absorveu o sentimento ou o sentimento a idéia. Nesse grau elas confundem-se com as idéias de origem interna, que vêm das nossas profundezas, e que são a tradução em fórmulas claras de nosso caráter mesmo, de nossas inclinações profundas. Nossa personalidade afetiva dá-lhes uma ardente coloração; são de certa forma sentimentos. Como a lava, já resfriada na superfície, conserva-se durante anos ardendo numa certa profundidade, essas idéias conservam em suas metamorfoses intelectuais o calor de sua origem afetiva. Essas idéias são ao mesmo tempo as inspiradoras e os sustentáculos de toda atividade prolongada em uma determinada direção. Entretanto, notemos bem, essas idéias não são exatamente idéias: são substitutos claros, precisos, comodamente manejáveis, de sentimentos, isto é, de poderosos estados psicológicos, porém lentos, pesados e difíceis de manejar. Elas são muito diferentes das idéias de superfície que constituem o “homem verbal” e que freqüentemente não passam de palavras, signos vazios de coisas significadas. Sua energia vem-lhes, de certa forma, das suas raízes. É uma energia emprestada, que eles haurem da fonte viva dos sentimentos, das paixões; em suma, dos estados afetivos. Quando uma idéia como essa de que falamos nasce em uma alma desejosa de acolhê-la, por um duplo e misterioso fenômeno

3. Instrumento para escalar, constituído de um bastão com uma espécie de picareta na ponta. É hoje obsoleto, substituído pelos *piolets* — NT.

de endosmose que ainda estudaremos, a idéia atrai sentimentos apropriados a fecundá-la; nutre-se deles, de alguma maneira, fortifica-se com eles, e por outro lado a clareza da idéia passa para os sentimentos, dá-lhes, não vigor, mas *orientação*. A idéia é para os sentimentos o que a imantação é para os inumeráveis elos de uma corrente de ferro macio; dirige-as num mesmo sentido, destrói os conflitos, e daquilo que não passava de um amontoado incoerente, forma uma corrente disciplinada, com uma força centuplicada. É assim que, em política, basta às vezes uma fórmula feliz dita por um homem popular para dirigir para um mesmo fim todas as forças até então anárquicas e contraditórias de uma democracia.

Reduzidas a si mesmas, porém, as idéias não têm poder contra a brutalidade das inclinações. A quem já não aconteceu ser tomado à noite por um medo descabido, absurdo, de continuar deitado na cama, com o coração batendo violentamente, as temporadas dilatadas pelo afluxo de sangue, e não conseguir, apesar da razão estar funcionando normalmente e a inteligência permanecer lúcida, livrar-se desse ridículo temor? A quem não teve essa experiência, aconselho que leia no campo, sob um forte vento de inverno, depois da meia-noite, a *Porta murada*, dos contos fantásticos de Hoffmann: verão com evidência como valem pouco sua razão, suas idéias claras, contra a emoção do medo. Sem falar de sentimentos tão fortes e quase instintivos, pode-se constatar claramente a diferença entre o poder realizador da idéia e a dos estados afetivos estudando-se os sentimentos *adquiridos*. Compare a crença “verborrágica”, esse psitacismo puramente intelectual da burguesia das cidades pequenas, com a crença sentida de um dominicano. Por *sentir* a verdade religiosa, este último pode fazer-lhe o sacrifício absoluto de si, privar-se de tudo o que o mundo aprecia, aceitar a pobreza, as macerações, o mais duro regime de vida. O burguês em que a crença é de ordem intelectual vai à missa, mas não tem nenhuma repugnância pelo egoísmo mais torpe. É rico e explora sem piedade um pobre criado, que alimenta mal e do qual exige um trabalho extenuante. Compare-se também as veleidades do socialismo de um folgazão, que não se priva nem de um prazer e nem mesmo de uma despesa de pura vaidade, com o socialismo *sentido* de um Tolstói que, rico de todos os bens, nobreza,

fortuna, gênio, vive a vida de um camponês russo. É também assim que a idéia de que a morte é inevitável é abstrata para a maioria das pessoas. E essa idéia, afinal de contas tão consoladora e tão repousante, tão própria para enfraquecer em nós os sentimentos ambiciosos, o orgulho e o egoísmo, e para secar a fonte dos nossos sofrimentos, não tem influência sobre a nossa conduta. Como não seria assim já que entre os próprios condenados essa idéia só é geralmente *sentida* em seus últimos momentos?

Esse pensamento estava sempre presente em seu espírito, mas de uma maneira vaga e geral, e não conseguia fixar nele seu espírito. Assim, enquanto tremia de terror e ficava rubro como o fogo ao pensar que logo iria morrer, punha-se involuntariamente a contar as barras da grade do tribunal, estranhava que uma delas estivesse quebrada e perguntava para si mesmo se a consertariam [...]. Foi somente à noite desse último e triste dia que o pensamento de sua situação desesperada e do espantoso desenlace que se aproximava surgiu em seu espírito em todo seu horror; tinha até então entrevisto de uma vaga maneira a possibilidade de morrer tão cedo.⁴

É inútil, aliás, acumular outros exemplos. Todos podem encontrar em sua experiência passada uma grande quantidade de fatos característicos que os convencerão fortemente de nossas conclusões. Não, a idéia por si mesma não tem força. Teria força se existisse sozinha na consciência. Mas como ela entra em conflito com os estados afetivos, é obrigada a buscar nos sentimentos a força que lhe falta para lutar.

§ II

Essa impotência da idéia torna-se ainda mais desoladora por termos absoluto poder sobre ela. O determinismo da associação dos estados de consciência, habilmente utilizado, dá-nos, no plano intelectual, uma liberdade quase absoluta. São as mesmas leis de associação que nos permitem romper uma cadeia de estados associados, introduzir nela elementos novos, e depois reconstruir

4. Charles Dickens, *Olivier Twist*, Hachette, Paris, 1883, cap. 52.

a cadeia. Enquanto eu buscava um exemplo concreto para “ilustrar” essa afirmação teórica, o acaso, fiel provedor daqueles que buscam uma idéia, forneceu-me um. Ouvi o apito de uma fábrica. Esse som e o estado que provocou em mim quebrou, sem que eu o quisesse, a seqüência de idéias que eu seguia, e introduziu bruscamente em minha consciência a imagem do mar, um perfil de montanhas da Córsega, e depois a admirável paisagem que se vê do cais de Bastia. É que o apito tinha exatamente o mesmo som que o apito do paquete que escutei freqüentemente durante três anos. Muito bem; aí está nossa libertação: é a lei do mais forte. Um estado presente é em geral muito mais forte que um estado pensado — e se o apito ouvido pôde quebrar uma seqüência de idéias em que eu *queria* pensar, basta que empreguemos conscientemente o mesmo procedimento.

Podemos, quando o quisermos, produzir em nós estados presentes — introduzir, para nos liberar de uma associação muito forte, estados presentes que rompam violentamente a cadeia. Há sobretudo um estado notavelmente dócil e cômodo: o movimento, e, dentre os movimentos, os que são constituídos pela linguagem. Podemos pronunciar palavras em voz alta, podemos ler. Podemos mesmo, como fazem os religiosos em suas tentações, fustigar e quebrar com violência as associações que desejamos romper. Podemos assim impor pela força a idéia cuja vitória queremos assegurar, de maneira que ela passe a ser o ponto de partida de uma nova direção do pensamento.

Aliás, somos aqui poderosamente auxiliados em nossa tarefa pela grande lei da memória. Toda lembrança, para ser gravada profundamente, precisa de uma repetição freqüente e prolongada. Precisa sobretudo de uma atenção viva e simpática, se posso expressar-me assim. Também os substratos cerebrais das cadeias de idéias que tenhamos expulsado da consciência e mantido no exílio aniquilam-se, dissolvem-se e acarretam em sua atrofia o desaparecimento das idéias que lhes correspondem. Podemos então ser senhores de nossos pensamentos: podemos arrancar as plantas nocivas, e mais ainda, chegar a destruir a porção do terreno que as alimentava.

Ao contrário, quando queremos conservar as associações presentes e permitir que se desenvolvam, devemos primeiro ter o cuidado de impedir que estados estranhos ao nosso assunto e

propícios a irromper na consciência se tornem presentes; buscaremos o silêncio, a calma, até fecharemos os olhos se a trama dos nossos pensamentos for muito frágil. Mais, buscaremos o auxílio de estados presentes que nos sejam úteis: a escrita sobretudo é um recurso maravilhoso nas longas meditações. Ela sustenta o pensamento e torna os olhos e as mãos cúmplices do movimento das idéias. Em mim, uma disposição natural fortemente cultivada pela profissão impede-me de ler sem *articular*, de maneira que o pensamento é sustentado por três cadeias de sensações presentes, e mesmo por quatro, pois é difícil articular sem *falar* as palavras.⁵

Em resumo, é porque temos pleno poder sobre nossos músculos, e especialmente sobre os dos órgãos dos sentidos e os utilizados na linguagem, que podemos libertar-nos da escravidão das associações de idéias. Evidentemente pode haver diferenças devidas à natureza de cada um de nós, e em psicologia, atualmente, comete-se o erro de querer generalizar um caso particular para depois descobrir a cada dia novos tipos que eram antes confundidos.⁶ O que afirmo é que, para mim, a única lembrança que tenho à disposição, e sempre o que primeiro evoco quando quero intervir em meu pensamento a fim de modificar-lhe o curso, é a pré-imaginação de um movimento. Só tenho poder sobre o meu pensamento porque tenho poder sobre os meus músculos.

Seja como for, do ponto de vista da auto-educação da vontade, a conclusão deste capítulo é bastante desencorajadora. Temos pleno poder sobre nossas idéias, mas, infelizmente, o poder de nossas idéias na luta contra a preguiça e a sensualidade é quase negligenciável; vejamos se somos mais felizes estudando os recursos que oferecem os estados afetivos para a obra do domínio sobre si mesmo.

5. Sabe-se que a lembrança de uma palavra é muito complexa e compõe-se de quatro elementos, a saber: 1º, uma imagem motriz (palavra pronunciada); 2º, uma imagem visual (palavra impressa ou manuscrita); 3º, uma imagem auditiva (palavra ouvida); 4º, uma imagem motora gráfica (palavra escrita). Como o pensamento é impossível sem linguagem, é claro que sob toda a trama do pensamento desenvolvem-se uma ou mais tramas formadas pelas imagens de que acabamos de falar. Quando escrevemos, as quatro tramas de imagens podem servir de apoio para o pensamento.

6. Cf. Théodule Ribot, *L'évolution des idées generales*, Félix Alcan, Paris, 1891.

Capítulo II

Estudo do papel dos estados afetivos na vontade

§ I

É difícil exagerar o poder que têm os estados afetivos sobre nossa vontade. Tudo podem, até fazer-nos afrontar sem hesitação a morte e o sofrimento. Constatar seu poder é constatar uma lei empírica universal. Mas essa lei empírica é possível transformar em uma lei científica, ou seja, derivá-la de uma lei mais alta e considerá-la como uma consequência deduzida de uma verdade evidente.

Se separamos pela análise os elementos que se encontram unidos no sentimento, descobriremos que este é semelhante a um adágio de Beethoven: Há um motivo fundamental sob todas as variações, que ora o encobrem, ora o enfatizam. Essa frase que sempre ressurgue sob mil formas é como que a alma, ao mesmo tempo diversa e una, que dá vida ao desenvolvimento musical. Essa frase que sustenta o adágio inteiro, com suas prodigiosas riquezas, corresponde, no sentimento, a uma inclinação elementar. Essa inclinação dá ao sentimento sua unidade. Sobre ela podem desenvolver-se as variações mais ricas das sensações, do prazer e da dor, e das recordações. Mas é ela que colore com um matiz particular todos os elementos secundários. Como as criaturas em Descartes só existem devido a uma *criação contínua* de Deus, também nossos prazeres, nossas dores, nossas sensações, nossas

recordações só têm realidade por uma espécie de criação contínua: é a energia viva da inclinação que resplandece neles. Se esta desaparecer, sobra apenas um amontoado de estados psicológicos frios, mortos, puras abstrações sem colorido e sem eficácia.

Esse fundo substancial de todo sentimento permite-nos compreender porque esses estados têm um tão grande poder em nós. Com efeito, o que são as inclinações senão nossa atividade, nosso querer viver que, fortemente disciplinado pela dor, foi obrigado a abandonar muitas direções em seu desenvolvimento, e que se estendeu por caminhos autorizados, sofrendo de certa forma a lei de, ou perecer, ou correr pelos canais que são as inclinações particulares organizadas?

Essa atividade regulada pela dor e que a partir de então vai se traduzir por séries de movimentos musculares interligados e constituindo uma ação ou um certo grupo de ações claramente diferenciado dos outros, é a forma inicial de toda inclinação.

A atividade, sem a disciplina da dor, acabaria dispersando-se em várias direções e perderia sua força; a experiência exige que ela seja canalizada em nossas inclinações, e essas inclinações, como vemos, resultam de certa forma de nossa energia central, primitiva, que por jorros ardentes vem à luz através da crosta superficial das idéias adquiridas, dos sentimentos secundários de origem externa. É nossa força viva derramando-se nos músculos que lhe correspondem, traduzindo-se em atos habituais, e isso explica a potência motora das inclinações. Elas consistem em um grupo de movimentos, ou antes em uma massa de movimentos elementares. Por exemplo, o material muscular posto em jogo pela cólera, pelo amor, etc., é sempre em seu conjunto o mesmo, em todos os casos. E é mais sensivelmente o mesmo na espécie inteira. Tem sido o que é agora nas inumeráveis gerações que nos transmitiram a existência. Sobre esse fundo um pouco frustrado, cada um inscreve suas inovações pessoais, mas o conjunto é tão coerente que os próprios bebês compreendem sua significação. Essa ligação entre uma certa inclinação e uma série de expressões musculares é transmitida hereditariamente. É um laço de inumeráveis séculos. Compreende-se que as tramas tecidas conscientemente pelo sujeito entre tal idéia ou tal movimento muscular não tenham

muita força em comparação com esses outros laços que se tornaram automáticos; sua única chance de não ser esmagado nessa luta desigual será, podemos já prever, procurar alianças e fazer causa comum com as inclinações hereditárias: dessa maneira pode-se entrar em uma luta em que a trama frágil que liga a idéia ao movimento não suporte o choque.

A força do sentimento manifesta-se por uma grande riqueza de afetos. Um sentimento vivo pode perturbar estados psicológicos que são aparentemente os mais independentes dele, como a percepção de objetos sensíveis. É verdade que toda percepção, mesmo elementar, é uma interpretação de certos signos. Eu não vejo esta laranja, apenas julgo, por certos signos, que deve ser uma laranja. Mas essa interpretação torna-se, com o hábito, instantânea, automática, quer dizer, bem difícil de alterar. Muito bem, o sentimento recusa a cada instante a interpretação verdadeira, e sugere uma interpretação alucinatória que toma o seu lugar na consciência. Sem falar do medo que à noite provocam as interpretações perfeitamente absurdas dos ruídos mais naturais, todo mundo sabe que a raiva nos cega quanto aos fatos mais evidentes. Para se convencer dessa curiosa falsificação basta que se pense nos erros das mães quanto à beleza de seus filhos, ou releia-se a bela tirada de Molière zombando das ilusões provocadas pelo amor:

A pálida é em brancura ao jasmim comparável;
A preta de meter medo, uma morena adorável.¹

Mas não é somente a percepção que o sentimento pode falsear. Os sentimentos mais fortes também não respeitam os sentimentos mais fracos. Por exemplo, e mais adiante sublinharemos a importância disto, a vaidade, sentimento tão vivo em muitos, pode expulsar da consciência os sentimentos realmente experimentados. Os sentimentos que é conveniente, elegante experimentar, são fortemente sugeridos pelo amor-próprio. E esses estranhos penetram na consciência e recobrem os sentimentos reais, assim como

1. "La pâle est au jasmin en blancheur comparable; / La noire à faire peur, une brune adorable". *O misantropo*, II, 5.

um espectro que surge diante de uma parede oculta ao alucinado os desenhos da tapeçaria, como aconteceria se alguém estivesse realmente presente. É por causa de uma auto-sugestão dessa natureza que o estudante sacrifica as profundas alegrias de sua idade e de seu estado a pretensos prazeres que, desembaraçados do rebo- talho dos sentimentos sugeridos pela vaidade e por seus colegas, são miseráveis. É também assim que os mundanos superficiais, por gosto e por incapacidade, jamais buscam no fundo de si os sentimentos reais que experimentam em sua vida a um só tempo atarefada, tola e estéril. Adquirem o hábito de fingir para si mes- mos que experimentam realmente os sentimentos convencionais que em seu mundo de aparências fica bem ostentar, e esse hábito acaba por aniquilar neles a possibilidade de uma verdadeira emo- ção. Essa sujeição ao “quê dirão?” faz deles seres amáveis, polidos, sem nenhuma originalidade, gentis marionetes mecânicas cujas cordas estão nas mãos de outros. Mesmo nos momentos mais ter- ríveis, o que eles sentem é totalmente convencional.

É claro que, se podem falsificar nossas percepções e sentimen- tos, coisas densas e sólidas, os estados afetivos perturbam com muita facilidade esses frágeis estados psicológicos que são as lem- branças. E como todo juízo, toda crença, repousam sobre inves- tigações mais ou menos completas, seguidas de uma avaliação precisa dos elementos da investigação, é claro que o sentimento poderá ter aqui conseqüências prodigiosas. “O principal uso que fazemos de nosso amor à verdade é persuadir-nos de que tudo que amamos é verdadeiro”.² Quase todos nós fingimos que toma- mos uma decisão, que escolhemos entre vários caminhos a seguir! Infelizmente quase sempre nossa decisão é tomada em nós, e não por nós; não há nela nenhuma participação de nosso querer cons- ciente: as inclinações, certas de sua vitória definitiva, consentem de certa forma em deixar a inteligência deliberar; querem assim dar-lhe a estéril satisfação de acreditar que reina, quando na rea- lidade é uma rainha constitucional que se pavoneia, que perora, mas que não governa nada.

2. Pierre Nicole, *De la connaissance de soi-même*, I, 6. In *Du danger des entre- tiens*, in *Essais de Morale contenus en divers traités sur plusieurs devoirs importants*, Guillaume Desprez et Jean Desessartz, Paris, 1715, v. III.

Com efeito, a inteligência, que tão docilmente submete-se às violências dos estados afetivos, não encontra muita satisfação em relação à vontade. Esta não gosta de executar as ordens secas que recebe daquela: potência sentimental, ela precisa de ordens emotivas, coloridas de paixão. A patologia já nos mostrou um notário absolutamente incapaz de querer saltando imediatamente para fora de uma carruagem para socorrer uma mulher atropelada.³ Isto quanto a uma volição particular.

Com mais razão ainda uma vontade durável e potente deve ser sustentada por sentimentos que também devem ser potentes e, se não constantes, ao menos freqüentemente provocados.

Uma sensibilidade intensa é o instrumento e a condição que permite exercer sobre si mesmo um poderoso domínio, mas ela precisa ser cultivada para isso. Quando recebeu essa preparação, não forma apenas o herói do primeiro movimento, mas o herói da vontade que é dona de si mesma. A história e a experiência provam que são os caracteres mais apaixonados que mostram a maior constância e o maior rigor em seu sentimento de dever, quando sua paixão foi dirigida nesse sentido.⁴

Quem se observar com cuidado verá que, à parte os atos que se tornaram automáticos por hábito, toda volição é precedida de uma onda emotiva, de uma percepção *afetiva* do ato a realizar. Às vezes, como já vimos, a idéia do trabalho que se deve empreender é impotente para arrancar-nos da cama, ao passo que o sentimento de vergonha por ser surpreendido na cama, quando tínhamos prometido na véspera que levantaríamos de madrugada, basta para que rapidamente nos vistamos. Às vezes é o sentimento de injustiça que nos leva a fazer um protesto que nos é custoso, etc., etc.

Aliás, a educação tão pouco racional que se dá hoje às crianças está em parte baseada sobre uma vaga percepção da verdade. Todo o sistema de concessões, de recompensas, de punições, repousa sobre a crença confusa de que somente as emoções podem pôr as

3. *Loc. cit.*, p. 48, nota 5.

4. John Stuart Mill, *L'Assujettissement des femmes*, Guillaumin, Paris, 1876, pp. 150 e ss. — Ribot, *loc. cit.*, pp. 117–118 e 169.

vontades em movimento. Assim, as crianças cuja sensibilidade é de um nível muito baixo são ineducáveis no que tange à vontade, e portanto em todos os outros aspectos. “Devemos confessar que, de todas as dificuldades da educação, nenhuma é comparável à de educar crianças que não têm sensibilidade [...] todos seus pensamentos são distrações [...] *escutam tudo e nada sentem*”.⁵

Se consideramos as sociedades e suas volições coletivas como uma ampliação do que se passa nos indivíduos, veremos de forma bem manifesta que as idéias só movem o mundo indiretamente e apoiando-se sobre os sentimentos. “O advento de uma idéia”, observa Michelet, “não é tanto a primeira aparição de sua fórmula quanto sua definitiva incubação, quando, recebida no poderoso calor do amor, eclode, fecundada pela força do coração”.⁶ Spencer sustenta, com razão, que são os sentimentos “que movem o mundo”.⁷ Objeta-lhe Stuart Mill que “não são as emoções e as paixões humanas que descobriram o movimento da terra”.⁸ Certamente que não. Mas essa descoberta conquistou a seu favor poderosos sentimentos, sem os quais não teria tido nenhuma influência sobre a conduta humana. Foi na alma de um Pascal, de um Spinoza, que a idéia germinou. Sobretudo deste último, em cuja alma o sentimento da insignificância de nosso globo no universo, e por conseguinte o sentimento de nosso nada penetrou tão profundamente que ninguém pode ter um comércio íntimo com suas obras sem experimentar um pouco da grande calma das coisas eternas. Foi somente nos filósofos meditativos que essa descoberta produziu efeitos práticos, porque somente neles provocou a eclosão de profundas emoções. A vontade de uma nação, de um grupo político, é uma resultante de estados afetivos (interesses, temores comuns, simpatias comuns, etc.) e as idéias puras têm pouca eficácia para conduzir os povos.

5. François de Fénelon, *Éducation des filles*, Librairie des Bibliophiles, Paris, 1885, cap. 4.

6. Jules Michelet, *Les Femmes de la Révolution*, Adolphe Delahays, Paris, 1854, p. 321.

7. Herbert Spencer, *Pourquoi je me sépare de Auguste Comte*.

8. Stuart Mill, *Auguste Comte et le Positivisme*, trad. de Clemenceau, Félix Alcan, Paris, 1893, pp. 100 e ss.

Basta-nos aliás chamar a atenção de nossos leitores sobre esse ponto. Eles encontrarão na história numerosas provas da fraqueza da idéia sobre a conduta e a força das emoções.

Saberão distinguir, por exemplo, a parte das idéias sem mescla de emoção, e a parte de sofrimentos, de cóleras, de temores e de esperanças no sentimento patriótico que anima a todos nós. Quanto às provas individuais, o olhar mais distraído lançado sobre a “comédia humana” fornecerá dezenas delas. Além dos exemplos que citamos no primeiro capítulo deste livro, observarão devotas que teriam escrúpulos de faltar a um ofício e que não hesitarão em desferir belos golpes na reputação de suas “amigas”; verão políticos fazerem alarde de sua filantropia e que recuam com horror diante da idéia de visitar barracos repugnantes, de entrar em contato com o pobre muitas vezes sujo, sempre grosseiro! Assistirão em certos momentos, estupefatos, aos abalos provocados em sua própria consciência pela sensualidade, e ficarão surpresos com as idéias ignóbeis que uma secreção acumulada em um ponto do corpo é capaz de produzir num pensamento que habitualmente é muito senhor de si. Compararão essa impotência com a idéia de sacrifício absoluto, não somente da existência, mas até de todo amor-próprio que um profundo sentimento religioso pode produzir numa alma. Compreenderão a verdade do provérbio da *Imitação*: *qui amat non laborat* — para quem ama, com efeito, tudo é fácil, agradável de realizar. Verão com que facilidade o sentimento materno pode sufocar as idéias de honra, de patriotismo: que ele viva, que seja um infame, mas que viva! Mas verão também, num fenômeno inverso, o patriotismo de Cornélia provar que, aos sentimentos mais potentes, pode-se entretanto opor sentimentos de criação secundária, artificial, e vitoriosamente, exemplo que nos é caro porque prova a possibilidade de desenraizar os mais sólidos sentimentos instintivos. Depois de um tal inquérito, mesmo sumário, ninguém poderá recusar-se a constatar a onipotência dos sentimentos afetivos sobre a vontade.

§ II

Infelizmente, se o lado afetivo de nossa natureza tem em nossa vida psicológica uma preponderância tão manifesta, nosso poder sobre ele é bastante fraco. E o que é mais grave, se examinarmos os fatos veremos que essa fraqueza não só é *real*, mas que se pode ainda provar que não poderia ser de outra maneira. Essa impotência é, com efeito, uma consequência da natureza mesma do sentimento. Demonstramos em outro lugar⁹ que toda ação sobre o mundo exterior tem necessariamente nossos músculos por instrumento: sem músculos, não há ação exterior. Ora, todo impulso vindo de fora, por qualquer via que seja, tem o efeito de provocar uma resposta do ser que a recebe, resposta muscular, bem entendido. Mas as impressões externas são extremamente variadas: extremamente variadas serão portanto os ajustamentos musculares. Mas, qualquer forma que tome o ato muscular, ele precisa gastar certa força. Essa força, a natureza engenhosamente provê: basta que uma impressão atinja os sentidos, *subitamente* o coração começa a bater mais rápido, a respiração acelera-se, o conjunto das funções de nutrição recebe uma chicotada. Esse abalo fisiológico imediato é o que constitui propriamente a emoção. A emoção é tanto mais forte quanto mais forte for esse abalo, e se falta esse abalo, falta a emoção. Ora, esse abalo é automático, mais ainda, ele escapa quase completamente à intervenção da nossa vontade, e isto é um grande inconveniente para nosso domínio de nós mesmos.

Não podemos nem parar, nem mesmo moderar diretamente os batimentos de nosso coração; não podemos abreviar um acesso de terror para impedir a quase total paralisia dos intestinos. Não podemos, nos acessos de sensualidade, impedir a elaboração de fluido seminal e sua acumulação. Ninguém mais do que nós está convencido da idéia de que os homens que têm domínio sobre si mesmos são raros, de que a liberdade é uma recompensa de esforços prolongados que poucas pessoas têm a coragem de tentar. Resulta disto que quase todos os homens são escravos da lei do

9. "Sensation, plaisir et douleur", *Revue philosophique*, maio de 1890.

determinismo, que são conduzidos por sua vaidade, suas inclinações irascíveis, e de que, portanto, eles são em sua grande maioria, como disse Nicole, “marionetes” dignos de compaixão. Diante de qualquer vilania que nos fazem, a única atitude que convém a um filósofo é a calma e a serenidade superior. Que Alceste, que crê no livre arbítrio, irrite-se, aliás sem resultado, é justo — mas a nós cabe a tranqüilidade sorridente de Filinto:

Eu enxergo os defeitos de que fala há anos
 Como vícios inatos aos que são humanos;
 Porém, meu espírito não é mais ofendido
 Por ver um tolo vil, safado e protegido
 Que por ver urubu com um cadáver comido,
 Macaco quebra-louças, ou lobo enraivecido.¹⁰

Eis teoricamente qual deve ser a atitude do pensador. Se ele se vinga, deve fazê-lo com a maior calma. E, propriamente falando, o sábio jamais se vinga. Busca somente prevenir-se quanto ao futuro, castigando aqueles que atentam contra o seu repouso, de tal maneira que dali em diante ninguém ignore que é melhor deixá-lo tranqüilo. Em vez dessa grande calma desdenhosa, que vemos? Uma ferida no amor-próprio, uma indelicadeza que nos é feita, provocam imediatamente, apesar de nós mesmos, uma reação fisiológica. O coração começa a bater irregularmente, convulsivamente; fica como que em pânico. Um grande número de suas contrações tornam-se imperfeitas, espasmódicas, dolorosas. O sangue é enviado ao cérebro em violentos impulsos, congestionando esse órgão tão delicado, e provocando uma torrente de pensamentos violentos, de idéias de vingança, idéias absurdas, exageradas, impraticáveis. Nossa filosofia assiste impotente a essa violência animal, que ela censura e desaprova.

10. “Quoi qu’à chaque pas je puisse voir paraître, / En courroux, comme vous, on ne me voit point être... / E mon esprit enfin n’est pas plus offensé / De voir un homme fourbe, injuste, intéressé, / Que de voir des vautours affamés de carnage, / Des singes malfaisants et des loups pleins de rage...” — Molière, *O misantropo*, trad. de Bárbara Heliodora, Zahar, Rio de Janeiro, 2014, ato I, cena I, versos 173-178 — NT.

Por que essa impotência? É que a emoção tem por antecedentes incondicionais uma reação visceral sobre a qual nossa vontade não tem poder algum. E não podendo evitar essa perturbação orgânica, não podemos impedir que sua representação, sua tradução em termos psicológicos, invada a consciência.

É necessário multiplicar os exemplos? Não temos na sensualidade uma prova “crucial” da causa orgânica da perturbação psíquica? E não ocorre que a loucura transitória, o automatismo de nossas idéias cessa quando a causa presumida é expulsa? É necessário retomar o exemplo do medo, analisado mais acima? Não é de uma clareza meridiana que *devemos* ser impotentes contra os sentimentos porque suas causas essenciais, as causas de ordem fisiológica que os produzem, escapam ao nosso domínio? Que me seja permitida uma análise pessoal que comprovará esse conflito desigual entre o pensamento e as vísceras: Há certo tempo vieram me anunciar que minha filha, que tinha saído de manhã, não tinha chegado à casa das amigas onde deveria estar. Meu coração pôs-se imediatamente a bater muito rápido. Pus-me a pensar e logo encontrei uma explicação plausível dessa ausência. Entretanto, a angústia extrema que havia em torno, e a idéia que não lembro quem sugeriu de que a menina poderia ter caído numa corrente muito rápida e volumosa que passa perto de minha casa, acabaram perturbando-me. Logo, embora eu sentisse que essa infeliz hipótese era de uma ridícula improbabilidade, o abalo psicológico de que falávamos mais acima tornou-se extremo: o coração batia a ponto de explodir, sentia no couro cabeludo uma dor viva, como se os cabelos se eriçassem, minhas mãos tremiam, e as mais loucas idéias passavam pela minha cabeça, apesar de todos os meus esforços para me livrar desses assaltos que considerava insanos. Quando a criança já tinha sido encontrada, depois de meia-hora de buscas, meu coração continuava a bater fortemente. E, coisa curiosa, como se essa emoção que eu desaprovava, frustrada em seu fim, quisesse ainda ser *utilizada*, levou-me, uma vez que o material da cólera e a inquietude violenta são sensivelmente semelhantes, a fazer uma cena com a pobre criada, que não tinha nada a ver com o que acontecera. Entretanto logo me detive, perante a expressão de dor da pobre menina, e decidi deixar a tempestade acalmar-se por si mesma, o que exigiu um certo tempo.

Todos podem fazer por sua própria conta observações análogas, e chegarão à desoladora conclusão de que nada podemos fazer diretamente com os nossos sentimentos.

§ III

Eis-nos, portanto, num beco sem saída. A conquista do domínio de si mesmo é manifestamente impossível. O título deste livro é enganador. A educação de si é uma quimera. Pois, por um lado, não tenho poder sobre o meu pensamento. O emprego inteligente do determinismo me liberta, e permite-me utilizar as leis da associação de idéias. Mas a idéia é impotente. Não passa de uma força derisória contra as potências brutais com que devemos travar a batalha.

Por outro lado, se os sentimentos são onipotentes em nós; se regem como querem nossas percepções, recordações, juízos, raciocínios; se mesmo os sentimentos fortes aniquilam e expulsam os mais fracos; se, em suma, eles exercem um despotismo quase sem limite, então eles são déspotas intransigentes e não aceitam as ordens da razão nem o controle da nossa vontade.

Somos ricos em meios de ação somente onde esses meios são inutilizáveis. A constituição que rege nossa vida psicológica assegura a onipotência a uma plebéia indisciplinada e ingovernável; as potências sensatas só têm o nome de potências; têm voz consultiva, mas não deliberativa.

Só nos resta então, num golpe de desespero, lançar ao chão a espada e o escudo, deixar o campo de batalha, aceitar resignados nossa derrota e refugiar-nos num fatalismo que ao menos nos fornecerá consolações para todas as nossas vilezas, preguiças, covardias.

§ IV

Felizmente a situação não é tão desesperadora quanto se poderia pensar. A força que a inteligência não possui, um fator essencial que até aqui omitimos, pode nos auxiliar. O que ela não pode atualmente, a grande potência libertadora, *o tempo*, vai permitir-lhe

poder, a longo prazo. À liberdade imediata que é incapaz daremos um crescente poder através de uma estratégia, utilizando meios mediatos, indiretos.

§ V

Mas antes de expor o método que temos para libertar-nos, é bom não negligenciar nenhum dos nossos recursos, e examinar se, não podendo nada, ou quase nada, sobre o *essencial* de nossos estados afetivos, não poderíamos ter algum poder tentando influir sobre o material *secundário* da emoção.

Sobre o material fisiológico essencial que compreende a maioria dos órgãos involuntários, o coração principalmente, não temos nenhum domínio direto através de meios psicológicos. Os únicos meios de ação são exteriores e pertencem à terapêutica. Uma violenta cólera pode ser rapidamente dominada pela absorção de um pouco de digitalina, que regulariza as batidas do coração.

Pode-se pôr um termo às mais violentas efervescências sexuais pela absorção de certos medicamentos. Pode-se vencer a preguiça, o torpor físico e intelectual pela ingestão de café. Mas ele acelera os movimentos do coração, torna-os um pouco espasmódicos e predispõem muitos à cólera. Em um grande número de pessoas nervosas, o café ocasiona dispnéia, uma sensação de constrição e tremor nos membros; predispõe-nas também a angústias, a inquietudes sem motivo, e mesmo a terrores irracionais.

Mas nossos meios de ação não são muitos, e, tudo somado, nosso poder direto sobre o essencial dos sentimentos não merece que nos detenhamos sobre ele.

Não ocorre o mesmo para tudo o que, no material do sentimento, é muscular. A tradução exterior do sentimento nos pertence, pois está em nosso domínio executar ou não executar os movimentos como bem quisermos. Há entre o sentimento e sua tradução exterior uma associação constante. Ora, é uma lei geral da psicologia que, quando dois elementos quaisquer estiverem frequentemente associados, um tem a tendência a despertar o outro.

É em consequência dessa lei que os mais profundos psicólogos práticos que se ocuparam da educação do sentimento, tanto Inácio de Loyola quanto Pascal, recomendam atos externos de fé como

eminentemente apropriados a colocar a alma no estado afetivo correspondente. Sabe-se que, num estado de sono hipnótico, a atitude correspondente a uma emoção é soberana para sugerir essa emoção. “Seja qual for a paixão que se quer exprimir pela atitude do paciente, quando os músculos necessários a essa paixão entram em atividade, a própria paixão subitamente manifesta-se e a organização toda responde a ela”.¹¹ Dugald-Stewart conta que Burke assegurava que freqüentemente a cólera acendia-se nele à medida que contrafazia os sinais exteriores dessa paixão. Não acontece que os cães, as crianças, e mesmo adultos que brincam de lutar, acabam geralmente zangando-se de verdade? Não são o riso e as lágrimas contagiosos? E o povo já não observou que, quanto mais gente alegre, mais nós rimos? Uma pessoa triste e morosa não é um estraga-prazeres, uma calamidade para a família? O cerimonial chinês, tão apropriado para dar uma elevada idéia da autoridade, não foi deliberadamente estabelecido por Confúcio, que, como Loyola, pensava que os gestos tendem a sugerir os sentimentos correspondentes? As pompas católicas, com seu cerimonial de uma psicologia profunda, não são singularmente adequadas para produzir nas almas, mesmo pouco devotas, uma forte impressão? Desafio um homem de fé a impedir que surja em sua alma um sentimento de respeito no momento em que, sucedendo-se aos cantos, estabelece-se um grande silêncio acompanhado da prostração unânime dos fiéis. Na mesma ordem de idéias, a visita de um amigo transbordando alegria não nos reergue do meio das mais pesadas inquietudes? Creio que é inútil acumular mais exemplos; eles são facilmente encontráveis.

Infelizmente, o que se provoca são sentimentos *já existentes*. Eles são despertados, reavivados, mas não criados. Os sentimentos assim renovados permanecem muito fracos; o procedimento que atua de fora sobre o interior não pode, portanto, ser considerado um auxílio precioso. Serve antes para *manter* o sentimento à plena luz da consciência. Ele corresponde ao que já vimos que são os movimentos, e sobretudo a escrita, para o pensamento, ou seja, um recurso precioso para impedir que as distrações façam a atenção

11. Cf. James Braid, *Neurypnology*, John Churchill, London, 1843.

vacilar, e para manter em primeiro plano a cadeia de estados de consciência sempre prestes a se romper e deixar introduzir-se em seu lugar novos estados. Mas tentar dessa maneira sugerir numa alma um sentimento que não está nela em germe é ignorar que o elemento essencial de todo sentimento escapa da nossa alçada.

Também quando uma emoção surge em nós podemos impedir que ela se traduza exteriormente. A cólera *tem necessidade* de exprimir-se pelos punhos fechados, pelos maxilares cerrados, pela contração dos músculos do rosto, por uma respiração ofegante: *quos ego!*, posso ordenar a meus músculos que relaxem, a minha boca que sorria, posso moderar os espasmos respiratórios. Mas se não tentei impedir as primeiras manifestações, ainda fracas, da emoção nascente, se a deixo crescer, meus esforços provavelmente serão inúteis, sobretudo se não vier da própria vontade o auxílio de outros sentimentos, tais como o sentimento da dignidade pessoal, o medo de uma explosão, etc. Poderíamos fazer a mesma constatação para a emoção sensual. Se o espírito for cúmplice do desejo, se a resistência interior é fraca, a resistência dos músculos, agentes do desejo, dura pouco. E, regra geral, não serve de nada bloquear a ação do inimigo, levantando contra ele barreiras materiais, se as tropas de ataque sentem que seus comandantes abatem-se, se estão prestes a se render. Essa recusa dos músculos a obedecer à paixão deve ser energeticamente sustentada por todas as potências interiores unidas. O fato é que *de fora* temos muito pouco poder sobre o interior. Nossa influência *direta* para provocar na alma um sentimento, ou para imobilizar, reduzir à impotência, e sobretudo para extinguir um sentimento, é portanto muito pouca. Esses meios externos que fornecemos são simplesmente um *apoio*: apoio precioso, sem dúvida, mas que não pode deter uma ação interna já vigorosa.

§ VI

Se, portanto, restringirmo-nos ao presente, se vivermos cada dia como se fosse o único, sem previsão, toda luta será inútil. Assistiremos impotentes ao conflito das idéias, dos sentimentos, das paixões em nós. A luta seria interessante, mas a inteligência

seria uma espectadora desencorajada de antemão. Poderia no máximo, como quem aposta nas corridas, entreter-se em prever qual será o resultado da luta; acabaria até adquirindo uma espécie de infalibilidade nesse prognóstico — aliás, na maioria das pessoas, ela tem esse papel, pois quase todas são vítimas de sua presciência. Porque prevêem o que acontecerá, e porque acontece precisamente o que seu desejo *quer* que aconteça, acreditam que são livres. A inteligência, envergonhada de sua impotência, gosta de alimentar a doce ilusão de que é soberana. Mas em realidade as inclinações fazem todas as negociações sem ela; e ela não tem mais influência no resultado do conflito do que o meteorologista que sabe que amanhã choverá tem sobre o grau de saturação da atmosfera.

Mas o que é a regra, e uma regra merecida, para todos os que não fizeram nenhum esforço para conquistar sua liberdade, não é uma regra necessária. Cada um de nós pode estabelecer sua própria lei. A liberdade que nos é recusada no presente, o tempo nos permitirá conquistar. O tempo é nosso grande libertador. É o poder soberano que liberta a inteligência, que lhe dá a possibilidade de subtrair-se à vassalagem das paixões e da animalidade. Pois os estados afetivos de todas as ordens são forças brutais e cegas, e é a sina das pessoas que não vêem, mesmo que sejam hercúleas, serem conduzidas pelas pessoas que vêem com clareza. A inteligência, tornando-se hábil, irá, por sua aliança com a duração, ou seja, por uma tática paciente, tranqüila mas tenaz, tomar lenta e seguramente o poder, e mesmo a ditadura — uma ditadura enfraquecida somente pela preguiça do soberano e pelas revoltas temporárias dos súditos.

É a natureza e os efeitos dessa libertação através do tempo que devemos estudar agora. Estudaremos em seguida os meios práticos de libertar-nos.

Capítulo III

Possibilidade da soberania da inteligência

§ I

O que é de soberana importância na obra da conquista de si é a ligação, em sólidos hábitos, das idéias e das condutas; ligação tal que, surgindo a idéia no espírito, segue-se o ato com a precisão e o vigor de um reflexo. Ora, já adquirimos a desoladora certeza de que somente o sentimento pode produzir os atos quase que automaticamente. Essa ligação entre uma idéia, a idéia de trabalhar, por exemplo, e sua tradução em atos, não pode operar-se a frio.

É necessário que a soldadura, para ser sólida e difícil de romper, seja feita no calor dos estados afetivos.

Ela pode adquirir assim uma extrema durabilidade. O que é aliás a educação senão o uso de poderosos sentimentos para criar hábitos de pensar, de agir, ou seja, para organizar no espírito da criança sistemas coordenados de idéias com idéias, de idéias com sentimentos, de idéias com atos? É primeiro levada pelo medo, pelo amor-próprio, pelo desejo de agradar seus pais, que a criança domina pouco a pouco sua atenção, que reprime sua tendência a fazer barulho, seus gestos exuberantes, que apropria-se de si mesmo, que trabalha. Em outros termos, os poderosos sentimentos naturais, aplicados habilmente, são utilizados para romper o laço entre certas inclinações e sua expressão natural, e para criar entre certas idéias e certos atos, até então desconectados, sólidas soldaduras.

As emoções religiosas, nas épocas ou nos meios de fé profunda, formam uma massa de extrema energia porque são compostas de sentimentos elementares que são muito potentes em si mesmos, e que são ainda agrupados em um feixe coerente. O medo da opinião pública, o respeito pela autoridade das pessoas revestidas de um caráter sagrado, as recordações acumuladas da educação, o medo dos castigos eternos, a esperança do Céu, o terror de um Deus justiceiro presente em todos os lugares, tudo vendo, tudo escutando e discernindo até mesmo os pensamentos mais secretos, tudo isso está como que fundido em um estado afetivo extremamente complexo, mas que parece simples à consciência. Na chama ardente desse sentimento vigoroso, operam-se soldaduras definitivas entre idéias e atos. É assim que, nas naturezas religiosas superiores, uma injúria não pode provocar a cólera, pois nelas a resignação é imediata e sincera; a própria castidade não provoca mais combates, pois as excitações sensuais que abrasam os cérebros dos seres moralmente inferiores estão aniquiladas, mortas, depuradas. Belo exemplo de triunfo obtido sobre inclinações muito potentes pelo simples antagonismo de sentimentos superiores.

Renan dizia: “Sinto que minha vida é sempre governada por uma fé que não tenho mais. A fé tem esta particularidade: continua agindo depois de desaparecer”. Isto não é de maneira alguma específico da fé. Toda emoção sincera que por muito tempo relaciona os atos com certas idéias pode desaparecer, mas deixa atrás de si esse laço, assim como, desaparecido o termo médio de um silogismo, a conclusão permanece.

Mas essas ligações que o sentimento ata com tanta facilidade a idéia também pode estabelecer, desde que conquiste a cumplicidade de estados afetivos. Isso é muito freqüente: na educação que recebemos na família e na escola, nossos pais e mestres podem operar as soldaduras que quiserem, como já vimos. A religião também.

Mas no *trabalho da nossa educação feito por nós mesmos* não é mais assim. A tarefa é bem mais complicada; demanda um conhecimento aprofundado da nossa natureza psicológica, de seus recursos para esse objetivo. Quando os jovens saem da escola, guiados até então por seus pais ou por seus mestres, obrigados pelo regulamento da escola a um trabalho regular, perfeitamente

definido, eles se deparam com o seu amanhã sem uma preparação especial, lançados solitários numa grande cidade, sem vigilância, freqüentemente sem conselhos, e sobretudo sem uma tarefa claramente definida. Preparar um exame não é a mesma coisa que determinar dia a dia o emprego do seu tempo. Agora não há mais sanções: a única (e como ela é longínqua, como é pouco eficaz!), é a temível reprovação no final do ano.

Mas a maioria dos estudantes, que acabam sendo aprovados quase sem trabalho, eliminam qualquer preocupação séria dizendo: “No último mês recupero o tempo perdido!”.

Será preciso, em meio a condições tão ingratas, assegurar o domínio da idéia e encontrar apoio nos sentimentos já existentes no estudante. É uma questão de tática, e primeiro devemos passar em revista nossos recursos, sem omitir nenhum, e examinar atentamente a questão de saber como operar as ligações necessárias entre certas idéias e certa conduta.

§ II

Examinaremos primeiro *as relações da idéia com as potências afetivas favoráveis* à conquista do domínio de si.

Os pouquíssimos filósofos que se ocuparam das relações da inteligência com o sentimento tendem a distinguir duas espécies de conhecimento: o conhecimento propriamente intelectual e o conhecimento *do coração*.¹ É uma forma incorreta de expor uma verdade fundamental. Todo conhecimento é intelectual. Mas quando o conhecimento é acompanhado de uma emoção, há uma fusão íntima dos elementos intelectual e sensível, e o sentimento, que é de certa forma mais volumoso e mais intenso que a idéia, fica sob a luz da consciência, rejeitando na penumbra a idéia a ele associada. Já vimos exemplos de idéias que são frias até subitamente despertarem emoções violentas, se bem que, a partir de então, a idéia não poderá mais surgir na consciência sem imediatamente trazer consigo a lembrança da emoção; lembrança que, em suma, não é

1. Cf. notadamente Edmund Clay, *L'Alternative*, trad. de A. Burdeau, Félix Alcan, Paris, 1898, p. 220.

outra coisa senão a emoção no seu estado nascente. É assim que atualmente, depois de uma experiência muito intensa,² não posso imaginar-me escorregando num reclive sem logo experimentar um sentimento de vertigem. Portanto, entre uma idéia e um estado afetivo até então desconhecido para mim, estabeleceu-se de um só golpe uma ligação que infelizmente tornou-se automática. Poderíamos cimentar ligações como essas artificialmente? Se a resposta fosse negativa, não poderia haver nenhuma educação da vontade. Mas acabamos de ver que toda educação repousa sobre essa possibilidade. Entretanto, o que nossos pais e mestres conseguiram fazer, um estudante livre, que só depende de si mesmo, poderá também empreender por conta própria? Se não, a educação de si mesmo seria um trabalho impossível.

Que essas associações são muito difíceis, é certo. Que exigem tempo e perseverança, também é certo. Mas que elas são possíveis, consideramos ser mais certo ainda. Ora, essa possibilidade é nossa libertação. Afirmá-la é afirmar que somos livres. Muito bem, não hesitamos em fazer essa afirmação. Sim, nós somos livres. Cada um de nós pode, se quiser, associar, por exemplo, a idéia de um trabalho aborrecido com sentimentos que acabarão por torná-lo agradável. Dizemos “sentimentos” no plural, porque, no trabalhador intelectual, essa associação em geral se opera com um grande número de estados afetivos. Além disso, ela raramente é resultado de uma experiência única, como no exemplo citado acima. Procedemos como um desenhista, com sucessivos traços de lápis: cada associação realizada deixa na consciência, graças à lei do hábito que começa a agir desde a primeira experiência, uma espécie de esboço sumário; as que realizamos nos momentos de muita energia fazem de certa forma os traços decisivos que definem a obra esboçada, que será depois pacientemente completada com vários retoques.

Essa lenta elaboração é necessária, pois o trabalho solitário do pensamento é tão contrário à natureza humana, a atenção sustentada e perseverante é tão penosa para um jovem que, para lutar contra a repulsa inspirada por esse estado de imobilidade e

2. Ver pp. 51-52.

sobretudo de concentração da atenção sobre uma idéia, não é inútil reunir em um feixe sólido e coerente todas as potências afetivas próprias a sustentar a vontade em sua resistência às potências fatais da inércia e da preguiça humana.

É assim que, se examinamos o que sustém a energia nessa longa e fastidiosa série de esforços que necessita a composição de um livro de longo fôlego, e ao qual nos damos de todo coração, encontramos uma poderosa coalisão de sentimentos orientados a um mesmo fim: primeiro e imediatamente o sentimento de energia que o trabalho nos dá num alto grau de vivacidade; a meditação recompensada pelos resultados, pelas alegrias da descoberta; o sentimento de superioridade que dá a busca de uma elevada finalidade; o sentimento de vigor, de bem-estar físico que dá a atividade encaminhada e totalmente utilizada de uma forma proveitosa. Acrescentemos a esses motivos já bastante fortes a consciência da estima daqueles que, sem nada fazer, seguem-nos, uns com grande simpatia, outros não sem uma ponta de inveja; e as alegrias do horizonte intelectual que vai se ampliando. Acrescentemos ainda as satisfações do amor-próprio, da ambição, antecipadas; a alegria de ver alegres aqueles que nos são caros; e, por fim, motivos mais elevados: o amor da humanidade, os serviços que se pode prestar a tantos jovens que erram, sem sabê-lo, sem que ninguém lhes tenha mostrado o caminho para chegar à ciência das ciências que é o domínio de si. Sentimentos egoístas no presente e no futuro, sentimentos altruístas e impessoais, fornecem-nos um rico tesouro de inclinações, de emoções, de paixões que podemos utilizar em nosso auxílio, com que podemos coordenar as energias até então incoerentes, para transformar uma finalidade até então fria, repulsiva, em uma finalidade viva, atraente. Projetemos sobre ela tudo o que temos em nós de entusiasmo ardente e vibrante, assim como o amante apaixonado adorna com seus sonhos e seus desejos a jovem amada; com a diferença de que essa objetivação das suas ilusões é ingênua, enquanto para nós é escolhida, deliberada, e só a longo prazo torna-se como que espontânea.

Ora, o avaro chega a sacrificar sua saúde, seus prazeres, até sua honestidade ao dinheiro, e nós não podemos chegar a amar um objetivo generoso como é o trabalho intelectual a ponto de

fazer-lhe o sacrifício de nossa preguiça, renovado a cada dia ao longo de algumas horas?! Um comerciante levanta-se todas as manhãs às cinco horas e fica à disposição de seus clientes até as nove da noite, na esperança de retirar-se um dia para o campo e gozar de uma completa ociosidade, e nossos jovens recusariam passar cinco horas à sua mesa de trabalho para assegurar para si mesmos, agora e no futuro, todas as múltiplas alegrias da alta cultura intelectual?! Mesmo que essa tarefa seja desagradável — e se feita de todo coração ela nunca o é — podemos estar certos de que, pelas leis da associação de idéias, o hábito diminuirá os sofrimentos do esforço, e logo este começará a ser agradável.

Com efeito, nosso poder para tornar atraente, através das associações, o que antes não o era, vai muito longe. Podemos primeiro enriquecer os sentimentos favoráveis a nossa vontade, enriquecê-los a ponto de transformá-los. Quem reconheceria nos deliciosos sentimentos do místico, que, segundo a expressão de São Francisco de Sales, deixa “sua alma derramar-se e liquefazer-se em Deus”, uma síntese de amor e desse temor dos primeiros homens que, nus e lançados em meio da natureza, potência incomensurável com a sua, tinham o vivo sentimento de seu estado miserável e o terror diante das forças naturais? Do mesmo modo, não há nada como o sentimento da brevidade da vida, “desse desenrolar do tempo, dessa fuga imperceptível, enlouquecedora quando pensamos nela, desse desfile infinito de pequenos velozes segundos que corroem os corpos e a vida dos homens”,³ para nos ajudar, ensinando-nos a desprezar todas as distrações vulgares.

Certamente não podemos nem incitar, nem criar sentimentos que não existam já na consciência. Mas não creio que os sentimentos elementares possam faltar a uma consciência humana. Em todo caso, se há homens que podem diferir tão profundamente de seus semelhantes, não é a eles que nos dirigimos. Escrevemos um tratado para jovens normais, e não um manual de teratologia. Aliás, esses monstros não existem. Onde já se viu, por exemplo, homens cujo caráter distintivo é a crueldade, e que jamais, em nenhuma circunstância, tenham sentido piedade nem por seus

3. Guy de Maupassant, *Fort comme la Mort*, P. Ollendorff, Paris, 1889.

pais, nem por si mesmos? Dizemos *jamaiz* porque, embora esses movimentos sejam raros, não é menos verdadeiro que são e serão sempre possíveis. Muito bem, como sabemos, por um lado, que os sentimentos mais complexos, os mais elevados, são sínteses formadas da associação íntima de muitos sentimentos elementares,⁴ e como por outro lado é manifesto que a atenção vigorosa e prolongada dada pelo espírito a um estado de consciência qualquer tende a colocar este à plena luz da consciência, e por conseguinte permite que se desperte os estados a ele associados, tornando-se um centro de organização, sustentamos (e cada um pode verificá-lo por si mesmo) que podemos encorajar, fortificar estados afetivos de certa forma tímidos, humildes, que até então eram apenas um sopro, constrangidos, humilhados pelas potências vizinhas, e que vegetavam sem glória, como as estrelas que não deixam de brilhar durante o dia, embora os ignorantes não suspeitem de sua presença. Nossa atenção, da qual dispomos, desempenha a função do poder criador que nos falta.

Aliás, como explicar o sucesso dos romances, e sobretudo por que razão eles são compreendidos por todos? É que cada um deles permite ativar um grupo de sentimentos que na vida ordinária não se tem ocasião de ativar. É como uma pequena guerra na ausência da guerra “de verdade”. E se amplas porções do público podem seguir os romances dos grandes mestres, isto não é uma prova de que na maioria dos leitores os sentimentos estão adormecidos, apenas esperando a ocasião de surgir à luz da consciência? O que o romancista realiza em nós seria estranho que, senhores da nossa atenção e da nossa imaginação, nós mesmos não pudéssemos realizar. Ora, nós o podemos. Posso, quando bem entender, provocar em mim, por exemplo, cóleras artificiais, enternecimento, entusiasmo, enfim, o sentimento de que preciso para alcançar um fim desejado.

Não vemos as descobertas científicas criarem, no sentido humano da palavra, sentimentos inteiramente novos? Há algo que seja aparentemente mais frio do que o mecanismo cartesiano?

4. Cf. Herbert Spencer, *Principes de Psychologie*, trad. Théodule Ribot, I, cap. *Sentiments*, Félix Alcan, Paris, 1892.

E entretanto essa teoria abstrata, entrando na alma ardente de Spinoza, não coordenou um novo sistema de sentimentos que estavam esparsos nele, agrupando-os em torno do sentimento fortíssimo que ele tinha de nosso nada, não provocou a eclosão do mais apaixonado e mais admirável dos romances metafísicos que conhecemos? Pode-se dizer que o sentimento humanitário seja inato no homem? Não é ele um produto consciente, uma nova síntese, síntese de uma força incomparável? E não é evidente que Mill tem razão quando escreve que “o culto da humanidade pode tomar conta de uma vida humana, colorir seu pensamento, seu sentimento, sua ação, com uma força de que a religião não poderá dar senão uma idéia, uma espécie de ante-gosto?”.⁵

Aliás, não é o papel que cabe à inteligência orientar e operar a fusão de sentimentos elementares anárquicos, dando-lhes uma clara expressão? Pois todo estado afetivo, todo desejo, permanece em si mesmo muito vago, cego, e portanto impotente. Salvo os sentimentos instintivos, como a cólera e o medo, que se traduzem por si mesmos no exterior, a maioria necessita da cooperação da inteligência. Provocam na alma um mal-estar, um sofrimento, e é o espírito que dá a esse mal-estar uma significação precisa. É ao espírito que incumbe a busca dos meios de satisfazer o desejo. Se formos surpreendidos por uma tormenta no Monte Branco, passando frio, temendo uma morte horrível, a inteligência é que sugerirá cavar numa parede de neve uma gruta onde aguardar o fim do perigo. Se formos jogados em uma ilha deserta, como Robinson Crusoé, que será de nossas inclinações dolorosamente exasperadas se a inteligência não trabalhar para satisfazê-las? Se estou na miséria e dela desejo sair, é também a inteligência que vai dar à minha conduta uma direção clara, bem definida. Compare-se a indeterminada e vaga emoção produzida pela inclinação sexual em um jovem perfeitamente puro e ignorante, com a clareza e a energia que terá para ele o desejo depois de uma primeira experiência, e se verá como a inteligência pode vir em socorro dos estados afetivos. Basta, por conseguinte, para dar a um desejo, a uma emoção, uma

5. John Stuart Mill, *L'utilitarisme*, trad. de Le Monnier, Félix Alcan, Paris, 1889, cap. 3.

grande vivacidade, tornar o objeto almejado perfeitamente preciso para o espírito, de forma que todos seus aspectos atraentes, sedutores, ou simplesmente úteis, sejam vigorosamente enfatizados.

Vemos portanto que pelo simples fato de sermos inteligentes e capazes de previsão (pois, definitivamente, saber é prever) podemos utilizar todos os meios em nosso poder, os quais já estudamos, para reforçar os sentimentos afins. Temos muito pouco poder direto, de fora, sobre nossos estados afetivos; mas nosso poder ganha uma extrema amplitude através da aplicação inteligente da lei de associação.

Veremos que podemos fornecer a esse poder um auxílio que o multiplique, colocando-nos num ambiente próprio à eclosão de certos sentimentos — ambiente familiar, ou ambiente de amigos, de relações, de leituras, de exemplos, etc. Estudaremos aliás longamente esse modo indireto de ação sobre nós mesmos.⁶

As considerações precedentes são muito próprias a nos encorajar. Se a idéia, para unir-se ao ato, necessita do calor dos estados afetivos, esse calor, creio que ninguém mais pode duvidar, podemos produzi-lo onde nos for útil, não por um *fiat*, mas pelo emprego racional das leis de associação. A supremacia da inteligência deixa então de parecer impossível.

Mas devemos examinar ainda mais de perto as relações da idéia com os afetos. O sentimento é um estado volumoso, pesado, difícil de despertar, e por conseguinte podemos prever *a priori* o que é confirmado pela experiência, que o sentimento é um estado relativamente raro na consciência. O ritmo de seu aparecimento e de seu desaparecimento é muito lento. As emoções têm como que um fluxo e um refluxo. Nos intervalos a alma encontra-se em um estado de calma, de tranquilidade, análogo ao período de calmaria no mar. Essa natureza periódica dos estados afetivos permite-nos assegurar com uma grande firmeza o triunfo da liberdade racional. O pensamento é naturalmente, também ele, sujeito a um permanente vai-e-vem; mas o jovem já educado pela severa disciplina das coisas e pelo ensino dos pais e mestres tem um grande poder sobre ele. Pode manter por muito tempo na consciência as representações que quiser.

6. Livro V.

Diante da instabilidade dos estados afetivos, uma idéia opõe-se claramente por sua duração, por sua persistência. Permanece presente durante as flutuações dos sentimentos para utilizar os seus movimentos; durante o refluxo pode aproveitar-se ativamente de sua ditadura provisória para preparar os trabalhos de defesa contra o inimigo e para fortalecer seus próprios aliados.

Quando o sentimento chega à consciência (consideramos aqui somente os sentimentos favoráveis ao nosso objetivo) devemos aproveitar a ocasião para impelir nosso barco. “É preciso utilizar os bons movimentos, como se fossem um apelo da própria voz de Deus, para tomar resoluções eficazes”.⁷ Seja qual for o sentimento favorável que invada nossa alma, aproveitemo-nos imediatamente dele para nossa obra. Se soubermos do sucesso de um amigo, que ele dê à nossa vontade vacilante a chicotada: “Depressa, ao trabalho!”. Depressa, desembaracemo-nos corajosamente dessa tarefa que nos tortura há dias, porque, incapazes de encará-la diretamente, e incapazes também de nos desembaraçar de sua obsessão, ela habitava em nós como um remorso. Se temos, depois de uma leitura, o sentimento da grandeza e da santidade do trabalho, tomemos depressa a pena na mão! Ou mais simplesmente, se experimentamos esse sentimento de pleno vigor físico e intelectual que torna agradável o trabalho, vamos depressa a ele! Devemos utilizar esses bons momentos para estabelecer hábitos sólidos, para gozar, de modo que conservemos por muito tempo seu aroma, das alegrias viris do pensamento produtivo e fecundo, do orgulho do domínio de si mesmo.

O sentimento, ao se retirar, deixará depositado como que um limo bendito, o hábito fortificado do trabalho, a lembrança das alegrias experimentadas, e enérgicas resoluções.

Depois que o sentimento desapareceu, na calma que o sucede, o poder ditatorial percebe à idéia que reina soberana na consciência. Mas as idéias, como observa Schopenhauer, “são o dique, o reservatório onde, quando abre-se a fonte da moralidade, fonte que não jorra constantemente, vêm depositar-se os bons sentimentos, e de onde, quando pede a ocasião, vão ser distribuídos aonde forem

7. Leibniz, *Nouveaux essais*, II, § 35.

necessários, por canais de derivação”.⁸ Isto equivale a dizer que a soldadura operada entre a idéia e os movimentos, sob a influência dos sentimentos, dura, e por outro lado que, tendo a idéia sido freqüentemente associada a sentimentos favoráveis, acaba ocorrendo que, mesmo na ausência desses sentimentos, ela pode, pelas leis de associação, despertá-los, num estado mais fraco, é verdade, mas suficiente para provocar o ato.

§ III

Depois de ter estudado as relações da inteligência com os estados afetivos favoráveis, resta estudar *as relações da inteligência com os estados afetivos hostis à obra do domínio de si mesmo*. Vimos que o poder direto que temos sobre nossos estados afetivos, desejos, paixões, é muito fraco, se é que chega a ser apreciável. Só temos os meios indiretos. Temos poder unicamente sobre nossos músculos e sobre o curso de nossas idéias. Podemos reprimir as manifestações exteriores das emoções, suprimir sua linguagem natural. O cortesão e o homem mundano, que freqüentemente é um cortesão submisso a um poder mais tirânico e mais ininteligente, ou seja, à opinião pública, adquirem num alto grau o poder de reprimir toda tradução aparente de sua raiva, de sua cólera, de sua indignação, de seu desprezo.

Por outro lado, um desejo, uma inclinação, estão absolutamente separados do mundo exterior; só podem manifestar-se através de atos musculares: a cólera satisfaz-se por injúrias ou socos; o amor por abraços, beijos, carícias. Mas nossos músculos dependem em grande parte de nossa vontade, e já que todos podemos recusar momentaneamente o ministério de nossos membros a uma paixão, é claro que poderemos desenvolver nosso poder e chegar a sufocar a emoção em nosso próprio interior.

Toda inclinação exigindo, pela lei da conservação da força, ser consumida, a inclinação que é contrariada exteriormente é direcionada para o interior e levada a abrasar o cérebro, provocando

8. Arthur Schopenhauer, *Le Fondement de la Morale*, trad. de A. Burdeau, Félix Alcan, Paris, 1891.

nele um fluxo desordenado de idéias que por sua vez irão despertar sentimentos associados a elas. É nesse sentido que Pascal disse que “à medida que temos mais espírito, maiores são nossas paixões”.

Mas não esqueçamos: a direção dos nossos pensamentos a nós pertence; podemos evitar que o incêndio se alastre mais e mais. Às vezes teremos que favorecer o fogo, se sentimos que é impossível extingui-lo, e, por exemplo, deixar que nossa cólera se exprima em palavras, em projetos de vingança, certos de que conseguiremos vencer-nos quando essa derivação tiver apaziguado suficientemente a emoção estúpida e cega que força nossa vontade a um prudente recuo. Deixemos assim o adversário esgotar-se antes de fazer uma nova ofensiva.

Outras vezes podemos entrar em ação diretamente. Pois, como vimos, uma inclinação um pouco complexa, por ser cega, sempre precisa da inteligência. Ela está como que suspensa a uma idéia. É a união do tubarão, cuja vista é fraca e o olfato nulo, com seu “piloto”, que o guia para a presa, e sem o qual o esqualo segue em frente, brutalmente, sem discernimento. Também o primeiro efeito de toda paixão, de todo desejo, é perverter a inteligência, a fim de se legitimar. Não há preguiçoso que não exponha excelentes razões para não fazer nada e que não tenha sólidas respostas a opor a quem o incita a trabalhar. Um déspota seria imperfeito se não estivesse convencido de sua superioridade sobre aqueles que explora, e se não tivesse examinado cuidadosamente os múltiplos inconvenientes da liberdade. Uma paixão legitimada assim por sofismas torna-se terrível. Da mesma maneira, é a idéia ou o grupo de idéias que serve de “piloto” para chegar ao estado afetivo que desejamos alcançar. São esses sofismas que devemos refutar, destruir. São as ilusões com que a paixão envolve seu objeto que precisamos dissipar. E, assim, a visão desembaraçada da mentira e do erro; a descoberta, para além das falaciosas promessas do presente, de um futuro enganoso; a previsão de conseqüências dolorosas para nossa vaidade, para nossa saúde, para nossa felicidade, para nossa dignidade, suscitarão em face do desejo, que sem isso teria sufocado as considerações próprias a refreá-lo, outros desejos, outros estados afetivos que lhe farão obstáculo, e que, se não conseguirem vencê-lo, apenas lhe permitirão uma vitória duvidosa, desonrosa de

certa forma, e precária. À tranqüila posse da consciência sobrevirá a guerra, a inquietude. É assim que, contra a preguiça contente de si mesma, poderão surgir na consciência os adversários que se engajarão na luta e que acabarão por conseguir vitórias cada vez mais freqüentes, cada vez mais decisivas. Todos devem recordar essa adorável fala de Querubim no *Casamento de Figaro*:

Não sei mais o que sou desde que venho sentindo meu peito agitado; meu coração palpita com a simples visão de uma mulher; as palavras amor e volúpia fazem-no estremecer e perturbam-no. Enfim, a necessidade de dizer para alguém: “eu te amo!”, tornou-se tão imperiosa para mim que eu o digo mesmo sozinho, correndo no parque, para tua amante, para ti, às árvores, ao vento... Ontem encontrei Marcelina...

Suzana (*rindo*): ah! ah! ah! ah! ah!

Querubim: Por que não? Ela é mulher! Ela é jovem! Uma mulher! Ah, como esses nomes são doces!

Muito bem, se Querubim fosse capaz de voltar a si momentaneamente, se cuidasse de olhar de perto Marcelina, de perceber sua feiúra, sua vileza e sua tolice, seu desejo seria gravemente ferido. E o que o mataria? O exame atento, a verdade. A forte paixão impede o despertar do espírito crítico; mas se a *detração voluntária* do objeto de paixão é possível, a paixão corre o perigo de perecer. O preguiçoso, mesmo o mais fortificado exteriormente por boas razões sofisticadas, tem impulsos de trabalhar em certos momentos, naqueles em que a prova da superioridade do trabalho sobre uma vida ociosa para alcançar a felicidade torna-se evidente — e esses momentos tornam impossível, depois, uma vida preguiçosa isenta de remorsos.

O que é possível quando se trata de opor verdades a sofismas, é possível também nos casos que parecem mais difíceis: quando se trata, ou de opor a sofismas verdadeiras mentiras voluntárias, ou, o que é mais trabalhoso, quando é preciso opor a uma verdade que contraria a obra do domínio de si um grupo de mentiras úteis.

É claro que uma mentira voluntária só pode ter alguma influência sobre a conduta se lhe dermos alguma fé. Se essa

mentira não passar de uma fórmula vã, de um “psitacismo”, não servirá para nada. Mas aqui poderão talvez nos objetar, rindo: O quê?! Conseguiríamos mentir para nós mesmos?! Mentir para nós mesmos conscientemente, deliberadamente, e sermos enganados pela mentira? Sim, é absurdo em aparência, mas perfeitamente explicável para quem refletir no extraordinário poder de libertação que nos dão as leis da atenção e da memória.

Não é, com efeito, a lei mais geral da memória que toda lembrança que não é avivada de tempos em tempos tem a tendência de perder sua clareza, de tornar-se confusa, cada vez mais pálida, até desaparecer da memória usual?⁹ Ora, em uma larga medida, somos senhores de nossa atenção. Podemos, portanto, condenar à morte uma lembrança apenas recusando-nos a considerá-la novamente; podemos ao contrário intensificar sua importância na consciência dando-lhe muitas vezes uma vigorosa atenção. Todos os trabalhadores da inteligência chegam a reter somente aquilo que eles *querem* reter. Tudo aquilo a que não mais voltamos, em que não queremos mais pensar, acaba desaparecendo definitivamente (salvo, bem entendido, pouquíssimas exceções).

Leibniz compreendeu muito bem a importância que essa lei pode ter para nós quando desejamos formar *a longo prazo* uma convicção que ainda não temos. “Podemos”, disse ele,

obrigar-nos a crer [...] naquilo que quisermos crer, desviando a atenção de um objeto desagradável para aplicar-nos a um outro que nos agrada: o que faz com que, considerando mais as razões de uma decisão favorita, acabemos acreditando que ela é mais verossímil.

Definitivamente, uma convicção resulta necessariamente dos motivos que estão presentes ao espírito. Mas reunir esses motivos é, de certa forma, fazer um inquérito. E nós podemos amoldar esse inquérito de duas maneiras. Primeiro, está em nosso poder deixá-lo muito incompleto, recusando-nos a fazer certas considerações, mesmo importantes. Todo inquérito demanda uma certa atividade do espírito; a preguiça nos é tão natural que não há nada

9. Acrescentamos a palavra *usual* a fim de deixar intacta a questão de saber se alguma recordação pode desaparecer completamente.

mais fácil do que deter-se logo. A facilidade redobra se tememos encontrar motivos que nos desagradarão. Depois, truncado o inquérito, podemos, na apreciação do valor dos motivos, deixar que nossos desejos detenham-se sobre os que nos agradam e superestimem seu peso. Um jovem, que ama uma moça e que está decidido a desposá-la, não quer informações sobre os seus pais, sobre seu estado de saúde, sobre as origens de sua fortuna. Provam-lhe que essas origens são obscuras? Que importa? Então uma moça é responsável pelas faltas de seus ascendentes? Se, ao contrário, ele quiser se livrar de laços que o constrojam, e de promessas que lhe arrancaram a surpresa dos sentidos e a inexperiência, será implacável quanto ao assunto da responsabilidade familiar, indo até os seus mais distantes ancestrais.

Tanto é verdade que os motivos não são comparáveis a pesos sempre idênticos a si mesmos. Assim como uma cifra posta diante de outra, de duas outras, torna-se dez, cem vezes maior, um motivo associado a um sentimento ou a muitos tem um valor bastante diferente. E como somos em larga medida senhores de nossas associações, podemos dar às idéias que preferimos o valor e a eficácia que quisermos.

Além disso, podemos ainda aumentar esse poder interior com todas as influências exteriores favoráveis. Dispomos não apenas do presente, mas também, através da memória, do passado; por um emprego hábil dos recursos da inteligência, tornamo-nos senhores do futuro. Somos livres para escolher nossas leituras, de maneira a eliminar os livros que poderiam estimular nossas inclinações sensuais, predispor-nos aos sonhos vagos, sentimentais, tão favoráveis à preguiça. Podemos sobretudo eliminar, seja por um ato, seja pela indiferença, aqueles conhecidos nossos que, por seu feitio de espírito, por seu caráter, por seu gênero de vida, fortificam nossas más disposições, dissipam-nos, arrastam-nos, e que sabem legitimar sua preguiça por especiosas razões. Nem todos temos um mentor para lançar-nos ao mar no momento perigoso, mas há um meio muito simples de não aportar numa ilha de perdição: não embarcar.

Eis o conjunto de meios que temos para lutar contra as potências inimigas de razão. Podemos impedi-las de se exprimirem na linguagem que lhes é natural; podemos arruinar por uma boa

estratégia os erros, os sofismas de que dependem nossos desejos, e mesmo tirar todo crédito a verdades funestas. A esses meios de ação acrescentemos a disposição inteligente dos meios exteriores, o afastamento dos ambientes próprios a alimentar nossas paixões e das condições próprias a favorecê-las.

§ IV

Mas esse conjunto de procedimentos táticos é antes a preparação da guerra do que a guerra propriamente dita. E essa preparação pode ser subitamente interrompida por alguma paixão que tenha crescido apesar de nossos esforços, ou mais freqüentemente aproveitando-se da nossa desatenção e do adormecimento da nossa vontade. Mas quando soa a tempestade, quando por exemplo a sensualidade invade a consciência, não podemos esquecer que todos os alimentos de que a paixão pode se nutrir são idéias, e que essas idéias que a paixão tende a associar *a seu favor*, podemos tentar associá-las *a nosso favor*. Se a luta é verdadeiramente desigual, se o incêndio aumenta cada vez mais, é necessário que nossa “fina e pura vontade superior”, que “a ponta de nosso espírito”¹⁰ não consinta. E como essa maré crescente de estados afetivos não é uma potência única, o movimento de um impulso, mas são potências pesadas, divididas, que em sua onda tumultuosa encobrem potências opostas e vencidas, cabe a nós o esforço de apoiar com nossa atenção e nossa simpatia nossos infelizes aliados.

Talvez consigamos reuni-los e retomar vitoriosamente a ofensiva, ou pelo menos fazer uma retirada em boa ordem; a reconquista de nós mesmos será assim mais fácil em seguida, mais rápida e decisiva. Por exemplo, num ataque de sensualidade, podemos não perder de vista um único instante a vergonha de nossa derrota; podemos evocar e talvez manter no espírito a pré-imaginação clara da depressão que virá depois da satisfação do desejo, a perda de uma bela e sadia jornada de trabalho produtivo. Da mesma maneira, em um ataque de preguiça, como sofrem os mais trabalhadores, podemos, mesmo não conseguindo sobrepujar

10. São Francisco de Sales, *Introduction à la vie dévote*, Lib. Victor Lecoffre, Paris, 1894, parte IV.

nossa inércia nem vencer as revoltas do “animal” entorpecido, trazer constantemente ao pensamento as alegrias do trabalho, do pleno domínio de si mesmo, etc. Certamente a crise será menos longa e a retomada de si mesmo mais fácil. Devemos até renunciar com freqüência à luta direta, e por exemplo acalmar os movimentos sensuais levantando-nos, saindo para passear, fazendo uma visita, etc. Em suma, tratando de eliminar a idéia fixa, de esgotá-la, desmontá-la, obrigá-la ao menos a dividir a consciência com outros estados introduzidos assim artificialmente. Também podemos enganar a preguiça lendo um livro de viagens, desenhando, tocando um pouco de música, e quando o espírito é despertado, podemos aproveitar esse despertar para um retorno ao trabalho há pouco abandonado por preguiça ou entorpecimento.

Enfim, se a vontade é vencida, o que acontece com freqüência, não devemos perder a coragem. Basta que, como um nadador que se depara com uma forte corrente, avancemos um pouco; basta até, para não desesperar, que consigamos ser arrastados com menor velocidade que o seríamos se nos abandonássemos. Conseguiremos tudo, com o tempo. É ele que forma os hábitos e que lhes dá a força e a energia das inclinações naturais. O poder de quem jamais desespera é maravilhoso. Nos Alpes, há gargantas no granito que têm cem metros de profundidade; esses prodigiosos abismos foram escavados pela passagem incessante das águas carregadas de areia a cada verão; assim, as menores ações repetidas indefinidamente acabam produzindo resultados desproporcionais às suas causas. É verdade que não dispomos de centenas de séculos, como a natureza, mas também não temos que escavar o granito. O que nos cabe é debelar os maus hábitos, e criar pouco a pouco hábitos excelentes. Nosso objetivo é somente manter a sensualidade e a preguiça em limites razoáveis, sem esperar eliminá-las completamente.

Aliás, até nossas derrotas podem ser usadas a nosso favor, já que temos numerosos recursos para aperfeiçoar-nos! Com efeito, o rancor, essa espécie de desgosto amargo, de fadiga física, de apatia intelectual em que nos deixa a sensualidade satisfeita, é excelente para quem a mastigue e torne a mastigar a fim de sentir todo seu amargor, e para gravar sua recordação na memória.

Alguns dias de absoluta preguiça não tardam a provocar um sentimento de “intolerabilidade”, acompanhado de um desgosto de si mesmo precioso para nosso crescimento. É bom ter de vez em quando essas experiências bem claras e tão concludentes quanto possível para que, por comparação, a virtude e o trabalho pareçam o que na realidade são: fontes de felicidade sem mistura e instigadores dos sentimentos mais nobres e mais enérgicos, como o sentimento da própria força, o orgulho de sentir-se um trabalhador solidamente temperado e admiravelmente preparado para prestar grandes serviços aos seus semelhantes e a seu país. Nessa luta pela libertação há, portanto, derrotas que equivalem a vitórias.

Mas é tempo de sair das considerações gerais. Já está bem claro que podemos unir em sistemas solidamente cimentados certa volição com certa série de atos e, inversamente, que podemos romper as mais sólidas associações indesejáveis. Já ficou evidente que a educação da própria vontade é possível.

Resta agora estudar detidamente o *como* das associações, ou seja, os procedimentos eficazes para chegar à plena posse de si mesmo.

Os melhores desses procedimentos, e os mais eficazes, são de origem e de exercício subjetivos. São os procedimentos puramente psicológicos.

Os outros são procedimentos que denominaremos exteriores, objetivos. Consistem no emprego inteligente dos recursos que o mundo exterior, no mais amplo sentido, põe à disposição de quem os souber utilizar.

LIVRO III

OS MEIOS INTERIORES

Os meios interiores, cuja eficácia é infalível para criar, fortificar ou destruir certos estados afetivos e que devem necessariamente preceder a utilização dos meios exteriores, compreendem:

- I. A reflexão meditativa;
- II. A ação.

Acrescentaremos em apêndice o estudo da higiene corporal em suas relações com o modo de energia especial que tomamos por objeto de nosso estudo, ou seja, com o trabalho intelectual.

Capítulo I

A reflexão meditativa

§ I

DIZEMOS *reflexão meditativa* para distinguir claramente essa operação intelectual das operações que lhe são similares. Não entendemos por essa expressão, nem é preciso dizer, o devaneio, principalmente o devaneio sentimental, que é, como veremos, um dos inimigos que devemos combater com energia na obra do domínio sobre nós mesmos. Enquanto no devaneio a atenção fica adormecida, deixando as tramas das idéias e dos sentimentos dançarem livremente na consciência, encadearem-se ao sabor das associações de idéias, e freqüentemente das maneiras mais imprevisíveis, a reflexão meditativa não deixa nada ao acaso.

Ela difere, porém, do estudo, que visa a aquisição de conhecimentos específicos, porque tende não a “mover a alma”, mas a “forjá-la”.¹ No estudo, com efeito, o que visamos é conhecer; na reflexão meditativa é algo completamente diferente. Nosso objetivo é provocar na alma movimentos de ódio ou de amor. No estudo, somos dominados pela preocupação com a verdade; na reflexão meditativa, a verdade não tem importância alguma. Preferimos uma mentira útil a uma verdade nociva: toda nossa investigação é dominada *exclusivamente por um propósito de utilidade*.

Para empreender com fruto essa operação é necessário ter estudado detidamente a psicologia. É necessário que os menores

1. Michel de Montaigne, *Essais*, J. Bry Ainé, Paris, 1859, l. III, cap. 3.

detalhes da ciência de nossa natureza nos sejam familiares. Sobretudo as causas dos atos intelectuais, das nossas volições, devem ser conhecidas. É necessário ter destrinchado as relações que esses fenômenos têm uns com os outros, escrutado sua influência recíproca, suas associações, suas combinações. É necessário, além disso, conhecer as influências do ambiente físico, intelectual, moral, sobre nossa vida psicológica.

Tudo isso demanda um grande hábito de observação e uma observação aguda e sutil, orientada por esse especial ponto de vista utilitário.

Ainda uma vez, a tarefa consiste para nós em investigar pacientemente todos os motivos capazes de despertar em nós movimentos de amor e de ódio, de cimentar entre idéias e idéias, entre sentimentos e outros sentimentos, entre idéias e sentimentos, alianças, combinações, ou de romper associações que julgamos funestas; consiste em utilizar todas as leis da atenção e da memória para apagar da consciência, ou nela gravar, aquilo que julgamos útil apagar ou gravar. É necessário que consigamos “infundir em nossa alma” idéias e sentimentos favoráveis, e que transformemos em afeições sensíveis, viventes, aquilo que em nós é apenas uma idéia abstrata. A reflexão meditativa alcança sua finalidade quando provoca na alma poderosos movimentos afetuosos ou vigorosas repulsas. Enquanto o estudo tende ao saber, ela deve tender à ação.

Se consideramos que a ação é todo o homem, que ele vale em proporção ao bem que realiza, e se, por outro lado, lembramo-nos de que nossas ações são quase unicamente, senão unicamente, provocadas pelos estados afetivos, compreenderemos imediatamente a capital importância que tem o estudo do delicado mecanismo pelo qual se desenvolvem, ou se amplificam, os afetos favoráveis a nossa tarefa.

§ II

Em química, se mergulhamos um cristal numa solução que contenha vários corpos em saturação, nas profundezas da solução as moléculas que têm a mesma natureza do cristal, movidas por uma atração misteriosa, vêm agrupar-se lentamente em volta dele.

O cristal aumenta pouco a pouco, e se a solução ficar em repouso por semanas ou meses, obteremos esses admiráveis cristais que por seu volume e sua beleza são a alegria e o orgulho de um laboratório. E se esse trabalho é perturbado a cada instante, agitando-se o líquido? O depósito faz-se irregularmente, o cristal forma-se mal, e fica muito pequeno. Acontece o mesmo em psicologia. Mantenha em primeiro plano na consciência um estado psicológico qualquer; insensivelmente, por uma afinidade não menos misteriosa que a outra, os estados intelectuais e os estados afetivos da mesma natureza vêm agrupar-se em volta dele. Se esse estado é mantido por longo tempo, pode organizar ao seu redor uma massa considerável de potência, adquirir de maneira decisiva uma soberania quase absoluta sobre a consciência, e fazer calar-se tudo o mais. Se essa “cristalização” opera-se lentamente, sem abalos, sem interrupção, toma um caráter de solidez admirável. O grupo assim organizado tem algo de potente, de durável, de definitivo. E note-se que talvez não exista nenhuma idéia que não possa, se o quisermos, criar em nós um considerável “elá”. As idéias religiosas, o sentimento maternal, e mesmo sentimentos miseráveis, vergonhosos, como o amor do dinheiro pelo dinheiro, podem chegar em nós à onipotência.

Mas raros são os homens, e com mais razão ainda os jovens, que têm em si a calma necessária a esse trabalho de lenta “cristalização”. Para o estudante, a vida é muito fácil e muito variada, principalmente em Paris e nas grandes cidades. Uma onda de excitações externas de toda a espécie vem desaguar no limiar de sua consciência: uma idéia sucede a uma idéia, depois uma outra; atrás de um sentimento vêm, numa corrente enlouquecida, vinte, trinta sentimentos diversos. Acrescente a esse transbordamento os milhares de sensações que assaltam os sentidos, acrescente os cursos, as leituras, os jornais, as conversações, e essa corrente que invade a consciência só pode ser comparada à torrente que arrasta poderosamente as pedras que obstruem seu leito, fazendo um estrondo ensurdecedor.

Sim, aqueles que se recolhem por um instante, e que, para além do momento presente, tentam entrever o futuro, são bem poucos. É tão gostoso deixar-se levar por essa invasão desordenada de impressões! É algo que não demanda nenhum esforço!

Basta deixar-se aturdir e arrastar! Como observa Channing, a maioria dos homens são tão desconhecidos para si mesmos como o são para nós os países do centro da África.² Jamais voltam voluntariamente seus olhos do mundo exterior para si mesmos; ou antes, como têm sua consciência inteiramente aberta às coisas exteriores, jamais têm a coragem de ir, sob a torrente de origem externa, sondar o fundo sólido e permanente de seu próprio ser. Resulta que atravessam sua vida embalados pelos acontecimentos externos, tão pouco originais, tão pouco senhores de si mesmos quanto as folhas que turbilhonam ao sabor do vento de outono. O proveito que tiram de suas experiências é nulo; deixar os olhos errarem sobre tantas coisas equivale com efeito a nada ver. Só fazem uma ampla colheita de descobertas aqueles que mergulham na torrente de impressões sem deixar-se levar, e que mantêm o sangue-frio necessário para captar no meio das circunstâncias as idéias, os sentimentos que *escolhem*, e com os quais farão em seguida um verdadeiro trabalho de assimilação.

Uma vez que tenhamos nos tornado claramente conscientes de nosso propósito, que é fortificar nossa vontade, e em particular nossa vontade de trabalhar, é preciso que façamos a triagem de todas as circunstâncias exteriores, de todas as impressões, idéias e sentimentos, que obriguemos as potências favoráveis a se fixarem, a produzirem seus efeitos integralmente, e deixemos desaparecer, sem sequer um olhar de atenção, as potências hostis. O segredo do sucesso é aproveitar tudo aquilo que serve para nossos fins.

§ III

O trabalho de psicólogo é, portanto, claramente indicado por todos os estudos precedentes. Ei-lo em suas grandes linhas:

1º. Quando um sentimento favorável surge na consciência, impedi-lo de evadir-se logo, fixar sobre ele a atenção, obrigá-lo a despertar as idéias e os sentimentos que pode despertar. Em outros termos, obrigá-lo a proliferar, a dar tudo que ele pode oferecer.

2. Channing, *De l'éducation personnelle*, in *Œuvres Sociales de Channing*, trad. de Édouard Laboulaye, G. Charpentier, Paris, 1880.

2º. Quando um sentimento nos falta, quando recusa-se a aparecer, examinar com que idéia ou com que grupo de idéias ele pode estar associado; fixar a atenção sobre essas idéias, mantê-las fortemente na consciência, e esperar que o jogo natural da associação desperte esse sentimento.

3º. Quando um sentimento desfavorável a nosso trabalho irrompe na consciência, recusar-lhe a atenção, tratar de não pensar nele, e fazê-lo de certa forma morrer de inanição.

4º. Quando um sentimento desfavorável tenha crescido e se imposto à atenção sem que tenhamos conseguido impedi-lo, realizar um trabalho de crítica destrutiva sobre todas as idéias de que esse sentimento depende e sobre o próprio objeto do sentimento.

5º. Lançar sobre as circunstâncias exteriores da vida um olhar penetrante, indo até os seus mínimos detalhes, de forma a utilizar inteligentemente todos os recursos e evitar todos os perigos.

Tal é, por assim dizer, o programa geral que devemos aplicar.

§ IV

Mas há alguns pontos sobre os quais é preciso insistir. Quando sentir-se penetrado pela necessidade de não ser um “fugitivo de si mesmo”, quando tiver compreendido bem que a distração é uma fraqueza análoga ao estremecimento dos membros, o estudante saberá encontrar momentos para o recolhimento. Deixará de dispersar seu espírito como o fazem todos os seus colegas. Não lerá dez jornais depois do almoço, não desperdiçará seu tempo jogando cartas, discutindo asperamente sobre ninharias, atordoando-se de todas as formas. Considerará uma questão de honra estar senhor de si mesmo e não se deixará arrastar inerte pela corrente que arrasta os outros.

Ora, o meio mais eficaz de chegar a essa posse de si mesmo é suscitar na própria alma vigorosos afetos e veementes repulsas. Ele buscará então, por reflexões simples e familiares, “obrigar-se” a amar o trabalho, obrigar-se a detestar a vida mole, inútil e tola do ócio. Sua própria experiência lhe fornecerá essas reflexões a cada instante.

Ele não deixará que sejam expulsas de seu pensamento por outras idéias. Tomará o cuidado de *saboreá-las*. Fará com que se desenvolvam completamente, em toda sua amplitude. Em vez de pensar com palavras, como o homem vulgar, desejará ver de forma *concreta e circunstanciada* aquilo sobre o que refletirá. Ver em geral, e como que de passagem, é o método dos espíritos preguiçosos. Os espíritos que refletem, ao contrário, deixam destilar gota a gota e “fazer seu mel”³ no pensamento os diversos pontos da meditação. Todos sabem e repetem, por exemplo, que o trabalho traz alegrias de todas as ordens. Enumeram-nas: primeiro as intensas satisfações do amor-próprio; a alegria mais alta de sentir suas faculdades fortalecerem-se, a de encher de felicidade seus pais, a de preparar uma bela velhice para si mesmo, etc. Mas nosso estudante não se contentará de maneira alguma com uma tal enumeração puramente verbal. As palavras são signos breves, cómodos, que substituem para o pensamento as coisas mesmas, sempre complexas, sempre densas, que obrigam a um esforço de pensamento tanto maior quanto mais numerosos forem os detalhes. Assim, os espíritos medíocres pensam com as palavras, coisas abstratas, mortas, de maneira que sua repercussão na vida interior é nula. Aliás, quem não vê que as palavras sucedem-se com extrema rapidez, e que dessa multidão de imagens que tendem a nascer, evocadas por elas, nenhuma torna-se clara? O resultado dessas evocações superficiais para o espírito é uma fadiga estéril, uma espécie de atordoamento produzido por essa abundância de imagens abortadas. O remédio para esse mal é ver claramente, em detalhe. Por exemplo, não diga: “Meus pais ficarão contentes!”. Evoque a recordação de seu pai, observe suas manifestações de alegria a cada sucesso seu, veja-o em sua imaginação recebendo os cumprimentos dos amigos da família; represente-se o orgulho de sua mãe, seu prazer de passear durante as férias de braços com o filho de que se orgulha; assista em pensamento ao jantar em que se fala de você: saboreie na mente até a vaidade ingênua da irmãzinha por causa do seu irmão mais velho. Em outros termos, pela evocação precisa de detalhes,

3. George Sand, *Lettre à Flaubert*, in *Correspondance entre George Sand et Gustave Flaubert*, Calmann-Lévy, Paris.

gestos, palavras específicas, procure experimentar profundamente a felicidade de todos esses seres amados que impuseram a si mesmos, por sua causa, sem nem mesmo senti-los, os mais pesados sacrifícios, que privam-se de alegrias para tornar sua juventude mais feliz, e que tomam sobre si os ônus da existência a fim de aliviar suas costas.

Da mesma maneira, é preciso evocar nos menores detalhes concretos as alegrias de uma velhice coroada por uma vida de trabalhos. A autoridade do que dizemos, do que escrevemos, o respeito de todos, o grande interesse que tem a vida em si mesma quando está privada de todos os prazeres materiais, etc. Assim também deve-se “saborear” as considerações concernentes à independência que o trabalho proporciona, o sentimento de força, de poder que ele desenvolve, as inumeráveis alegrias que traz aos enérgicos, as alegrias cujo sabor ele multiplica...

Quando se meditou com freqüência sobre todas essas considerações e sobre outras ainda, quando se deixou o pensamento impregnar-se por muito tempo e freqüentemente com seu perfume, é impossível que um entusiasmo tranqüilo mas viril não vivifique nossa vontade. Mas, ainda uma vez, quando um movimento de fervor insinua-se, é necessário insistir, dar-lhe toda sua amplitude, toda sua energia. Mesmo quando se trata de um sentimento bruscamente introduzido na consciência por um acontecimento exterior, por exemplo por uma cerimônia em honra de um cientista, é preciso aplicar-se em desenvolvê-lo, em fortificá-lo.

É inútil dizer que, quando as considerações são de natureza a suscitar uma aversão pela vida que procuramos evitar, é preciso também formar uma viva e forte idéia dos mais precisos detalhes. É preciso de certa forma remoer as fealdades da vida preguiçosa. Se engolimos um grão de pimenta, observa um ancião, não o sentimos. Se ao contrário o mastigamos e revolvemos em todos os sentidos com a língua, ele agride o palato, produz um sabor acre insuportável, faz-nos espirrar e traz lágrimas aos olhos. Temos que fazer o mesmo com as imagens de uma vida de preguiça e sensualidade, de forma a provocar em nós desgosto e vergonha. Esse desgosto não deve aplicar-se somente ao mal, mas “a tudo de que ele depende e que depende dele”. Não devemos fazer como o

glutão a quem os médicos proibiram de comer melão, que toda vez lhe causava graves recaídas. “Ele não o come porque os médicos ameaçaram-no com morte se o comesse, mas atormenta-se com essa privação, fala dela [...]; quer ao menos cheirá-lo e acha felicíssimos todos os que podem comê-lo”.⁴ Assim também devemos não apenas detestar a vida preguiçosa, esse miserável estado em que o espírito desocupado, vazio, devora-se a si mesmo, torna-se vítima de preocupações mesquinhas, ridículas, mas precisamos também abster-nos de invejar a existência dos ociosos, de falar deles. Devemos odiar os colegas que nos dispõem à vadiagem, os prazeres que nos conduzem a ela. É preciso, em suma, detestar não somente a doença, mas também o melão que provoca as recaídas.

Como vemos, o grande segredo para fortificar em nós um sentimento, seja ele qual for, é manter na consciência por muito tempo e com freqüência as idéias a que ele está ligado. É dar a essas idéias um relevo, um vigor, uma precisão muito grande. E para fazer isso, é indispensável *ver concretamente*, no detalhe vivo e característico. Além disso, esse método permite que o sentimento se desenvolva pela própria atração que exerce sobre os sentimentos similares e pela riqueza das considerações que uns despertam sobre os outros.

Para auxiliar esse trabalho, poderá ser útil fazer leituras com o objetivo específico de favorecer a eclosão de um sentimento particular. Os exemplos que desenvolveremos na parte prática deste livro poderão ser de grande ajuda àqueles que não têm o hábito dessa espécie de reflexão. Todos os livros que expõem os benefícios ou as alegrias do estudo e as fealdades de uma vida ociosa serão excelentes a título de auxílio. A leitura de certas memórias, como as de Mill, as cartas de Darwin, etc., podem dar bons frutos.

Se a meditação for bem conduzida, se soubermos criar exterior e interiormente a calma e o silêncio que permitam aos movimentos emotivos propagar-se até as profundezas da consciência, certamente chegaremos a uma resolução. Mas ainda que nenhuma resolução se formasse, não se deve pensar que todos esses esforços sejam inúteis para o nosso desenvolvimento.

4. São Francisco de Sales, *loc. cit.*

Como observa Mill:

Quando o homem está nesse estado excepcional, suas aspirações e faculdades tornam-se o modelo com o qual ele compara e, portanto, pelo qual ele julga seus sentimentos e ações de outros momentos. As inclinações habituais modelam-se e conformam-se por esses movimentos de nobre excitação, apesar de sua fugacidade.⁵

Com efeito, acontece conosco como com esses instrumentos que, dizem, tornam-se melhores nas mãos de um grande artista. Quando consideramos com um olhar firme nossa vida inteira, é impossível que o momento presente não tome para nós uma significação completamente distinta da que tem quando vivemos ao sabor das circunstâncias, e quando vivemos em imaginação todas as alegrias que dá o trabalho, e sofremos todas as amarguras da fraca vida do “abúlico”, não é possível que todo nosso pensamento e nossa atividade não recebam uma vigorosa e enérgica impulsão. Infelizmente, se não retornamos com frequência sobre esse desenho esboçado, para completar seus detalhes e reforçar seus traços, a torrente de solicitações externas vai novamente passando por nossa consciência e logo faz tudo desaparecer. Os bons movimentos, se não os reiteramos, não produzirão a colheita dos atos.

§ V

Portanto é de uma importância capital não apressar-se para retornar ao torvelinho das impressões que vêm de fora. É necessário recolher-se, dar aos movimentos de entusiasmo pelo trabalho, de repulsa pela preguiça, o tempo de alcançarem seu fim, ou seja, de produzirem firmes resoluções.

A resolução viva, claramente formulada, é de uma necessidade absoluta nessa obra de renovação de si mesmo. Há de certa forma duas espécies de resoluções, ambas produzidas pela meditação. Há as grandes resoluções gerais, que abarcam toda a existência, que orientam decididamente a vida em certa direção. Essas resoluções

5. John Stuart Mill, *L'Assujettissement des femmes*.

vêm geralmente depois de longas hesitações entre vários caminhos possíveis. De maneira mais geral ainda, elas decidem penosas lutas, marcam nas grandes almas a rejeição brusca, definitiva, em uma crise de entusiasmo, da sugestão extremamente forte das solicitações da família, das relações e dos preconceitos mundanos que tendem a aferrolhar a vida do jovem no caminho habitual, freqüentado pela maioria.

Para as almas fracas, para as naturezas gregárias, a resolução é a paz vergonhosa e covarde dos vencidos; é o triunfo neles da mediocridade, o abandono definitivo de toda tentativa de luta, a aceitação da vida de todo mundo e a recusa em prestar ouvidos às solicitações de um ideal mais elevado que não comporta a má qualidade de sua alma. Entre esses dois casos claros, que chegam a irrevogáveis decisões, encontram-se todos os graus de fraqueza dos jovens que várias vezes retomam o trabalho sobre si mesmos, que não chegam a emudecer os apelos de uma vida superior, mas que, por falta de vontade, recaem sem cessar na vida que tanto desprezam. Escravos revoltados e amargos que não aceitam, como os precedentes, sua decadência, que sentem a beleza de uma existência de trabalho e não conseguem trabalhar, que sofrem a feiúra de uma vida de preguiça e entretanto não fazem nada! São escravos que o conhecimento das leis da psicologia pode libertar, se não desesperarem muito cedo de seu resgate, e se não quiserem realizá-lo imediatamente.

Se essas resoluções têm tão grande importância, é porque elas são de certa forma uma conclusão. São a tradução, numa fórmula precisa e breve, de uma inumerável quantidade de veleidades, de experiências, de reflexões, de leituras, de sentimentos, de inclinações.

Por exemplo, para a direção geral da conduta, devemos escolher entre duas grandes hipóteses que temos sobre o sentido geral do universo. Ou nós aceitamos, com os cétricos, que o mundo, tal como existe, é de certa forma o resultado de um feliz lance de dados que jamais se reproduzirá, que a vida e a consciência surgiram na superfície da terra por puro acaso. Ou aceitamos a tese oposta, e cremos que o universo é um processo evolutivo que alcança uma perfeição cada vez mais alta.

A tese cética só tem a seu favor um único argumento: que nada sabemos, que estamos enclausurados “nesse recanto perdido da natureza”, nessa “pequena masmorra” e que seria uma grande pretensão erigir em leis universais o nada que conhecemos. A tese oposta tem a seu favor a verdade de fato, e de certa forma a evidência. Só conhecemos nosso mundo, mas esse mundo tem uma ordem, e a tem há um longo tempo, pois a vida supõe a invariável estabilidade das leis da natureza. Se hoje, com as qualidades visuais do trigo, por exemplo, coexistissem qualidades comestíveis, e amanhã características diferentes, e depois de amanhã propriedades venenosas, nenhuma vida poderia organizar-se. Eu vivo, logo as leis da natureza são constantes. Como a vida data do período siluriano, já faz alguns milhões de anos que as leis da natureza são o que são. É a isso que aludimos quando dizemos que a tese “moralista” tem a seu favor a evidência.

Por outro lado, essa longa evolução que dura há tantos milhares de anos produziu seres pensantes, e esses seres pensantes, seres morais. Como então admitir que a marcha das coisas não tende para o pensamento e a moralidade? A história natural e a história humana ensinam que todos os horrores da *struggle for life* resultaram na formação de uma humanidade superior.

Por outro lado, o pensamento, como a vida, implica a ordem e a constância. O caos é impensável. Pensar é organizar, é classificar. E o pensamento, a consciência, não são as únicas realidades que conhecemos? E aceitar a tese cética não equivale a proclamar que a única realidade que conhecemos não passa de uma quimera? Proclamar isso não faz muito sentido para nós. São proposições enunciadas verbalmente sem nada que as justifique.

Teoricamente há, portanto, muito fortes razões em favor da tese moralista. Na prática, elas são decisivas. A tese cética resulta na justificação do egoísmo pessoal, em só reconhecer valor à habilidade. Se a virtude recebe dela alguns elogios, é a título de uma habilidade superior.

Acrescentemos a essas considerações que a escolha não é facultativa. Não escolher é ainda escolher. Aceitar uma vida de preguiça e de prazeres é aceitar na prática a hipótese de que a vida humana

só tem valor como instrumento de prazer. Ora, não é porque essa tese seja simples e ingênua que ela deixa de ser eminentemente metafísica. Muitas pessoas são bem mais metafísicas do que pensam: são sem que o saibam, esta é que é a verdade.

Portanto é impossível não escolher entre as duas grandes hipóteses metafísicas. Essa escolha pode ser precedida por anos de estudos e reflexões. E depois subitamente, um belo dia, um argumento toma uma forma mais viva, a beleza e a grandeza da tese moralista cativam a alma e toma-se uma resolução. Decide-se aceitar a tese moral porque ela é a única que dá uma razão para nossa existência, porque é a única que dá um sentido aos nossos esforços em direção ao bem, a nossas lutas contra a injustiça e a imoralidade. Então, feita a escolha, não se permite mais que em nenhum instante as razões céticas penetrem no espírito; recusamo-as com desprezo, por haver um dever superior ao prazer de filosofar: o dever de agir e de agir com retidão. Guardamos cuidadosamente a fé moral, que se torna um princípio de vida e dá a nossa existência um sabor, uma elevação, um frescor, que jamais pode ser conhecido pelos diletantes cujo pensamento permanece impotente para produzir afeições e uma atividade sólida e viril.

A vida, a partir dessa solene resolução, torna-se orientada. Nossos atos deixam de vacilar ao sabor dos acontecimentos exteriores. Não seremos mais instrumentos dóceis nas mãos de homens mais enérgicos que nós. Mesmo fustigados pela tempestade saberemos permanecer em nosso caminho; estaremos maduros para as tarefas superiores. Essa resolução é como o cunho nas moedas; a usura poderá apagar-lhe alguns traços, mas sempre poderá ser reconhecido pelas grandes linhas da face gravada sobre o bronze.

Essa grande resolução moral deve ser acompanhada no trabalho por uma outra resolução: como Hércules estirado entre o vício e a virtude, deverá aceitar resolutamente a vida de trabalho e rejeitar a vida preguiçosa.

Isso para as resoluções gerais que devemos tomar uma única vez em nossa existência. Essas resoluções solenes são a aceitação de um ideal, a afirmação de uma verdade experimentada...

Mas, fixado o objetivo, não o atingiremos de uma só feita e não o atingiremos se não *quisermos* os meios que levam a ele.

Um estudo atento revela-nos os meios mais apropriados. É preciso querer esses meios, e toda volição implica uma resolução. Mas essas resoluções parciais tornam-se singularmente fáceis quando a grande resolução foi bem e corretamente feita. Decorrem dela como os corolários decorrem do teorema. Podemos, entretanto, se nos custa tomar uma resolução particular, por exemplo a resolução de traduzir certo texto de Aristóteles, pensar nas considerações que nos podem dar gosto por essa tarefa; e se o texto em si mesmo nos desencoraja, não podemos negar que o esforço necessário para extrair sentido de uma página que talvez jamais tenha tido algum não seja uma ginástica vigorosa, e depois de oito dias de trabalho subitamente tomamos consciência da grande penetração de espírito desenvolvida por essa luta tenaz com cada palavra, com cada proposição, e pelo esforço para encontrar uma seqüência lógica, quando aplicamos essas faculdades assim robustecidas a uma página das *Meditações* de Descartes ou a um capítulo de Stuart Mill. Assemelhamo-nos a esses soldados romanos que faziam seus exercícios com uma carga duas vezes mais pesada que a exigida na guerra. É raro que a resolução de conjunto permanecendo bem presente, e mais algumas considerações simples, familiares e precisas sobre alguma resolução particular, não bastem para mover a vontade.

O que precede mostra-nos como no ensino os mestres privam-se de um importante elemento de sucesso quando não fazem cada campo de estudo ser precedido por uma exposição persuasiva das grandes vantagens gerais e particulares que os alunos terão com esse estudo. Posso dizer que estudei por muitos anos com desgosto o latim porque ninguém me tinha mostrado sua utilidade: por outro lado, curei desse desgosto muitos alunos que dele sofriam unicamente fazendo-os ler, e comentando, a admirável exposição de Fouillée sobre a necessidade dos estudos clássicos.

§ VI

Todavia, sem dúvida uma objeção apresenta-se obstinadamente ao espírito de alguns leitores. Eles têm ouvido com tanta freqüência que há antinomia entre a atividade e a meditação prolongada, e que os pensadores são de ordinário pouco habilitados para a vida

prática, que a utilidade da reflexão meditativa prolongada para a vida prática não lhes parece muito certa. É que eles confundem os agitados com os homens de ação verdadeiramente dignos desse nome. O agitado é o contrário do homem de ação. O agitado tem necessidade de agir; sua atividade traduz-se pela ação freqüente, incoerente, ao sabor dos dias. Mas como todos os sucessos na vida, em política e em tudo mais, só se obtêm pela continuidade de esforços numa mesma direção, essa agitação transbordante produz muito barulho, mas realizações, sobretudo boas realizações, poucas ou nenhuma. A atividade orientada, segura de si mesma, exige a meditação profunda. E todos os grandes ativos, como Henrique IV e Napoleão, refletem longamente, seja por si mesmos, seja com seus ministros (Sully). Quem não medita, quem não tem sempre na memória o objetivo geral a que deve chegar, quem não busca assiduamente os melhores meios para atingir os fins particulares, torna-se necessariamente um joguete das circunstâncias: o imprevisito perturba-o e obriga-o a cada instante a dar respostas improvisadas, que acabam fazendo com que perca a direção geral que deve seguir. Entretanto, como veremos, a ação deve sempre seguir a reflexão meditativa; esta, sozinha, não basta, embora seja a condição necessária de toda vida ativa fecunda.

Condição necessária, dizemos, pois todos nós somos mais estrangeiros a nós mesmos do que pensamos. É com razão que podemos nos entristecer ao observar que não há um homem em mil que seja uma pessoa: quase todos são, tanto no conjunto de sua conduta quanto em seus atos particulares, como que marionetes movidas por um conjunto de forças prodigiosamente mais poderosas que as suas. Não vivem uma vida própria mais do que uma lasca de madeira jogada na torrente e que é levada sem saber nem por quê, nem como. Para retomar uma imagem célebre, todos são movidos como moinhos conscientes de seus movimentos e não conscientes do vento que os move. A educação, as sugestões fortísimas da linguagem, a pressão extremamente poderosa da opinião dos colegas e do mundo, os provérbios que parecem categóricos e mais as inclinações naturais conduzem a maioria de nós, e são muito raros os que, agitados por tantas correntes insuspeitadas, orientam resolutamente seu caminho para um porto escolhido

de antemão e sabem parar com freqüência, a fim de orientar-se e retificar sua rota.

Mesmo para aqueles que ousam tentar esse domínio de si mesmos, quão restrito é o tempo que de fato possuem para essa tarefa! Até os vinte e sete anos são levados sem muita reflexão sobre o próprio destino, e quando começam a querer tomar posse da direção da própria vida são tragados pelas descomunais engrenagens que nos rodeiam. O sono consome um terço da existência; as necessidades regulares, vestir-se, comer, digerir, as exigências do mundo, as exigências do ofício, os mal-estares, as doenças, deixam pouco tempo para a vida superior! Vai-se indo, vai-se indo; os dias sucedem-se e quando o sujeito começa a ver claro a própria existência, já está velho. Daí o prodigioso poder da Igreja Católica, que sabe para onde conduz as pessoas, e que, conhecendo, pela confissão e pela direção das almas, as mais profundas verdades da psicologia prática, traça um largo caminho para o grande rebanho de marionetes, sustenta os fracos que vacilam, e conduz numa direção sensivelmente uniforme essa multidão que sem ela cairia, ou permaneceria, do ponto de vista da moralidade, num nível animal.

Ah, sim, quase todos sofrem num grau inacreditável as sugestões que lhes vêm de fora! Em primeiro lugar pela educação que recebem da família, e as famílias de filósofos são raras! Raras por conseguinte são as crianças que recebem uma educação racional. Aqueles mesmos que recebem uma tal educação vivem de certa forma numa atmosfera de tolices. O ambiente social, os criados, os amigos, que sofrem poderosamente a influência da opinião pública, povoam a memória da criança com as fórmulas que estão em curso na sociedade. Mesmo que a família tenha conseguido erguer barreiras contra esses preconceitos, a criança terá professores que refletem muito pouco, e colegas infestados do espírito comum. Além disso, vivendo entre seus semelhantes, por melhor educada que seja, a criança terá que falar a linguagem de seus semelhantes. Ora, todo mundo sabe que a linguagem é de origem popular. A multidão criou uma linguagem à sua imagem. Verteu nela sua mediocridade, seu ódio por tudo aquilo que é verdadeiramente superior, seu juízo grosseiro e simplório que não vai além das

aparências. Assim a criança encontra na linguagem uma enorme quantidade de associações de idéias elogiosas à fortuna, ao poder, aos feitos guerreiros, e desfavoráveis à bondade, ao despojamento, à vida simples, ao trabalho intelectual. E todos nós sofremos em alto grau essas sugestões da linguagem. Querem a prova? Quando alguém pronuncia a palavra “grandeza”, na imensa maioria das vezes ela evoca em nós as idéias de poder, de aparato, em vez de nos fazer pensar na grandeza moral. Todos evocarão César, ninguém Epicteto. Se fala-se em felicidade, eis que surgem no espírito as idéias de fortuna, de poder, de aplausos! Faça, como eu já fiz, a experiência com uma quinzena das palavras mais características de tudo o que para um pensador torna a vida digna de ser vivida, diga que está investigando, do ponto de vista psicológico, as imagens que acompanham as palavras, para que ninguém duvide do alcance moral desse exercício, e você será edificado. Concluirá que a linguagem é o mais poderoso instrumento de sugestão que a ignorância tola e vulgar possui, em prejuízo dos espíritos de valor.

Ora, sobre essa tolice universal, cada colega de nosso estudante tece um conjunto de obrigações que ele converterá em moeda corrente de acordo com as ocasiões de despesas cotidianas. Os provérbios contêm, sob uma forma viva e concisa, a sabedoria das nações, ou seja, as observações das pessoas que não conhecem as regras elementares de uma correta observação, e que sequer suspeitam em que pode consistir uma experiência probante. Esses provérbios repetidos incessantemente acabam tendo uma autoridade que não é de bom tom contestar. Sobre um jovem que sacrifica estupidamente todos os prazeres verdadeiramente dignos desse nome à vaidade de ir de bar em bar com uma mulher grosseira e caprichosa, diz um grave personagem que quer parecer largo de idéias: “Loucuras da juventude!”; e já nos demos por satisfeitos se ele não encorajar o jovem a continuar assim, manifestando um vivo pesar de que o seu tempo de loucuras tenha passado.

Muito bem, temos que ter a coragem de dizer: tais fórmulas consagradas fazem ao jovem um mal que não se poderia exagerar, impedindo-o de refletir, de ver a verdade. E como, em todos os países da Europa e da América, somos lançados, ao sair da escola ou do liceu, sem nenhuma vigilância real, sem nenhuma tutela mo-

ral, em alguma grande cidade; como jamais nos advertem contra essa fatal atmosfera de preconceitos absurdos que se respira num meio estudantil, nossa conduta incoerente e desastrosa é facilmente explicável. Essas hordas de estudantes turbulentos, que são censurados pelos homens *bem-comportados*, são as próprias idéias sem crítica que povoam os cérebros desses “homens bem-comportados” encarnadas e realizadas objetivamente.

Essa sugestão é tão forte que aqueles que conseguem desembaraçar-se dela na maturidade são de invejar. A fraqueza da vontade e a força das inclinações inferiores cooperando, muitos apressam-se em tentar legitimar através de provérbios sua juventude desperdiçada e sua idade madura que prolonga a juventude. Todos os erros acumulados pela educação, pelo exemplo, pela linguagem, pelo meio, favorecidos pelas inclinações, formam no espírito como que uma densa névoa que deforma a visão das coisas. Para dissipar essa névoa, só há um meio: refugiar-se freqüentemente na solidão meditativa; substituir em si as sugestões mediócras do ambiente pelas sugestões de um grande espírito, e deixar que na tranqüilidade essas sugestões benfazejas penetrem até o fundo da alma. A solidão propícia a essa penetração é fácil para o estudante; jamais ele encontrará depois uma tão grande liberdade, e é verdadeiramente triste que se tenha tão pouco domínio sobre si mesmo nessa fase em que a independência é tão grande.

Mas nem por isso deixa de ser verdade que podemos, nesse retiro interior, seja por nós mesmos, seja com a ajuda das reflexões de pensadores, dissipar pouco a pouco nossas ilusões. Em vez de julgar as coisas segundo a estima que os outros têm por elas, criaremos o costume de olhar para elas mesmas. Romperemos sobretudo com o hábito que temos de julgar nossos prazeres e nossas impressões de acordo com a opinião vigente. Veremos como o homem vulgar, que se contenta com os prazeres inferiores, por ser incapaz dos prazeres superiores, não somente recobre os primeiros com aparências enganosas, reservando para eles todos os termos elogiosos da linguagem, como também envolve em desprezo e zombarias os prazeres superiores — e desvirtua tudo aquilo que é digno de estima. Um filósofo que reflete e não segue a corrente é um sonhador, um excêntrico, um maluco. Quem medita é um

divagador que cai em um poço enquanto mira as estrelas. Todos os epítetos laudatórios, os alegres dádilos, são para o vício, e os pesados espondeus para a virtude: enquanto um é gracioso e elegante, a outra é austera, rígida, pedantesca. O próprio Molière, com todo seu gênio, não conseguiria fazer-nos rir do vício. Celimena, a coquete sem bondade nem franqueza, não é ridícula; é o homem bom, cujas palavras e gestos manifestam uma alta retidão, é Alceste, que tem o dom de ser cômico.⁶ E é um verdadeiro espanto para os alunos de ambos os sexos quando descobrem que Alceste é um homem jovem e elegante; a palavra “virtude” carrega com tanta força as sugestões presentes na linguagem corrente que, ainda uma vez, torna-se o depósito consagrado de tudo aquilo que é vulgar e baixo. Max Müller calculou que o número de palavras usadas por um inglês cultivado está entre três ou quatro mil; o das palavras usadas pelos grandes mestres, entre quinze e vinte mil; muito bem, é no catálogo das palavras que só raramente são usadas na conversação, e que fazem a diferença entre a bagagem do homem do mundo e a do pensador, que se encontra tudo o que é grande, nobre, elevado. Infelizmente, acontece com essa elevação que o pensamento produz na linguagem o mesmo que nas montanhas: o vulgo pode fazer breves excursões às alturas, mas são as planícies que ele habita. Eis porque as associações de idéias vão contra tudo aquilo que é elevado.

Desde a infância ouvimos representarem certas coisas como bens, e outras como males. Aqueles que falaram conosco imprimiram em nós a idéia de seus movimentos, e nos acostumamos a vê-las da mesma maneira que eles, e a ligá-las aos mesmos movimentos e às mesmas paixões; [...] não as julgamos mais por seu verdadeiro valor, mas pelo valor que têm na opinião dos homens.⁷

Ainda uma vez, é na reflexão atenta que o estudante encontrará o remédio para isso e conseguirá ver por si mesmo. Que ele mer-

6. Personagens da peça *O misantropo*, de Molière — NT.

7. Pierre Nicole, *Du danger des entretiens*, in *Essais de Morale contenus en divers traités sur plusieurs devoirs importants*, Guillaume Desprez et Jean Desessartz, Paris, 1715, v. II.

gulhe na vida, como todos os outros, é bem necessário: sem isso, não teria nenhuma experiência e não saberia evitar perigo algum. Mas que, depois da experiência adquirida na vida comum, volte para si mesmo e analise cuidadosamente suas impressões; deixará então de enganar-se quanto ao valor, à grandeza, e sobretudo à relação das coisas consigo mesmo; descartará o que é de importação estrangeira. Logo extrairá da vida de estudante ordinário a conclusão que a resume: ela é geralmente o sacrifício de todos os prazeres duráveis, das alegrias altas e serenas, à *vaidade*. Vaidade de parecer livre, de encher os bares de gritos e algazarras, de beber como um ébrio, de voltar para casa às duas horas da manhã por fanfarrice, de mostrar-se por aí na companhia de mulheres que amanhã verá nos braços de sucessores não menos orgulhosos de se exibirem.

Depois da coerção do internato, depois da vigilância tão inquietada de seus pais, é claro que há nessa conduta uma manifestação aparatosa de independência. Mas para quê essa ostentação? O sentimento real de sua independência, eis a grande alegria. O resto não passa de vaidade. Há uma falsíssima apreciação da extrema felicidade dessa vida faustosa. E quanto à vaidade, é muito fácil satisfazê-la de uma forma inteligente! Como a alegria de ser apreciado pelos professores, de fazer excelentes exames, de satisfazer os desejos dos pais e de ser considerado um grande homem em sua cidadezinha é muito superior a essa satisfação vaidosa do estudante com o prazer, satisfação que está ao alcance do mais tolo dos porteiros, ou do balconista que acabou de receber seu salário!

Que o estudante entre, portanto, em si mesmo, e empreenda uma crítica penetrante de todos esses prazeres que não são no fundo senão fadigas e desgostos dissimulados por uma ilusão de vaidade. Que disseque, além disso, um a um, todos os preconceitos e sofismas que pululam contra o trabalho intelectual; que abra muito bem os olhos e olhe cuidadosamente, *em seus detalhes*, alguns de seus dias e os princípios que o guiam. Que essas reflexões sejam enriquecidas por leituras bem escolhidas, e ele deixe de lado tudo o que não seja de auxílio à sua vontade. Descobrirá assim um novo mundo. Não estará mais condenado a contemplar, como os prisioneiros acorrentados na caverna de Platão, as sombras das coisas: verá então face a face a pura luz da verdade.

Criará assim para si uma atmosfera de impressões salutarres e viris, será uma personalidade, uma inteligência senhora de si mesma. Não será mais arrastado nas mais contrárias direções pelas incitações vindas seja das inclinações cegas, seja da linguagem, seja dos colegas, do mundo e do ambiente.

Entretanto, é claro que ele pode se refugiar na mais profunda solidão e viver pelo pensamento no meio do mundo. A solidão que propomos consiste em recusar acesso às preocupações mesquinhas, a obrigar-se a somente aceitar os objetos e as considerações capazes de despertar na alma os sentimentos que se quer experimentar. Essa obra não necessita um retiro para a Grande Cartuxa e é perfeitamente compatível com as ocupações habituais; basta que se saiba reservar a um passeio ou na sua própria casa um “retiro interior” e dirigir a atenção unicamente, durante um tempo mais ou menos longo, a cada dia ou a cada semana, aos motivos suscetíveis de provocar sentimentos de repulsa ou de amor.

§ VII

Então, nosso jovem não somente escapará à vassalagem das sugestões vulgares e aos erros provocados pela paixão; não somente sua conduta se amoldará melhor à verdade, mas ele escapará a graves perigos. O domínio de si mesmo, com efeito, implica na reconquista do eu em face das mil sugestões do mundo exterior, mas implica também, e sobretudo, no império da inteligência sobre as potências cegas da sensibilidade. Se lançarmos um olhar atento sobre a conduta das crianças, de quase todas as meninas e da maioria dos meninos, notaremos a tendência que todas têm de agir segundo o impulso do primeiro momento e a manifesta incapacidade que têm de adaptar sua conduta a fins distantes, mesmo que apenas um pouco distantes. A cada instante são as emoções dominantes que nos levam a fazer esta ou aquela ação. A uma onda de vaidade sucede-se em sua consciência uma onda de cólera, um impulso afetivo, etc.; e, se forem eliminados os atos habituais ou obrigatórios, o que resta, sobretudo em sociedade, tem por princípio a necessidade de provocar uma boa opinião de si mesmos em pessoas cujo critério é de ordinário muito pouco elevado.

E a tendência de considerar ingenuamente isso como o tipo do que é bom é tão forte, que o público considera como homens de ação unicamente os turbulentos, que não conseguem ficar parados, os agitados. Qualquer um que se feche na própria solidão para meditar e pensar é censurado. Porém, tudo que foi feito de grande e de durável no mundo foi realizado por meditativos, por pensadores. O trabalho frutuoso da humanidade foi realizado na tranqüilidade, sem pressa e sem espalhafato, por esses sonhadores de que falamos e que “caem num poço enquanto miram as estrelas”. Os outros, os barulhentos, os homens políticos, os conquistadores, os agitados que enchem a história com suas tolices, têm, considerados à distância, um papel muito medíocre na marcha da humanidade. Quando a história tal como é atualmente compreendida, e que não passa de um amontoado de anedotas destinadas a satisfazer a curiosidade um pouco simplória do bom público letrado, tiver dado lugar à história escrita por pensadores para pensadores, será espantoso ver como a ação dos “grandes agitados” modificou pouco a larga corrente da civilização. Os verdadeiros heróis da história, que são os grandes inventores das ciências, das artes, das letras, da filosofia, da indústria, ganharão o lugar que lhes é de direito, o primeiro. Um pobre meditativo como Ampère, que jamais soube ganhar dinheiro, de quem a porteira devia chorar de rir, fez mais com suas descobertas para revolucionar a sociedade e mesmo a guerra moderna, que um Bismarck e um Moltke juntos. Um Georges Ville fez e fará ainda mais pela agricultura que cinquenta ministros da agricultura reunidos.

Como esperar que o estudante resista à opinião geral que enche de elogios a agitação, que ela confunde com a ação fecunda? Como querer que ele não considere uma necessidade dar pelo menos para si mesmo a ilusão de viver, ou seja, de fazer barulho e agir sem pensar, pois que isto é viver segundo a fórmula comumente aceita? Todas as nossas desgraças vêm dessa fatal necessidade de agir imediatamente, necessidade estimulada pelos louvores da opinião. Essa agitação, na solidão, não seria em si mesma um grande perigo, pois não teria onde ser empregada. Mas, por essa tendência a agir sem pensar, o estudante torna-se o brinquedo das circunstâncias exteriores. A chegada de um colega na hora do trabalho,

uma reunião pública, uma festa, um acontecimento qualquer o arrastam. Pois, como é facilmente verificável, o imprevisto “desmonta” as vontades fracas. A salvação só pode ser encontrada na reflexão meditativa; a previsão dos acontecimentos exteriores pode até mesmo substituir a falta de energia. Ora, o estudante pode *eliminar o imprevisto* de sua existência. Pode facilmente prever as ocasiões de dissipação que poderão apresentar-se. Sabe, por exemplo, que tal colega tentará levá-lo, seja para um bar, seja para um passeio, e pode perfeitamente preparar de antemão as fórmulas de recusa, ou se a recusa pura e simples lhe for difícil, pode preparar uma boa desculpa e impedir qualquer insistência;⁸ mas, ainda uma vez, se não se decidiu antecipadamente e com firmeza a ficar em casa para fazer determinado trabalho e se não preparou as fórmulas que impedirão qualquer tentativa de ser arrastado para a ociosidade, há grandes chances de se perder a jornada. Prever, do ponto de vista psicológico, é pré-imaginar os acontecimentos. Essa pré-imaginação, se for viva e clara, equivale a um estado de semi-tensão tal que a resposta, ou o ato, são realizados com uma grande rapidez; mesmo que, entre o pensamento do ato ou da resposta a dar e a realização objetiva desse pensamento, não haja tempo material para que as incitações dos acontecimentos exteriores ou as exortações dos colegas possam intercalar-se, os acontecimentos hostis a nossa decisão não fazem de certa forma senão provocar a execução automática dos atos conformes à decisão.

É apenas para os fracos que a vida é feita de improviso. Para quem não tem um objetivo claramente fixado, ou para quem, tendo esse objetivo fixado, não sabe manter o olhar sobre ele, e constantemente deixa-se distrair, para este, a vida torna-se

8. Não aprovamos de maneira alguma a intransigência de Kant sobre esse ponto. Como?! Pois me seria permitido matar um homem quando se tratasse de minha legítima defesa e uma desculpa não me seria permitida no caso de uma defesa tão legítima quanto aquela contra os indiscretos? É mais que um direito, é um dever defender contra eles seu trabalho e seu pensamento. É muito frequente que essa seja a única arma de que se dispõe para proteger-se sem ofender gravemente o próximo. A desculpa imperdoável, odiosa, é a desculpa que prejudica alguém. Uma verdade dita com a intenção de ofender é tão culpável quanto uma inexactidão. O que faz um ato culpável é a má intenção.

incoerente. Ao contrário, para quem se detém freqüentemente a “retornar ao ponto” e a retificar a direção, nada é imprevisito; mas para tanto é necessário tomar clara consciência daquilo que somos, de nossas faltas habituais, das causas que de ordinário nos fazem perder tempo — e traçar a partir disso uma linha de conduta para nós mesmos; não devemos, em nenhum caso, perder-nos de vista.

Poderemos assim chegar a diminuir dia a dia a parte de acaso em nossa existência. Não apenas *saberemos* sem hesitação o que devemos dizer e fazer em tal acontecimento exterior (por exemplo, romper com um colega, mudar de quarto, de restaurante, fugir por um tempo para o campo), mas poderemos ainda instituir um plano de batalha completo e detalhado contra todos os acasos interiores.

Esse plano é de uma importância capital. Se ele for bem concebido, sabe-se o que deve ser feito quando uma sugestão sexual se implanta no pensamento e não se consegue expulsá-la; sabe-se como vencer os acessos de sentimentalismo vago, como triunfar da tristeza, do desânimo. Tem-se, como um bom general, uma noção de todos os obstáculos que provêm do inimigo, das dificuldades do terreno, dos defeitos de suas próprias tropas — e se calculou também as chances de sucesso levando em conta as incapacidades do comando inimigo, as vantagens de certa parte do terreno, de certo relevo do solo e das qualidades do entusiasmo das tropas. Então pode-se avançar. Os inimigos externos e internos são conhecidos, são conhecidas também suas táticas, seus pontos fracos: a vitória final não é duvidosa porque tudo foi previsto, mesmo a retirada ordenada depois de uma derrota parcial.

São precisamente os perigos interiores e exteriores que podem assaltar o estudante que devemos considerar atentamente. Devemos estudar a tática adequada para vencê-los. Veremos como se pode utilizar as circunstâncias externas e fazê-las concorrer para a educação da própria vontade, mesmo aquilo que habitualmente ajuda a aumentar nossa fraqueza moral. Tanto é verdadeiro que a reflexão, a inteligência, são de fato libertadoras, como é certo, com o tempo, o triunfo dessas potências luminosas sobre as densas e cegas potências sensíveis!

§ VIII

Como se pode ver, a reflexão meditativa é de uma fecundidade maravilhosa em resultados. Dá nascimento a potentes movimentos afetivos, transforma as veleidades em resoluções enérgicas, neutraliza a influência das sugestões da linguagem e da paixão, permite lançar sobre o futuro um olhar lúcido e prever os perigos de origem interna, evitar que as circunstâncias externas, o ambiente social, reforcem nossa preguiça inata. Essas importantes vantagens são as únicas que podemos esperar dessa poderosa benfeitora? Não, pois além da ajuda que nos dá diretamente, ela é rica em resultados indiretos.

Ela permite extrair da experiência de cada dia regras inicialmente provisórias, que se vão confirmando, definindo, e acabam por adquirir a autoridade e a clareza de *princípios diretores* da conduta. Esses princípios formam-se pelo lento depósito no fundo da mente de múltiplas observações de detalhe. Esse depósito não se forma nos turbulentos nem nos agitados; eles também não se aproveitam do passado e, como nos alunos desatentos, encontramos neles sempre os mesmos solecismos e as mesmas incorreções — mas aqui são solecismos e incorreções na conduta. Ao contrário, naqueles que refletem, o passado e o presente são como que uma perpétua lição, lição que permite não mais reproduzir no futuro faltas que são evitáveis. E essas lições condensam-se paulatinamente em regras que são como que experiência concentrada e reduzida ao estado de elixir. Essas regras, formuladas em máximas bem claras, ajudam a disciplinar os desejos mutáveis, os movimentos naturais que têm direções divergentes, e a fazer reinar na vida uma ordem constante e segura.

Essa força inerente a todo princípio claramente formulado provém de duas causas concorrentes.

Primeiro, há uma regra quase absoluta em psicologia: toda idéia de uma ação a realizar ou de uma ação a não realizar, se for bem distinta, tem, na ausência de estados afetivos hostis, um poder de realização que se explica pelo fato de que, entre a idéia e o ato, não há uma diferença essencial. Uma ação concebida é já uma ação começada. A pré-imaginação é como o “ensaio geral” da ação; é uma

semi-tensão que precede a tensão final, de tal sorte que a ação preconcebida é rapidamente executada. A turba das inclinações não tem o tempo de se fazer ouvir. Por exemplo, você está resolvido a começar a trabalhar e previu que tal colega, que já o convidou a acompanhá-lo ao teatro, insistirá. Você prepara sua resposta e, encontrando-o, previne-o: “Lamento, pensei em te acompanhar, mas tive certo contratempo que me obriga a ir para casa”. O tom decidido, muito firme em que lhe diz isso impedirá você mesmo de mudar de idéia e também tirará do amigo toda possibilidade de insistir.

Como em política são as pessoas de iniciativa clara e firme que conduzem os indecisos, os timoratos, os argumentadores, assim na consciência são os estados claros, decididos que permanecem senhores da situação; de forma que se você determinar detalhadamente a conduta que deverá seguir, a realização do programa traçado de antemão prevê as sugestões da preguiça e da vaidade...

Eis a primeira causa do poder dos princípios. Ela não é a única, nem mesmo a mais importante. Com efeito, para pensar não podemos carregar em nós uma volumosa bagagem de imagens. Substituímos os grupos de objetos particulares por abreviações cômodas, por signos que possamos ter à mão, e que não são outra coisa senão as palavras. Sabemos que, quando quisermos, basta manter um instante de atenção sobre o signo para ver surgirem as imagens particulares, como centenas de rotíferos ressequidos ressuscitam quando deixamos cair sobre eles uma gota d’água. Acontece o mesmo com os sentimentos. Eles são coisas pesadas e volumosas, dificilmente manejáveis pelo pensamento; por isso são substituídos no uso corrente por palavras, que são signos curtos, manipuláveis, e que por associação são eminentemente apropriados a despertar os sentimentos que representam. Algumas palavras são por assim dizer vibrantes da emoção que significam: assim são as palavras “honra”, “magnanimidade”, “dignidade humana”... “traição”, “covardia”, etc. Muito bem, os princípios também são abreviações concisas, enérgicas, soberanamente apropriadas a despertar os sentimentos complexos mais ou menos poderosos que representam na consciência comum. Quando a meditação provocou na alma movimentos afetuosos ou movimentos de repulsa,

como esses movimentos logo desaparecem, é bom conservar uma fórmula que possa recordá-los em caso de necessidade e que os resuma de alguma maneira. Isso é ainda mais útil porque uma fórmula precisa fixa-se no pensamento com muita força. Facilmente evocada, traz consigo os sentimentos associados de que é o signo prático, recebendo o poder deles, e comunica-lhes em troca sua clareza, a comodidade com que é evocada, sua facilidade de transporte. Se na educação de si mesmo não se tem regras claras, perde-se toda a destreza, toda visão da conduta na luta contra o meio e contra as paixões. Sem elas combate-se no escuro, e as mais belas vitórias ficam infecundas.

Assim, as regras de conduta dão para nossa vontade a decisão, o vigor rápido que assegura o triunfo; são cômodos substitutos dos sentimentos que desejamos despertar. Esses novos e preciosos auxiliares da nossa libertação, é ainda a meditação reflexiva que suscita, pois somente essa meditação permite ao espírito abstrair das nossas experiências incessantes as coexistências e as seqüências constantes de que é feita nossa ciência da vida, ou seja, nosso poder de prever e de dirigir o futuro.

§ IX

Em resumo, a reflexão meditativa produz na alma movimentos afetivos preciosos para quem os sabe utilizar; é também sua grande libertadora, pois permite-nos resistir à efervescência dos sentimentos, das paixões e das idéias que se precipitam desordenadamente até a luz da consciência. Permite também que fiquemos firmes em meio à torrente de excitações que vêm do mundo exterior, e esse poder de nos reconquistarmos, de nos mantermos em nós mesmos, é uma causa fecunda de felicidade, pois em vez de deixarmo-nos levar passivamente, sem nunca olhar para trás, podemos retornar sobre as lembranças agradáveis da existência, ruminá-las, revivê-las uma e outra vez.

Além disso, não é extremamente valioso ter uma grande consciência da própria personalidade? Não experimentamos nisso algo da alegria que tem um bom nadador ao lutar contra as ondas, ora deixando-as crescer e passar sobre ele, como uma carícia, ora

provocando-as e atravessando-as? Se o sentimento do nosso poder na luta vitoriosa contra os elementos da natureza sempre provoca em nós profundas emoções agradáveis, que interesse palpitante não encontraremos nessa luta da vontade contra as potências brutais da sensibilidade? Foi justamente por ter pintado as alegrias do domínio de si mesmo que Corneille foi colocado tão alto na admiração da posteridade, e se suas personagens tivessem obtido a vitória com menor facilidade, se sua luta contra as fatalidades da nossa natureza animal tivesse sido mais longa, seu teatro teria sido ainda mais profundamente humano, e como ele nos oferece um tão nobre ideal, Corneille tornou-se não somente o primeiro dos poetas dramáticos, mas o gênio mais alto e admirável de todos os tempos.

Capítulo II

O que é meditar e como meditar

§ I

SE a reflexão meditativa tem uma importância tão capital em nosso trabalho de libertação, é urgente entender como se deve meditar, e examinar os recursos materiais, de certa forma, que o conhecimento das leis psicológicas e a experiência podem nos fornecer para esse exercício.

Ainda uma vez trata-se, para a reflexão meditativa, de despertar em nós poderosos movimentos de afeto ou de ódio, de provocar resoluções, de estabelecer regras de conduta, de escapar ao duplo turbilhão dos estados de consciência de origem interior e dos estados de consciência provocados pelo mundo exterior.

A grande regra geral para refletir e meditar de uma forma útil decorre do exame mesmo da natureza do pensamento. Nós pensamos *com as palavras*. Como indicamos precedentemente, para pensar temos que nos desembaraçar das imagens reais, pois elas são pesadas, densas, de difícil manejo. Nós as substituímos por signos breves, fáceis de reter, fáceis de transmitir aos outros; esses signos são geralmente palavras. Essas palavras associadas às coisas têm a propriedade de poder evocar essas coisas quando o quisermos, sob a condição de que a palavra tenha entrado na memória depois da experiência das coisas, ou pelo menos de que lhes tenhamos acrescentado a experiência das coisas.

Infelizmente aprendemos, quando somos crianças, primeiro as palavras (salvo no que concerne aos conhecimentos elementares, percepções simples, etc.). E, para a maioria dessas palavras, não tivemos o tempo, ou a possibilidade, ou a coragem de acrescentar à “sua palha, o grão das coisas”. São espigas leves, ou mesmo vazias. Todos nós, sem exceção, temos um grande número dessas palavras na memória. Eu jamais ouvi um elefante *barrir*; a palavra “barrir” é para mim uma espiga vazia. O homem comum possui uma multidão dessas palavras. Alguém declara, por exemplo, para acabar com uma discussão, que a experiência já se pronunciou. Ele ignora absolutamente as condições necessárias para que uma experiência seja válida. E assim por diante. Se examinarmos as frases usuais que pronunciamos, ficaremos estupefatos com a vagueza de muitos dos nossos pensamentos, e descobriremos que mesmo os mais inteligentes freqüentemente falam como papagaios, sem que suas palavras correspondam a realidade alguma.

Muito bem, meditar é de certa forma bater a palha para fazer cair o grão. A regra que domina tudo aqui é sempre substituir as palavras pelas coisas. Não por uma imagem vaga e indeterminada das coisas, mas pelas coisas vistas minuciosamente em seus detalhes. Devemos sempre particularizar nosso pensamento, torná-lo concreto. Se o objetivo é, por exemplo, chegar à resolução de parar de fumar, examinaremos *todos* os inconvenientes de fumar, sem omitir nenhum, desde o escurecimento dos dentes até os cem francos por ano que custa um único cigarro fumado depois do almoço. Consideraremos a tão justa observação de Tolstói de que o tabaco diminui a penetração do espírito. Tentaremos, num dia de perfeita lucidez intelectual, seguir uma sutil dedução filosófica, e continuá-la depois, fumando. Perceberemos a dificuldade que temos, depois de ter fumado, de fixar o pensamento, de compreender. E outras experiências semelhantes nos convencerão de que o tabaco embota a fina ponta superior do espírito. Pensaremos, por outro lado, que o prazer de fumar é um desses prazeres físicos que logo extinguem-se enquanto prazeres e tornam-se um tirânico hábito. Pensaremos em todos os casos em que se pode sofrer com essa tirania. Com essas observações e outras ainda, daremos uma grande força

à resolução que tomaremos, nesses momentos de senhorio sobre si mesmo, de não mais fumar. Deveremos proceder da mesma maneira quanto aos detalhes das múltiplas satisfações que nos traz o trabalho.

É também descendo aos mínimos detalhes da análise que chegaremos a dissipar as sugestões da linguagem, as ilusões da paixão, verificando meticulosamente as afirmações enganosas. Examinaremos assim, na parte prática do livro, a afirmação frequentemente reiterada de que só se trabalha bem em Paris.

Enfim, é ainda pela observação detalhada que a previsão dos perigos que vêm de nossas paixões e de nossa preguiça poderá ser impecável, bem como a previsão dos perigos e dos recursos que vêm do ambiente social, das relações, da profissão, dos acasos, etc.

Para ajudar-nos em nossas meditações, devemos evitar o ruído, recolher-nos, depois consultar os livros que tratem do assunto da atual meditação, reler nossas notas, e enfim, por um trabalho enérgico da imaginação, representar-nos de forma clara, precisa, concreta, todos os detalhes do perigo que corremos, ou das vantagens desta ou daquela conduta. Não basta passar rapidamente por isso; é preciso ver, ouvir, sentir, tocar. É preciso, por uma intensa reflexão, fazer com que o objeto examinado nos seja tão presente quanto se realmente estivesse aí. Que digo? Mais presente ainda; pois assim como a arte torna uma cena, uma paisagem, mais lógica, mais íntegra, e portanto mais verdadeira que a realidade, nossa imaginação deve também tornar o objeto da meditação mais claro, mais lógico, mais verdadeiro para nós do que ele o é na realidade, e portanto mais vivo, mais capaz de influenciar.

§ II

Há incontestáveis auxiliares para que nossas reflexões produzam todo seu efeito. Ricos das experiências de seus predecessores, ricos das observações pessoais incessantemente verificadas pela confissão, os grandes diretores espirituais católicos, para os quais despertar na alma poderosas emoções é não um meio, como para nós, mas o fim supremo, mostram-nos como em psicologia as menores práticas têm importância. Não se pode assistir a uma

cerimônia numa igreja sem ser penetrado de admiração pela ciência impecável que determinou seus menores detalhes. Por exemplo, numa cerimônia fúnebre, todos os gestos, todas as atitudes, todos os cantos, o órgão, a própria luz dos vitrais, concorrem com uma lógica maravilhosa para transformar a dor dos parentes em grandes impulsos religiosos. Para quem assiste a tais cerimônias com uma fé sincera, a emoção chega a penetrar as mais íntimas profundezas da alma.

Mas mesmo na igreja essas cerimônias tão eficazes são uma exceção, e os diretores espirituais aconselham um certo número de procedimentos práticos muito eficientes para mover a alma. Sem falar dos “retiros”, e para nos ocuparmos apenas das práticas que eles aconselham individualmente, não podemos deixar de admirar o auxílio que pedem ao corpo para sustentar o moral. São Domingos inventou o Rosário, avivando assim a meditação com uma ocupação manual, e de certa forma com um jogo. São Francisco de Sales recomenda, sobretudo nos momentos de secura, que se recorra a atos exteriores, a atitudes próprias a sugerir certos pensamentos, às leituras, e também às palavras pronunciadas em voz alta. Pascal não fala constantemente em “inclinar o autômato”? O próprio Leibniz,¹ em uma passagem pouco conhecida, diz:

Não posso concordar com o pensamento daqueles que, sob o pretexto de adorar em espírito e verdade, banem do culto divino tudo o que cai sob os sentidos, tudo o que excita a imaginação, desconsiderando assim a enfermidade humana [...] não podemos nem fixar nossa atenção sobre nossas idéias interiores, nem gravá-las em nosso espírito, sem acrescentar-lhes alguns recursos exteriores [...] e esses signos são tanto mais eficazes quanto mais expressivos forem.

Assim, aproveitando-nos da experiência, deveremos, na reflexão meditativa, quando não vier a inspiração, recorrer a leituras especialmente apropriadas ao nosso objetivo, deveremos manter nossa atenção através de palavras pronunciadas em voz alta, o que,

1. *Systema theologicum*.

como vimos,² é um meio seguro de violentar nossas representações e obrigá-las a obedecer-nos. Deveremos mesmo escrever nossas meditações, em suma, usar, para dirigir à vontade nossas representações, da precedência que têm sobre elas os estados presentes, e principalmente aqueles que recomendamos (palavras pronunciadas, a escrita, etc.). É assim que poderemos retirar da consciência os principais obstáculos à reflexão, a saber, a lembrança dos prazeres sensíveis e as distrações da imaginação, e nela implantar as tramas de idéias que quisermos.

Quanto ao tempo mais conveniente para essas espécies de meditações afetivas, parece-nos ser a última semana das férias, a que precede a retomada dos cursos. Em todas as férias, ou seja, três vezes por ano, é bom retomar completamente as meditações úteis em uma espécie de retiro, que é bom fazer caminhando pelos bosques ou à beira-mar. Esses “retiros” são infinitamente proveitosos. Retemperam a vontade, fazem do estudante uma personalidade consciente. Mas é necessário ao longo do ano escolar dedicar-se a numerosos instantes de reflexão sobre si mesmo, nos intervalos das ações. À noite, ao ir dormir, ou ao acordar, ou nos momentos de repouso, em vez de deixar que as preocupações mesquinhas invadam a consciência, o que há de mais fácil que renovar as boas resoluções e dispor as ocupações e os recreios? Que ocupação matinal é mais útil que, ao se levantar, ao se vestir, ao ir para o trabalho, “fazer a planta dos bons desejos reverdecer” e traçar um plano de conduta para o dia? Esses hábitos de meditação freqüente adquirem-se em pouco tempo. Adquiri-los é aliás tão fértil em bons resultados que nunca é demais insistir que os jovens façam os esforços necessários para tornar esse hábito, por assim dizer, uma necessidade.

2. Cf. p. 42.

Capítulo III

O papel da ação na educação da vontade

§ I

A reflexão meditativa é indispensável; mas isolada, é impotente. Ela une por uma ação comum as forças esparsas da alma, ela dá o movimento, mas, assim como os mais potentes ventos em alto-mar sopram inutilmente se não encontram uma vela para enfunar e impelir, também as mais vigorosas emoções perecem estéreis se cada um de seus movimentos não capitaliza algo de sua energia em nossa atividade. Se é sob a forma de recordações que se deposita na memória do estudante uma parte do trabalho que ele realiza, é sob a forma de hábitos ativos que se deposita em nós nossa atividade. Nada se perde em nossa vida psicológica: a natureza é um contador minucioso. Nossos atos aparentemente mais insignificantes, por pouco que os repitamos, formam, ao longo das semanas, dos meses, dos anos, uma soma enorme, que se inscreve na memória orgânica sob a forma de hábitos inarredáveis. O tempo, esse tão precioso aliado da nossa libertação, trabalha com a mesma obstinação tranqüila contra nós, quando não o obrigamos a trabalhar por nós. Utiliza em nós, a nosso favor ou contra nós, a lei dominante da psicologia, a lei do hábito. Soberano e certo de seu triunfo, o hábito procede com uma marcha insidiosa, e sem pressa. Diríamos que ele sabe a prodigiosa eficácia das lentas ações indefinidamente repetidas. Feito um primeiro ato, ainda

que penosamente, sua repetição já custará menos. Numa terceira, numa quarta reprodução, o esforço diminui ainda mais, e vai se atenuando até desaparecer. Que digo? Não desaparecer, pois esse ato dificultoso no início vai se tornando pouco a pouco uma necessidade, e, francamente desagradável antes, agora é não realizá-lo que se torna difícil! Para os atos que desejamos, que aliado preciso é esse! E como ele se presta a transformar prontamente num caminho amplo e belo a senda pedregosa que nos repugnava seguir! Faz-nos uma doce violência para nos conduzir aonde decidimos ir, e para onde nossa preguiça antes recusava-se a ir!

Muito bem, essa fixação em hábitos da nossa energia não é a reflexão meditativa que pode realizar, mas a ação. Mas não basta proclamar em termos gerais a necessidade da ação. A palavra ação encobre, e com muita frequência esconde ao olhar, as realidades que designa. Aqui, o que nos interessa é a ação do estudante. Ora, agir, para o estudante, é realizar uma multidão de atos especiais, e assim como não há vontade, mas somente atos voluntários, também não há ação, mas somente ações particulares. Agir, para o estudante de filosofia, por exemplo, é levantar-se às sete horas e ler com uma penetrante atenção tal capítulo de Leibniz, ou de Descartes; é tomar notas, etc. Ler, também, inclui uma grande quantidade de esforços de atenção sucessivos. Agir é ainda repassar as notas, apreendê-las de todo coração; é pesquisar os materiais de uma dissertação, ordenar seu plano geral, depois o plano de cada parágrafo; é meditar, pesquisar, corrigir, etc.

Raras são na vida as ocasiões de realizar ações estrondosas. Assim como uma excursão ao Monte Branco é feita de miríades de passos, de esforços, de saltos, de incisões no gelo, também a vida dos maiores sábios é feita de longas séries de pacientes esforços. Agir é, portanto, realizar milhares de pequenas ações. Bossuet, que foi um admirável diretor espiritual, “aos grandes esforços extraordinários a que se chega por grandes arreiros, e de onde se cai numa queda profunda”, preferia “os pequenos sacrifícios que são às vezes os mais mortificantes e os mais extenuantes, os ganhos modestos, mas seguros, os atos fáceis mas repetidos e que se tornam hábitos insensíveis [...]”. Basta pouco a cada dia se a cada dia

realizamos esse pouco”.¹ Com efeito, o homem corajoso não é aquele que realiza corajosamente todos os atos da vida. É o aluno que, apesar da repugnância, obriga-se a levantar para procurar uma palavra no dicionário, que acaba sua tarefa apesar do desejo de descansar, que termina a leitura de uma página tediosa. É nessas mil ações aparentemente insignificantes que se tempera a vontade. “Todas as obras fazem crescer”. Devemos, na falta de grandes esforços, realizar a toda hora os pequenos, excelentemente e com amor. *Qui spernit modica paulatim decidet*.² A grande regra aqui é escapar sempre, até nas mínimas ações, à vassalagem da preguiça, dos desejos e das influências exteriores. Devemos mesmo buscar as ocasiões de alcançar essas pequenas vitórias. Chamá-lhe quando está trabalhando, e você experimenta um sentimento de revolta: levante-se sem demora, obrigando-se a ir vigorosa e alegremente aonde foi chamado. Antes da aula, um amigo convida-o para passear; faz um belo dia; vá vigorosamente trabalhar! A vitrina daquela livraria atrai-o na hora do trabalho: vá para o outro lado da rua e caminhe rapidamente. É por essas “crucifixões” que se habituará a triunfar sobre suas inclinações, a ser ativo em toda parte e sempre... mesmo quando dorme ou passeia, que seja porque escolheu esse repouso. É assim que nos bancos do liceu, estudando, a criança aprende uma ciência mais preciosa que o latim ou as matemáticas que deve saber: a ciência do auto-domínio, de lutar contra a desatenção, contra as dificuldades desanimadoras, contra o tédio das pesquisas no dicionário ou na gramática, contra o desejo de perder o tempo sonhando; e por uma consequência consoladora, ocorre que os progressos realizados no estudo estão sempre, digam o que disserem, em razão direta com os progressos realizados nessa obra de domínio sobre si mesmo, tanto é verdade que a energia da vontade é ao mesmo tempo a mais preciosa das conquistas e a mais fecunda em boas consequências!

E por que esses pequenos esforços têm tanta importância? É que nenhum deles se perde; cada um dá sua parcela à formação

1. Ver o *Bossuet* de Lanson. [Gustave Lanson, *Bossuet*, Société française d'imprimerie et de librairie, Paris, 1890 — NT].

2. “O que despreza as coisas pequenas pouco a pouco cairá”. Eclo 19, 1b — NT.

do hábito, cada um torna os próximos atos mais fáceis. Nossas ações agem sobre nós, criando hábitos em nós: o hábito de prestar atenção, o hábito de dedicar-se vigorosamente ao trabalho, o hábito de não levar em conta as solicitações dos desejos mais do que se leva em conta os zumbidos das moscas.

Além disso, a ação, como vimos precedentemente, sustenta com eficácia o próprio pensamento. Lançando na consciência a cada instante estados reais da mesma natureza que nossas idéias, fortifica a atenção, reaviva-a quando está se extinguindo. Escrever seus pensamentos, tomar notas durante as leituras, precisar suas objeções formulando-as, exerce, como dissemos, o mesmo papel de suporte para o pensamento que os trabalhos manuais de laboratório para o cientista, que as fórmulas para o geômetra.

Mas há um outro resultado extremamente importante da ação. Agir, com efeito, é de certa maneira manifestar, proclamar nossa vontade. Nossos atos engajam-nos publicamente em um partido. Todos os moralistas afirmam a necessidade, para quem quer adotar um gênero de vida conforme ao dever, de tomar “firme e completamente o bom caminho, em completa oposição a todos os hábitos e a todas as inclinações anteriores [...] é preciso afrontar tudo, arrancarmo-nos do nosso velho eu” e, segundo a vigorosa expressão de Veuillot, é preciso servir a Deus “descaradamente”. É que não se pode exagerar a energia que uma manifestação pública e clamorosa acrescenta aos sentimentos e à vontade. Nossos atos anteriores obrigam-nos mais do que se imagina: primeiro por uma necessidade lógica que faz com que uma vida incoerente seja tão chocante que se prefere permanecer igual a si mesmo do que mudar, mesmo para melhor; depois por um respeito humano muito poderoso e muito justificado, pois sabemos que essa incoerência em nossos atos será como que um sinal de fraqueza da vontade próxima à loucura. Eis porque é importante, quando se rompe com uma vida de preguiça, romper com clamor, engajar a própria honra perante si mesmo e perante os outros. Muda-se de restaurante, de apartamento, de relações; cada palavra que se pronuncia deve ser uma afirmação da vontade de agir bem; todo sofisma desencorajador deve ser rejeitado com polidez, mas com energia. Não se permite que zombem do trabalho na nossa pre-

sença, nem que se louve a vida sem rumo de um estudante. Ser visto pelos outros tal como devemos ser duplica nosso poder de melhorar, pois põe a serviço da nossa fraqueza essa necessidade tão profunda que todos temos da aprovação dos outros, mesmo daqueles que não conhecemos.

Acrescentemos a essas diversas influências da ação o prazer que temos em agir, prazer tão vivo que muitas pessoas agem por agir, sem finalidade, sem proveito, e freqüentemente com prejuízo. Esse prazer tem qualquer coisa de inebriante, de excitante, e isto talvez provenha do fato de que a ação, mais do que qualquer outra coisa, dá-nos o sentimento da nossa existência e da nossa força.

Portanto é indispensável, sob todos os pontos de vista, acrescentar a ação à meditação; indispensável porque somente a ação pode organizar hábitos sólidos, e mais ainda, transformar em *necessidades* atos que eram antes francamente desagradáveis. É agindo que nos aguerrimos para lutar contra as inclinações fatais de nossa natureza, para triunfar constantemente e a cada minuto sobre tudo aquilo que é hostil ao pleno domínio de si mesmo. Ademais, manifestando exteriormente nossa vontade, a ação envolve nossa própria honra; reafirma nossas resoluções tanto por si mesma quanto apelando à ajuda do poder da opinião — por acréscimo, ela nos dá em recompensa suas alegrias viris e fortes.

§ II

Infelizmente, o tempo da atividade voluntária é muito curto e uma grande porção da existência é devorada pelas necessidades fisiológicas e sociais. Até os cinco ou seis anos o menino tem uma vida animal. Sua existência consiste em dormir, comer e brincar; tem bastante o que fazer desenredando o caos das impressões externas que assaltam o limiar da sua consciência, e longe de dominar o mundo exterior, é como que aturdido por ele. Até os oito anos, tem muito o que fazer estudando o que os outros pensaram, para que pense por si mesmo. Poderia, parece, terminados seus estudos primários, tomar posse de sua vida e dedicar-se ao estudo de si mesmo e à observação da sociedade em que está entrando, com todas suas faculdades aguçadas, temperadas pelos anos de

cultura desinteressada; infelizmente, conhecendo muito bem o mundo físico em que tem vivido, bruscamente seu olhar se vela, uma nuvem interpõe-se, por um lado entre suas faculdades de observação e ele mesmo, e por outro entre seu espírito crítico e a sociedade. Vagos devaneios, grandes impulsos sem finalidade tomam sua consciência; é que nessa idade realiza-se uma revolução no corpo do adolescente: começa a puberdade. E na idade em que o jovem poderia tomar posse de si mesmo, as paixões invadem sua alma. Pobre dele se, como acontece em todas as faculdades da Europa e da América, for abandonado a uma plena liberdade, sem apoio, sem um diretor espiritual, sem possibilidade de desfazer a densa atmosfera de ilusões que o sufoca! O estudante encontra-se como que aturdido, incapaz de se conduzir, levado pelos preconceitos reinantes ao seu redor. Qual o homem feito que, dirigindo seu pensamento a essa época, não maldiz a imprevidência da sociedade que nos jogou, ao sairmos do liceu ou do ginário, absolutamente isolados numa grande cidade, sem apoios morais, sem conselheiros senão as estúpidas fórmulas em voga que pintam com cores brilhantes aquilo que não passa de uma vida de bestialidades? E o espantoso é que entre muitos pais de família existe uma espécie de preconceito contra a vida de um estudante trabalhador e honesto, tamanha a influência das idéias correntes!

Acrescente-se a isso que em seu isolamento o jovem nem mesmo sabe trabalhar; jamais lhe deram um método de trabalho adaptado a suas forças e à natureza de seu espírito. Assim, os anos de estudos superiores são geralmente perdidos na obra de libertação de si mesmo. E, entretanto, são os mais belos e radiosos anos da vida. O estudante tem uma posse quase absoluta de si mesmo. As mil sujeições da vida social pesam muito pouco sobre ele. Não carrega ainda ao pescoço a coleira do ofício, da carreira a seguir. Também não tem sobre si os cuidados que terá como chefe de família. Seus dias lhe pertencem, são todos seus. Mas o que é a liberdade exterior para quem não é senhor de si mesmo? Você manda em tudo aqui, poderíamos dizer, menos em si mesmo,³ e os dias escoam freqüentemente estéreis. Aliás, mesmo nessa plena liberdade, as fatalidades

3. Beaumarchais, *Le mariage de Figaro*.

da existência roubam muito tempo. Levantar-se, meia-hora para a toalete, as idas e vindas do quarto à faculdade, do quarto ao restaurante; as refeições, o tempo da digestão, incompatível com o trabalho do espírito; algumas visitas, algumas cartas a escrever, contratempos imprevistos, passeios necessários, horas tomadas pelas doenças, todo esse conjunto de necessidades imperiosas devoram, se lhes acrescentamos as oito horas de sono necessárias para quem trabalha, dezesseis horas por dia. Basta fazer a conta. Mais tarde, a todas essas necessidades virão juntar-se as da carreira, e então, mesmo reduzindo tanto quanto possível o tempo das refeições e do passeio, raros serão os que dispõem de cinco horas por dias para si, para serem ocupadas no trabalho preferido e na meditação tranqüila! Por outro lado, se do trabalho total subtraímos o tempo das pesquisas nos livros, o tempo usado para copiar, para escrever, e mesmo o tempo usado para respirar, durante o qual o esforço não é possível, veremos como é exíguo o tempo de *esforço real do espírito*. E quem reflete sinceramente chega a indignar-se contra essas biografias mentirosas, e tão próprias para desencorajar os jovens, nas quais mostram-nos cientistas, ou políticos, *trabalhando diariamente* durante quinze horas!

Felizmente, como observa Bossuet numa passagem que já citamos, pouco basta para cada dia se a cada dia realizamos esse pouco; continuamos o caminho, mesmo num passo mais lento, se não estamos parados. O importante para o trabalho intelectual é, não digo a regularidade, mas a continuidade. O gênio é uma longa paciência, já disse alguém. Todos os grandes trabalhos foram realizados pela paciência perseverante. Foi pensando constantemente que Newton descobriu a gravitação universal. “É incrível o que se faz com o tempo quando se tem a paciência de esperar e de não se apressar”, escreveu Lacordaire. Vejam a natureza: uma torrente que devastou o vale de Saint-Gervais levou consigo uma quantidade irrisória de detritos; ao contrário, a lenta ação dos gelos e das chuvas, a marcha quase imperceptível das geleiras desagregam, a cada ano, pedra a pedra, poderíamos dizer, as paredes rochosas, e derramam nos vales prodigiosas massas de aluviões. Uma torrente que carrega cascalhos desgasta dia a dia o granito sobre o qual corre, e chega, ao longo dos séculos, a cavar na

rocha gargantas de grande profundidade. Acontece o mesmo com as obras humanas: todas procedem por acumulação de esforços tão pequenos que, considerados em si mesmos, parecem não ter proporção alguma com a obra realizada. A Gália, outrora coberta de florestas e de pântanos, foi cultivada, atravessada por estradas, canais, caminhos de ferro, semeada de vilas, de cidades, graças a miríades de esforços musculares insignificantes em si mesmos. Cada uma das letras que compõem a gigantesca *Suma* de São Tomás de Aquino teve que ser escrita por São Tomás; foi necessário depois que os trabalhadores juntassem uma a uma as letras da fonte no caixotim para a impressão — e foi desse labor incessantemente repetido durante várias horas por dia e ao longo de cinquenta anos que saiu essa obra prodigiosa. A ação, a atividade corajosa, toma com efeito duas formas de valor desigual. Ora ela procede por grandes impulsos, por bruscos ímpetos de energia, ora ao contrário é um trabalho obstinado, perseverante, paciente. Mesmo na guerra, as qualidades de resistência à fadiga e ao desânimo são as qualidades fundamentais, e é sobre elas que de tempos em tempos realizam-se as ações brilhantes. Mas no trabalho não há essas brilhantes peripécias: os bruscos impulsos de trabalho exagerado não são recomendáveis sob nenhum ponto de vista, e quase sempre são seguidos de períodos muito longos de fraqueza e de preguiça. Não, a verdadeira coragem aqui consiste na longa paciência perseverante. O importante para o estudante é não estar jamais ocioso. O tempo, é fácil constatá-lo, tem um valor incomparável, pois os instantes perdidos não retornarão jamais, irrevogavelmente. É preciso, portanto, economizá-lo. Mas não sou de maneira alguma partidário dessas regras rigorosas, desses empregos do tempo com tabelas muito bem estruturadas, nos quais o uso das horas é fixado antecipadamente. É raro alguém segui-los exatamente, e nossa preguiça é muito hábil para criar raciocínios aparentes, servindo-se deles como desculpa para não fazer nada nas horas que não foram programadas para o trabalho. Os únicos momentos que se respeita escrupulosamente são os dedicados ao repouso, ao passeio. E, por outro lado, a impossibilidade de restringir-se a seguir as regras no detalhe fixado habitua demasiadamente a vontade a se ver derrotada em seus esforços; e esse sentimento de que nessa luta

somos e seremos sempre vencidos pela regra é muito propício para produzir o desânimo. Por outro lado, acontece com freqüência que se está mal disposto para o trabalho nas horas fixadas para ele e bem disposto nas horas reservadas ao passeio.

No trabalho intelectual, é preciso mais liberdade e mais espontaneidade, e o objetivo a alcançar nessa educação de nossa energia não é a obediência estrita às ordens de um comandante prussiano. Não, com certeza. O objetivo que o estudante deve se propor é absolutamente outro: tratar de ser ativo sempre e em todo lugar. Não há horários para essa tarefa porque todos momentos lhe são propícios. Ser ativo é sair da cama de manhã corajosamente, é fazer rápida e vigorosamente a toalete, é colocar-se sem demora, sem permitir que nenhuma preocupação estranha penetre no espírito, à mesa de trabalho; ser ativo no trabalho é jamais ler passivamente, é fazer um constante esforço. Mas também é ser ativo erguer-se resolutamente para dar um passeio, sair para visitar um museu quando se sente que a reserva de força nervosa está acabando e os esforços deixando de ser fecundos. Pois é uma grande tolice perseverar muito tempo em esforços estéreis que esgotam e desanimam. Temos que saber aproveitar esses instantes de descanso para visitar as exposições de quadros, para as conversações com amigos inteligentes, etc. Pode-se ser ativo comendo, esforçando-se para mastigar os alimentos de maneira a evitar que o estômago tenha uma sobrecarga de trabalho. A grande miséria do estudante são esses momentos de inércia, de não-querer, estupidamente desperdiçados numa preguiça vergonhosa. Leva horas para fazer a toalete, perde as manhãs bocejando, folheando indolentemente um livro, depois outro... Não toma nenhuma atitude clara, nem a de francamente não fazer nada, nem a de trabalhar. Não há absolutamente necessidade de procurar ocasiões de ser ativo, pois essas ocasiões apresentam-se todos os dias, do nascer ao pôr-do-sol.

O principal meio de chegar a esse domínio da própria energia é jamais dormir sem fixar precisamente a tarefa que se deve fazer no dia seguinte. Não falo aqui da quantidade de trabalho, pois podemos aplicar a essa medida exata o que dissemos há pouco sobre o “emprego do tempo”, falo somente da sua natureza. Assim, pela manhã, ao acordar, ao tomar subitamente posse do próprio espí-

rito, obrigamo-lo, sem lhe dar tempo para distrair-se, a dedicar-se imediatamente à tarefa, mesmo durante a toalete, e conduzir o corpo para a mesa de trabalho e tomar a pena na mão sem dar-lhe tempo para resistir.

Por outro lado, se durante o passeio, se durante uma leitura, surge na consciência um remorso de estar ocioso, se nos sentimos tocados pela graça, se constatamos que um bom movimento surgiu na alma, devemos imediatamente aproveitá-lo. Não devemos imitar aqueles que, na sexta-feira de manhã, decidem heroicamente que a partir de segunda-feira, sem falta, começarão a trabalhar; se não começam *logo*, sua pretensa resolução não passa de uma mentira para si mesmos, de uma pobre veleidade impotente. É preciso, como disse Leibniz, aproveitar dos bons movimentos “como de um apelo da voz de Deus”; desperdiçar esses bons movimentos, frustrá-los adiando sua execução para mais tarde, não aproveitá-los imediatamente para criar bons hábitos e para fazer nossa alma experimentar as viris alegrias do trabalho de forma a guardar seu sabor, é o maior crime que se pode fazer contra a educação da energia.

Uma vez que a finalidade não é adequar a atividade a um regu-lamento, mas agir vigorosamente sempre e em todo lugar, é preciso aproveitar os quartos de hora e os minutos. Ouça o que o filho de Darwin disse sobre ele:

Um traço de seu caráter era seu respeito pelo tempo. Jamais esquecia como ele é uma coisa preciosa [...] economizava os minutos [...] não perdia jamais os minutos que se apresentavam a ele, imaginando que não valia a pena pôr-se a trabalhar [...] executava tudo rapidamente com uma espécie de ardor contido.⁴

Esses minutos, esses quartos de hora, que quase todos perdem tão tolamente sob o pretexto de que não vale a pena começar alguma coisa, acabam no final de um ano formando uma soma enorme. Foi Aguesseau, se não me engano, que, como o desjejum jamais

4. *La Vie et la Correspondance de Charles Darwin, avec un chapitre autobiographique publiés par son fils Francis Darwin*. Trad. de Henry de Varigny, Reinwald, Paris, 1888, v. I, pp. 135 e ss.

era servido na hora, apresentou um dia a sua mulher como *aperitivo* um livro escrito durante os quartos de hora em que esperara. É tão fácil “enclausurar” o espírito por cinco ou dez minutos e ler com fervor um parágrafo, ou continuar um trabalho com algumas linhas, ou copiar uma passagem, ou rever o quadro de matérias de suas notas e de suas leituras!

Portanto tem razão quem diz que o tempo nunca falta para quem o sabe usar. Como é justa a observação de que são precisamente os que têm mais lazes que têm menos tempo para fazer o que devem; tanto isto é verdade que lamentar-se de não ter tempo para trabalhar é confessar que se é um fraco, e que se tem horror ao esforço.

Mas se examinarmos porque perdemos tempo, veremos que, na maior parte dos casos, nossa fraqueza é de certa maneira favorecida pela indeterminação da tarefa a cumprir. É uma experiência constante para mim que, se antes de dormir não vejo claramente minha tarefa do dia seguinte, minha manhã é infrutuosa. Não se deve jamais estabelecer uma objetivo geral; jamais dizer: “Amanhã eu trabalharei”, nem mesmo: “Amanhã começarei a estudar a moral de Kant”; é preciso sempre estabelecer uma tarefa clara e específica, como: “Amanhã começarei resolutamente e do seu começo a leitura da *Crítica da razão prática* de Kant, ou estudarei e resumirei certo capítulo de fisiologia”.

A esse preceito de sempre fixar claramente a tarefa é preciso acrescentar o de sempre terminar, e de terminar conscienciosamente, o que se começou, a fim de não ter que retornar a isso. Não ter jamais necessidade de retomar um trabalho, fazer com que tudo que façamos seja definitivo, é uma economia de tempo extraordinária. É assim que o estudante deve fazer suas leituras solidamente, energicamente, que deve resumi-las por escrito, copiar se preciso os extratos que prevê que lhe poderão ser úteis, e logo organizar suas notas sob os títulos de seu quadro de matérias que lhe permitirão encontrá-las quando quiser. De maneira que jamais, a não ser no caso de um livro de cabeceira, ele tenha necessidade de recommençar uma leitura. Caminha-se lentamente assim, mas como não se dá um passo adiante sem ter definitivamente assegurado os passos anteriores, jamais se terá que recuar, e com um andamento lento, mas firme e contínuo, avança-se, e mesmo,

como a tartaruga da fábula, chega-se antes da lebre mais ágil e menos metódica. Em nossa opinião, não há regra mais essencial para o trabalho: *Age quod agis*; fazer cada coisa no seu tempo, a fundo, sem pressa, sem agitação. O pensionário Witt dirigia todos os negócios da República e ainda encontrava tempo para a vida social e para jantar bem acompanhado.⁵ Perguntaram-lhe como conseguia achar tempo para terminar negócios tão múltiplos e ainda para se divertir: “Não há nada mais fácil”, respondeu; “basta apenas fazer uma coisa de cada vez e jamais deixar para amanhã o que pode ser feito ainda hoje”. Lord Chesterfield recomendava a seu filho que não perdesse tempo, nem no banheiro, e citava-lhe como exemplo um homem que levava para o banheiro algumas páginas de uma edição vulgar de Horácio, “que depois jogava no fosso como um sacrifício a Cloacina”! Sem levar a economia a esse extremo, é certo que a utilização de todos os instantes em favor de um único objetivo é de uma grande fecundidade. Uma atividade que não sabe dobrar-se à lei de só fazer uma coisa de cada vez é uma atividade desordenada; desprovida de unidade, esvoaça de objeto em objeto, e talvez seja pior que a ociosidade, pois a ociosidade causa desgosto por si mesma, enquanto essa agitação, por sua esterilidade, acaba causando um desgosto pelo trabalho; substitui à tão forte alegria da tarefa “que avança”, o desconforto, a perturbação, o desencorajamento produzido pelas múltiplas tarefas sem acabamento. São Francisco de Sales via nessas perpétuas mudanças uma artimanha do diabo. Não se deve, disse ele, seguir vários exercícios ao mesmo tempo,

pois com freqüência o inimigo trata de fazer-nos emprender e começar vários projetos a fim de que, esmagados por tantas tarefas, não completemos nada e deixemos tudo imperfeito [...]. Às vezes chega a sugerir à vontade que tente começar alguma excelente tarefa, a qual ele prevê que não terminaremos, para desviar-nos de empreender uma menos excelente que teríamos facilmente completado.⁶

5. “Pensionário” (*pensionnaire*) era o administrador dos órgãos executivo e legislativo da República das Províncias Unidas do Países Baixos. Johan de Witt (1625–1672) ocupou esse cargo de 1653 a 1672 — NT.

6. São Francisco de Sales, *Traité de l’amour de Dieu*, in *Œuvres Complètes*, v. IV, Berche et Tralin, Paris, 1898, caps. 8–9.

Por outro lado, como já observei muitas vezes, são as coisas começadas e não acabadas que nos fazem perder mais tempo. Elas deixam como que um mal-estar, análogo ao que sucede a uma longa busca da solução de um problema que por fim não chega a nenhum resultado; experimenta-se um descontentamento, o assunto abandonado vinga-se de nosso desprezo voltando a nosso espírito, atrapalhando os outros trabalhos, pois a atenção excitada não encontrou sua legítima satisfação. Ao contrário, o trabalho realizado fielmente deixa o espírito contente e, de certa forma, o apetite satisfeito; o pensamento fica isento dessa preocupação e está livre para dedicar-se a novas ocupações.

O que vale para um trabalho interrompido vale também para um trabalho que se deve fazer e não é feito. Temos por exemplo o claro sentimento de que devemos escrever uma carta, e não a escrevemos. Os dias passam; esse pensamento é conservado como um remorso que se vai exasperando. Ainda assim a carta não é escrita. A obsessão torna-se tão forte que resolvemos escrevê-la; isto feito, já não nos vem nessa hora tardia a alegria que dá uma tarefa bem realizada.

Façamos portanto cada coisa no momento em que deve ser feita, e façamo-la de todo coração.

§ III

Quando está consolidado num jovem esse importante e fecundo hábito de se decidir resolutamente, de agir sem uma agitação febril, franca, simples e sinceramente, não há destino intelectual tão alto que não possa ser almejado. Se ele tem algumas idéias novas ou se vê questões antigas de uma forma nova, aprofundará essas idéias no pensamento ao longo de oito ou dez anos de trabalho contínuo. Elas atrairão para si centenas de imagens, de comparações, de similitudes ocultas para todos; elas organizarão esses materiais, vão se nutrir com eles, fortificar-se e crescer. E como da semente de carvalho surgem magníficas árvores, desses pensamentos fecundados pela atenção durante anos surgirão vigorosos livros que serão para as pessoas de bem, em sua luta contra o mal, o que são para os soldados os toques de clarim instigando ao ataque;

ou então esses pensamentos vão se concretizar, se realizar numa bela vida, una, reta, feita de uma generosa atividade.

E não o devemos dissimular: se tivermos a grande felicidade de poder chegar à vida da inteligência, essa aristocracia que a instrução nos confere é tão mortalmente odiosa quanto a aristocracia do dinheiro, se não nos fizermos perdoar, por essa superioridade intelectual, pela superioridade de nossa vida moral. Todos vocês que, saindo do ensino secundário, tornaram-se estudantes de direito, das ciências, das letras, da medicina, têm o dever de ser os mais ativos, os mais perseverantes benfeitores daqueles que estão limitados a ganhar duramente sua vida sem poder lançar um olhar para além da hora presente. Os estudantes formarão necessariamente a classe dirigente em todos os países, mesmo naqueles em que há o sufrágio universal. Pois a multidão, incapaz de dirigir-se a si mesma, buscará sempre essa direção nas luzes daqueles que desenvolveram e fortaleceram seu espírito por anos de cultura desinteressada. Essa situação cria deveres muito claros para todos os jovens que receberam o benefício do ensino superior, pois é evidente que, para conduzir os outros, é preciso antes saber conduzir-se a si mesmo. Para pregar aos outros a moderação, o desinteresse, a dedicação, é preciso pregar com o exemplo e saber aceitar alegremente uma vida de trabalhos e de enérgica atividade pela palavra e pelas ações.

Ah!, se a cada ano uma meia-dúzia de estudantes voltasse para suas cidades, para suas aldeias, como médicos, advogados, professores, completamente decididos a não deixar passar nenhuma ocasião de falar, de agir em prol do bem, decididos a testemunhar para todo homem, por mais modesta que seja sua situação, o maior respeito; a jamais deixar passar uma injustiça sem um protesto ativo e perseverante; a introduzir nas relações sociais mais bondade, mais equidade, mais tolerância — em vinte anos, para o bem da pátria, de cada pátria, seria constituída uma nova aristocracia, absolutamente respeitada e que seria onipotente para promover o bem geral. Todo jovem que deixa uma universidade e só considera na advocacia, na medicina, etc., o dinheiro que essas carreiras podem dar e que só pensa em se divertir tola e grosseiramente, não passa de um miserável, e felizmente o sentimento público deixa-se cada vez menos enganar a esse respeito.

§ IV

Mas, pode-se objetar, o trabalho contínuo, a preocupação constante com uma idéia, essa atividade sempre presente, não pode ser nociva à saúde? Essa objeção vem da falsa idéia que se faz do trabalho intelectual. A continuidade, com efeito, é tomada aqui no sentido humano. É claro que o sono interrompe o trabalho e implica em repouso; é claro também, de acordo com tudo que dissemos acima, que a maior parte do tempo de vigília é necessariamente alheia às ocupações intelectuais. Trabalhar é obrigar nosso espírito a pensar somente no objeto de nosso estudo durante todo o tempo em que não tivermos outra coisa para fazer. Por outro lado, a palavra trabalho não deve evocar a imagem de um estudante sentado, o busto inclinado sobre uma mesa. Pode-se ler, meditar, conceber, passeando; este é o melhor método, o menos fatigante e o mais fecundo em descobertas. O passeio facilita singularmente o trabalho de assimilação dos materiais intelectuais e sua disposição em uma obra.

Com efeito, ser um trabalhador intelectual não pressupõe como corolário ser imprevidente. Hoje, sobretudo, que conhecemos muito bem as relações do físico e do moral, seríamos dignos de nos tornar a zombaria dos ignorantes se não soubéssemos cuidar da nossa saúde. Ainda mais que a aquisição dos materiais é a parte inferior da tarefa; sua escolha e sua organização tem muito mais importância. Um sábio não é aquele que sabe mais detalhes, mas aquele que tem um espírito sempre ativo, sempre trabalhando. Não se deve confundir ciência e erudição. A erudição é com frequência preguiça espiritual. Uma boa memória não basta para criar; é preciso que o espírito domine os materiais, e que estes não o obstruam.

Embora seja certamente de muito bom tom parecer adoentado por tanto trabalhar, embora isto pareça honrar nossa vontade, devemos reconhecer que é necessário provar que o trabalho *em si mesmo* é a causa da nossa debilidade. Essa prova é impossível. Seria preciso contabilizar todas as outras causas de enfraquecimento, empreendimento absurdo. E, digamos resolutamente, nunca saberemos se o que se atribui ao trabalho não venha, por exemplo, da sensualidade. Não creio que seja freqüente

encontrarmos na escola jovens, e mais tarde estudantes, *perfeitamente ajuizados*, sobrecarregados de trabalhos; a única sobrecarga nessa idade, infelizmente, é a causada pelos hábitos viciosos.

Descontada a parte da sensualidade nesse lamentável desgaste, se houver alguma sobrecarga, ela vem das decepções, da inveja, dos ciúmes, e principalmente do amor-próprio doentio, hiperestesiado, provindo de uma visão falsa do nosso lugar no mundo e de um sentimento exagerado da nossa personalidade. Se o sujeito for bastante enérgico para expulsar da consciência esses sentimentos corrosivos, uma grande causa de fadiga será imediatamente eliminada.

Parece-nos que o trabalho intelectual bem ordenado, com respeito pela higiene, isto é, pela vida, e também pelo tempo, é a única coisa que pode permitir-nos os altos desenvolvimentos do pensamento; o trabalho destacado dos compromissos da sensualidade, o trabalho alegre e confiante, sem inveja, sem vaidade ferida, é eminentemente adequado a fortificar a saúde. Se fornecermos à atenção belas e fecundas idéias, o pensamento elabora-as e organiza-as; se deixamos o jogo cego das impressões fornecer os materiais, a fadiga é sensivelmente a mesma do que quando a vontade preside sua escolha. Mas é raro que o acaso, esse inimigo do repouso, não traga consigo um enxame de contrariedades. Com efeito, o homem vive em sociedade, e tem necessidade da estima e mesmo do elogio dos outros. Como os outros raramente têm uma opinião sobre nós tão boa quanto a que nós mesmos temos, como por outro lado um grande número dos nossos semelhantes tem pouco tato e com freqüência muito pouca caridade, acontece comumente que, em todas as situações, a vida social seja fecunda em pequenas ofensas. É um encorajamento a mais para o trabalhador ver os preguiçosos pagarem cruelmente sua preguiça, pois em seu espírito vazio nascem, como num campo inculto, uma multidão de ervas daninhas. Passam o tempo a ruminar idéias medíocres, ofensas medíocres, ciúmes, ambições medíocres.

Nada melhor para a felicidade que trocar preocupações por ocupações, e quem diz felicidade diz saúde. A verdade é que o trabalho é a lei profunda da humanidade, e que todo aquele que nega essa lei renuncia ao mesmo tempo a todos as alegrias elevadas e duráveis!

Acrescentemos a essas observações que o trabalho *disperso*, sem método, esgota, e que se atribui ao trabalho em si mesmo o que provém de uma falsa direção do trabalho. O que esgota é a multiplicidade de ocupações, nenhuma das quais traz consigo a alegria repousante das tarefas terminadas. O espírito estendido em diversas direções tem em cada trabalho como que uma surda inquietude. São os trabalhos deixados em estado de esboço que produzem a ruminação intelectual mais desagradável. Michelet dizia a Goncourt que durante trinta anos sofria de horríveis enxaquecas provindas do número de coisas que fazia; resolveu então não ler mais livros, mas escrevê-los: “A partir desse dia, ao me levantar, sabia claramente o que tinha para fazer, e colocando meu pensamento em um só objeto de cada vez, fui curado”.⁷ Nada mais verdadeiro: querer executar várias obras ao mesmo tempo certamente provoca fadiga. *Age quod agis*: façamos a fundo o que estamos fazendo. Este não é somente o meio de caminhar depressa, como já vimos, mas é o meio seguro de evitar a fadiga e de colher as amplas alegrias das tarefas levadas a bom termo.

§ V

Em suma, se a meditação desperta na alma poderosas emoções, ela não pode capitalizá-las sob a forma de hábitos. Ora, a educação da vontade é impossível sem a criação de excelentes e sólidos hábitos; sem eles nossos esforços teriam que sempre recommençar. Somente eles permitem fixar nossas conquistas e prosseguir adiante. Ora, esses hábitos, agora o sabemos, somente a ação pode criar.

Para agir, é preciso realizar corajosamente cada uma das pequenas ações que concorrem para alcançar uma finalidade. A ação fixa o pensamento, engaja-nos publicamente num partido, produz uma profunda alegria.

7. *Journal des Goncourt — mémoires de la vie littéraire*, Charpentier et Cie., Paris, 1887, v. II, 12 de março de 1864.

Infelizmente, o tempo da atividade, já tão curto, é ainda diminuído pela falta de método do estudante em seu trabalho; apesar disso, como já dissemos, “basta pouco para cada dia se a cada dia realizamos esse pouco”. A paciência dos esforços incessantemente renovados produz resultados prodigiosos: é, portanto, o hábito da atividade incessante que o estudante deve adquirir. Para tanto, ele deve fixar toda noite a tarefa do dia seguinte, aproveitar de todos seus bons movimentos, terminar todo trabalho começado, fazer uma só coisa de cada vez e não desperdiçar nenhuma parcela de seu tempo. Tais hábitos lhe permitirão esperar os mais altos destinos e lhe darão as condições para pagar à sociedade a dívida de reconhecimento que os benefícios que dela recebeu obrigam-no a reconhecer.

O trabalho assim compreendido não pode jamais ser uma sobrecarga: a fadiga que se atribui ao trabalho provém de fato, quase sempre, dos excessos da sensualidade, das inquietudes, das emoções egoístas, de um mau método; o trabalho bem compreendido, o hábito dos pensamentos nobres e elevados, só fazem fortificar a saúde, se é verdade que uma condição fisiológica excelente é feita de calma, tranqüilidade, felicidade.

Capítulo IV

A higiene corporal considerada do ponto de vista da educação da vontade no estudante

§ I

ATÉ aqui estudamos o aspecto psicológico do nosso assunto. Resta-nos examinar as condições fisiológicas do domínio de si. A vontade, e sua mais alta manifestação, a atenção, são inseparáveis de um sistema nervoso. Se os centros nervosos esgotam-se rapidamente, ou se, uma vez esgotados, só recuperam seu vigor muito lentamente, nenhum esforço, nenhuma perseverança é possível. À debilidade corporal segue-se uma vontade fraca, uma atenção curta e lânguida. E se notamos que em todas as ordens de atividade o sucesso depende mais de uma energia infatigável que de qualquer outra causa, chegaremos à conclusão de que a condição primeira de todo sucesso na conquista de si é ser, conforme uma célebre expressão, “um bom animal”. Quase sempre o entusiasmo moral coexiste com esses momentos radiosos em que o corpo, como um instrumento bem afinado, desempenha sua parte sem notas dissonantes e sem distrair para si a consciência íntima. Nesses momentos de pleno vigor, a vontade é onipotente em nós, e a atenção pode ser intensamente sustentada. Ao contrário, quando estamos fracos, débeis, sentimos penosamente as correntes que ligam nosso espírito ao corpo, e os fracassos da vontade são freqüentemente causados por doenças de ordem fisiológica. Acrescente-se a essas considerações

que a recompensa natural de todo trabalho que utiliza as forças sem esgotá-las é um sentimento de bem-estar, de alegria, que dura muito tempo. Se o esgotamento se dá ao final do trabalho, esse sentimento agradável de força acrescida não aparece, e é substituído por uma sensação penosa de fadiga, de desgosto; para esses infelizes assim debilitados, o trabalho desprovido da alegria penetrante que é sua recompensa, é uma carga, um flagelo, um sofrimento.

Ademais, todos os psicólogos estão de acordo sobre a importância das condições fisiológicas para a memória. Quando uma circulação ativa leva ao cérebro um sangue bem nutrido, muito puro, as recordações, e portanto os hábitos, gravam-se com prontidão e por muito tempo.

Condição de uma volição e de uma atenção prolongada e vigorosa, eminentemente favorável à memória, a saúde não se limita a recompensar o trabalho com a alegria que é sua conseqüência; tem também uma influência extrema sobre a felicidade. Ela é, como se diz, a cifra que, colocada diante dos zeros da vida, dá-lhes seu valor. A imagem é feliz, e Voltaire dizia de Harlay, que tinha uma mulher encantadora e todos os bens da fortuna: “Ele não tem nada, se não os digere”.

Infelizmente, o trabalho intelectual mal compreendido pode ser extremamente nocivo. Impõe uma imobilidade ao corpo, impõe o sedentarismo, a reclusão em ambientes mal arejados, e por fim, impõe uma posição sentada. Esses graves inconvenientes, aos quais vem se ajuntar uma ruim higiene alimentar, não tardam em debilitar o estômago; as digestões tornam-se trabalhosas, e como o estômago está envolvido por uma densa camada de nervos, a influência dessas perturbações sobre o sistema nervoso é considerável. Depois de uma refeição a cabeça congestionar-se, os pés esfriam-se facilmente; experimenta-se um torpor, uma sonolência que logo dá lugar a uma irritação que contrasta singularmente com a alegria dos camponeses e dos artesãos depois do almoço. O estado nervoso piora pouco a pouco e muitos trabalhadores intelectuais acabam não podendo mais dominar suas impressões: seu coração palpita à menor contrariedade, seu estômago contrai-se. É o primeiro grau do *nervosismo*, pois o ponto de partida do nervosismo é quase sempre um estado defeituoso das funções nutritivas.

O cérebro deixa de ser o grande regulador e, em vez dos ritmos calmos e vigorosos da vida sadia, vêm a irritabilidade e a perturbação da vida doentia.

E entretanto, a onipotência que o tempo nos confere para a obra de domínio sobre nós mesmos, o tempo também nos confere para mudar nosso temperamento e fortificar nossa saúde. Numa célebre passagem, Huxley compara-nos a jogadores de xadrez: nosso parceiro é um adversário paciente e impiedoso que não nos perdoa a menor falta, mas que paga com uma abundante generosidade os bons jogadores. Esse adversário é a natureza, e tanto pior para quem ignora as regras desse jogo. Estudando essas regras, que são as leis descobertas pelos cientistas, e sobretudo aplicando-as, pode-se estar seguro de ganhar o jogo, isto é, a saúde. Mas com essa conquista da saúde acontece o mesmo que com a conquista da liberdade: ela não é o resultado de um *fiat*, mas antes de uma multidão de pequenas ações realizadas centenas de vezes por mês, ou que recusamos realizar. Deve-se prestar atenção em muitos pontos e atribuir a cada detalhe sua importância. É preciso estar vigilante quanto ao calor, ao frio, à umidade; é preciso estar vigilante quanto à pureza da atmosfera, à luminosidade, às refeições, fazer os exercícios necessários, etc.

Mas, protestarão, tais cuidados tornarão a vida ridícula e tomarão todo o nosso tempo! Puro sofisma. Esses cuidados são questão de hábito. Não se gasta mais tempo comendo segundo as regras que comendo desordenadamente. Não se gasta mais tempo passeando um pouco que fazendo a digestão preguiçosamente numa poltrona, ou lendo os jornais no café. Não é uma perda de tempo apreciável renovar de vez em quando o ar de seu gabinete de trabalho. Basta fixar de uma vez por todas as modificações que devem ser feitas em seu estilo de vida. O único motivo que se tem para não agir razoavelmente é a preguiça: preguiça intelectual para prever, preguiça física para executar.

Ainda uma vez, a recompensa será a saúde, ou seja, a condição de todo o resto, do sucesso e da felicidade.

As funções sobre as quais deveremos pôr mais atenção são as funções de nutrição. A questão essencial aqui é a natureza e a quantidade de alimento a ingerir. Até os trabalhos de Berthelot,

a questão da alimentação encontrava-se num nível empírico. Hoje, o problema coloca-se de uma forma bem mais clara. Sabe-se atualmente que nenhum alimento gorduroso ou hidrocarbônico pode substituir a albumina na reconstituição dos tecidos. Mas, por outro lado, se em vez de ingerir uma ração suficiente de albumina ultrapassamos a dose, o resultado obtido é extremamente curioso: essa ração exagerada provoca uma precipitação de albumina em detrimento dos nossos órgãos, bem superior à quantidade de albumina ingerida.¹ Basta ingerir diariamente cerca de 75 gramas de alimento azotado. Tudo que se absorve acima dessa medida, longe de ser assimilado, tende a provocar uma precipitação de albumina nos músculos. Este é um primeiro ponto: o estudante come nos restaurantes duas ou três vezes mais carne do que é útil comer.

Além disso, seja qual for a quantidade de albumina ingerida, se não absorvemos ao mesmo tempo alimentos gordurosos ou hidratos de carbono, ocorre a precipitação de albumina; no caso contrário, ela não acontece. Daí o nome dado a esses alimentos quando acompanhados de 75 gramas de albumina: ração azotada protegida.

Por outro lado, sabe-se que o trabalho provoca principalmente a decomposição da gordura ou das féculas. Sabe-se também que o homem dispende diariamente 2.800 calorias, e até 3.400, se o trabalho for intenso.² 75 gramas de albumina fornecem 307 calorias; considerando a necessidade média de 3.000 calorias, o trabalhador intelectual precisa encontrar mais cerca de 2.700 calorias. Como não se assimila mais do que 200 a 250 gramas de gordura ($222 \times 9,3 = 2.092$ calorias), resta ainda pedir em torno de 600 calorias aos alimentos hidrocarbônicos (em torno de 150 gramas). Basta procurar nos livros especializados o valor de cada alimento em albumina, gordura e elementos hidrocarbônicos para compor sua alimentação diária.

A conclusão que se impõe, feita a experiência, é que comemos demais, carne demais, sobretudo. Impomos ao estômago e aos

1. Cf. G. Sée, *Formulaire alimentaire*, Bataille et Cie., 1893.

2. 1 grama de albumina fornece 4,1 calorias.

1 grama de gordura, 9,3 calorias.

1 grama de hidrato de carbono, 4,1 calorias.

intestinos um trabalho absurdo. Na maioria das pessoas abastadas, a maior parte das forças adquiridas pela digestão acabam sendo usadas no trabalho de digerir. Não pensem que exageramos. Durante o ato da digestão, com efeito, digeriríamos as paredes do estômago e dos intestinos se sua superfície não renovasse incessantemente o tecido que as protege, e que se renova com uma grande rapidez à medida que os sucos gástricos a atacam. Esse trabalho é enorme. Os intestinos, quando estendidos, têm de sete a oito vezes o comprimento do corpo, por 30 centímetros de largura. A superfície em atividade nos intestinos e no estômago é de pelo menos 5 metros quadrados. Acrescente-se ao considerável trabalho que constitui sua incessante renovação, durante várias horas por dia, as vilosidades que atapetam essa superfície, as forças empregadas na mastigação, as forças usadas pelos movimentos peristálticos do estômago, pela formação de uma quantidade considerável de saliva, pela produção dos sucos digestivos do estômago, do pâncreas, da vesícula biliar, e se perceberá a prodigiosa quantidade de forças que o ato digestivo necessita...

Não fica claro que os homens que comem demais são puros animais reduzidos ao papel pouco honorável de servidores de seu tubo digestivo? Acrescente-se que a maior parte, perante a quantidade de alimento a engolir, acham cansativo mastigar bem os alimentos e assim sobrecarregam ainda mais o labor da digestão, e prolongam-na, já que os sucos digestivos penetram muito lentamente em massas muito pouco fragmentadas.

Como seria útil uma pequena brochura indicando para cada alimento seu teor de albumina, de gorduras, de elementos hidrocarbônicos assimiláveis! Todos os tratados especializados dão o teor de azoto; ora, nós sabemos hoje que muitos compostos azotados não são, propriamente falando, alimentos reparadores. Com um tal quadro, o estudante poderia compor mais ou menos seu *menu* com o duplo resultado de se nutrir bem e de evitar a seus órgãos digestivos um trabalho exagerado, feito em detrimento do trabalho intelectual. A questão do número e da hora das refeições é uma questão menor diante da capital importância da dosagem dos alimentos. Não queremos que o estudante pese todos seus alimentos, como fazia Cornaro; mas, depois de algumas pesagens,

ele saberia mais ou menos o que deve comer, e evitaria pelo menos o enorme desperdício de forças a que está sujeito o jovem que frequenta os restaurantes, e que, no meio do ruído das conversações, das discussões, come até ficar repleto.³

A higiene da respiração é mais simples; porém, respirar ar puro quase não parece uma necessidade: quantas vezes vi jovens preferir respirar um ar viciado, repugnante, em vez de introduzir junto com o ar puro um pouco de frio. A higiene das casas de educação e dos apartamentos manteve-se sob esse aspecto num estado primitivo. Entretanto é garantido que o ar viciado torna a pessoa inquieta, azeda, descontente. Sem o sadio estímulo dado pelo ar puro, o organismo tende a buscar estímulos viciosos. O estudante não é obrigado a “ruminar”, em seu quarto, um ar já respirado; pode arejá-lo com frequência — e pode, o que é melhor, trabalhar ao ar livre. Ele também pode passear em seu quarto e ler ou falar em voz alta. Sabe-se que os surdos-mudos que não exercitaram a fala têm os pulmões muito fracos e mal são capazes de apagar uma vela posta a poucos centímetros de sua boca; falar é uma ginástica enérgica dos pulmões.

Deve-se notar também que a postura encurvada ao escrever ou ler é um forte impedimento para os movimentos respiratórios, impedimento que pode a longo prazo tornar-se nocivo para o trabalhador; é preciso, para lutar contra essa causa de enfraquecimento, adquirir o hábito de manter o busto ereto, a fim de liberar o tórax e garantir a liberdade dos movimentos respiratórios.

Porém, essas precauções são insuficientes, e é indispensável interromper com frequência o trabalho e levantar-se para fazer os excelentes exercícios que Lagrange chama de “ginástica respiratória”.

3. Não podemos abandonar este assunto sem falar do uso do café. Ele não deve ser proscrito. Ingerido em grande quantidade e preparado com um filtro que o depura inteiramente, ele enerva. Preparado à maneira árabe, infuso em pequenas xícaras, é menos irritante, e fornece um auxílio ao trabalho da digestão. Mesmo fora das refeições, uma pequena quantidade pode, de manhã, por exemplo, expulsar o peso do pensamento de que se queixam tantos trabalhadores e provocar uma viva excitação intelectual. Com a condição de que não se abuse dele, e que, por outro lado, aproveite-se logo essa excitação para trabalhar, não há inconveniente em utilizá-lo.

Esses exercícios consistem em amplas inspirações feitas artificialmente, a exemplo do que acontece quando pela manhã, instintivamente, nos espreguiçamos. Ergue-se muito lentamente os dois braços, afastando-os, respirando o mais profundamente possível, e depois se abaixa os braços expulsando o ar inspirado. É também útil, ao elevar os braços, erguer-se sobre a ponta dos pés como se quiséssemos crescer; essa operação provoca o endireitamento das curvas da coluna vertebral, endireitamento que permite às costelas descreverem de baixo para cima um segmento de círculo sensivelmente maior que o segmento habitualmente percorrido. Esse exercício também impede a ancilose das costelas, “liberta” um grande número de vesículas pulmonares comprimidas, onde o oxigênio já não penetrava. Assim, a superfície de trocas entre o sangue e o ar aumenta, o que explica o fenômeno constatado por Marcy de que o ritmo respiratório mantém-se modificado mesmo no repouso depois de semelhantes exercícios feitos prolongadamente. Notemos que a utilização de halteres é aqui contra-indicada, pois nenhum esforço é possível sem sustentar a respiração.

Essas precauções, que são muito boas, não passam entretanto de paliativos, que em nenhum caso podem dispensar o exercício propriamente dito.

O exercício, é evidente, não cria nada por si mesmo. Age indiretamente, melhorando o conjunto das funções nutritivas.

Pode-se no seu próprio quarto, como vimos, aumentar a capacidade respiratória por exercícios feitos de tempos em tempos, mas não se pode fazer o sangue circular mais rapidamente e, portanto, passar com mais freqüência pelos pulmões. A função respiratória e a função circulatória são, de certa forma, a mesma função sob dois pontos de vista. Tudo que ativa uma age sobre a outra. Lavoisier, em uma comunicação à Academia de Ciências (1789), chamava a atenção para o fato de que um homem assimila, em jejum, depois de um trabalho muscular, cerca de três vezes mais oxigênio que em repouso. Por conseguinte, o primeiro efeito do exercício é fazer uma quantidade considerável de oxigênio entrar no organismo. E enquanto o estudante que tem o hábito da imobilidade vive uma vida diminuída, quem pratica o movimento ao ar livre aborda o trabalho com um sangue mais rico, uma respiração mais

ativa. O cérebro torna-se capaz de esforços mais enérgicos e mais prolongados. O próprio trabalho do coração diminui, ao mesmo tempo que rende mais, pois enquanto a imobilidade tende a fazer o sangue estagnar nos vasos capilares, estagnação acompanhada da diminuição das combustões vitais, no exercício, por uma ação de “vizinhança”, a circulação nos capilares é provocada pelos músculos que agem, e esse “coração periférico”, constituído pela elasticidade das artérias mais finas, reduz em muito o trabalho próprio do órgão central.

Mas não são apenas esses os benefícios da atividade muscular, pois os músculos são, como demonstrou Paul Bert, os fixadores do oxigênio. São propriamente órgãos respiratórios; opera-se neles uma troca extremamente importante do oxigênio inspirado com o ácido carbônico, que deve ser eliminado. Ora, quanto mais enérgicas forem essas trocas, mais enérgica é também a combustão das gorduras da alimentação; a imobilidade não “queima” as reservas graxas, permitindo o seu depósito e levando mesmo à obesidade. Esses depósitos não são aliás os únicos inconvenientes da preguiça corporal, se é verdade, como parece demonstrado, que a artrite, a gota, o cálculo renal, o mau hálito, têm por causa essencial os produtos incompletamente queimados na ausência de uma respiração mais enérgica. Ora, essa respiração dos músculos tão importante não continua somente durante o trabalho, pois, como vimos, esses órgãos conservam por muito tempo uma superatividade respiratória.

Note-se aliás que o exercício é absolutamente indispensável para a maioria dos jovens de famílias abastadas, que comem em demasia. O exercício, exercício violento mesmo, é útil para eles, para queimar o excesso de materiais ingeridos. Se come-se muito e tem-se uma vida ociosa, todos os vasos que recebem o quilo abarrotam-se. Os mal-estares e as faltas de apetite são freqüentes, sobretudo de manhã, quando o repouso da noite veio agravar essa supernutrição. O estômago torna-se então preguiçoso, literalmente, o sangue fica “espeso”, ou seja, sobrecarregado de materiais que deveriam ser queimados. Produz-se freqüentemente um estado paradoxal durante o sono; refiro-me a essa lassidão, esse torpor, essa preguiça do espírito que vem da acumulação das reservas. Há uma prova crucial de que é essa a origem de uma tal lassidão: quando se toma a coragem de

se pôr resolutamente a trabalhar, a fadiga, que deveria aumentar, diminui, como também diminuem pela oxigenação os materiais acumulados em excesso no sangue.

Resumindo, o exercício provoca um vivo e enérgico trabalho de assimilação, o transporte acelerado de um sangue rico, e em oposição, a evacuação rápida dos materiais de desassimilação.

Além dos efeitos gerais sobre a saúde, nem é preciso mencionar os efeitos benéficos do passeio sobre os movimentos peristálticos do estômago.⁴

§ II

Só consideramos até agora o papel do exercício do ponto de vista das funções de nutrição. Este é o ponto de vista essencial para nosso assunto, pois a vontade e a atenção dependem estreitamente do bom estado do organismo. O exercício muscular tem além disso relações menos importantes e entretanto mais íntimas com a vontade. Com efeito, é através dos atos musculares que a vontade começa a nascer timidamente na criança. A longa aprendizagem necessária a cada um de nós para que nos tornemos senhores dos nossos movimentos tempera nossa vontade e disciplina nossa atenção. Quem de nós não tem o sentimento muito claro de que mesmo atualmente, nas horas de profunda preguiça, tentar um movimento, levantar-se, sair, etc., é um difícil ato voluntário? E quem por conseguinte pode contestar que a atividade muscular, ou melhor, os movimentos vivos, precisos (pois o caminhar, tendo-se tornado puramente automático, não tem valor sob esse ponto de vista) não sejam excelentes exercícios de vontade e de atenção? Isto é tão verdadeiro que aconselha-se o exercício

4. Sendo a atitude geral do estudante ficar imóvel, sentado ou em pé, os músculos que envolvem as vísceras abdominais ficam geralmente num estado de relaxamento. Sua inatividade deixa-os impotentes contra os depósitos gordurosos que aumentam o volume do abdômen, e ademais deixam de sustentar vigorosamente o estômago, que tem a tendência a se dilatar. Lagrange, em seu belo livro, indica os procedimentos que a ginástica sueca utiliza para combater esse estado de coisas. Esses procedimentos consistem em sete movimentos que é fácil executar diariamente, em casa. Cf. Fernand Lagrange, *De l'exercice chez les adultes*, Félix Alcan, Paris, 1891, pp. 355 e ss.

muscular aos neuropatas incapazes de atenção. Um esforço implica a vontade e a vontade desenvolve-se, como todas as nossas faculdades, pela repetição. Ademais, o trabalho muscular, quando tende à fadiga transforma-se em dor, e saber resistir à dor não é um exercício da vontade, e um alto exercício dela?

Vê-se portanto que o exercício é diretamente, em si mesmo, como que uma escola primária da vontade.

Pode-se dizer que ele não tem influência sobre a inteligência? De maneira alguma. Essa influência é real; a preguiça corporal é funesta, nossas percepções renovam-se pouco, queremos ficar em casa numa morna monotonia, deixamo-nos invadir pelo tédio e pelo desgosto. E essa maneira de ser, tão triste, de que todos nós temos a experiência, provém de uma vida física diminuída, das idéias difíceis de despertar, da ausência de excitações exteriores; esse estado contrasta singularmente com a lucidez de idéias e com a grande vivacidade e riqueza de impressões de quem medita passeando pelo campo. Não se pode negar a influência extrema do exercício sobre nossas faculdades.

§ III

Entretanto, o estudante deve considerar atentamente os consideráveis erros em curso sobre esse exercício físico cujos benefícios demonstramos. Confunde-se com frequência duas coisas muito diferentes: a saúde e a força muscular. O que constitui uma saúde robusta é o vigor dos órgãos respiratórios e do aparelho digestivo. Estar bem é digerir bem, respirar livremente, ter uma circulação enérgica e regular; é também resistir facilmente às variações de temperatura. Ora, essas qualidades de resistência não têm nenhum laço de causalidade com a força muscular. Os atletas de feira e os que fazem da força sua profissão podem ter uma saúde muito ruim, e um homem de gabinete possuir uma saúde de ferro coexistindo com uma potência muscular medíocre. Não somente não devemos buscar força atlética, mas devemos evitá-la, pois ela só aumenta pelo exercício violento, e além de esses exercícios entravarem o trabalho regular da respiração e provocarem uma congestão visível das veias do pescoço e do rosto, é certíssimo que são

extenuantes. Ora, é impossível dedicar-se a esforços físicos intensos e a esforços intelectuais enérgicos. Ademais, o esgotamento resultante dos esforços deixa o corpo predisposto aos resfriados, tão freqüentes entre os camponeses e os habitantes das montanhas.

Acrescentemos que o exercício violento só é útil nos casos em que é preciso queimar as reservas nutritivas provenientes de uma sobrenutrição; ora, o trabalhador que faz esforços enérgicos de atenção usa tanto ou talvez mais materiais que o camponês que cultiva a terra, de forma que o estudante digno desse nome não pode de maneira alguma comparar-se ao funcionário sentado em sua escrivaninha fazendo sempre o mesmo trabalho, e cuja inteligência é tão preguiçosa quanto seu corpo. Quanto mais se trabalha intelectualmente, menos necessidade há desse exercício muscular destinado a queimar o excesso de materiais não empregados.

O curioso é que na França louvamos a educação atlética que os jovens ingleses recebem, e admiramo-la sem discernimento, com essa total ausência de espírito científico que caracteriza o espírito público atual. Ficamos como que deslumbrados por algumas grandes escolas que custam 5.000 francos por ano, e pelos riquíssimos filhos de lordes que freqüentam as universidades como amadores; não vemos absolutamente que essa minoria deve justamente ser comparada à minoria dos esportistas entre nós. Os ingleses inteligentes não vêem com prazer o exagero dos exercícios físicos nas escolas inglesas. Wilkie Collins, no prefácio de *Marido e mulher*, escrito em 1871, constata na sociedade britânica um infeliz desenvolvimento da grosseria e da brutalidade; e o abuso dos exercícios físicos tem contribuído em boa parte para isso, diz o autor. Matthew Arnold, cuja imparcialidade ninguém constatará, inveja o sistema educacional francês. O que, segundo ele, caracteriza os bárbaros e os filisteus é que os primeiros amam unicamente as dignidades, as satisfações da vaidade, os exercícios corporais, o esporte, os prazeres ruidosos, e os segundos só apreciam a febre e a confusão dos negócios, a arte de ganhar dinheiro, o conforto, as intrigas. Ora, segundo ele, a educação inglesa tende a aumentar o número dos filisteus e dos bárbaros. Ele observa, com razão, que “os puros trabalhadores da inteligência são tão morais quanto os puros atletas”, e poderia ter acrescentado que os ginásios gregos, onde os exercícios

físicos eram muito bem considerados, eram desonrados pelos amores contra a natureza. Haverá aliás um trabalhador intelectual que não tenha uma experiência pessoal sobre isso para consultar? Nosso capital de forças não está alojado em dois compartimentos separados por divisões estanques: o compartimento das forças cerebrais e o das forças físicas. Tudo que dispendemos em excesso em exercícios físicos é perdido para os trabalhos do pensamento. Que o imbecil, incapaz de refletir, entupa-se de alimentos e de bebidas fermentadas, e depois dispenda as forças que lhe sobram após a digestão em exercícios fatigantes, que contemple com orgulho seus músculos de atleta, não vemos nisso nenhum inconveniente. Mas propor uma tal vida a nossos futuros médicos, a nossos futuros advogados, a nossos cientistas, a nossos literatos, é um contra-senso. As grandes vitórias humanas não são ganhas de forma alguma com os músculos; são ganhas com as descobertas, com os grandes sentimentos, com as idéias fecundas, e daríamos os músculos de quinhentos estivadores, mais os perfeitamente inúteis de todos os desportistas, pela poderosa inteligência de um Pasteur, de um Ampère ou de um Malebranche. Aliás, o homem melhor treinado não vencerá jamais uma corrida com um cavalo, nem mesmo com um cão, e um gorila não teme lutar com um héracles de feira. Nossa superioridade não consiste portanto no peso de nossos músculos; a prova disto é que o homem domesticou os mais poderosos animais e enjaula tigres e leões para a alegria das crianças que freqüentam os jardins públicos.

É manifesto que o papel da força muscular diminui dia a dia, porque a inteligência a substitui pelas forças incomparavelmente maiores das máquinas, e por outro lado a sorte dos homens com músculos potentes é serem cada vez mais assimilados ao papel de máquinas; são instrumentos dóceis nas mãos daqueles que pensam. Um empreiteiro que não trabalha dirige os operários, e os empreiteiros são por sua vez dirigidos por um engenheiro sem calos nas mãos.

Em suma, a campanha que se faz para transformar as crianças em atletas é absurda. Repousa sobre uma grosseira confusão entre saúde e força muscular; tende a fazer de nossos jovens, em detrimento de sua força intelectual, lutadores sem delicadeza. Entre os fortes em idéias e os fortes no boxe, nossa escolha não pode ter dú-

vidas. Não tomemos por um progresso essa tendência a nos reconduzir à animalidade. Excesso por excesso, prefiro os das escolas da Idade Média, que geraram São Tomás de Aquino, Montaigne e Rabelais, aos das escolas que nos gerarão vencedores no remo.

Francamente, se subtraíssemos desses torneios o valor que lhes dá uma vaidade simplória (simplória, pois que vaidade é essa que aprecia superioridades tão inferiores às de muitos animais?), ninguém se sujeitaria às fadigas que exige o treinamento para uma disputa nos remos. Não é a Inglaterra rotineira e brutal que devemos imitar sob esse aspecto, mas antes a Suécia, que renunciou completamente em suas escolas e para seu povo a esses nefastos esforços físicos. Ali se preocupam em ter jovens robustos e sadios, e compreendeu-se que o abuso dos exercícios físicos conduz, mais certamente que o estudo excessivo, à sobrecarga. Resulta do que expusemos que, dentre os exercícios que devemos recomendar aos estudantes, a escolha é orientada por uma regra absoluta: os exercícios não devem enervar, nem mesmo levar a uma fadiga excessiva.

§ IV

Se são cometidos erros tão prejudiciais em relação ao exercício físico, são geralmente admitidos erros não menos funestos a respeito do trabalho intelectual. Ele é representado como necessariamente sedentário. Como já dissemos, a idéia de um trabalhador intelectual desperta imediatamente a imagem de um homem sentado, a cabeça entre as mãos para meditar, ou o peito encurvado sobre a mesa para escrever. Repetimos: não há idéia mais falsa. O primeiro labor só pode ser executado à mesa de trabalho. Para traduzir, precisamos de uma gramática e de dicionários; para ler, temos que manter a atenção e fixar os pensamentos tomando notas, fixando no papel as sugestões evocadas pelo autor; mas, realizado esse primeiro trabalho, todo o trabalho de memória propriamente dito, não apenas pode ser feito fora de casa, mas ganha muito se for realizado a céu aberto ou num jardim público. Além desse trabalho da memória, a meditação e a busca de um plano de organização dos materiais são consideravelmente facilitadas pelo passeio ao ar livre. Confesso, quanto a mim, que todas as idéias

novas que tive a felicidade de descobrir vieram-me durante um passeio. O Mediterrâneo, os Alpes ou as florestas de Lorraine formam como que a paisagem de fundo de todas minhas concepções. E se é verdade, como afirma Herbert Spencer,⁵ a quem não podemos acusar de preguiçoso, que “a organização dos conhecimentos é bem mais importante que sua aquisição”, e se, como ele o diz, “para essa organização duas coisas são necessárias, o tempo e o trabalho espontâneo do pensamento”, proclamo que essa organização jamais é tão vigorosa como a céu aberto. *Quidquid conficio aut cogito, in ambulationis fere tempus confero*.⁶ O movimento no passeio, o sangue que circula alegremente, o ar puro e vivo que impregna o corpo com oxigênio em abundância, todas essas circunstâncias dão ao pensamento um tal vigor, uma espontaneidade, que ele raramente tem no trabalho sedentário. Mill conta em suas *Memórias* que compôs uma grande parte de sua lógica no caminho para os escritórios da Companhia das Índias, tanto é verdade que o trabalho fecundo pode ser em grande parte executado ao ar livre e à plena luz do dia.

§ V

Agora que já tratamos do exercício, resta-nos falar do repouso. Repouso não é preguiça. Mais ainda, a preguiça é incompatível com o repouso. O repouso, com efeito, supõe um trabalho precedente que, mesmo que não fatigue, ao menos necessita de reparação. Nenhum preguiçoso goza das alegrias de um repouso bem merecido, pois se, como disse Pascal, o frio é agradável para nos aquecermos, o trabalho é agradável para repousarmos. O repouso sem o trabalho que o torna necessário é a ociosidade com seu morno tédio, sua intolerabilidade. Como disse Ruskin, o repouso glorioso é o do cabrito montanhês arquejante em seu leito de granito, e não o do boi no estábulo, ruminando sua forragem.

O repouso por excelência é o sono. Quando calmo e profundo, ele permite reparações completas. Pouco depois de

5. Herbert Spencer, *De l'Éducation intellectuelle, morale et physique*, Félix Alcan, Paris, 1894, p. 294.

6. Cícero, *Ad Quintil*, 3.

despertar, experimentamos um bem-estar e sentimos em nós mesmos uma provisão de energia para o trabalho do dia. Infelizmente a questão do sono é uma das mais recobertas de falsas idéias. Com essa mania de regulamentar tudo com uma autoridade tanto mais risível quanto mais sua ciência não passa de um amontoado de leis empíricas, os higienistas limitam o tempo do sono em seis ou sete horas. A única regra aplicável aqui é ter apenas uma regra geral: não se deitar muito tarde e saltar da cama logo ao acordar.

Dizemos que não se deve deitar muito tarde porque devemos condenar absolutamente o trabalho prolongado até a meia-noite. Sabe-se que a temperatura do sangue começar a cair em torno das quatro horas da tarde e que o sangue tem a tendência a sobrecarregar-se de materiais de desassimilação até a noite. Jamais o esforço intelectual é muito intenso a essa hora, e se alguém pensa que está então melhor disposto do que durante o dia, temo que seja porque o espírito embotado contenta-se com muita facilidade com um trabalho medíocre, iludindo-se.

Ademais, essa contenção tardia do espírito é funesta para o sono e causa uma agitação que pode tornar o repouso muito insuficiente. Pode-se criar uma espécie de febre no momento em que tudo convivia ao sono, mas este é um péssimo cálculo! Sobrecarrega-se o cérebro com um trabalho medíocre, em detrimento do frescor e do vigor da meditação matutina. O resultado mais seguro dessa absurda derrogação das leis naturais é aumentar a irritabilidade. Deve-se reservar para a noite os trabalhos materiais, notas feitas a lápis no livro e que se deve recolher, buscas de passagens a citar, esclarecimentos, etc.

Quanto ao trabalho da madrugada, contesto também sua utilidade. Primeiro porque é raro que se encontre energia para levantar às quatro horas todos os dias. É necessário recorrer a um outro auxílio além da própria vontade, sempre fraca, quando se trata, no inverno por exemplo, de passar do doce calor da cama para a atmosfera fria do escritório. Numa cidade do centro, morei na casa de um padeiro cujos filhos tinham a ordem de, ao sair do trabalho, obrigar-me a levantar, apesar dos protestos do “animal violentado”. Passei todo um inverno diante da mesa de trabalho desde as cinco horas. Tirei dessa longa experiência a conclusão

de que, mesmo demorando para estar em plena atividade, sempre o conseguia, perseverando. O trabalho não tardava a se tornar excelente e todas as aquisições de conhecimentos eram definitivas; mas no resto do dia ficava um pouco sonolento — e no cômputo final, a utilização das belas horas da manhã vale mais que o trabalho antecipado. A única vantagem desse método é que nenhuma jornada é perdida; cada dia tem seu trabalho, enquanto que, deixando o trabalho para as horas livres, corre-se o risco, se a vontade for fraca, de desperdiçar o tempo devido ao esforço.

Não se deve, entretanto, exagerar o tempo de repouso na cama por duas razões. Primeiro que, prolongado habitualmente além do tempo necessário e variável para cada um, o sono “torna o sangue espesso”. Toda a manhã fica prejudicada; ficamos morosos, indolentes, tristes. Sentimos frio com facilidade, ficamos impressionáveis. Mas esse não é o mais grave inconveniente do repouso exagerado: podemos estabelecer como uma regra absoluta, sem exceção, que todo estudante que fica preguiçosamente na cama até tarde, que se demora nela muito tempo depois de acordar, é invencivelmente conduzido às práticas solitárias. Dize-me a que horas levantas e dir-te-ei se és vicioso.

§ VI

Fora do sono, o repouso toma a forma de recreações. É indispensável não trabalhar ininterruptamente. A velha comparação do espírito com um arco, que se estiver sempre esticado acaba perdendo toda a força, é exata. O trabalho sem sua recompensa natural, que é o repouso, torna-se uma corvéia. Mesmo para a assimilação de nossas aquisições, e para seu desenvolvimento, sua fecundidade, é preciso haver espaço entre os diversos trabalhos. Esse repouso é um ganho puro e simples para o próprio trabalho: com efeito, o trabalho intelectual não se dá sem um ativo trabalho nos centros nervosos. Inversamente, um trabalho ativo nos centros nervosos resulta sempre, mesmo se esse trabalho é feito sem nenhuma consciência, num avanço em nossas investigações intelectuais. Não se pode mais negar hoje essa fecunda descoberta da correlação das idéias com um “*substratum* nervoso”.

Ora, quando o trabalho intelectual cessa, a atividade dos centros nervosos não pára imediatamente: o trabalho inconsciente continua e, definitivamente, é a fixação e a elaboração das lembranças que ganha com isso. Por isso é uma tolice passar logo a um novo trabalho. Primeiro porque se perde o benefício desse trabalho espontâneo operado nas regiões subconscientes do espírito, e depois porque é preciso de certa forma contrariar as correntes sanguíneas estabelecidas e readaptá-las de acordo com um novo plano. É como um trem que se deve parar, fazer retroceder, para em seguida encarrilhar em outro trilho. É melhor deixar que se esgote naturalmente o impulso adquirido, fazendo um pouco de repouso e um pouco de exercício, e esperar que a calma seja restabelecida na circulação cerebral. Em uma longa prática de ensino, vi com frequência alunos que tinham dificuldade em seguir o andamento do curso, e que não viam bem o encadeamento das questões, retornarem transformados depois de quinze dias de repouso intelectual absoluto durante as férias de Páscoa. Uma ordenação tinha se operado em seu pensamento; a organização dos materiais tinha-se concluído, e voltavam definitivamente senhores de seu curso. Sem essa benéfica pausa de novas aquisições, talvez nada disso se tivesse produzido neles.

Ainda não se proclamou suficientemente a necessidade do repouso para o trabalho. Quanta razão tem Töpffer: “É preciso trabalhar, meu amigo, e depois não fazer nada, ver o mundo, tomar um ar, passear, porque é assim que digerimos o que aprendemos, que observamos, que relacionamos a ciência à vida em vez de relacioná-la à memória”.⁷

Mas não devemos buscar o repouso como um fim. Ele não é e não deve ser senão um meio de renovar nossa energia.

Há, porém, muitas maneiras de repousar, e a escolha das distrações não pode ser indiferente para quem quer fortificar a vontade. As características essenciais de uma boa distração devem ser: acelerar a circulação e o ritmo respiratório, e especialmente provocar um trabalho amplo dos músculos do tórax, da coluna vertebral, das camadas musculares do estômago, e repousar a visão.

7. R. Töpffer, *Le presbytère*, J.-J. Dubochet et Cie., Paris, 1846, 51.

À primeira vista essas condições requeridas levam-nos a banir absolutamente, por terem todos os inconvenientes da sedentariedade, e também, na maioria das vezes, os inconvenientes de uma atmosfera malsã, os jogos de cartas, o xadrez, e em geral todos os jogos que são praticados em ambientes fechados, com um ar sobrecarregado de fumaça de cigarro e sem renovação.

Ao contrário, caminhar ao ar livre, agradáveis passeios pelos bosques, preenchem uma boa parte do programa imposto. Infelizmente esses prazeres não preenchem todas as condições indicadas, pois deixam imóveis os músculos da coluna vertebral implicados na respiração e os que envolvem o estômago. Em compensação inundam os pulmões de ar puro, e descansam agradavelmente os olhos. A patinação, o mais intenso dos prazeres dados pelo exercício e um dos mais completos quanto à variedade de movimentos, e a natação no verão, o mais vigoroso dos exercícios respiratórios, têm um maravilhoso poder de oferecer descanso para o trabalhador da inteligência. Acrescente-se a esses exercícios o remo, com as belas paisagens que margeiam os rios, e a jardinagem, com os mais diversos movimentos que ela impõe.⁸

Em casa, nos dias de chuva, o bilhar ou a marcenaria são excelentes ocupações. No jardim pode-se jogar bola, boliche, petecas, e todos esses velhos jogos franceses que não deveriam suplantarem nem o *crockett*, nem o *lawn-tennis*. Durante as férias nada vale mais do que as alegres excursões, mochilas às costas, nos Alpes, nos Pirineus, nos Vosges ou na Bretanha. Deve-se cuidar durante os meses de trabalho (nas férias não há inconveniente nisso) para que esse exercício, mesmo provocando suor, nunca provoque mais que um leve cansaço. Toda fadiga é excessiva, pois, acrescentada ao trabalho intelectual, torna-se uma sobrecarga.

Além dos benefícios imediatos das distrações bem compreendidas, a alegria dos exercícios sadios tem, como toda emoção leve de alegria, um efeito higiênico muito grande. O melhor fortificante,

8. Não falamos aqui da caça, freqüentemente extenuante, e que não pode em nenhum caso ser um exercício habitual, nem da esgrima que, provocando uma fadiga *nervosa*, é formalmente contra-indicada para as pessoas que trabalham com o cérebro (V. Lagrange, *De l'exercice chez les adultes*, Félix Alcan, Paris, 1891, pp. 299 e ss.).

diz-se, é a alegria; a alegria física é como o canto de triunfo do organismo bem equilibrado. E quando a essas alegrias animais vêm juntar-se as altas satisfações do trabalho intelectual, que não excluem nenhuma outra felicidade — mais ainda, que dão um sabor tão franco e saboroso aos outros prazeres — a felicidade é completa. Para os jovens suficientemente senhores de si mesmos para reger sua vida de uma boa forma, a vida vale a pena de ser vivida — dessa coorte de elite todos nós podemos fazer parte, se o quisermos.

§ VII

Resumindo, a energia da vontade, da vontade perseverante, implica a possibilidade de longos esforços. Ora, sem saúde não há esforços duráveis. A saúde é portanto uma condição essencial da energia moral. “Ninguém entre aqui se não for geômetra”, dizia Platão; que ninguém entre aqui, diremos nós, se não seguir as leis da higiene no que elas têm de certo. Assim como a vontade é feita de esforços reiterados, ela também é feita sem seus fundamentos de cuidados higiênicos: cuidados com a nutrição, com o ar que se respira, com o movimento do sangue. Ela supõe repouso e exercícios físicos adequados. Devemos, a esse propósito, combater o exagero que está hoje na moda em nossa superficial imitação da Inglaterra; levamos o escrúpulo ao ponto de distinguir as distrações nocivas das que são úteis, não sem ter, no caminho, precisado as condições de um trabalho intelectual fecundo: é que temos a profunda convicção de que a inteligência, a sensibilidade e a vontade dependem em larga parte do estado corporal. Se uma alma, como disse Bossuet, é senhora do corpo que anima, ela não o será por muito tempo se o corpo enfraquecer, arruinar-se. Em tais condições, podemos tentar um esforço heróico, mas esse esforço heróico não poderá ser acompanhado por muitos outros, pois o primeiro resultará num esgotamento absoluto. E na vida tal como ela se dá na civilização, as ocasiões de heroísmo são raras, tão raras que não é para elas que nos devemos preparar, mas antes para reiterados esforços de detalhe, repetidos a cada dia, a cada hora. Veremos por acréscimo que uma vontade temperada

por esses perpétuos esforços estará melhor preparada que outra qualquer para grandes ações, quando soar a hora de realizá-las. A esses esforços reiterados denomina-se constância, espírito de continuidade, e desde que haja perseverança no esforço, deve haver também perseverança na eclosão das forças. Nunca se pensa no quanto os antigos tinham razão quando anunciavam sua famosa máxima: *mens sana in corpore sano*. Sejam sadios para fornecer à nossa vontade as provisões de energia física sem as quais todo esforço, seja ele qual for, resulta caduco e infecundo.

Capítulo V

Uma visão geral

EIS-NOS chegados ao termo da primeira parte do nosso tratado.

Primeiro determinamos claramente a natureza dos inimigos a combater nessa luta tão nobre e tão fecunda contras as potências inferiores da nossa natureza. Compreendemos que as paixões só têm muita importância nessa luta pela conquista de si por causa do auxílio que dão a nossa grande inimiga: a preguiça, a força de inércia que tende incessantemente a fazer o homem voltar ao ponto de onde com tanto custo elevou-se ao longo de séculos de esforços. Compreendemos que o domínio de si não pode ser entendido como uma vontade intermitente; que a suprema energia é a energia contínua, prolongada durante meses e anos, e que a pedra de toque da vontade é a duração.

Depois, tivemos que limpar nosso caminho de duas teorias filosóficas que acreditamos ser desencorajadoras. Uma pretende que não temos nenhum poder sobre nosso caráter, que ele é pré-determinado, inato, que somos aquilo que somos, que nada podemos fazer por nossa libertação; teoria absurda e que denota um tal hábito de pensar com as palavras e uma tal ignorância dos fatos elementares da psicologia que nos espantaria vê-la defendida por filósofos de valor se não conhecêssemos a poderosa sugestão exercida pelas teorias preconcebidas, sugestão que dá ao espírito antolhos que o impedem de ver os fatos mais manifestos.

A outra teoria, a do livre arbítrio, não é menos simplória nem menos funesta, pois considera a reforma do caráter como obra de um instante, o que certamente afastou os moralistas do estudo da psicologia, pois é somente com o conhecimento aprofundado das leis da nossa natureza que podemos encontrar as indicações que permitirão a reforma do nosso caráter.

Expurgado o terreno dessas duas teorias, entramos no estudo psicológico do nosso assunto. Salientamos o grande poder que temos sobre nossas idéias, e o fraco apoio que elas podem nos dar diretamente, já que não temos quase nenhum poder diretamente sobre o sentimento, que é onipotente em nós. Mas, felizmente, com a ajuda do tempo e de uma diplomacia perspicaz, podemos superar todas essas dificuldades e, através de procedimentos indiretos, chegar a triunfar onde a derrota parecia inevitável. Estudamos pacientemente esses procedimentos que nos dão o domínio sobre nós mesmos nos capítulos sobre a reflexão meditativa, sobre a ação, e nos dedicamos, certos da estreita relação entre o físico e o moral, a examinar num capítulo sobre a higiene as condições fisiológicas favoráveis ao exercício da vontade.

A parte puramente teórica de nosso trabalho está, portanto, concluída. Resta-nos ir aos detalhes, e aplicar à vida de estudante as grandes leis gerais estudadas até aqui em si mesmas. Em outros termos, devemos estudar com cuidado a natureza dos perigos específicos que ameaçam a autonomia moral do estudante, e a natureza dos auxílios que ele pode encontrar para se precaver contra eles, seja em si mesmo, seja exteriormente.

Dividimos esta segunda parte, que é um tratado prático, em dois livros, os livros IV e V.

O livro IV compreende duas grandes divisões: uma é consagrada aos inimigos a combater (*pars destruens*), a outra (*pars construens*) é uma exposição das meditações próprias a provocar no jovem um vivo desejo de uma vida enérgica unicamente submetida à vontade.

O livro V passa em revista os aliados exteriores que o estudante pode encontrar na sociedade que o rodeia para a educação da sua vontade.

II

PARTE PRÁTICA

LIVRO IV

AS MEDITAÇÕES PARTICULARES

Capítulo I

Os inimigos a combater: o sentimento vago e a sensualidade

§ I

Os inimigos a combater são, como vimos, dois: a sensualidade e a preguiça. Sendo a preguiça o abandono perpétuo de si mesmo, constitui o “meio” necessário ao desenvolvimento de todos os germes viciosos, e em certo sentido toda paixão baixa vem da preguiça. Se nos pergutassem, não temeríamos declarar que todas as paixões inferiores vêm, como diziam os estóicos, de um relaxamento da vontade. O que é estar apaixonado, com efeito, senão deixar de ser senhor de si mesmo? A paixão é a animalidade vitoriosa, é o cego impulso da hereditariedade que obscurece a inteligência, oprime-a e, mais ainda, põe-na a seu serviço; é a supressão da humanidade em nós, o rebaixamento do que é ao mesmo tempo nossa honra e nossa razão de ser; durante o tempo em que ela reina, regredimos na escala zoológica.

E entretanto as paixões são menos perigosas, cremos, por causa de sua pouca duração, que essas forças que têm uma ação nociva a todos os instantes, e que já comparamos à ação da gravidade sobre a pedra. E assim como um edifício só é sólido quando o arquiteto faz trabalhar para a estabilidade das paredes as mesmas leis da gravidade, também aqui, a obra da nossa regeneração só será durável se tivermos neutralizado absolutamente a ação das potências

hostis, opondo-lhes a organização vitoriosa das forças favoráveis ao nosso fim, e se tivermos obrigado mesmo algumas dessas potências hostis a lutar por nós. Mas como reconhecer como que à primeira vista se uma força nos é hostil ou favorável? Nada é mais simples. Toda força psicológica é perigosa para nossa vontade se ela age no mesmo sentido da preguiça, e vantajosa se agir em sentido contrário.

O trabalho a ser empreendido torna-se assim muito claro. É preciso primeiro enfraquecer ou destruir, se possível, as potências que tendem a arruinar a energia, e conferir a maior força possível àquelas que tendem a dar-lhe maior vigor.

As causas de enfraquecimento da vontade perseverante são numerosas: a primeira em importância é esse sentimentalismo vago, tão freqüente entre os jovens, que conduz insensivelmente a imaginação a se comprazer em devaneios voluptuosos, os quais são a causa habitual dos tristes hábitos solitários. Vêm em seguida a influência funesta dos colegas que abandonaram todo esforço de melhoramento de si mesmos, a vida nos bares e restaurantes, a tristeza, o desânimo, a terrível coorte de sofismas de que se servem os preguiçosos para desculpar sua ociosidade, sofismas tão freqüentemente repetidos que se impõem mesmo às pessoas esclarecidas e que acabam adquirindo a autoridade, a evidência de axiomas: axiomas funestos, mesmo que fossem verdadeiros!

§ II

Começaremos então o estudo dos fatos psicológicos funestos para a vontade pelo exame do sentimentalismo vago, das aspirações sem finalidade.

Na escola, o jovem adolescente, contido pela disciplina da instituição, ocupado com as várias tarefas obrigatórias, atento por causa da emulação, pela preocupação com os exames, obrigado a levar uma vida sóbria e rigorosamente regrada, não tem tempo para abandonar-se a longos devaneios — atualmente, ao menos, pois diminuíram o número de horas de estudo e aumentaram o das horas de recreação. Ele não pode mais, como, infelizmente, quase todos os alunos internos faziam outrora, consagrar um bom

tempo de seus estudos da noite ao devaneio e à evocação de cenas de ternura apaixonada. Mas ao sair do liceu, bruscamente lançado sozinho numa cidade, sem parentes, sem vigilância, sem trabalho imediato obrigatório, e mesmo sem trabalho claramente definido, as horas de inteiro abandono, de lassidão, de preguiça absoluta, acumulam-se. Por desgraça, justamente nessa época as transformações fisiológicas que vêm sendo elaboradas há um bom tempo completam-se. O crescimento está quase terminado; o enorme esforço necessário à criança para ordenar e desemaranhar o mundo exterior acabou; a grande quantidade de forças que agora estão sem emprego torna-se uma causa de perturbações; o despertar completo do sentido genésico colore subitamente o pensamento de reflexos que ele não tinha. A imaginação tem nisso uma boa parte: é esse estado de sofrimento real, mas poetizado pela literatura, que desenha tão bem Beumarchais em *Querubim*. O jovem não ama nenhuma mulher determinada, ele ainda está “amando o amor”. Há em nós, nessa idade, um tal poder de transfiguração, um tal vigor de vida transbordante, uma tal necessidade de expandir para o exterior, de se dedicar a uma causa qualquer, de sacrificar-se, que faz dela uma época abençoada.

Mas, aí!, esse é um período decisivo na vida: é indispensável que esse ardor seja spendido. Se não for usado em ocupações honrosas, corre-se o risco de consumi-lo em prazeres vis e vergonhosos. É esse o momento da luta de Hércules entre o vício e a virtude: seja qual for o partido escolhido, será adotado com um ardor extremo. Para a grande maioria dos jovens, não há dúvidas na escolha. Vão para onde lhes levam o desgosto pelo estudo, os deploráveis exemplos, a ausência de recreações saudáveis, a fraqueza de sua vontade, sua imaginação já poluída e corrompida. Desses, é impróprio dizer que desertam da luta, pois sequer tentam lutar por um só instante. Devemos aliás concordar que esses belos romances vividos em imaginação, esse futuro arranjado a seu próprio gosto, são infinitamente mais interessantes que o trabalho, e exigem menos esforços. Assim, quando o estudo se torna desagradável, como o estudante pode sempre deixar para o dia seguinte o que está fazendo, deixa-se levar por esses devaneios que consomem o melhor do seu tempo. Quantos jovens vivem assim um

romance, construído em todos os seus lances, durante semanas e semanas, retomando o tema de cem maneiras diferentes, imaginando sua heroína em várias circunstâncias, dirigindo-lhe mesmo em voz alta palavras que jamais lhe foram mais ternas, mais doces, mais ardentes! Ah, como os romances dos nossos romancistas são pálidos e descoloridos perto dos nossos próprios romances dos dezoito anos! Falta a suas situações e a seus personagens essa grande superabundância de afeições, essa generosidade de desinteresse que é o apanágio desses anos privilegiados. É apenas mais tarde, quando a imaginação se volta para objetos sérios e é resfriada, que pedimos aos romancistas que substituam o poeta que fomos e que não somos mais. Infelizmente esses belos romances são construídos nas horas que deveriam ser dedicadas ao trabalho, e com muita frequência os jovens adquirem tão bem o hábito do devaneio, que todo trabalho sério torna-se impossível. Uma frase lida, uma sugestão, bastam para nos afastar totalmente do trabalho. Uma hora rapidamente se vai antes que nos reconquistemos. E ademais, por contraste, a vida solitária do estudante isolado em seu quarto, seus trabalhos frequentemente tediosos, parecem tão amargos, que toda coragem esmorece. É muito duro descer de um céu encantado para o prosaísmo da vida real! Em todas as suas formas, o devaneio vago é extremamente nocivo. Quantas horas fecundas para o trabalho consomem-se, inúteis e vazias!

Esse desperdício de inteligência e de sentimento provém de causas superficiais, de um desregramento da imaginação, mas infelizmente também de causas profundas.

Uma causa profunda é a transformação fisiológica de que já falamos. É o advento da virilidade. É por outro lado a distância considerável que há entre essa capacidade fisiológica e a capacidade social correspondente. Desde o final de seus estudos secundários, o jovem deve trabalhar de oito a dez anos a fim de criar para si uma situação que lhe permita casar-se “conforme as conveniências”. É admitido em nossa sociedade que uma jovem deve “adquirir” seu marido, e raros são os jovens que ousam encarar o casamento sem dote, contando com sua juventude, seu ardor, sua coragem, para chegar a uma vida confortável. Preferem esperar e fazem com frequência um cálculo errado: pois infelizmente o dote não vem

sem a jovem, e com muita freqüência ele é contrabalançado por sua saúde vacilante, pelo gosto das despesas, pela incapacidade de qualquer trabalho interior, e pelos inconvenientes que resultam para a mulher e para o marido da ociosidade da mulher.

Com tais hábitos sociais um estudante raramente pode se casar antes dos trinta anos, de forma que os dez mais belos anos da vida passam-se ou nas lutas sempre penosas contra as necessidades fisiológicas, ou então no vício. Ora, raros são aqueles que lutam bem por muito tempo, e é numa vida tola, absurda e desmoralizante que a maioria dos estudantes desperdiçam sua juventude.

É triste calcular a soma de infelicidades causadas pela fatal moda do casamento tardio. Quantas alegrias, quanta saúde, quanta energia insensatamente desperdiçadas! Pois, se o casamento tem inconvenientes, se impõe pesadas responsabilidades, impõe-nas numa idade em que se é capaz de suportá-las alegremente. Os esforços necessários para viver e sustentar os seus ao menos não são esforços exclusivamente egoístas; dão ao jovem homem uma viril e sã disciplina de trabalho altruísta. Ademais, se o casamento sem dote tem inconvenientes, ele tem grandes vantagens morais. É um interesse primordial da mulher manter a inteligência do marido clara e cuidar da sua saúde. Ela não delega a qualquer criada sem moralidade o cuidado de preparar as refeições; os diversos alimentos são para ela um teclado estudado e conhecido, que ela toca habilmente e cujos efeitos sobre a saúde daquele que é tudo para ela lhe são conhecidos. O marido por seu lado sente-se responsável pelas almas, e não tem nenhuma inquietude, pois pode precaver-se da possibilidade da morte por um seguro de vida. Deixa em casa, ao sair, uma mulher de bom senso e de coração, sadia de corpo e vigorosa; sabe que sempre encontrará ao voltar uma afeição segura e boas consolações nos dissabores. Sabe que encontrará a casa limpa, asseada, com esse ar de festa que têm os lares felizes. Não há para um jovem sentimento mais fortificante que o produzido por essa associação de duas pessoas de bom senso e de coração contra a infelicidade e a doença. À medida que se avança na vida, o afeto e a felicidade crescem: o trabalho de um, a economia da outra, permitem embelezar o interior da casa; cada enfeite comprado, cada móvel novo é o resultado do sacrifício de

todo prazer, de toda alegria que não é comum; isso, sem falar nas crianças, cria laços de uma força extraordinária. Nas uniões que começaram modestamente, o conforto aumenta com a idade, as cargas diminuem, e a velhice é perfeitamente feliz, porque não se frui bem da segurança, da tranqüilidade, da fortuna senão depois de ter trabalhado longamente para obtê-las. Tanto isso é verdade que, como diz o poeta:

*L'homme ne jouit longtemps et sans remords
Que des biens chèrement payés par ses efforts*¹

Não se deve hesitar em casar-se jovem, e como isso só é possível renunciando a um grande dote, a vantagem é que se escolherá a esposa por ela mesma, por suas qualidades. Aliás, é preciso reconhecer que as jovens que desposarão mais tarde nossos estudantes estarão cada vez menos aptas ao casamento. A educação de estufa que recebem, a ausência de exercícios, de ar livre, o abuso do espartilho, tornam-nas freqüentemente impróprias para os encargos da gravidez; bem poucas têm a coragem ou a força para amamentar seus filhos. Os médicos são unânimes em constatar a freqüência alarmante de enfermidades uterinas.

E o que é mais grave, a ociosidade absoluta em que elas passam os anos subseqüentes à saída do pensionato, a nutrição excelente que recebem, a ausência de toda fadiga, as noites excitantes a que vão, a ópera, a leitura de romances sentimentais que lhes é permitida e que lhes dão os jornais sobre moda ou feitos para senhoritas, esse conjunto de causas faz com que sua imaginação não escape à perversão. Não se calcula como são terríveis os sofrimentos ocultos dessas ociosas jovens.

Ademais, criadas à margem da vida, só percebem as aparências polidas das relações mundanas, vivem seguras do amanhã, não conhecem nada da verdade e fazem de todas as coisas idéias eminentemente aptas a produzir, quando enfrentam a realidade, dolorosas decepções. Elas com certeza têm geralmente menos bom senso que as jovens das famílias trabalhadoras.

1. Sully Prudhomme, *Le Bonheur*, X, *Le Sacrifice* [O homem só goza longamente e sem remos / Dos bens que pagou caro com seus esforços — NT].

Mas, dizem, essas jovens ricas têm ao menos a superioridade da instrução. Ah, são grandes as ilusões que se tem sobre isso! Quase nunca chegam a ter uma cultura sólida. Podem pôr muitas coisas na memória, mas não esperem delas os esforços da imaginação criadora. Dificilmente obtém-se delas “uma personalidade”, e Manuel, inspetor geral, presidente há muitos anos do júri de admissão de meninas, constatou-o em muitos dos seus relatórios anuais. Aliás, façam o que fizerem, quando as desposamos temos uma tal vantagem sobre elas, que jamais parecerão para o marido, sobretudo se o marido trabalha e pensa, senão alunas medíocres. Mas mesmo sem grande instrução, a mulher de espírito reto, de raciocínio judicioso, de observação penetrante, é infinitamente preciosa para o homem de talento. Ele vive, com efeito, e cada vez mais, acima da humanidade. Continua com perseverança sua caça às idéias e acaba perdendo totalmente o contato com o mundo em torno. Enquanto a mulher vive inteiramente neste mundo. Ela pode fazer nele ricas colheitas de observações que o marido, desdenhando os detalhes, simplesmente não percebe; ela serve de traço de união entre o mundo e ele; retira às vezes com um lance de rede uma pesca milagrosa de preciosos ensinamentos, dos quais seu marido vê o alcance geral. Stuart Mill fala constantemente em termos elogiosos da senhorita Taylor; seus amigos, ao contrário, principalmente Bain, declaram que ela tinha um espírito muito ordinário.² Eles não compreenderam que para um pensador como Mill, extremamente confinado na abstração, se a senhorita Taylor tinha um juízo perspicaz e um espírito observador, deve lhe ter fornecido, como declara Mill, matéria para suas mais belas teorias econômicas. Ora, constantemente, em seu *Economia política*, Mill louva o espírito eminentemente prático das mulheres, seu gênio para o detalhe. Eis a grande influência da senhorita Taylor. E por um motivo análogo, uma mulher dotada de um espírito de observação um pouco terra-a-terra, mas penetrante, é mais preciosa para um pensador que todo um harém de mulheres sábias.³

2. Bain, *Stuart Mill, a criticism*, Longmans Green, London, 1882, p. 163.

3. A mulher sofre de uma miopia intelectual, disse com justiça Schopenhauer, que lhe permite, por uma espécie de intuição, ver de uma forma penetrante as coisas que estão próximas... Para nós, ao contrário, nosso olhar transpassa as

Mas, por mais cedo que se case um jovem dedicado ao trabalho intelectual, como ele não pode se casar ao sair do liceu ou do ginasio, restam-lhe vários anos em que terá que lutar para libertar-se da vassalagem às necessidades fisiológicas. Essa luta é pura questão de tática; se mal empreendida, a derrota é certa.

§ III

Não devemos temer, em um livro escrito sobretudo para jovens de dezoito a vinte e cinco anos, abordar uma questão tão importante quanto a da sensualidade. Não falar de algo de que sofreram os mais puros gênios humanos é pura hipocrisia. Kant escreveu sobre esse assunto uma página belíssima, que foi substituída na tradução francesa por várias linhas pontilhadas! Esses pontos dizem muito sobre o estado de espírito do público sobre essa questão, e quando pensamos na grosseria das conversas que têm depois de jantar, na sala de fumar, os homens “bem educados”, seria muita ingenuidade tomar por moeda verdadeira esse pudor que não passa de hipocrisia, e para não ousar dizer o que um homem de coração deve dizer. É a mais pura verdade que o sentimentalismo vago produzido pela puberdade cedo transforma-se em sensualidade. As imagens confusas precisam-se, os vagos desejos tornam-se atos e o estudante, ou se deixa levar a vergonhosos hábitos ou, como a minoria dos jovens mais ousados ou mais ricos, passa a freqüentar as mulheres cujo ofício é vender-se.

As conseqüências desse estado de coisas são habitualmente exageradas de tal forma que o quadro, por muito carregado que seja, não espanta ninguém. Não é menos verdadeiro que a saúde ressent-se seriamente dos excessos: os jovens que os cometem adquirem um aspecto envelhecido, que se produz por causa da consumpção dorsal, da inegável debilidade muscular, de um grande peso na coluna vertebral, sintomas ocultos negligenciados no arroubo de loucura da exuberância animal. O colorido se esvai, o frescor

coisas que estão na nossa cara sem deter-se nelas, e busca o que está além; temos necessidade de sermos levados a uma maneira de ver mais simples e imediata. *Pensées et fragments*, Félix Alcan, Paris, p. 131.

desaparece; os olhos tomam um aspecto terno, lânguido; ficam rodeados de um círculo acinzentado. A fisionomia exprime abatimento. Tudo denota uma fadiga, que repetindo-se freqüentemente acaba atacando as próprias fontes da vida; é de certa forma a preparação das gastrites, das nevralgias, das hipertrofias do coração, das fraquezas da vida que começarão a desolar a existência dos imprevidentes já pelos seus trinta anos.

Mas não é somente sobre o corpo que age a desastrosa influência da sensualidade; a memória embota-se de forma prodigiosa, o espírito perde toda flexibilidade, todo vigor. Arrasta-se de maneira lânguida, e como que tomado pelo torpor. A atenção é fraca, vacilante. Os dias transcorrem numa indiferença apática, numa indolência, numa preguiça desanimadora. Perde-se sobretudo essa alegria máscula que o trabalho dá: este se torna um castigo, quando não tem sua natural recompensa.

Enfim, o hábito do prazer físico substitui as emoções mais doces e mais duráveis da alma por emoções grosseiras e fortes. Esses violentos abalos arruinam a alegria dos prazeres tranqüilos. E como as alegrias sensuais são breves, e deixam atrás de si a fadiga e o desgosto, o caráter torna-se habitualmente triste, moroso, de uma tristeza oprimida, que leva a buscar os prazeres estrepitosos, brutais, violentos. É um círculo vicioso desolador.

É inútil acrescentar a esse quadro, nem um pouco exagerado, as conseqüências sociais da depravação, tão dolorosas para a mulher numa sociedade como a nossa, semi-bárbara ainda, que assegura aos jovens das classes abastadas a impunidade da sedução, e que se esforça por tornar inofensivas as conseqüências da sua depravação com suas jovens perdidas.

As causas dessa sensualidade são múltiplas. Vimos que há uma causa orgânica. Assim como o apelo do estômago à consciência toma a forma desse sofrimento que denominamos fome, assim como o apelo das vias respiratórias se traduz nesse sentimento de sufocamento que surge violentamente quando o ar deixa de chegar aos pulmões, assim há um apelo dos órgãos sexuais quando o líquido seminal acumula-se, apelo brutal, imperioso, e que através de um poder mal explicado, quando o desejo não é satisfeito, perturba o trabalho regular da inteligência.

Entretanto não há aqui, como no caso da fome, sofrimento por uma falta, mas antes sofrimento por uma plethora. Há superabundância de forças a dispendir. Ora, em fisiologia, como num orçamento, as transferências de fundos são possíveis, e podemos inscrever numa outra coluna as somas não utilizadas. Há um sistema de equivalências que deve ser encontrado, e seja qual for a origem da força superabundante, uma fadiga, de qualquer natureza, a consome e destrói.

De forma que, se a necessidade permanecesse, pura e simplesmente, a luta contra ela, contra suas solicitações, seria fácil. Mas essa necessidade é como que fomentada, superexcitada por muitas causas que transformam às vezes as solicitações num ímpeto de loucura furiosa, irresistível, que pode conduzir a cometer atos insensatos, criminosos.

A primeira causa de superexcitação está em nosso regime alimentar. Como já vimos, quase todos comem em excesso. Nossa alimentação é muito abundante e muito forte; como disse Tolstói,⁴ alimentamo-nos como garanhões. Observem, quando se levantando da mesa, esses estudantes vermelhos, congestionados, falando alto, numa alegria violenta — e digam-me se o trabalho intelectual lhes será possível durante as horas de laboriosa digestão que se seguirão, e se a pura animalidade não vai triunfar neles?

Acrescentemos a essa causa de excitação os longos períodos sentados, freqüentemente na atmosfera quente das salas de aula, ou na atmosfera pesada, carregada, dos cafés durante o inverno; acrescentemos ainda o sono prolongado que é uma causa certa de sensualidade exasperada — dizemos causa certa porque na languidez matinal que sucede ao sono, a vontade fica como que dissolvida: o animal reina sem oposição. O próprio espírito está sonolento — e se parece a muitos que o trabalho de meditação nessas horas mornas é excelente, eles se iludem: a fina ponta do espírito está embotada; as mais banais idéias parecem originais, e quando se escreve esses belos pensamentos da manhã, percebe-se que nada se fez; o pretenso trabalho do espírito era apenas um automatismo do pensamento, sem grande valor.

4. Léon Tolstói, *Sonate à Kreutzer*.

Automatismo, com efeito, e o autômato em nós é o animal indolente, com seus instintos, seus desejos; e sua inclinação natural, a meta de seu movimento, é o prazer sensual. De forma que podemos estabelecer como uma regra sem exceção, como dissemos acima, que todo jovem que permanece na cama uma ou várias horas depois de acordar é *fatalmente* vicioso.

A essas causas de ordem física vem acrescentar-se a atração do ambiente. É claro que a freqüentação dos colegas medíocres, sem caráter, sem energia, sem moralidade, só pode ser nociva. E infelizmente, é preciso confessá-lo, há entre os estudantes de nosso país um número considerável de sacripantas. Cria-se nos grupos uma emulação insensata: os piores tolos dão o tom aos outros. No restaurante, sobretudo nas repletas mesas das pequenas faculdades, as refeições são feitas no meio do ruído, entram-se em discussões ridículas, sem método; os jovens saem de lá numa superexcitação, suscetível para aceitar as sugestões dos colegas grosseiros e temerários. Vão para as cervejarias, e a orgia começa. Depois de abalos tão violentos ficam por muito tempo incapazes de voltar ao trabalho tranqüilo e às delicadas alegrias do pensamento. Essas desordens depositam como que um mau fermento, que desorganiza os sentimentos superiores já tão instáveis no jovem.

Se ao menos fossem essas as únicas causas de depravação, as naturezas simplesmente boas ainda poderiam evitá-las; infelizmente há outras sugestões de ordem mais elevada, e sofismas correntes, aceitos, que legitimam os piores excessos.

Na parte psicológica deste livro, estudamos as relações da inclinação com a inteligência.

Cega em si mesma, a inclinação recebe do intelecto a direção precisa, e a partir do momento em que se torna consciente do objetivo e dos meios, seu poder multiplica-se. Por outro lado, a inclinação atrai, de certa forma, e reúne em torno de si as idéias que têm a mesma natureza que ela; empresta-lhes seu poder e recebe delas um poder acrescido. Há nisso uma aliança estreita; mais que uma aliança, uma solidariedade tal que tudo aquilo que enfraquece uma das partes contratantes enfraquece a outra, e que tudo o que reforça uma, reforça a outra. Isso é verdadeiro sobretudo para as inclinações de ordem sexual. As imagens têm aqui um considerável

poder de provocação. Reverberam com uma rapidez prodigiosa sobre os órgãos reprodutores. Quando a inclinação é excitada, ela envolve a inteligência inteira e tende a produzir uma sugestão violenta quase alucinatória; e, por outro lado, nenhuma inclinação é mais facilmente despertada pelas idéias e imagens. O papel da imaginação na paixão amorosa é tão grande que não se pode exagerá-lo. Num espírito desocupado, sobretudo, pode-se dizer que o trabalho automático do pensamento tem por objeto principal essa ordem de desejos. A prova disso é que o amor só é a ocupação dominante na vida no período escolar e no “mundo” atual, porque os mundanos vivem na mais deplorável ociosidade. Para os trabalhadores, ele não passa do que deve ser, um suplemento.

Também é uma grande desgraça que nessa luta já tão difícil, em vez de ser apoiado, encorajado pelo ambiente em que vive, o estudante encontre apenas estímulos para capitular. O menor incidente pode aqui romper a frágil rédea de governo e abandonar a alma ao automatismo da paixão. Acontece com a consciência do jovem o mesmo que ao mar no mês de março: jamais está calmo, e quando o está em aparência, um exame atento descobre potências adormecidas no fundo, que o menor vento pode transformar numa vaga terrível. É preciso, portanto, evitar com um cuidado escrupuloso tudo aquilo que pode provocar uma borrasca, ainda que passageira. Mas o que deve fazer quem vive no meio de uma sociedade e de uma literatura que prodigalizam as excitações? O jovem vive como que numa atmosfera instigante. Tudo parece concertado em torno dele para perturbar seu discernimento quanto aos prazeres do amor. É certo que a grande maioria das pessoas “bem educadas” são estranhas aos prazeres artísticos e intelectuais, e com freqüência incapazes também de fruir profundamente e de forma durável das belezas da natureza; ao contrário, os prazeres sensuais, acessíveis não somente ao homem, mas a quase todos os animais, não demandam sacrifícios prolongados; são facilmente alcançados, e em pouco tempo os gostos delicados desaparecem, e não se é mais capaz de outros prazeres senão dos mais grosseiros.

O resultado desse geral estado de coisas é que todas as reuniões mundanas são apenas excitações sensuais mascaradas com

pretextos diversos, música, representações teatrais, etc. O jovem, que depois de uma *soirée* volta para seu modesto quarto de estudante, chega com a imaginação carregada de perturbações: o contraste dessas luzes, dessas danças, dessas toaletes provocantes com o seu pobre quarto de trabalho é mortal para a saúde do espírito. Não há impressão mais desanimadora para ele, pois nada o habituou a fazer a crítica desses pretensos prazeres. Ele não foi imbuído desta verdade, que, cheio de forças e de ilusões como está, não é capaz de ver as coisas como de fato são. Forja em todos os detalhes seu mundo exterior e as personagens que nele movimenta, e essa alucinação é tão viva que se interpõe entre ele e a realidade que ela oculta. Não é de espantar que, por contraste, sua vida tão calma, tão tranqüila, tão livre, tão verdadeiramente feliz pareça-lhe insuportavelmente monótona e triste. Jamais tentou, esse pobre estudante, entrar em si mesmo. Nada em sua educação anterior preveniu-o contra esses perigos. Muito ao contrário! A literatura contemporânea é quase toda uma glorificação do ato sexual. Se acreditarmos nos nossos romancistas, em muitos dos nossos poetas, a mais alta, a mais nobre finalidade que um ser humano pode almejar é a satisfação de um instinto que nos é comum com todos os animais! Não é do pensamento que devemos nos orgulhar, nem da ação, mas de uma necessidade fisiológica!

O que Carlyle execrava com mais intensidade em Thackeray é que ele representava o amor à maneira francesa, ocupando toda nossa existência e sendo seu maior interesse, enquanto o amor, ao contrário (aquilo que se chama de amor), confina-se a um exíguo número de anos da vida do homem e que, mesmo nessa fração insignificante de tempo, não passa de *um* dos objetos com que o homem se preocupa, dentre uma multidão de objetos infinitamente mais importantes [...]. A bem dizer, todo caso de amor é de uma tão miserável futilidade, que numa época heróica ninguém se dava ao trabalho de pensar nisso, e muito menos de falar nisso.⁵

5. Citado pela Senhora Carlyle.

E Manzoni:

Estou entre os que dizem que não se deve falar de amor de forma a inclinar a alma dos leitores para essa paixão [...]; o amor é necessário neste mundo, e sempre existirá o bastante nele: não é portanto muito útil dar-se ao trabalho de cultivá-lo, *pois, querendo cultivá-lo, o que se faz é provocá-lo onde não havia necessidade*. Há outros sentimentos de que a moral tem necessidade e que um escritor deve, segundo suas forças, incutir cada vez mais nas almas, como a piedade, o amor do próximo, a doçura, a indulgência, o espírito de sacrifício [...].⁶

As palavras de Carlyle e essas de Manzoni são as mais sensatas palavras que já foram escritas sobre esse assunto tão importante que é o amor. Além da tendência absurda da literatura popular, ou seja, no fim das contas, da literatura de segunda categoria, um grande número de sofismas está no ar, os quais desarmam antecipadamente o estudante em suas tentativas de auto-domínio. Esses sofismas são na sua maior parte da autoria de médicos. Eles os emitiram com esse tom dogmático que muitos deles utilizam quando afirmam como indubitáveis axiomas proposições resultantes de induções verdadeiramente infantis. Primeiro, citam o exemplo dos animais para provar, pela série inteira, a necessidade natural de exercer essas funções fisiológicas. Como se as largas intermitências dessa função na maioria dos animais não contestasse essa tese e como se, por outro lado, não fosse precisamente a honra do homem saber libertar-se das necessidades puramente animais. O que é aliás uma necessidade à qual tantos homens souberam escapar? E não temos o direito de ficarmos estupefatos quando lemos na obra de um médico célebre que “o amor tem um lugar preponderante na vida. Quando se chega a uma certa idade, e não se pode mais ter nenhuma esperança senão descer rapidamente a ladeira que leva à velhice, é que se reconhece que tudo é vaidade, salvo o amor!” — o amor físico, bem entendido, pois não se trata de outra coisa nesse capítulo. Como?! O conjunto das alegrias intelectuais e artísticas, o amor pela natureza, os esforços para a melhoria dos pobres e dos deserdados da sociedade, o amor paterno,

6. Citado por Boughi. Cf. *Revue des Deux Mondes*, 15 de julho de 1893, p. 359.

a caridade, tudo isso não seria nada, e tudo isso poderia ser trocado por alguns instantes de um espasmo que nos é comum com quase todos os animais?! Que o próprio Renan tenha pronunciado palavras semelhantes, nós o compreendemos, porque jamais esse grande estilista teve em seus estudos nenhuma preocupação humana. Seu otimismo tolo, sinal exterior de uma alma em última instância medíocre, não tem nada que repugne tais convicções. Mas que um médico, que todos os dias está em contato com a dor humana, que todos os dias vê pessoas morrerem, professe uma tal opinião, é de espantar. Mas, ainda uma vez, se *isso* fosse o fim supremo da vida humana, por que os amores senis nos parecem tão desprezíveis? E que seria a existência dos anciãos, colocados pelo tempo fora da humanidade, ou, como deveríamos dizer, da animalidade? Tais máximas são puramente insensatas e ignóbeis, digamo-lo francamente, e além disso denotam nos que as afirmam uma vida tão miserável, tão longe da realidade, que ficamos aturdidos ao encontrá-las em homens de ciência, que deveriam estar habituados com inferências sólidas.

Examinemos toda nossa existência, examinemos a dos outros: não é manifesto que na grande maioria dos camponeses, dos trabalhadores, de todas as pessoas que vivem uma vida sadia, ativa, que não comem diariamente até a indigestão e não ficam doze horas na cama, o amor não é, como disse Carlyle, senão um complemento? Sua parte não é muito restrita? Que o amor seja tudo para os ociosos, concedemos. Sabemos disso até porque se faz para eles jornais e livros destinados a estimulá-los. Mas como é duro o seu castigo! Na idade em que essas satisfações lhes são recusadas, a vida se descolore para eles e perde todo interesse; passam a exibir o grotesco e repugnante espetáculo de moleques impotentes. Que lamentável asserção declarar que não há para a velhice outras ocupações senão comprazer-se em imagens sensuais! Não vale cem vezes mais, como fazia Cícero, felicitar-se por ter escapado à vassalagem das paixões, e consagrar-se à política, à literatura, às artes, à ciência, à filosofia?

Essa opinião estúpida de que o amor é tudo na vida é freqüentemente acompanhada de sofismas tão monstruosos quanto ela. Declara-se que a castidade é nociva à saúde! Não vemos,

no entanto, que as ordens religiosas, onde a castidade é regra absoluta, sejam mais fecundas em doenças que os prostíbulos. Se fechássemos num quarto, sem livros, sem possibilidade de trabalhar, um jovem homem, certamente a sugestão sensual poderia tornar-se irresistível e produzir uma grave perturbação, não na saúde, mas na inteligência. Mas para um jovem ativo, enérgico, a sugestão jamais torna-se incoercível. Ainda uma vez, as transferências de fundos são possíveis, e o trabalho logo triunfa sobre o desejo. Por outro lado, os perigos da contingência, tão problemáticos, não são nada em comparação com as conseqüências do excesso contrário. Quando, somente em Paris, há dois hospitais para enfermidades dessa origem, quando a cada ano o número de pessoas atingidas de amolecimento da medula espinhal e de ataxia locomotora em virtude de excessos está aumentando, é pelo menos irrisório ver o autor de um enorme livro sobre higiene, de 1.500 páginas em 8º, proclamar que a continência prejudica a saúde! Não é evidente que o prazer venéreo é ruinoso e que, ao contrário, a continência dá ao organismo, à inteligência, um vigor, uma plenitude de energia admiráveis? Será que o meio de triunfar sobre nossos apetites consiste em ceder-lhes sempre? Os próprios principiantes em psicologia não sabem que o caráter essencial dos apetites, sejam eles quais forem, é uma espécie de insaciabilidade que se exaspera na mesma medida em que se cede a eles com mais facilidade? Curiosa maneira de reprimir a audácia do inimigo, bater em retirada logo que ele aparece! É sobretudo dar prova de uma total ignorância de si mesmo esperar dominar seus apetites sexuais através de concessões. Aqui, ceder não é apaziguar, é exasperar. Para dominar a sensualidade é preciso lutar contra ela por todos os meios. Mas deixemos essas teorias médicas; não sejamos tão ingênuos, nem tão infantis, a ponto de não vermos nelas uma nova prova da radical insuficiência dos estudos lógicos, psicológicos e morais da maioria dos estudantes de medicina.

É preciso lutar contra o desejo. É verdade que a vitória é difícil. Ela é o supremo triunfo do domínio de si mesmo. E quando se tem o costume de zombar da pureza de um jovem de vinte anos, quando se vê na libertinagem uma prova de virilidade, não é triste pensar na extraordinária inversão das coisas produzida pela linguagem, pelas fórmulas prontas?! A força das forças, a pura

energia, a vontade liberta, vitoriosa, não será permanecer senhor de si mesmo na luta contra esse instinto tão poderoso? A virilidade está nisso, não em outra coisa; ela está no domínio de si mesmo — e a Igreja tem razão em ver na castidade a garantia suprema da energia da vontade, energia que por seu turno garante ao padre a possibilidade de todos os outros sacrifícios.

Mas, se o triunfo é possível, ele não é fácil. Aqui, como em tudo, quanto mais desejável é a conquista, mais custa esforços e habilidade perseverante. Os remédios são vários, como o são as causas.

É urgente primeiro combater as condições imediatamente predisponentes. Regrar vigorosamente o sono, deitando somente quando se está cansado e levantando logo depois de acordar. Evitar as camas muito macias, que convidam às longas preguiças da manhã. Se nossa vontade for muito fraca para lançar-nos fora da cama logo ao acordar, é bom pedir a ajuda de alguém, sem receio de incumbi-lo dessa função, para que nos obrigue a levantar apesar dos nossos protestos.

Ademais, o estudante deverá velar sobre sua alimentação, evitar os alimentos excitantes, o excesso de carnes, os vinhos generosos que de nada servem nessa idade. O mais seguro será escolher, longe da faculdade, um restaurante tranquilo, agradável, cheio de ar e de sol, e comer com freqüência em casa pratos fáceis de preparar.

Deverá evitar permanecer muito tempo sentado, manter em seu quarto uma atmosfera pura, uma temperatura moderada. Deverá sair a cada noite meditando sobre o trabalho do dia seguinte e continuar sua caminhada até se cansar; depois deitará. Deverá impor-se esses passeios, não importando o clima; como observa um humorista inglês, a chuva sempre cai muito mais forte, e o tempo é sempre muito pior para quem olha para a rua através das vidraças de um apartamento, do que para quem não teme sair.

Mas não esqueçamos que, entre os jovens que têm um regime alimentar moderado e que seguem as leis de uma sadia higiene, as solicitações de ordem psicológica não são nem freqüentes nem difíceis de recusar, e a luta contra a sensualidade seria fácil se os estímulos de origem intelectual e o prazer que se sente neles não trouxessem à sugestão física o apoio de imagens precisas e de uma atenção benevolente.

Já estudamos acima demoradamente as relações estreitas entre a inteligência e as paixões. A paixão, essencialmente cega, nada pode sem o auxílio da inteligência; se consegue conquistar a cumplidade desta, a paixão pode exacerbar-se e criar a seu favor um movimento torrencial de idéias e de sentimentos acessórios, ao qual não conseguem resistir nem as vontades fortemente agueridas. Portanto é preciso ter o cuidado de recusar-lhe o concurso do pensamento; e, regra geral, a luta direta contra a sensualidade é perigosa, e toda atenção dada a ela, mesmo para combatê-la, fortifica-a. A coragem, aqui, é fugir. Lutar é manobrar. Atacar o inimigo frontalmente é correr para a derrota. Enquanto as grandes conquistas intelectuais fazem-se com um pensamento constante, as grandes conquistas sobre a sensualidade fazem-se *não pensando nela jamais*. É preciso evitar a todo preço a confluência das idéias com a tentação nascente. É preciso evitar a todo preço que despertem inadvertidamente as imagens sensuais que estão adormecidas no espírito. É preciso evitar a leitura de romances, e sobretudo de livros e revistas obscenas. Há certas páginas de Diderot que equivalem à absorção de uma substância violentamente afrodisíaca. É preciso evitar ver figuras obscenas, mais perigosas ainda para a tranqüilidade do espírito que as descrições. É preciso evitar a sociedade dos colegas libidinosos; é preciso prever as ocasiões até nos seus mínimos detalhes, não se deixar jamais surpreender pela tentação. No início ela é um simples pensamento ainda sem força, que se insinua. Se nesse momento estamos atentos, nada mais fácil que expulsar a inoportuna. Mas se deixamos a imagem definir-se, se tivemos prazer em evocá-la e nos comprazemos nela, então já é tarde.

Eis porque o soberano remédio é o trabalho do espírito. Quando o pensamento está fortemente ocupado, as tímidas solicitações da paixão são deixadas, impotentes, na entrada da consciência. Nenhuma audiência lhes é concedida. Elas só têm chance de entrar quando o espírito está vazio. É com efeito mais verdadeiro do que se pensa que a ociosidade é a mãe dos vícios. Nos momentos de devaneio, ou no momento em que o espírito está desocupado, a tentação se introduz na consciência; a atenção, voltando-se para ela, fortifica-a, define-a. O despertar das recordações gravadas na

memória opera-se paulatinamente, e o partido do animal sensual vai se organizando até o momento em que a vontade racional abdique, deixando o campo livre às potências animais.

Pode-se também dizer sem medo de errar que o preguiçoso, o ocioso, será com muita freqüência vítima de sua sensualidade, não somente porque o vazio de seu pensamento deixa a consciência de certa forma aberta às sugestões sexuais, mas também porque um homem, um jovem sobretudo, tem necessidade de prazer, de comoções vívidas. E quando esse prazer, essas comoções, não provêm do trabalho intelectual, das distrações sadias e robustas, é fatal que sejam solicitadas, mais enérgicas e mais violentas, dos hábitos viciosos e da intemperança.

Por isso não basta ter o espírito ocupado para resistir às paixões sensuais, é preciso que essa ocupação traga consigo o prazer, a alegria do trabalho fecundo. O trabalho disperso, a atenção espalhada sobre vários objetos, como não traz consigo nenhuma alegria, mas ao contrário, produz irritação, descontentamento consigo mesmo, é quase tão propício a provocar paixões quanto o próprio ócio. Somente o trabalho metódico, ordenado, dá ao pensamento um poderoso interesse, um interesse *contínuo* e *durável*. Dá a alegria que experimentam os turistas, ao fazer o trabalhador sentir sua própria energia e ver o cimo da montanha aproximar-se cada vez mais; somente assim ele pode contrapor à invasão do pensamento pelas sugestões sexuais uma muralha de granito.

Se a esse alegre trabalho acrescentamos hábitos enérgicos, e se soubermos procurar os prazeres que enumeramos acima, não resta, para estarmos seguros, senão dar às vagas aspirações que a puberdade desperta as satisfações precisas. Nada é mais fácil, nessa feliz idade que vai dos dezoito aos vinte e cinco anos, que enamorar-se da natureza, das montanhas, dos bosques, do mar; que amar apaixonadamente tudo aquilo que é belo, grande, reconfortante: belas-artes, literatura, ciências, história, sem contar os novos horizontes que oferecem à devoção as idéias sociais. Como o jovem que cumprir esse programa será bem pago por seus esforços! Seu vigor aumentado, sua inteligência ampliada, sua sensibilidade nobremente cultivada, dão-lhe uma existência digna de inveja; os próprios fracassos, porque experimentará seu amargor,

nada tirarão de sua dignidade viril; saberá reerguer-se resolutamente e recomençar a luta. A vitória completa é quase impossível, mas nesse combate, não ser vencido frequentemente e jamais aceitar suas derrotas passivamente, já é ser vitorioso.

§ IV

Mas temos que estudar mais detidamente as duas formas que toma a sensualidade na vida do estudante. Como já dissemos, a moralidade média dos estudantes é extremamente medíocre, e isto se deve ao fato de eles serem enviados sem vigilância nem direção para uma cidade grande. Também um grande número deles perde seu entusiasmo e sua vigorosa energia em amores inferiores. Ninguém os adverte disso; aturdidos como estão, são incapazes por muito tempo de dissipar as ilusões ingênuas que servem de fundamento a sua concepção da vida de estudante. Ninguém os leva a refletir sobre seus prazeres, e por isso só muito tarde é que chegam a suspeitar da parte preponderante que tem sobre seus amores a *vaidade*.

Os colegas que vêem no restaurante não servem para esclarecê-los. Muitos deles têm amantes e, em parte porque eles mesmos estão equivocados, em parte por ostentação, exageram as alegrias da sua situação, sem dar-se conta de que essas alegrias são bastante heteróclitas e custam muito caro. São obrigados a viver na companhia de mulheres grosseiras e ininteligentes, cujos caprichos, tolices, mau-humor e amor pelos gastos têm que suportar. E dão-lhes em troca um prazer material sem nenhuma felicidade. A maioria dos estudantes só têm amantes por pura vaidade, para poder vangloriar-se delas, para passear com elas; só as têm para exibi-las, e não conseguiriam suportá-las oito dias seguidos.⁷ Há uma ausência absoluta de crítica; se o prazer material e as satisfações da vaidade são postos no prato de uma balança, deveriam colocar no outro as belas manhãs de bom e delicioso trabalho perdidas e substituídas

7. Veja-se sobre esse assunto um belo capítulo de Maxime du Camp em seu testamento literário: *Le Crépuscule, propos du soir*, Hachette, Paris, 1893, cap. 2, *La Vanité*.

por dias inteiros de mal-estar, de ruína física, de embrutecimento. Deveriam pôr nele as belas viagens tolamente perdidas, as dívidas contraídas, os arrependimentos da maturidade e todas as tristezas, todos os aviltamentos do tempo presente.

Só há um remédio: fugir do perigo, e, se é tarde demais, romper resolutamente, mudar de ambiente, abandonar os colegas que exercem má influência, se for preciso mudar de quarto ou mesmo de bairro. É necessário adotar em pensamento, em palavras e obras uma vida contrária à que nos pesa, e sobretudo é necessário fazer de todos os prazeres provindos da freqüentação das “mulheres de estudantes” um exame crítico impiedoso. Se o estudante aplicasse por quinze dias um bom método de avaliação a esses amores passageiros; se a cada dia anotasse, depois de um exame aprofundado, em uma coluna os prazeres, em outra os aborrecimentos, ficaria estupefato com o resultado. Ficaria ainda mais se a cada noite, ou melhor, a cada par de horas, observasse seu “estado de alma”. Começaria a se dar conta da extraordinária ilusão que falsifica a totalidade de cada dia, de cada mês, e que lhe faz crer que se diverte ou se divertiu quando cada instante do dia tomado em si mesmo é antes um instante de tédio, de desgosto ou, no melhor dos casos, de indiferença. O erro deve-se a um curioso fenômeno de auto-sugestão que esconde a recordação da realidade e substitui-lhe por uma recordação inventada e mentirosa. Essa pseudo-recordação é um estado completamente imaginado, que de acordo com nossa ingênua ilusão *deveria ter* existido, mas que não esteve um só instante presente na consciência. Nosso poder de ilusão, sob esse aspecto, é mesmo tão grande, que com freqüência não prestamos nenhuma atenção ao estado presente, real, de nossa alma, porque esse estado real não se encaixa com o que acreditamos que ele deveria ser. Muito bem, em ninguém essa ilusão é mais forte, nem mais deplorável, que no estudante no momento em que avalia os prazeres que dão as mulheres. Repetimos: a quase totalidade dos prazeres passados com esses pobres cérebros abarrotados de idéias grosseiras e estúpidas, cheios de caprichos insuportáveis, é em si mesma desagradável, e a soma desses momentos desagradáveis, sob a influência da vaidade, transforma-se numa recordação agradável! Não se percebe, não temos repeti-lo, nem

o tempo desperdiçado, nem o dinheiro tomente gasto, nem a ruína intelectual que decorre dos excessos. Não se reflete nas alegrias sacrificadas, nos museus que se poderia visitar, nas leituras elevadas que poderiam ter sido feitas; esquece-se o sacrifício das conversações inteligentes, dos passeios com os bons amigos. Não se pensa que o desgosto subsequente às orgias é uma das coisas mais tristes da existência e uma das mais desprezíveis. Não se pensa que se deixou de visitar nas férias os Alpes, ou os Pirineus, ou a Bretanha. Esquece-se que pelo preço de algumas noites de embrutecimento se poderia fazer uma viagem à Bélgica, à Holanda ou às margens do Reno, ou à Itália. Não se pensa nessas adoráveis safras de recordações que os viajantes recolhem nas memórias dos vinte anos, recordações que são mais tarde ruminadas e que encantam os dias de tristeza e as provações ingratas. O que é assim desperdiçado são os belos livros de arte, os livros de viagem, as gravuras, os quadros, etc.; os fiéis companheiros de uma vida inteira, que se poderia ter à mão durante as longas noites de inverno, e que não se granjeou.

A própria vaidade, satisfeita por essa necessidade de se vangloriar, é de uma qualidade muito inferior. Não vale certamente o orgulho dos sucessos que vêm do trabalho, nem mesmo as mil vaidades escusáveis do estudante gabola que mostra seus modestos tesouros artísticos, ou que conta suas viagens. A vida do estudante que “se diverte” é, portanto, uma vida deploravelmente monótona, deploravelmente estéril, e mais do que tudo estúpida, estúpida a ponto de ser repulsiva.

§ V

As conseqüências sociais da prostituição são muito lamentáveis; essa vida tão triste, denominada, sem dúvida por antífrase, de “vida fácil”, prepara muito bem o jovem para uma moral escusa, e muitas vezes para que se deixe levar por sentimentos de extrema crueldade; enfim, os perigos que ameaçam o estudante são tão grandes, e tão durável é o efeito dos desperdícios de dinheiro e de tempo sobre os anos seguintes, que por todos esses motivos reunidos nenhum jovem de coração hesitará em voltar a si e a tomar boas resoluções.

Mas há uma outra forma da sensualidade que devemos abordar sem falsos pudores e cujos efeitos devastadores, por serem mais ocultos, não são menos lamentáveis. Trata-se de um vício que não tem em si mesmo nada de sedutor, tanto que nenhuma questão de vaidade pode falsear a estimação dos prazeres ignóbeis que ele proporciona. Ele é pura e simplesmente um vício, e um vício vergonhoso, que é sempre escondido. É manifestamente uma tara. Constitui um caso patológico tão claro, e só se cai nele deplorando ter caído. Todas essas razões fazem com que seu tratamento seja simples e a cura certa. Nenhum sofisma consegue encobrir a feiúra desse hábito deplorável.

É certo que o infeliz que sofre dessa nevrose fica encerrado em suas próprias sensações, sem o acréscimo de outros sentimentos. É o que torna a luta, não diria fácil, mas possível. Aqui ainda, não é preciso muita coisa; é possível operar “transformações de fundo” e inscrever numa outra coluna do orçamento o excedente de forças. Todo o mal vem da imaginação; se o sujeito for prudente, quando surge uma sugestão na consciência e ele já se sente subjugado por ela, que saia, busque companhia, ou ponha-se a trabalhar com energia. Aqui sobretudo a luta direta é perigosa, e é fugindo que se alcança a vitória. É preciso seguir caminhando como se faz quando os cães latem, e eles latem mais tempo quando se presta atenção aos seus latidos. Se o sucesso absoluto é impossível, é preciso ao menos esforçar-se por tornar as quedas o mais raras possível, e fazer um esforço para esparsá-las.

Acrescentemos que a grande causa desse vício é ainda o vazio do espírito, que deixa toda a força às sugestões, e a ausência de excitações sadias e vigorosas. O grande remédio é, portanto, uma vez mais, o trabalho metódico, ou seja, fecundo e alegre, e uma vida rica em prazeres ativos e enérgicos.

Capítulo II

Os inimigos a combater: os colegas, etc.

FEITA a maior parte do trabalho, resta passar rapidamente em revista os perigos secundários que ameaçam o trabalho do estudante. É claro que ele deve escolher com cuidado os colegas com que convive. À sua volta ele encontrará, sob a figura de amigos, os mais seguros inimigos de seu futuro. Primeiro, determinado número de jovens ricos que, sem o estímulo da necessidade da própria subsistência e estragados pelos indolentes hábitos de casa, passam tolamente sua adolescência a preparar a nulidade da sua vida adulta, e que, não querendo confessar que são bastante desprezíveis, para ocultar esse desprezo íntimo, zombam dos hábitos laboriosos dos trabalhadores. Mas há uma outra espécie mais temível e que já na escola faz seus estragos; são os pessimistas por fraqueza, os que desanimam antes do combate. Como todos os impotentes, são extremamente invejosos, hipócritas e grosseiramente ciumentos. Esse vil estado de espírito faz deles prosélitos de um novo gênero, prosélitos pacientes, perseverantes: seu objetivo parece ser desanimar as boas vontades; exercem uma ação constantemente deprimente. Aproveitando-se de todos os fracassos, acabam adquirindo uma influência nefasta. Conscientes de sua fraqueza e do triste futuro que os aguarda, têm prazer em impedir que os outros se esforcem.

Outros são simplesmente preguiçosos que exortam, que convidam seus colegas a não fazer nada; tentarão arrastá-los à cervejaria, facilitarão as ocasiões de luxúrias. Os estudantes franceses são bem superiores sob certos aspectos aos estudantes alemães, encerrados cautelosamente em sociedades que lhes impedem qualquer iniciativa, qualquer independência, e levam-nos a beber em excesso.¹ São sóbrios e têm mais autonomia. Mas a maioria exagera muito a extensão de sua liberdade. Quando abandonados numa grande cidade, sua escravidão é mais dura, e eles a levam consigo para onde forem; é que a causa dela está neles mesmos. A vaidade, tão grande nos seus vinte anos, submete-lhes facilmente à opinião pública, ou seja, à opinião dos colegas, e principalmente dos piores sacripantas, que têm geralmente a autoridade da audácia, uma aparência decidida, segura de si mesma, um tom peremptório e termos violentos para desfigurar a conduta reta e estimável. Têm quase sempre um conjunto de qualidades que os impõem sobre as vontades fracas, e dão o tom a todos os que deles se aproximam. Essa autoridade é aumentada pela força que lhes dão os prosélitos já convertidos, que aceitam cegamente como uma vida de prazeres, como a vida do estudante por excelência, a vida mais fatigante, a mais vazia, a mais tola que é possível imaginar. Arruinam sua saúde, sua inteligência, para comprazer quem admiram a ponto de imitarem servilmente. “Se atentarmos aos seus próprios vícios, observa Chesterfield, existem poucas pessoas tão viciosas quanto eles!”² Brilhar como brilham os jovens que têm uma vida de prazeres é brilhar, como diz o mesmo autor, como faz a madeira podre na escuridão. O jovem verdadeiramente independente é aquele que rejeita tais sugestões, que sabe chamar essa felicidade com seu verdadeiro nome: escravidão fatigante e perigosa. Sabe opor às solicitações uma recusa polida, mas inquebrantável. Não se deixa expor ao ridículo, evita toda tentativa de discussão sobre trabalho e sobre questões de prazeres cuja verdadeira solução vê com clareza. Sabe que a grande maioria dos colegas jamais refletiu

1. Cf. Th. de Wyzewa, “La vie et les mœurs en Allemagne”, *Revue des Deux Mondes*, 15 de março, 61º ano.

2. *Lettres de lord Chesterfield à son fils Ph. Stanhope*. Cartas de setembro-outubro de 1748.

sobre a direção de suas próprias vidas, e sabe que eles são carregados como que num turbilhão, joguetes inconscientes, levados por forças exteriores, e não atribui mais importância à sua opinião do que um médico alienista aos desequilíbrios que examina. O quê? Porque esses jovens têm preconceitos absurdos, eu, que tenho consciência dessa absurdidade, iria submerter-me a seu ponto de vista?! Iria sacrificar minha liberdade, minha saúde, as fecundas alegrias do trabalho para evitar seus sarcasmos e para merecer seu perdão ou mesmo sua admiração?! Eu, que sei que seus prazeres não passam de fadiga e embrutecimento, iria misturar-me a sua balbúrdia? Sabendo que a linguagem corrente não é mais do que o receptáculo da mediocridade e da grosseria das massas, sofreria a ascendência dos epítetos, das associações de palavras, das fórmulas, dos pretensos axiomas que servem para legitimar o triunfo do animal humano sobre a vontade razoável?! Jamais abdicarei: a solidão é mil vezes preferível. É muito melhor fugir das casernas de estudantes, criar, num bairro cuja distância afasta os colegas desocupados, uma morada agradável, adornada, bem mobiliada, banhada pela luz do sol e, se possível, com muito verde em torno; é preciso buscar o convívio de pessoas que lhes são superiores, visitar seus professores, estar ao corrente de seus trabalhos, de suas esperanças, de suas desilusões, e encontrar neles como que um diretor de consciência. É preciso substituir a cervejaria, o café, pela visita metódica aos museus, por passeios no campo, por conversas em casa com um ou dois amigos de espírito sólido e elevado.

Quanto à atitude do estudante perante as associações de seus colegas, ela deve ser de uma inteira simpatia. A multidão dos jovens só tem a ganhar em desertar dos cafés pela casa dos estudantes: encontrarão aí um ambiente certamente medíocre, mas também poderão ser encontrados indivíduos superiores, conhecê-los e criar mútuas simpatias. O único perigo — muito grande, mas não maior que o do café — são esses costumes que lançam nas regiões obscuras de nossa atividade raízes profundas e que pouco a pouco vão dominando a vontade, imobilizando-a, tal um Gúliwer preso ao chão pelos milhares de laços presos a seus cabelos, que os liliputianos tinham atado a uma infinidade de estacas fixadas na terra...

O estudante, pouco a pouco, passa a ter necessidade da excitação produzida pelos colegas, de participar no jogo habitual que consome, em salas freqüentemente cheias de fumaça de cigarro, e numa imobilidade funesta, várias horas roubadas ao passeio ao ar livre. Um outro perigo muito grande é esse monte de jornais e revistas que dispersam o espírito, dividem-no e por conseguinte aniquilam suas forças. O pensamento recebe deles uma excitação febril, análoga à que dão os estimulantes ao corpo, e essa excitação é duplamente ruínosa: ruínosa em si mesma, enquanto excitação, e ruínosa por sua esterilidade ulterior. Quem não fica de mau humor e irritado ao sair da leitura de oito ou dez jornais, e quem não foi levado a comparar a fadiga nervosa malsã que se segue a essa leitura com a alegria sensível e robusta que dá o trabalho metódico, eficaz, frutuoso?

Mas, a fim de permanecer senhor de si mesmo, *de não adquirir maus hábitos*, de não desperdiçar suas forças mentais, o estudante pode encontrar nas “associações” uma diversão útil, uma alegria repousante, o riso de alegres colegas, e mesmo discussões sugestivas; e repito que há mais chances de encontrar bons colegas entre os membros de uma associação. Assim como a invenção da imprensa libertou a inteligência, pondo à disposição dos espíritos independentes as obras dos grandes gênios de todos os tempos, as associações de estudantes libertam cada um deles dos laços banais do restaurante, dos encontros casuais, e põem ao seu alcance espíritos e caracteres muito diferentes uns dos outros, entre os quais eles podem encontrar amigos concordes. Sem essas associações, as relações teriam permanecido uma questão de acaso. As grandes exposições de almas que são as associações de jovens permitem o agrupamento dos espíritos e caracteres simpáticos entre si, seja por semelhança, seja por contraste, agrupamentos necessários à auto-educação, como veremos abaixo.

Quanto às relações mundanas, o estudante não pode adquirir com elas senão a frouxidão dos costumes e esse verniz de distinção que é o único espólio que ele pode levar delas. O que se denomina de “mundo”, sobretudo na província, não é uma sociedade adequada para temperar a inteligência, nem o caráter. A moral é nele de uma desoladora inferioridade e de uma hipocrisia sem

limites. Ali, o dinheiro tudo legitima. A religião que reina nele é a adoração servil da fortuna: o jovem só recebe lições que estão no baixíssimo nível médio das consciências. Não recebe certamente nenhuma lição de sobriedade. Não aprende a estimar a superioridade da inteligência, nem a do caráter. As pessoas do mundo, por causa de sua falta de toda cultura profunda, estão estreitamente submissas aos preconceitos reinantes. Como a tolice é contagiosa, o jovem não tardará, se freqüentar muito esse mundo, a ver dissolverem-se suas idéias mais caras, e, o que é mais grave, a ver tornarem-se ridículas suas generosas cóleras contra um estado social defeituoso, e sua sede de justiça e de devotamento. O mundo logo vai torná-lo, a seu exemplo, indiferente a tudo que não seja o cuidado com a própria carreira. Vai tirar-lhe todas as razões que tem para viver, e secará nele a fonte do entusiasmo. E isso continuará até que ele se torne um desses homens “sempre observando, sempre escutando, nunca pensando” que Marivaux compara judiciosamente com as pessoas que passam sua vida à janela.³ E isso continuará até ele viver sem se interessar por nada, obrigado, para dissimular de si mesmo o vazio horrivelmente tedioso de sua existência, a adstringir-se às obrigações tirânicas que fazem da vida do homem do mundo a vida mais fatigante, mais insensata, mais irremediavelmente monótona que se pode imaginar. Toda discussão sobre assuntos que podem gerar discordância passa por sinal de má educação, e a conversação só pode versar sobre futilidades. Um jovem de inteligência e de caráter sente-se aí exilado; não somente perde seu tempo, mas perde também algo de seu vigor moral. Mais vale certamente o convívio dos colegas, o choque violento das diversas posições, as discussões semeadas, como as dos heróis de Homero, de epítetos apaixonados...

3. *La vie de Marianne*, parte V. (Macaulay declara que este é o mais admirável romance já escrito, e tem razão).

Capítulo III

Os inimigos a combater: os sofismas dos preguiçosos

§ I

A preguiça, como todas as paixões, busca legitimar-se através da inteligência. E como a maioria dos homens não tentam mesmo combater as inclinações inferiores que possuem, pode-se prever que não faltarão solenes axiomas e provérbios de aspecto infalível para a desculpa, e mesmo para a glorificação dos desocupados.

Estudamos acima e, é o que esperamos, destruámos definitivamente a crença na imutabilidade do caráter recebido no nascimento. Vimos, nessa teoria ingênua, um exemplo do poder que têm as palavras de nos fazer crer na unidade das coisas que elas designam: não voltaremos a isso senão para observar o poderoso apoio que essa crença dá a nossa covardia, a nossa preguiça. Ela talvez tenha encontrado em nossa revolta contra a demora da conquista de nós mesmos o nervo de sua força e, como retribuição, dá a nossa preguiça o cêntuplo da força que lhe retirou. Essa teoria não é aliás senão um dos recursos que encontra a preguiça no arsenal de máximas inventadas por seus asseclas. O diabo, diz uma velha fábula, tem que variar seus ardis para tentar os outros viciosos: para os preguiçosos, isso não é preciso. Eles engolem as mais grosseiras iscas e o terrível pescador está sempre seguro de apanhar de cada vez uma presa. Com efeito,

nenhuma paixão se apressa mais em aceitar as justificativas mais especiosas, as mais simplórias.

A lamentação é geral entre os estudantes; os que para viver são obrigados a aceitar funções de auxiliares ou de professores em pequenos colégios, ou de preceptores, e até aqueles que precisam dar algumas aulas, afirmam sem parar que o trabalho material os absorve. Ora, o tempo, como se diz, rende muito para quem sabe aproveitá-lo. É impossível que nas vinte e quatro horas do dia não se consiga encontrar as quatro horas necessárias e suficientes para alguém adquirir uma sólida cultura intelectual. Basta com efeito algumas horas por dia quando se toma o cuidado de utilizar para o estudo o período em que o espírito possui todo seu vigor, todos os seus recursos. Se a essas horas de atenção vigorosa acrescenta-se, para o trabalho de anotações, de cópia, de organização dos materiais, a utilização dos momentos que de hábito se perde totalmente, não há carreira que não permita ao mesmo tempo o mais amplo desenvolvimento do espírito. Tanto mais que as profissões aparentemente menos rotineiras, como a advocacia, a medicina, o ensino, não tardam, como já vimos, a deixar quase que completamente de exigir a contribuição da inteligência. Em poucos anos o professor sabe o seu curso, o advogado e o médico esgotaram, com raras exceções, todos os casos desconhecidos: é isso que explica como nos postos mais elevados encontramos homens tão notáveis em sua especialidade e que, sem percebê-lo, deixaram enferrujar-se, por falta de uso, suas faculdades superiores, e que, fora de suas ocupações de ofício, são de uma tolice que confunde. A fadiga dos professores, entre outros, não é absolutamente de natureza intelectual. Provém da sobrecarga dos músculos que concorrem para a emissão da fala; e como esses músculos formam um grupo restrito, são fáceis de fatigarem-se. Mas essa fadiga local só tem um efeito moderado sobre o estado de forças geral, e não exclui de forma alguma a possibilidade do trabalho intelectual.

Aliás, muitas pessoas reconhecem, quando questionadas, que poderiam encontrar três ou quatro horas por dia para o estudo; mas, dizem, para passar num certo exame teriam que trabalhar pelo menos seis horas por dia, e portanto têm razão em não fazer nada! Ora, diria eu, ponham-se então a trabalhar três horas por

dia, e verão rapidamente que não é inútil trabalhar, que a soma das horas de trabalho é a mesma em três horas por dia por seis meses e em seis horas por dia em três meses. É a mesma para o trabalho, não a mesma para os resultados, pois, como dizia Leibniz, “tanto não é verdade que nosso espírito se torna mais polido pelo excesso de estudo que, ao contrário, tal excesso embota-lhe”.

Outros preguiçosos reconhecem que não lhes falta tempo; mas dizem que é inútil pôr-se a trabalhar quando não se está disposto a isso. O espírito fica pesado, sonolento, não faz nada que valha a pena. Assim, dizem eles, renunciemos a trabalhar de manhã, dado o tempo que perdemos até ficarmos devidamente dispostos. Que erro! Se o sono foi profundo, é *sempre* possível, perseverando um quarto de hora nesse esforço, ficar devidamente disposto. *Jamais*, a menos que a noite não tenha sido repousante, vi jovens não serem recompensados por um excelente trabalho quando perseveraram em lutar contra essa sonolência matinal: a inteligência logo desperta, e age com facilidade, e no fim das contas esse pretenso torpor da inteligência nada mais é que um torpor da vontade.

§ II

Não podemos passar em revista todos os problemas da preguiça. Entretanto, num livro dedicado aos jovens que trabalham, devemos considerar um dos axiomas mais funestos que existem, axioma enunciado com muita leviandade por homens que estão longe de pensar nos danos que suas palavras podem causar.

Desencoraja-se antecipadamente os trabalhadores que vivem em pequenas cidades, afirmando que o trabalho intelectual só é possível nas grandes universidades. Na França, ouve-se dizer que o trabalho só é possível em Paris. Não há afirmação mais funesta, nem mais desanimadora que essa, retomada solenemente pelos homens de talento.

Ora, ela contém somente uma pequena parte de verdade. Não importa as autoridades que se possa citar para apoiá-la, ela é quase que inteiramente falsa.

Primeiro, ela tem contra si os fatos. A maioria dos pensadores amadureceram suas concepções na solidão. Descartes, Spinoza,

Kant, Rousseau, e em nossos dias Darwin, Stuart-Mill, Renouvier, Spencer, Tolstói, que renovaram o pensamento moderno em tantos pontos, devem a melhor parte de seu sucesso à solidão.

Com efeito, não há nada na natureza do trabalho intelectual que exija que se viva em Paris. Que na França somente Paris dê a sanção do talento, que somente ela possa organizar em torno do homem que chega uma constante publicidade, não duvidamos. Por causa de nossa excessiva centralização, nossa atenção volta-se para Paris e esta se torna o lugar para onde convergem todos os olhares, em que as reputações se tornam extraordinárias; mas esse privilégio não se restringe ao talento, e um assassino célebre beneficia-se dessa publicidade tanto quanto um escritor cujas obras durarão pelos séculos.

Além disso, se Paris é útil para expor à luz do dia os nomes célebres, Paris não é necessária durante o longo período dos trabalhos, dos esforços, que deve preceder os primeiros sucessos.

Que Paris seja indispensável ao físico, ao psicólogo que têm necessidade de laboratórios, isto não está de forma alguma provado, e deixaria de ser absolutamente verdadeiro se as faculdades erigidas em universidades tivessem o direito de possuí-los e de adquiri-los, podendo desenvolver mais suas instalações.¹ Essas universidades forneceria uma nova prova da lei estabelecida por Haeckel, o grande naturalista alemão, de que “as produções científicas das universidades estão em razão inversa do seu tamanho”. É que em ciência, assim como em tudo, o vigor de espírito, a iniciativa, a paixão pela pesquisa suprem os meios materiais, e com poucos recursos fazem maravilhas, enquanto que, com esplêndidos laboratórios, a inércia do pensamento torna-se estéril. O que importa aqui, portanto, é possuir o entusiasmo que realiza as grandes coisas. Um laboratório só serve para *verificar* as já concebidas; a descoberta é a idéia, e as idéias não são sugeridas pelos aparelhos.

1. É de surpreender e de lamentar quando se sabe que o projeto de Liard sobre as universidades regionais não foi aprovado pelo Senado, graças à intervenção de um antigo professor de filosofia, Challemet-Lacour. Esse projeto, garantindo a liberdade do professor de faculdade, libertaria absolutamente o pensamento científico de toda ingerência estrangeira, e além disso seria um magnífico começo de descentralização intelectual.

Além das ciências, resta a história, que necessita de documentos, que devem ser consultados onde estão; mas a filosofia, a literatura, a filosofia da história, e entre as ciências, as matemáticas, a botânica, a zoologia, a química vegetal, a geologia, necessitam que se viva numa grande cidade? Se o talento consiste menos na absorção dos numerosos materiais que na assimilação dos materiais escolhidos, e se os espíritos de valor distinguem-se sobretudo por seu poder de organizar os fatos observados ou recolhidos, e de vivificá-los, quem não vê que longos períodos de meditação e de tranqüilidade devem suceder-se às investigações nas bibliotecas?

Essas mesmas bibliotecas não deixam de ter sérios inconvenientes. Com a facilidade de ver o que nossos predecessores pensaram sobre as questões que nos interessam, acabamos perdendo o hábito de pensar por nós mesmos. E como nenhum poder se enfraquece tanto pela falta de exercício como o do esforço pessoal, chega-se logo a substituir sempre e em tudo os esforços da memória aos esforços de investigação pessoal ativa. Quase sempre a capacidade de pensamento pessoal é inversamente proporcional à riqueza de recursos que fornecesse o meio em que se vive. É por esse motivo que os estudantes dotados de muito boa memória são quase sempre inferiores a seus colegas menos bem-dotados sob esse aspecto. Estes últimos, desconfiando de sua capacidade de reter, recorrem a ela o menos possível. Fazem uma escolha escrupulosa dos materiais que a repetição introduzirá na memória; só confiam-lhe o que é essencial, e deixam o esquecimento apagar tudo aquilo que é accidental. E mesmo o essencial, é urgente organizá-lo muito bem. Uma tal memória é como uma tropa de elite composta somente pelos melhores oficiais. Assim, quem não tem acesso às inúmeras bibliotecas, cerca-se somente dos melhores livros, que lê com cuidado, que medita e analisa, suprindo o que lhe falta pela observação pessoal e por esforços de penetração que constituem um admirável exercício para o espírito.

O recolhimento tranqüilo é indispensável a esse trabalho de organização de que falamos, e é difícil gozar dessa tranqüilidade em Paris. Além de não se encontrar jamais aquele silêncio absoluto que há no campo, no qual quase nos ouvimos pensar, o meio higiênico é deplorável. O horizonte de chaminés e de tubos de

ventilação das fossas que se tem diante da janela, esse meio artificial, superexcitante, esse sedentarismo quase obrigatório do prazer como do estudo, tudo contribui para arruinar a saúde.

Ademais, acaba-se adquirindo em Paris um pouco dessa agitação vazia que é como que a característica do habitante das grandes cidades. As impressões são multiplicadas, fervem em torno de nós; acaba-se, nessa agitação, perdendo-se muito da própria personalidade. A atenção volta-se constantemente para coisas miúdas; fica-se assim justamente porque é difícil voltar a si no meio dessa corrida precipitada, totalmente submissa à moda. Acrescentem a isso que o próprio trabalho humano tem algo de febril e de malsão. Basta, para se convencer de como o estado de espírito do trabalho intelectual ressen-te-se de todas as causas de irritabilidade reinantes, ler a tão instrutiva e tão sincera pesquisa feita por Huret sobre a evolução literária.² Vê-se nela os efeitos do mútuo acotovelamento num meio de enervados, e fica-se com piedade dos sofrimentos de todos esses jovens literatos devorados pela inveja, pelas inquietações, e além disso tão infelizes. Quanto a mim, declaro que, se vejo o quanto habitar num lugar pequeno no quarto andar, numa rua cheia de barulho, longe dos campos e dos bosques, pode produzir de irritação, não vejo de forma alguma o que esse estado de coisas pode acrescentar ao valor intelectual de um jovem.

E que não se venha falar da sociedade que se freqüenta em Paris. Posso, no meio de uma aldeia, ter contato com os maiores espíritos contemporâneos. Basta para isso adquirir os seus livros. Esses grandes homens confiaram o melhor do seu gênio a suas obras, e como geralmente não gostam nada de falar das obras que estão em gestação, consideram o convívio social como uma forma de descanso, e o proveito intelectual que os jovens têm do contato com eles é tão pouco que é bem mais importante o que eles ganham com a meditação de suas obras. A imensa vantagem que tais relações podem ter para um jovem de talento e de energia é a nobre emulação que se experimenta ao tocar, por assim dizer, os resultados de uma vida de trabalho; mas essas convivências são o quinhão de uma ínfima minoria.

2. Jules Huret, *Enquête sur l'évolution littéraire*, Hechette, Paris, 1891.

A única grande vantagem de morar em Paris — e esta não é de se desprezar — é a cultura estética que se pode adquirir ali. Música, pintura, escultura, eloquência, há nessa maravilhosa cidade uma iniciação para essas artes que falta na maioria das cidades de província. Mas essa iniciação recebida, a província apresenta ao trabalhador intelectual muitos recursos para quem os quiser utilizar. Aliás, ser um provinciano não é habitar em uma vila ou em uma sub-prefeitura. Pode-se ser provinciano em Paris, pois se essa designação tem um sentido, só pode significar a ausência total de preocupações superiores. O provinciano é o homem que tem o espírito repleto de mexericos sem importância, que não vê nada na vida além de comer, beber, dormir e ganhar dinheiro; é o imbecil que não tem outro passatempo senão fumar, jogar cartas, conversar grosseiramente com outros que tem o seu mesmo nível intelectual; mas se, seja na província, seja numa cidade, um jovem tiver o gosto pela natureza, se ele permanecer em constante comunicação com os maiores pensadores, certamente não merece o epíteto, que se tornou ultrajante, de provinciano.

E que compensações não há em estar distante dos grandes centros! Alguns autores já compararam as pequenas cidades a conventos. Encontramos nelas, com efeito, o silêncio, a tranquilidade dos claustros. Nelas, podemos seguir o movimento do pensamento sem sermos constantemente distraídos pelo ambiente. Não há dispersão. Vivemos centrados. Fruímos de nosso próprio pensamento. Nessa grande tranquilidade, as impressões mais raras ganham em profundidade. As idéias nascem pouco a pouco, agrupam-se de acordo com suas afinidades; as recordações tomam vida, e o crescimento lento, tranqüilo e potente da inteligência é bem superior ao desenvolvimento fragmentado, desigual, febril que ela recebe nas grandes cidades.

As noites são noites de repouso, que dão ao dia seguinte uma grande energia, e as horas de recreação que se passa nos bosques, ao ar livre, são horas de revigoramento. Não há irritabilidade, não há febre; o acompanhamento assíduo e tranqüilo de uma idéia até suas mais profundas ramificações torna-se fácil. Pode-se fazer os trabalhos de memória — e com muito fruto! — sem estar debruçado sobre a mesa de trabalho, nas florestas, nos campos:

o sangue açulado pela caminhada e como que inundado de oxigênio grava para sempre no cérebro as recordações que lhe confiamos nesses afortunados momentos. O trabalho de composição, a meditação, tornam-se fáceis: as idéias acorrem ao pensamento, agrupam-se vivamente; volta-se à mesa de trabalho com um plano claro, uma ampla colheita de imagens e de idéias, e, além disso, com todas as vantagens higiênicas do exercício ao ar livre.

Mas é inútil insistir nisso, pois não são as circunstâncias exteriores que forjam o talento. O desenvolvimento não se faz de fora para dentro, mas de dentro para fora. As circunstâncias externas são sempre acessórias: ajudam ou contrariam, e talvez menos do que geralmente se pensa. Não devemos portanto classificar os estudantes em estudantes que moram em Paris e estudantes que lá não moram. Só há duas grandes categorias entre eles: os que agem com seriedade, os enérgicos, e os que não sabem agir, os de vontade fraca. Os primeiros, seja qual for o ambiente em que estiverem, farão, com poucos meios, maravilhas, e geralmente sua energia começará a criar novos meios; os segundos, mesmo que rodeados de bibliotecas e de laboratórios, não fazem nada, jamais farão nada.

§ III

Tendo chegado quase ao final do quarto livro, era preciso abordar de perto a questão da sentimentalidade vaga, estado tão perigoso para a vontade. Examinamos suas causas e seus remédios. Depois tivemos que destruir as ingênuas ilusões que provocam tão prodigiosos equívocos na avaliação que o estudante faz de seus prazeres. Tivemos que nos demorar sobre esse triste assunto da sensualidade, sobre as diversas formas que ela toma e examinar os meios de lutar contra elas. Enfim foi necessário, feito esse caminho, destruir os preconceitos, os sofismas sob a forma de axiomas que a preguiça sugere àqueles que se recusam a trabalhar a qualquer preço. Resta-nos agora fazer a operação inversa, ou seja, edificar. Após as meditações destrutivas que demos como exemplo, e que cada estudante deverá completar com suas experiências e suas reflexões pessoais, devem vir as meditações fortificantes, próprias para estimular a vontade, para reforçar a energia.

Capítulo IV

As alegrias do trabalho

§ I

NÃO há pensamento mais triste do que aquele que nasce do rápido escoamento da nossa existência. Sentimos irremediavelmente as horas, os dias, os anos. Tomamos consciência desse movimento que nos leva rapidamente para a morte. Aqueles que desperdiçam seu tempo em ocupações frívolas, que não deixam obras como marcas do caminho percorrido, experimentam ao lançar um olhar retrospectivo uma singular impressão: os anos, que não deixam outra lembrança senão a dos esforços que frutuosamente os preencheram, parecem vazios. A vida passada reduz-se a nada na consciência, e irresistivelmente nasce o sentimento de que o passado não é mais do que um sonho vão.

Por outro lado, quando a estrada começa a perder seu interesse de novidade, quando as dificuldades da existência ensinaram-nos sobre o limite das nossas forças e a monotonia do presente e do futuro aparece, o movimento da vida parece acelerar-se, e a essa impressão de que o passado não é mais que um sonho junta-se esta outra, mais penosa, de que o próprio presente também o é. Para aqueles que não sabem vencer as fatalidades da vida orgânica, a preguiça, as sujeições da vida social e da sua função, com as belas horas de meditação, esse sonho mesmo tem algo de dolorosamente passivo. São transportados como prisioneiros, em um trem muito rápido, e contra a sua vontade.

O sábio é transportado tão rapidamente quanto eles, mas refletiu sobre a inutilidade de qualquer resistência, libertou-se aceitando o que não se pode evitar, e tratou ao menos de dar ao trajeto a aparência de um longo trajeto. Faz isso não permitindo que o passado desapareça inteiramente. Sabe que, para aqueles cuja passagem não deixa nenhum traço, o sentimento de que a existência é uma ilusão tênue, sem realidade, torna-se intolerável. Sabe que esse sentimento é inevitável no caso dos ociosos, dos “homens do mundo”, dos políticos ordinários cuja vida se perde nas preocupações ínfimas e no esforço estéril, de todos aqueles, em suma, cujo trabalho não deixa resultados palpáveis.

Ora, não se pode evitar esse sentimento destrutivo da realidade se não se tiver subordinado a existência inteira a algum grande pensamento, realizado paulatinamente com os próprios esforços. Experimenta-se então um sentimento oposto, o da realidade da vida. Muito vivo já no cultivador, para quem todos os esforços deixam traços, é no escritor penetrado de seu papel social que ele atinge seu mais alto desenvolvimento. Para ele, cada dia acrescenta algo aos resultados tangíveis da véspera. Sua vida acaba mesmo por se identificar em parte com sua obra, e por emprestar-lhe algo de sua realidade concreta. Também podemos dizer que a vida do trabalhador é muito mais profunda e substancial que a do desocupado. A ociosidade cotidiana rouba-nos portanto o sentimento da nossa existência, e substitui-o por um sonho vão e desprezível. Somente o labor vivo, tranqüilo e fecundo pode dar à vida todo o seu sabor. Esse sentimento tão pleno que chamamos de “viver a vida” somente o trabalho pode regularizar, tornar habitual; ele decuplica a alegria de viver, e o preguiçoso ignora-o.

Por outro lado, se a vida do trabalhador intelectual não fosse naturalmente fecunda em horas deliciosas, se não fosse uma fonte viva, da qual jorram em abundância as alegrias da vida ativa, ainda assim ela seria o contrário de uma vida ociosa. E pelo simples fato de que o trabalhador escapa às confusões, às preocupações mesquinhas, ao tédio morno, intolerável, dos ociosos, sua existência é dentre todas desejável. “Durante minha estada em Maer, estive mal de saúde e escandalosamente preguiçoso: fiquei com a impres-

são de que não há nada mais intolerável que a preguiça”.¹ “Quando um soldado ou um trabalhador reclama das suas dores, ponha-o a não fazer nada”, disse Pascal. Com efeito, a preguiça é um *he-autontimoroumenos*, um carrasco de si mesmo, e a ociosidade absoluta do espírito e do corpo não tarda em engendrar um pesado, um doloroso tédio. Esse tédio pesado e doloroso, muita gente rica, desembaraçada pelo dinheiro da salutar necessidade do trabalho, e não tendo a coragem de empreender alguma obra durável, não tarda a experimentar. Caem no *spleen*, carregam seu desgosto por onde vão, ou buscam nos prazeres sensuais uma diversão que não demora, na saciedade, a multiplicar seu sofrimento.

Mas a ociosidade absoluta é rara e, como diz o provérbio, “o diabo inventa um trabalho para os que não o têm”. Quando o espírito não tem ocupações elevadas, não tarda em ser invadido por preocupações mesquinhas. Quem não faz nada tem tempo para moer e remoer suas pequenas contrariedades. Essa ruminação, longe de alimentar o espírito, arruína-o. A força dos sentimentos não canalizada, não podendo ser utilizada para fertilizá-los nas altas regiões da nossa natureza, expande-se nos porões da animalidade e se corrompe. As imperceptíveis feridas do amor-próprio exacerbam-se, as contrariedades inevitáveis da vida envenenam os dias, perturbam o sono. Bem considerado, não é nada invejável o repouso do grande senhor! Os próprios prazeres tornam-se um ônus; perdem todo sabor, toda volúpia, porque para o homem o prazer é inseparável da atividade. A preguiça repercute sobre o próprio corpo, e tende a destruir a saúde pelo langor, pela moleza que estabelece nas funções de nutrição e de relação. Quanto à inteligência, seus caracteres são nesse estado a vaguidão, a preocupação estéril e fatigante. O espírito fica se remoendo, conforme a enérgica expressão popular. Quanto à vontade, quase não é preciso lembrar com que rapidez ela se atrofia no homem ocioso: todo esforço torna-se doloroso para ele, tanto que ele encontra um meio de sofrer lá onde o homem ativo nem supõe a possibilidade de um sofrimento. Como é diferente o trabalhador! Sendo o trabalho a forma contínua, durável do esforço, ele se

1. *Diário de Darwin*, agosto de 1830.

constitui numa excelente educação da vontade. E mais que todos os outros trabalhos, o trabalho intelectual, pois com a maioria dos trabalhos manuais pode coexistir uma vagabundagem do pensamento quase completa. Ao contrário, o trabalho do espírito supõe tanto a obediência do corpo, de certa forma dominado pela atenção, quanto a vigorosa disciplina dos pensamentos e dos sentimentos. Se esse poder ditatorial sobre o pensamento não for sucedido pela fadiga de um abandono absoluto de si, se houver o cuidado de não abusar das próprias forças, se elas foram manejadas de maneira a conservá-las durante longas horas, dando ao trabalho um vigor diminuído mas suficiente, adquire-se o hábito dessa presença de espírito, dessa vigilância do controle de si — e como o segredo da felicidade consiste numa certa direção do próprio pensamento e dos sentimentos, encontra-se, através da via indireta do trabalho, a pedra filosofal da felicidade.

É aliás lamentável que o vulgo, que fez a linguagem, tenha associado à palavra “trabalho” todas as idéias de pena, fadiga, dor, quando em psicologia é de uma evidência superabundante que todo esforço provoca prazer, desde que não se gaste mais do que o exercício normal e regular da nutrição pode fornecer.² Montaigne observa em relação à virtude que

a mais clara marca da sabedoria é um prazer constante [...]; seu estado é sempre sereno [...]. A virtude não está situada sobre uma montanha íngreme, escabrosa e inacessível: os que a conquistaram encontram-se, ao contrário, em um belo prado fértil e florido [...]. Pode-se chegar a ela, conhecendo seu endereço, por caminhos sombreados, relvados e cheios de doces flores [...]; por não terem freqüentado essa virtude suprema, bela, triunfante, amorosa, igualmente deliciosa e corajosa, inimiga professa e irreconciliável da amargura, do desprazer, do temor e do constrangimento [...], é que muitos foram levados a pintá-la com essa tola imagem, triste, belicosa, despótica, ameaçadora, destruidora, e a colocá-la sobre um rochedo distante, cheio de escolhos; um fantasma para assustar as pessoas.³

2. Ver, para o desenvolvimento desse pensamento, e as rigorosas provas que o confirmam, na *Revue philosophique* de maio de 1890, nosso artigo “Prazer e dor”.

3. Michel de Montaigne, *Essais*, I, 25.

O que Montaigne disse da virtude poderia ter dito do trabalho intelectual. Nunca ensinaremos os jovens o bastante sobre sua natureza real, que é, também ela, “bela, triunfante, inimiga professa e irreconciliável da amargura, cheia de doces flores, e deliciosa”.

Pois a felicidade que o trabalho proporciona não é puramente uma felicidade negativa. Não impede apenas que a vida perca seu sabor, que se transforme num sonho sem realidade; não impede apenas que o espírito seja invadido pelas contrariedades e pelos pequenos embaraços, mas, para além disso, é em si mesma e pelos efeitos de sua acumulação uma fonte viva de felicidade.

Por si mesma, ela nos eleva bem acima do vulgo. Faz-nos entrar, em pé de igualdade perfeita e numa prazerosa intimidade, com a sociedade dos maiores e mais nobres espíritos de todos os tempos. Assim, renova constantemente para nós as fontes de interesse. Enquanto o ocioso tem *necessidade* de uma sociedade freqüentemente muito inferior para passar o tempo, o trabalhador basta-se a si mesmo. A impossibilidade de bastar-se põe o ocioso na dependência do outro, obriga-o a mil servidões que o trabalhador não conhece, de forma que quando se diz: “o trabalho é a liberdade”, não se trata de uma metáfora. Epicteto divide as coisas em coisas que dependem de nós e coisas que não dependem de nós. Observa que da busca das coisas que não dependem de nós é que nos vêm a maior parte das nossas decepções, dos nossos sofrimentos. Muito bem, enquanto a felicidade do ocioso depende unicamente do outro, o homem habituado ao trabalho encontra seus maiores prazeres em si mesmo.

Ademais, a sucessão dos dias, que marca para o ocioso somente o progresso da idade e de uma vida estéril, aumenta lentamente, mas com segurança, o tesouro dos conhecimentos do estudante laborioso, e assim como a cada dia pode-se calcular o crescimento de certas plantas, também a cada semana de esforços o jovem pode tomar consciência do crescimento do poder de suas faculdades. Esses crescimentos lentos, mas indefinidamente repetidos, vão levá-lo a um altíssimo grau de poder intelectual. E como, depois da grandeza moral, nada brilha com um esplendor tão vivo quanto uma inteligência cultivada, enquanto o ocioso se animaliza com a idade, o trabalhador vê crescer ano a ano sua autoridade sobre aqueles que o cercam.

O que acontece então? A velhice, afastando-se pouco a pouco de todos os prazeres dos sentidos, dando às satisfações puramente egoístas os mais rudes desmentidos, multiplica para aqueles que se enriqueceram com uma larga cultura humana as alegrias da vida. Nenhuma das fontes de felicidade verdadeira pode secar com o passar dos anos. Nem o interesse que alguém tem pela ciência, pelas belas-artes, pela natureza, pela humanidade, diminuem. Muito pelo contrário. E nada é mais justo que as palavras de Quinet:

Quando chegou a velhice, achei-a incomparavelmente menos amarga do que pretendéis. Os anos que me anunciáveis como o cúmulo da miséria e do desespero foram para mim mais doces que os da juventude [...]. Esperava um cimo gelado, deserto, estreito, mergulhado na bruma; percebi, ao contrário, em torno de mim, um vasto horizonte que ainda não tinha se descoberto a meus olhos. Via mais claro em mim mesmo e em todas as coisas [...].

E acrescentava:

Afirmáveis que os sentimentos se embotam durante a vida. Mas eu sinto muito bem que poderia viver um século e não me acostumaria jamais com aquilo que hoje me revolta.⁴

Assim, a vida do trabalhador intelectual é a vida feliz por excelência. Não priva de nenhum prazer real. Somente ela nos dá plenamente o sentimento da realidade da nossa existência: expulsa essa impressão inevitável e dolorosa para o ocioso de que a vida é um sonho sem consistência. Livra-nos da miserável servidão do pensamento que faz do desocupado um brinquedo movido pelas circunstâncias externas; não deixa que o espírito rumine as preocupações medíocres e os baixos pensamentos. A esses benefícios indiretos, a vida laboriosa acrescenta outro: tempera a vontade, fonte de toda felicidade durável, faz de nós habitantes da cidade de luz povoada pela elite da humanidade, e enfim prepara-nos uma velhice feliz, envolta em deferência e respeito. Por um

4. *L'esprit nouveau*, l. VII, cap. 2.

caminho indireto dá com prodigalidade, além das alegrias superiores do espírito e da alma, até as satisfações mais doces do orgulho, e que se resumem na autoridade que se adquire e no sentimento da própria superioridade. De sorte que essas satisfações que os médiocres buscam, freqüentemente sem encontrá-las — e sempre tão imperfeitas e maculadas! —, na ostentação de seu luxo, na sua fortuna, nas dignidades, no poder político, o trabalhador encontra-as, sem buscá-las, e como um acréscimo dado generosamente, para além da boa medida, juntamente com a rica colheita das alegrias superiores de que lhe cumulam as justas leis que existem no fundo das coisas.

§ II

É claro que as meditações precedentes, tanto as meditações “destrutivas” quanto as meditações destinadas a fortificar o desejo do bem, não podem ser mais que esboços. Esboços aliás muito incompletos e que cada um deverá enriquecer conforme suas experiências pessoais, conforme suas reflexões e suas leituras.⁵ O ponto essencial, nessa espécie de meditações, é jamais passar superficialmente nem sobre uma idéia, nem sobre um sentimento adequado para reforçar o desgosto pela vida ociosa ou para aumentar o vigor da boa vontade. É preciso, como dissemos acima, que cada consideração “destile” lentamente na alma, penetre-a até o fundo, e produza vivos movimentos de repulsa ou de afeição.

Até aqui foram sobretudo nossos recursos íntimos que estudamos. Resta lançar um olhar sobre o mundo exterior, sobre o *ambiente*, no sentido mais geral, e examinar com cuidado os recursos que pode encontrar nele o jovem desejoso de completar a educação de sua vontade.

5. O autor considera seu *Tratado da educação da vontade* como o livro mais útil que poderia ter escrito e, numa palavra, como sua obra capital. Também pensa em guardá-la ainda por longos anos sobre a escrivaninha a fim de completá-la, refundi-la... o que quer dizer que aceitará agradecido todas as comunicações que lhe forem feitas sobre esse assunto, que está sempre em seu coração.

LIVRO V

OS RECURSOS DO MEIO

Capítulo I

A opinião, os professores, etc.

§ I

EXAMINAMOS até aqui a questão da *educação da vontade* como se só dispuséssemos de recursos puramente pessoais; como se estivéssemos isolados, sem poder esperar um apoio qualquer da sociedade.

Mas é bem claro que, abandonados pela sorte à nossa própria energia, não tardaríamos em jogar fora as armas e sentar desencorajados pela tão demorada conquista de nós mesmos: pois, se o impulso para o aperfeiçoamento da nossa vontade deve necessariamente provir de nossa natureza moral íntima, esse impulso precisa ser sustentado por sentimentos sociais muito potentes.

Em realidade jamais estamos isolados e reduzidos a nossos próprios recursos: nossa família, nosso ambiente imediato, as pessoas da nossa aldeia ou de nossa cidadezinha sustentam nossos esforços com seus aplausos, com um aumento de afeto e de simpatia, sem prejuízo, quando se trata de um brilhante sucesso, dos aplausos de um público mais vasto.

Nada de grande se faz neste mundo sem esforços prolongados, e nenhum esforço pode sustentar-se ao longo dos meses e dos anos sem essa galvanização da energia pela opinião pública. Aqueles que rejeitam abertamente as opiniões que recebem encontram na calorosa simpatia de uma minoria entusiasta a coragem para

afrontar a maioria. Mas resistir sozinho a uma unanimidade, e durante longos anos, é uma obra sobre-humana de que não conheço nenhum exemplo.

Bain, falando com Mill sobre a energia, declarava que suas duas fontes essenciais são ou um vigor naturalmente superabundante, ou um estimulante que superexcita. Mill respondeu: "There! stimulation is what people never sufficiently allow for".¹ Com efeito, a opinião pública é um enérgico estimulante, e quando nada nem ninguém a contradiz, seu poder pode tornar-se prodigioso. É impossível exagerar seus efeitos. Em Atenas, a unanimidade da admiração pela força física e pelo gênio literário fez eclodir, malgrado a pequenez do território, a mais rica floração de atletas, poetas e filósofos que nenhum outro país já conheceu. Na Lacedemônia, o desejo do elogio público produziu uma raça de uma energia extraordinária. É conhecida a história, bastante verossímil, daquele menino espartano surpreendido ao roubar uma raposa e que, tendo-a ocultado sob suas vestes, deixou-se cruelmente morder e rasgar-lhe o ventre sem trair seu segredo. E que não se diga que são povos excepcionais, pois também vemos, nos mais baixos escalões da raça humana, os peles-vermelhas suportarem, insultando seus inimigos, os mais cruéis suplícios, e muitos celerados encontrarem no temor de parecerem covardes uma coragem estóica para se dirigirem ao cadafalso. E nas nossas sociedades modernas, o desejo, não de ganhar independência e segurança, mas de ganhar luxo, fama, o desejo de denigir os outros, de ostentar uma tola vaidade, faz que toda uma multidão de comerciantes, banqueiros, industriais, suporte as ocupações mais repugnantes. Quase todos os homens julgam as coisas unicamente de acordo com o valor que lhes dá a opinião. E não somente a opinião insufla as velas que movem nosso navio, mas é ainda ela que determina sua direção, tirando-nos mesmo a escolha do nosso caminho e reduzindo-nos a um papel puramente passivo.

Esse poder da opinião sobre nós é tão forte que não suportamos nenhum sinal de desprezo, mesmo de desconhecidos, mesmo de pessoas que temos todas as razões para menosprezar.

1. Alexander Bain, *John Stuart Mill, a criticism*, Longmans, London, 1882, p. 149.

Todos os professores de ginástica sabem como a presença de um estranho leva os alunos a realizar prodígios. Na escola de natação, na patinação, sentir-se observado redobra a energia. Aliás, se quiserem medir esse imenso poder do outro sobre nós, imaginem o sofrimento que experimentaríamos em sair vestidos como mendigos, mesmo numa cidade em que não fôssemos conhecidos, e sobretudo em andar pela nossa rua com uma vestimenta ridícula. O sofrimento que sente uma mulher ao usar um vestido que está fora de moda dá uma idéia do peso que tem sobre nós a opinião alheia. Lembro-me claramente da dor lancinante que experimentei aos vinte anos, sendo ainda muito jovem, na escola, quando saí vestido com um casaco que tinha no cotovelo um minúsculo remendo, que sem dúvida era eu o único a notar!

Muito bem, esse despotismo assustador que a sociedade exerce sobre a menor das nossas ações, ninguém pensa em organizar deliberadamente para o bem. Desperdiça-se essa força, em vez de utilizá-la.

Na escola, a criança sofre no mais alto grau a pressão da opinião de seus colegas, de seus professores, de seus pais, pois há convergência dessas diversas forças. Entretanto essas forças só se exercem em relação ao trabalho intelectual, e, mesmo sobre este ponto, os colegas julgam muito mal. Eles certamente têm um certo desprezo pelo aluno dedicado que tenha uma inteligência medíocre. Os sucessos fáceis, elegantes, de certa forma, e que ocorrem devido à fertilidade do terror, seduzem-nos. Reencontramos nas crianças o erro capital dos nossos sistemas de educação, que sacrificam a cultura da vontade à cultura intelectual. Mas, em geral, a tripla opinião dos pais, dos professores e dos alunos funde-se numa larga corrente com uma única direção. Obtém-se assim, no liceu, maravilhas de jovens que, abandonados a si mesmos, nada mais farão.

Além disso, essa opinião se traduz claramente a cada semana por sinais tangíveis, pelos lugares obtidos em redação, pelas notas lidas em sala de aula, pelas recriminações ou elogios do professor diante dos outros colegas. Faz-se mesmo um apelo exagerado aos sentimentos egoístas, à emulação, ao desejo de elogios e muito pouco ao sentimento pessoal do dever. Não se chama suficientemente a atenção para o vivo prazer que dá o sentimento do vigor

intelectual aumentado, sobre a alegria do aperfeiçoamento pessoal, sobre as múltiplas satisfações que dá o trabalho, tanto por si mesmo, imediatamente, quanto por suas conseqüências. Cerca-se de certa forma o aluno de apoios, em vez de ensiná-lo a nadar sem auxílio; isso é tanto mais funesto porque, quando ele chega à faculdade, encontra-se completamente isolado. O professor está muito acima dele e os seus pais, muito longe. A única coisa que ainda pode agir sobre o estudante é a idéia do futuro, idéia muito vaga, e que aliás o exemplo dos mais velhos que triunfaram sem esforços acaba por reduzir à impotência. A aproximação dos exames provoca esforços momentâneos, sempre desordenados e que são mais um alimento artificial que verdadeira nutrição.

O estudante poderia ser apoiado externamente pela opinião dos colegas. Infelizmente, essa opinião, como já vimos, ordinariamente glorifica, ou afeta glorificar, outras coisas, e não o trabalho. Se um jovem tiver necessidade, para agir bem, desse estimulante que é o elogio dos outros jovens, não o deverá esperar senão de um pequeno grupo, de uma elite cuidadosamente escolhida no meio da multidão. O estudante que decidir fazer de sua vida alguma coisa que não seja como que um comentário em ações das canções de Béranger ou das poesias de Alfred de Musset, pode facilmente, se quiser, encontrar, e mesmo criar um meio propício aos seus projetos. Numerosos são os jovens que saem do liceu com elevadas aspirações. Mas, como observa Mill:

A disposição para os nobres sentimentos é em muitas naturezas uma planta delicada, que facilmente fenece sob influências hostis [...]. Na maioria dos jovens, essa planta morre facilmente se suas ocupações e a sociedade em que são como que lançados não forem favoráveis ao exercício de suas faculdades nobres [...]. Os homens perdem suas aspirações nobres como perdem seus gostos intelectuais, porque não têm o tempo nem o gosto de cultivá-los; e entregam-se aos prazeres baixos não porque os prefiram, mas porque eles são os únicos facilmente alcançáveis e logo se tornam também os únicos que eles são capazes de buscar.²

2. John Stuart Mill, *L'utilitarisme*, trad. de Le Monnier, Félix Alcan, Paris, 1889, cap. 3.

A melhor solução para as dificuldades providas da inferioridade moral da massa dos estudantes seria, para quem tem uma visão um pouco mais alta, a formação de pequenos grupos de três ou quatro alunos decididos a compartilhar seus esforços.

É aqui que o papel dos professores de faculdade poderia ser imenso, se tomassem consciência tanto da grandeza de sua tarefa, quanto de sua autoridade sobre os estudantes. Infelizmente, os erros vigentes sobre o papel do ensino superior impedem a maioria deles de tomar consciência de seus deveres. Fica-se repetindo³ que o papel do professor de faculdade difere essencialmente do papel do professor de liceu. Este último é antes de tudo um educador. O primeiro é um cientista. Cabe ao último agir sobre a alma da criança, modelá-la, se possível; ao primeiro, a serena indiferença do investigador que se preocupa unicamente com a verdade.

Ora, essas asserções são monstruosas, nem mais, nem menos. Primeiro supõem como dados, postulados inaceitáveis. Supõem primeiro que o professor de faculdade é um cientista, que só tem deveres perante a ciência. Essa pretensão seria aceitável se o professor vivesse unicamente de sua ciência, de suas descobertas, se estivesse isolado em um laboratório ou em seu escritório.

Mas isso não é assim. Sendo professor de faculdade, passa no caixa todo mês. Esse pequeno ato tão rapidamente realizado, e que só se produz doze vezes por ano, é no entanto suficiente para transformar a situação do cientista *antes de tudo* na de um professor, que tem deveres não somente para com a ciência, mas também para com os estudantes.

Para ver com clareza esses deveres, é necessário estudar o estado de alma do estudante quando chega à faculdade. A matéria desse estudo nos é fornecida através de um olhar imparcial para nós mesmos; pelos lamentos de antigos condiscípulos, registrados em cartas; pela resposta dos estudantes atuais a colegas que consentiram em escrever-lhes verdadeiros questionários, habilmente dissimulados; enfim pelas confidências de estudantes, sejam direta e amigavelmente provocadas, sejam surpreendidas em alguma

3. E o próprio Fouillée aceitou, de passagem, essas visões superficiais em seu livro tão admirável no que se refere ao ensino secundário clássico.

confissão involuntária, sejam postas ingenuamente em algumas palavras características para um observador atento.

Eis os grandes traços desse estado de alma: Durante as primeiras semanas, o estudante experimenta uma embriaguez semelhante à do prisioneiro que acaba de ganhar a liberdade. É um estado negativo, de certa forma; é a sensação de estar livre de qualquer coerção. A quase unanimidade experimenta a necessidade de afirmar por si mesmos essa liberdade pelo escândalo, pelas freqüentações prolongadas noite adentro nas cervejarias e em outros lugares. Que orgulho no dia seguinte quando se pode vangloriar de ter voltado para casa às duas horas da manhã!... O grande número dos medíocres, daqueles que não têm vontade, continuarão durante todo o tempo nessa vida tola, fatigante, estéril. As naturezas de elite não tardarão a voltar a si. Também a falta de dinheiro obriga logo os estudantes pobres a mudarem de vida, a romperem com os colegas de preguiça; e é sob essa fecunda coerção que desperta o gosto por uma vida superior em muitos bons espíritos de vontade fraca. Tais são as duas categorias de estudantes que merecem o interesse de seus professores, e, graças a Deus, eles formam um efetivo consolador.

Uma vez que o hábito da liberdade dissipou a insana embriaguez dos primeiros tempos, e que os jovens voltam a si mesmos, quase todos sentem que estão cruelmente isolados. Vários vêem claramente o que lhes falta. Nessa idade, a necessidade de uma forte união na vida moral é tão viva, que eles buscam instintivamente seus amigos entre aqueles em quem encontram suas próprias aspirações. Tais grupos seriam fáceis de formar, como dissemos, se todos os jovens de coração se insurgissem resolutamente contra a tirania da opinião do ambiente, que os obriga a parecer ser o que no fundo de si mesmos esforçam-se por não ser. Como, por timidez, por falta de coragem moral, repetem as fórmulas vigentes que eles mesmos sentem como mentirosas, simulam uma concepção medíocre da vida que eles não têm, afetam uma grosseria que inicialmente repugna-lhes, e à qual, infelizmente, acabam se habituando.

Mas esses grupos com os seus iguais não bastam, a não ser que algum colega tenha um valor moral decididamente predomi-

nante, o que é muito difícil nessa idade. É necessário um apoio mais elevado, uma aprovação pessoal que venha do alto. É essa necessidade muito humana que a Igreja Católica satisfaz com seus diretores de consciência. Aqui não há nada de semelhante: o abandono é completo. Ora, quando se constata a admiração que têm os estudantes pelos mestres que estimam, quando se comprova a força de sua fé neles, por pouco que esses mestres mostrem-se dignos disso por seu talento, não se pode deixar de lamentar profundamente que não se faça nada com esse sentimento. O professor mal conhece seus alunos, não sabe nada de seus antecedentes, de sua família, de seus desejos, de suas aspirações, de seus sonhos para o futuro. Se suspeitassem a importância que pode ter uma palavra de encorajamento, um bom conselho, e mesmo uma amistosa reprimenda, nessas benditas horas do vigésimo ano! Se a universidade, com sua cultura moral superior, sua ciência profunda, copiasse da Igreja Católica tudo o que o admirável conhecimento do coração humano sugeriu a essa prodigiosa instituição, a universidade governaria, sem contestação e sem rivalidade possível, a alma da juventude. Quando se pensa no que Fichte e os professores alemães, apesar de sua ignorância de psicologia, puderam fazer para a grandeza da Alemanha unicamente pela convergência perfeita de suas visões e pela ação pessoal sobre seus estudantes, fica-se desolado por ver que nada foi feito, embora fossem possíveis movimentos dez vezes mais potentes com nossos jovens! Vejam o que se passou na França, e o que poderia ter realizado um homem enérgico, consciente do fim que se tivesse fixado. Ele teria antes de tudo agrupado os estudantes.

Depois, criados alguns grupos, bastaria que dissesse em termos muito claros que tarefa internacional deveria propor-se a juventude da França, e essas fórmulas precisas, pronunciadas por um homem amado pelos jovens, teriam, como um poderoso ímã, orientado numa mesma direção forças inumeráveis, até então em estado anárquico, e que se aniquilavam umas às outras contradizendo-se. Muito bem, se o que Lavisie fez em um ponto determinado e para o conjunto dos estudantes, cada professor fizesse na intimidade pela elite de seus alunos, os resultados obtidos superariam todas as esperanças. O corpo docente poderia criar no país essa

aristocracia de que falamos acima, aristocracia de caracteres talhados para todas as tarefas superiores.

§ II

O segundo postulado inaceitável que supõe a concepção habitual que se faz do ensino superior é a identidade de erudição e ciência. Os estudantes reclamam da massa enorme, indigesta, de materiais que têm que assimilar, e reclamam também da falta de experiência com um bom método de trabalho. Essas duas reclamações são conexas. Se o estudante não tem um bom método de trabalho, é uma conseqüência da absurdidade na organização dos estudos. Parece que se aceita como um axioma que um estudante, uma vez saído da faculdade, não trabalhará mais. Resulta disso que, enquanto ele está lá, procuram despejar-lhe, como “num funil”, todas as noções que é possível ensinar-lhe. Os resultados desse método são desanimadores! Tira-se para sempre o gosto pelo trabalho da maioria dos jovens. Essa bela maneira de agir supõe aliás, o que é falso, que tudo o que se aprende permanece na memória! Como se não fosse apenas o que se repete freqüentemente que se fixa, e como se a repetição freqüente pudesse ser realizada com toda uma desencorajadora enciclopédia!

É aliás inútil discutir minuciosamente os inconvenientes do ensino superior, tal como o fazem os que necessitam de exames mal concebidos. Basta apontar a chave de abóbada que sustenta todo o sistema. Essa chave de abóbada é a idéia errônea sobre a natureza da ciência, sobre o valor de um espírito científico, sobre as qualidades essenciais do “investigador”, sobre o modo de transmissão da ciência aos discípulos. A Alemanha produziu muitos males comunicando-nos suas falsas concepções sobre todos esses pontos: não, a erudição não é a ciência! Falta pouco para que ela seja a sua negação. Essa palavra “ciência” sugere-nos imediatamente a idéia de um espírito ousado, vigoroso, cheio de iniciativa, mas extremamente prudente na verificação. A maioria dos cientistas de primeira ordem, os grandes descobridores, são bem mais ignorantes que seus alunos. Não podem mesmo ser verdadeiros cientistas se não tiverem o espírito livre, e a condição de

toda descoberta é sobretudo uma atividade de espírito infatigável em uma determinada direção. Já citamos⁴ a célebre resposta de Newton a alguém que lhe pedia o segredo de seu fecundo método. Já mostramos Darwin proibindo-se qualquer leitura que não se relacionasse com o assunto de suas meditações, e durante quase trinta anos dirigindo seu espírito curioso a todos os fatos suscetíveis de entrar como células vivas no organismo que é seu sistema. Poder de meditação infinitamente paciente e penetrante, espírito crítico sempre desperto, eis o que faz um grande cientista. É essa paciência, essa atenção completamente orientada para um único fim, precisa ser sustentada com a paixão pela verdade, com um entusiasmo durável.

A erudição tende ao contrário a tornar o espírito pesado. O acúmulo de pequenos fatos abarrotava a memória; um espírito superior confia às suas notas o maior número possível de coisas. A vaidade de ser um dicionário vivo não o tenta: procura concentrar-se nas idéias dominantes de suas investigações; submete-as a uma crítica severa, e se elas resistirem às longas provas, adota-as, deixa-as fortificarem-se lentamente; *ama-as*, e assim vivificadas, acabam deixando de ser em seu pensamento idéias mortas, passivas, para tornarem-se potências ativas, vigorosas. Então a idéia, primeiro sugerida pelo estudo dos fatos, passa por sua vez a *organizar* os fatos. Como um ímã atrai a limalha e dispõe-na em figuras regulares, a idéia põe ordem na desordem, faz de uma confusão de coisas uma obra de arte, e dos materiais amontoados, um edifício. Fatos sem importância aparente são realçados quando iluminados, fatos que atrapalham são rejeitados com desdém. Um homem que tem a felicidade de ter assim, devidamente verificadas, algumas idéias capazes de tornarem-se agentes ativos de potências organizadoras de fatos, é um grande homem.

Portanto, o valor do cientista não é proporcional à quantidade de fatos acumulados. Ele corresponde à energia do espírito de investigação e de aventura, se assim posso dizer, constantemente controlada por uma severa crítica. O *número* dos fatos não é nada; sua *qualidade* é tudo — é o que se esquece com freqüência no

4. I, II.

ensino superior. Não se desenvolve nele de maneira alguma o vigor do julgamento, o espírito de audácia unido à prudência; sobrecarrega-se os jovens de noções de valor muito desigual, só se cultiva a sua memória, de forma que se esquece do essencial, que é, não temamos repetir à saciedade, o espírito de iniciativa aliado à dúvida metódica.

Notem que o exame é singularmente facilitado, no estado de coisas atual, tanto para o aluno quanto para o professor. Para o primeiro, um “amontoado” consciencioso basta para causar uma boa impressão. Quanto ao examinador, é muito mais fácil para ele constatar se o aluno sabe isto, mais aquilo, mais aquilo outro, do que fazer um julgamento sobre seu valor como espírito. O exame torna-se uma loteria. Basta verificar essas asserções no programa monstruoso do primeiro ano de medicina, no da licenciatura em ciências naturais, no da licenciatura em história, sem falar do programa da maioria das agregações, e se verá exposta essa fatal tendência a transformar o ensino superior em cultura da memória.⁵

Muito bem! É preciso que os professores o saibam: o que há de melhor em seu ensinamento não são os seus cursos. Necessariamente fragmentários em si mesmos, sem relação com os outros cursos, não servem para muita coisa, e os mais belos cursos do mundo, depois da saída do liceu (e até mesmo antes) não valem algumas horas de um sincero esforço pessoal do estudante. O que faz o alto valor do ensino superior são os trabalhos práticos. É o contato do aluno com o mestre. Primeiro pelo simples fato de estar lá, o mestre prova a possibilidade do trabalho. É o exemplo vivo, concreto, tangível e respeitado do que se pode fazer trabalhando. Por outro lado, suas conversações, seus encorajamentos, seus testemunhos, suas pequenas confidências sobre o método; mais do que tudo isso, o exemplo dado no laboratório; mais ainda do que tudo isso, a iniciativa do aluno encorajada; os trabalhos

5. Dasafo um homem de bom senso a ler sem indignação a lista das questões propostas aos candidatos da Politécnica e de Saint-Cyr. É como se quisessem desencorajar os espíritos de valor a entrar nessas escolas; não se pode entendê-las de outra maneira. A própria escola de guerra substitui ao trabalho reflexivo exagerados esforços de memória. Cf. *Nouvelle Revue*, “La mission sociale de l’officier”, 1º e 15 de julho de 1893.

pessoais suscitados, as exposições diante dos colegas, os resumos claros e simples dos livros lidos, tudo isso executado sob o controle benfazejo do mestre, eis o que constitui o ensinamento fecundo. Quanto mais um professor é brilhante, quanto mais ele se encanta com suas próprias palavras, quanto mais ele intervém, menos eu lhe confiaria os jovens: ele deve fazê-los “trotar à sua frente”, como disse Montaigne.⁶ Não se aprende a arte do trabalho, e não se faz verdadeiros progressos em espírito científico escutando um professor, como não se faz progressos em ginástica assistindo a uma apresentação num circo.

Como se vê, as duas necessidades essenciais do estudante, a necessidade de uma direção moral e a de uma direção metódica do trabalho, têm um remédio comum: o contato íntimo do professor e do aluno. O próprio professor encontrará nisso sua recompensa, pois, suscitando em seus discípulos o entusiasmo científico, renovará o seu mesmo, e por outro lado, ficará facilmente convencido de que todos os grandes movimentos do pensamento realizados no mundo foram feitos, não pela comunicação de conhecimentos, mas pela comunicação de um amor ardente pela verdade ou por qualquer outra grande causa, e pela comunicação de bons métodos de trabalho: o que quer dizer, em resumo, que a influência só se obtém pelo contato pessoal, de alma para alma. Foi assim que Sócrates transmitiu a Platão um método e seu entusiasmo pela verdade. É também assim que se explica que na Alemanha todos os grandes gênios científicos tenham saído de pequeninos centros universitários,⁷ onde professor e aluno viviam nesse contato de alma para alma de que acabamos de falar.

6. *Essais*, I, 25.

7. Cf. Haechel, *Les preuves du transformisme*, Félix Alcan, Paris, p. 35.

Capítulo II

Influência dos “grandes mortos”

SE a vida intelectual e a energia da vontade temperam-se tão fortemente no contato vivo do aluno e do mestre, o estudante pode encontrar na solidão um sucedâneo menos potente dessa ação pessoal. Há com efeito mortos que são mais vivos e mais capazes de transmitir a vida que muitos vivos. Na falta da freqüentação de modelos que agem e falam, nada melhor, para alimentar o entusiasmo moral, que a contemplação de vidas puras, simples, heróicas. Esse “exército de grandes testemunhos” ajuda-nos a combater o bom combate. Na calma e na solidão, esse contato com “as grandes almas dos melhores séculos” fortifica maravilhosamente a vontade. “Lembro-me”, disse Michelet,

que quando sobreveio a desgraça, as privações do presente, o medo do futuro, estando o inimigo a dois passos (1814), e meus inimigos zombando de mim todos os dias, um dia, uma manhã de quinta-feira, voltei-me para mim mesmo: sem fogo (a neve cobria tudo), não tendo certeza se teria pão à noite, tudo parecia acabar para mim — senti um puro sentimento estoíco —, golpeei com a mão contraída pelo frio minha mesa de carvalho, e senti uma alegria viril de juventude e de esperança... Quem me deu esse másculo ímpeto? Aqueles com quem vivia todos os dias: meus autores favoritos. Era a cada dia mais atraído para essa grande sociedade.¹

1. Jules Michelet, *Ma jeunesse*, Calmann Lévy, Paris, 1884, p. 99.

Stuart Mill disse que seu pai gostava de pôr-lhe nas mãos livros que mostravam o exemplo de homens enérgicos e cheios de recursos às voltas com graves dificuldades, as quais tinham que vencer — livros de viagens, Robinson Crusoé, etc. —,² e mais adiante conta o efeito vivificante que produziram sobre ele os retratos que Platão traça de Sócrates, ou a vida de Condorcet escrita por Turgot.³ Com efeito, tais leituras podem deixar impressões profundas e duráveis. Admirável ação dos heróis do pensamento! Pois vemos Sócrates, passados mais de dois mil anos, conservar toda sua autoridade e seu maravilhoso poder de despertar o mais puro entusiasmo nas almas juvenis.

É pena que não tenhamos, como a Igreja Católica, vidas dos santos leigos para o uso dos jovens. A vida de um filósofo como Spinoza não produziria uma extraordinária impressão de admiração nos que lessem sua surpreendente narrativa? É lamentável que não estejam reunidas numa obra única as biografias exemplares que estão disseminadas em vários lugares. Um tal livro seria o Plutarco em que os trabalhadores do espírito revigorariam sua energia: a idéia do calendário de Augusto Comte, que determinava para cada dia a meditação da vida de um benfeitor da humanidade, era excelente. Aliás, a educação clássica bem compreendida não tem precisamente a finalidade de acender na alma dos alunos um entusiasmo tranqüilo e durável por tudo aquilo que é grande, nobre, generoso? E não teria ela atingido seu objetivo se uma elite assim penetrada de um alto ideal não pudesse mais renegá-lo nem recair em um nível mediano? Essa elite destinada a formar o batalhão sagrado sobre o qual o mundo civilizado fixa seus olhos deve sua superioridade às longas freqüentações dos mais puros gênios humanos da antiguidade.

Infelizmente, se podemos retemperar nessa freqüentação nossos sentimentos generosos, esses mortos não nos fornecem os conselhos específicos de que temos necessidade, e, ainda uma vez, nada pode suprir absolutamente a direção de consciência de um mestre experimentado e sensível.

2. John Stuart Mill, *Mes mémoires*, trad. de E. Cazelles, Félix Alcan, Paris, 1894, p. 8.

3. *Ibid.*, p. 108.

Conclusão

Os capítulos precedentes fazem-nos sonhar esperançosos como seria fácil a tarefa de dominar-se a si mesmo, se toda a educação nacional convergisse para essa conquista! Pois, enfim, se a luta contra a preguiça e a sensualidade não é fácil, ao menos ela é possível, e o conhecimento dos nossos recursos psicológicos pode nos dar confiança. A conclusão motivada pela obra inteira é que podemos reformar nosso caráter, é que podemos nós mesmos fazer a educação da nossa própria vontade, é que com o tempo e o conhecimento das leis da nossa natureza temos a certeza de chegar a um alto domínio de nós mesmos. O que a religião católica pode obter das naturezas humanas superiores permite-nos prever o que se poderia obter da elite dos nossos jovens. E que não venham nos dizer que as religiões reveladas dispõem de meios que não temos nem podemos ter. Se examinarmos de quê é feito o poder formidável das igrejas sobre os fiéis, descobriremos que seus meios de ação podem ser agrupados em dois grandes grupos: os meios puramente humanos e os meios de ordem puramente religiosa.

Os meios humanos são redutíveis a três: o poder da autoridade — autoridade dos gênios mortos, autoridade dos bispos, dos sacerdotes, dos teólogos, etc., e até mesmo a autoridade civil que põe a serviço da fé a prisão, a tortura, a fogueira. A esse poder, hoje enfraquecido, podemos acrescentar todo o peso da opinião pública: o ódio, o desprezo, os maus procedimentos dos crentes contra os não-crentes. Enfim, desde a infância, a educação religiosa modela a criança, e através de todo tipo de repetições, ensinamento oral, leituras, cerimônias públicas, sermões, etc., incute nas profundezas de sua alma os sentimentos religiosos.

Ora, não poderíamos ter esses três poderes num grau mais alto que as igrejas? Não é esse grande objetivo do aperfeiçoamento de si mesmo um acordo unânime entre os pensadores de todas as tendências? Há nele, como nos dogmas religiosos, dissidências possíveis? Não procuramos todos nós a educação das crianças? E se nossos métodos tornarem-se coerentes, se todos nós tomarmos consciência do objetivo a alcançar, nosso poder não se tornaria enorme? E não poderíamos modelar a nosso gosto a alma da criança? Quanto à opinião pública, é a educação que deve transformá-la; a admiração já não se dirige geralmente para o que é grande e generoso? Os sentimentos elevados são causa de união entre os homens e tendem a fortificar-se com mais rapidez que os que são causa de divisões. Eis porque freqüentemente uma multidão composta em grande parte de canalhas aplaude um discurso honesto. Ademais, a opinião pública é gregária, e basta uma minoria de enérgicas pessoas honestas para orientá-la por um bom caminho. O que se fez em Atenas pela beleza e pelo talento, em Esparta pela abnegação, quem ousará defender que as sociedades atuais não poderão fazer por uma obra ainda mais nobre?

Mas, dizem-nos, nenhuma obra de melhoria moral profunda é possível se não se fundamentar em meios de ordem religiosa. Aqui ainda, concordamos, mas cremos também que a única verdade religiosa necessária, e suficiente, é admitir que o universo e a vida humana têm uma dimensão moral, e que nenhum esforço pelo bem é perdido. Vimos acima¹ que essa tese tem a seu favor sérias presunções, e que em última análise é preciso escolher necessariamente entre ela e a tese contrária, e que qualquer escolha que se faça não pode ser justificada experimentalmente. Escolha por escolha, é melhor preferir as presunções mais vigorosas, tanto mais que a hipótese moralista, além de ser mais verossímil, é a única que faz sentido para nós, e ao mesmo tempo é consoladora e socialmente indispensável. Esse mínimo de verdade religiosa pode tornar-se para os espíritos pensantes uma fonte abundante de poderosos sentimentos religiosos. Essa crença, além de não lesar em nada as religiões reveladas, pode abarcá-las como o gênero abarca

i. V. livro III, cap. I, § IV.

em potência as espécies. Ademais, como esse mínimo de crença religiosa só pode ser suficiente para os espíritos cultivados, o pensador considerará como aliadas para o mesmo fim todas as religiões cristãs, ao menos enquanto tiverem um escrupuloso respeito pelas opiniões dissidentes. Dizemos bem: aliadas, pois as religiões cristãs assumem como tarefa essencial a luta contra a natureza animal do homem, ou seja, definitivamente, *a educação da vontade*, visando em nós o domínio da razão sobre as brutais potências da sensibilidade egoísta.

Impõe-se portanto com uma força irresistível a convicção de que todo homem pode, com a ajuda do tempo e de todos os nossos recursos psicológicos, chegar ao domínio de si mesmo. E já que essa obra suprema é possível, ela deve, por sua importância, ocupar o lugar preponderante em nossas preocupações. Nossa felicidade depende da educação da vontade, pois a felicidade consiste em fazer com que as idéias e os sentimentos agradáveis dêem tudo o que podem dar de alegria, e em impedir aos pensamentos e às emoções dolorosas o acesso à consciência, ou pelo menos em não deixá-los preponderar. A felicidade supõe portanto que sejamos em um alto grau senhores de nossa atenção, que é a vontade em seu grau mais eminente.

Mas não é apenas nossa felicidade que depende do poder que adquirimos sobre nós mesmos, é também a alta cultura intelectual. O gênio é antes de tudo uma longa paciência: os trabalhos científicos e literários que mais honram o espírito humano não são de forma alguma devidos à superioridade da inteligência, como geralmente se crê, mas à superioridade de uma vontade admiravelmente senhora de si mesma. É desse ponto de vista que é preciso renovar de cima a baixo nosso ensino secundário e superior. É urgente destruir o culto absurdo e exclusivo da memória, que enfraquece as forças vivas da nação. É necessário pôr o machado nas florestas inextricáveis dos programas em todos os níveis, que façamos grandes cortes em todos os sentidos, que os abramos para a luz, para o ar, e que saibamos mesmo sacrificar as plantas mais belas, mas que estão muito cerradas e prejudicam-se umas às outras. Em vez de “empanturrar” a memória, implementemos os

exercícios ativos,² os trabalhos que exercitam o juízo, a iniciativa intelectual, as vigorosas deduções; é cultivando a vontade que se criará homens de gênio, pois todas as qualidades de primeira ordem que se atribui à inteligência são, em realidade, qualidades de energia e de constância da vontade.

Em nosso século, colocamos todos os nossos esforços na conquista do mundo exterior. E assim, o que fizemos foi multiplicar nossos apetites, exasperar nossos desejos e, definitivamente, tornamo-nos mais inquietos, mais perturbados, mas infelizes do que antes. É que essas conquistas exteriores desviaram nossa atenção das melhorias interiores. Deixamos de lado a obra essencial, a educação da nossa vontade. Assim, por uma aberração inconcebível, deixamos ao acaso o cuidado de forjar o instrumento por excelência do nosso poder intelectual e da nossa felicidade.

As questões sociais aliás vão colocar-nos a necessidade urgente de modificar radicalmente nosso sistema educacional; elas somente são insolúveis, e tornam-se um perigo tão angustiante, porque se negligenciou, tanto na escola primária quanto no ensino secundário, fazer com que a educação moral fosse precedida por seu fundamento, que é a educação da vontade. Dá-se belas regras de comportamento a pessoas que não exercitaram-se em conduzir-se bem, a pessoas egoístas, irascíveis, preguiçosas, sensuais, com freqüência, é verdade, desejosas de se corrigir, mas que, graças a essa desastrosa teoria do livre arbítrio, que desanima as boas vontades, jamais aprenderam que a liberdade, o domínio de si, devem ser conquistados pouco a pouco. Ninguém ensinou-lhes a tática que assegura a vitória. Ninguém inculcou-lhes o ardente desejo de partir para a batalha do bom combate; não sabem nem como esse domínio de si é nobre por si mesmo, nem como é rico em conseqüências para a felicidade e para a alta cultura do espírito. Se cada um se desse ao trabalho de pensar na

2. Essa substituição é às vezes muito fácil: assim, Couat, Reitor de Bordeaux, Presidente do Júri de Agregação de Gramática, propõe em seu relatório de 1892 (*Revue universitaire*, 15 de dezembro de 1892) a supressão da designação de autores. Em vez de ter por base estes ou aqueles textos impostos, seria melhor fortificar o latim e o grego: as provas orais serão mais mediócras, mas quem não vê que essa transformação substituirá um trabalho da memória por um trabalho inteligente?

CONCLUSÃO

necessidade dessa obra e na generosidade superabundante com que os menores esforços em seu favor são recompensados, ela não somente seria colocada em primeiro lugar entre as preocupações pessoais e públicas, mas numa posição sem igual, como a obra capital, a mais urgente de todas.



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Payot, Jules.

A educação da vontade / tradução de Roberto Mallet –
Campinas, SP: Kírion, 2018.

Título original:

L'éducation de la volonté

ISBN 978-85-94090-16-4

1. Educação 2. Métodos de estudo 3. Aconselhamento
pessoal

I. Título II. Autor

CDD 370 / 371 302–81 / 371–46

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação – 370

2. Métodos de estudo – 371 302–81

3. Aconselhamento pessoal – 371–46

Este livro foi composto em AGaramond Pro
e impresso pela Gráfica Daikoku nos papéis
Chambril Avena 80 gr/m² e Cartão triplex 250 gr/m².